

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**TATIANA MARTINS MENDES SILVESTROW**

**CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS TERMINOLÓGICOS  
PARA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE BÁSICA DO SUS**

**BELO HORIZONTE**  
**2017**

**TATIANA MARTINS MENDES SILVESTROW**

***Contribuições dos estudos terminológicos  
para os profissionais da Saúde Básica do  
SUS***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2017

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S587c

Silvestrow, Tatiana Martins Mendes.

Contribuições dos estudos terminológicos para os profissionais da Saúde Básica do SUS [manuscrito] / Tatiana Martins Mendes Silvestrow. – 2017.

339 p., enc. : il., maps., p&b, color.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: p. 322-333.

Anexos: p. 334-339.

1. Língua portuguesa – Variação – Minas Gerais – Teses.  
2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Lexicografia – Teses. 4. Medicina – Terminologia – Teses. 5. Saúde Pública – Minas Gerais – Teses. 6. Comunicação na saúde pública – Teses. 7. Sociolinguística – Teses. I. Seabra, Maria Cândida Trindade Costa de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 469.798



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS



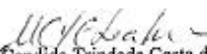
## FOLHA DE APROVAÇÃO

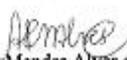
**Contribuições dos estudos terminológicos para os profissionais da Saúde Básica do SUS**

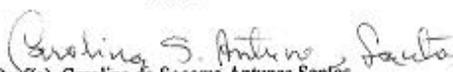
**TATIANA MARTINS MENDES SILVESTROW**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

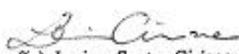
Aprovada em 31 de outubro de 2017, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Maria Cândida Trindade Costa de Seabra - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Ana Paula Mendes Alves de Carvalho  
IFMG

  
Prof(a). Carolina do Socorro Antunes Santos  
UFMG

  
Prof(a). Ana Paula Antunes Rocha  
UFOP

  
Prof(a). Larissa Santos Ciriaco  
UFMG

Belo Horizonte, 31 de outubro de 2017.

*À memória de Maria de Lourdes Alves, conhecedora da natureza, da sabedoria popular, benzia, predizia e curava.*

*Aos doutores que vêm de fora, trazendo solidariedade, profissionalismo e atendimento médico humanizado aos nossos conterrâneos.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Fernando, pelo amor que nos une, pela co-participação e paciência na construção do sistema responsável pelo gerenciamento de dados desta tese; pelo companheirismo nos momentos acadêmicos mais desafiadores; pela perspectiva de que muitos outros virão e a certeza de que, juntos, os tornaremos conquistas inesquecíveis.

Aos meus pais, Solange e Tadeu, e a meu irmão, Vladimir, por terem sido o alicerce da minha formação humana e por me mostrarem, dia após dia, que a vida flui, harmoniosa, quando partilhamos alegria de viver, humildade e bondade uns com os outros. E, aos sogros queridos, cunhados e cunhadas por intensificarem tudo isso.

Ao meu primogênito, Gabriel, e seu fruto, Henrique e à Gisele por serem almas de luz e amor, por completarem minha vida, tornando-a mais feliz e intensa.

À Profa. Dra. Cândida Seabra por todo o caminho construído ao longo desses 10 anos de parceria; por estimular minha continuidade nas investigações no âmbito das Ciências do Léxico; por acreditar neste projeto e em sua realização; por todas as oportunidades de crescer e me desenvolver como pesquisadora e como ser humano.

À Profa. Dra. Carolina Antunes por ter me apresentado a lexicografia em 2003 e a área de Português Língua Adicional em 2007; pela amizade que nos une aos estudos do léxico; pelo profissionalismo na elaboração do *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*, minha primeira experiência como lexicóloga; pelas contribuições dadas a esta tese e pelas importantes realizações conjuntas que tivemos e teremos na área do léxico.

Ao Prof. Dr. Leandro Diniz pelo incentivo recorrente às pesquisas que envolvem línguas e cultura; por integrar-me à sua equipe em três conceituados programas: *Português Língua Adicional* – onde, atualmente, leciono Escrita Acadêmica, disciplina regular ministrada na Faculdade de Letras em convênio com o Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Minas Gerais; o *Eixo de Língua Portuguesa do Programa Mais Médicos para o Brasil*, estabelecido pelo Ministério de Saúde, Ministério de Educação e pela Organização Pan-Americana de Saúde – OPAS, em que participo como professora no Brasil e

em Cuba; e o *Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para estrangeiros* – Celpe-Bras, em que atuo como examinadora.

Ao Prof. Dr. Márcio Santiago pela amizade construída ao longo desse processo; pela disponibilidade e generosidade com que partilha seus conhecimentos; pela importante disciplina *Ferramentas computacionais para a pesquisa terminológica em corpora* ministrada na UFMG; pelo convite para a participação no RITerm; por ter apontado caminhos quando eles eram ainda muito distantes e por sua valorosa contribuição na qualificação e defesa desta tese.

À Profa. Dra. Graça Krieger pelas observações pontuais feitas a este estudo, pelas indicações bibliográficas, por recomendar o curso *Metodología del Trabajo Terminológico*, pelo ensinamento profícuo nos cursos de Terminologia ministrados na UFMG e pelos importantes diálogos construídos no simpósio RITerm 2014, realizado em Santiago de Chile, onde vivenciamos momentos agradáveis.

Aos médicos Dr. Luis Armando Tamayo García, Dr. Ivan Eduardo Guerra Palacio, Dra. Nancy Maria Rodriguez Sanchez, Dra. Graciela De la Caridad Ramos e Dra. Yudi Alonso, integrantes do *Programa Mais Médicos para o Brasil* em Minas Gerais, por permitirem minha presença em sua rotina laboral. Ao Dr. Francisco Panadés Rubio, médico brasileiro e professor da Faculdade de Medicina da UFMG por sua colaboração nas definições dos termos médicos que integram este trabalho.

À terminóloga M. Teresa Cabré pela disponibilidade em me instruir, corrigir minhas análises e discutir temas essenciais no curso *Metodología del Trabajo Terminológico*, ofertado pela Universitari Pompeu Fabra; pelo agradável encontro durante a RITerm 2014, pelas produtivas sugestões ali colhidas durante os intervalos e pela presteza em todos os contatos posteriores.

A Rosa Estopà Bagot, Mercè Lorente, Amor Montané e Judit Freixa por propiciar o acesso a valiosas e precisas informações que direcionaram as bases teóricas e práticas desta investigação.

À Profa. Dra. Regina Péret Dell'Isola pela amizade; por ter sido meu primeiro vínculo, em 2007, com o Português Língua Adicional na Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM; pela confiança ao designar grandes oportunidades em que pude atuar no ambiente acadêmico como professora de

Português Língua Adicional e examinadora de avaliações de larga escala, atividades essas que aprimoram, diariamente, minha prática docente no ensino superior público.

À amiga Joanna Angélica Lima, parceira no trabalho acadêmico que constrói, junto comigo, caminhos que ligam teoria à prática linguística com foco na linguagem popular; pelas discussões e reflexões a respeito das incertezas estruturais, próprias da nossa língua, sempre profícuas e contínuas.

Às referências desta pesquisa, especialmente a Cândida Seabra, Carolina Antunes, Cassiane Freitas, Gisele Ribeiro, Maryelle Cordeiro, Vander Souza e Vanderlei Miranda pelos dados linguísticos reais, representativos da fala fidedigna do interior mineiro, oriundos de suas dissertações, teses e dicionário que integram parte de nosso glossário terminológico.

Aos professores do Programa de Português Língua Adicional Monica Pereira, Natalia Tosatti, Yara Miranda, Ana Paula Andrade, Ana Paula Lopez, Marcela Cândido, Augusto Costa, Henrique Leroy, Ana Cecília Bizon e Leandro Diniz pelas amizades conquistadas, pelas possibilidades de aprender, ensinar e construir conhecimentos compartilhados.

Ao Prof. Dr. César Nardelli pela leitura atenta do texto de qualificação, que fez surgir questionamentos necessários para os rumos desta pesquisa.

A todos os meus amigos e familiares que, de uma forma ou de outra, foram a sustentação que eu precisava no caminho de construção desta tese.

À Universidade Federal de Minas Gerais, pela qualificada formação oferecida desde o mestrado.

À CAPES pela bolsa de estudos concedida durante parte da realização do doutorado.

À banca examinadora meus respeitosos agradecimentos pela inestimável contribuição.

À equipe da Secretaria do Poslin, especialmente, Glaucia, Graça e Fábio, pela presteza em auxiliar, recomendar e conduzir o processo administrativo que permeia uma pós-graduação no nível de doutorado.

*A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.*

Arthur Schopenhauer

## RESUMO

Esta pesquisa, pautada nas Ciências do Léxico, tem como objetivo descrever a variante denominativa na nomenclatura regional, correspondente à médica, a partir de tratamento terminográfico sistematizado. Justifica-se pelo interesse em um maior conhecimento dessa variante, pela necessidade de divulgação e por sua contribuição na comunicação de profissionais da Saúde Pública que atuam no estado de Minas Gerais. A motivação dessa pesquisa partiu de relatos de dois grupos: a) médicos estrangeiros, alunos do curso de Língua Portuguesa para o Programa Mais Médicos para o Brasil; b) médicos brasileiros, professores do programa citado, ambos atuam na área da saúde e seus relatos sugerem que há duas variantes linguísticas presentes nos estabelecimentos do Sistema Único de Saúde (SUS). Uma variante observada na linguagem técnica – utilizada pelos profissionais da Equipe de Saúde da Família: médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e Agentes Comunitários de Saúde e outra, observada na linguagem geral – utilizada pelos pacientes, familiares desses pacientes, serventes, dentre outros. Além das variantes, mencionam, também, o uso de mais de um termo para um mesmo conceito e o uso de conceitos diferentes para termos iguais. Em virtude desses aspectos e da pouca abrangência de itens terminológicos estigmatizados, nosso interesse volta-se para o estudo da variação nas denominações especializadas e nas populares, respeitando a diversidade que naturalmente apresentam. A escolha do tema levou em conta a situação comunicativa vivenciada pelos profissionais e a tentativa de construir uma base de inserção de dados elaborada sob a perspectiva da Terminologia e da Terminografia. A pesquisa alicerça-se em 14 importantes textos técnicos, dentre artigos especializados, dicionário, dissertações e teses que compõem o *corpus* de onde se extraíram 133 itens lexicais que julgamos terminológicos. Por essas características, a obra encaixa-se na modalidade não exaustiva. A partir da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), pode-se afirmar sua natureza descritiva, monolíngue e sistemática. O processo de recolha de dados ocorreu de forma semiautomática. Para elaboração das fichas de base terminográfica e a organização da base de dados definicional, utilizou-se de ferramenta computacional personalizada. A organização dos itens lexicais está em ordem alfabética, em formato de ficha e verbete, cuja elaboração respeitou fundamentos epistemológicos e procedimentos metodológicos da Sociolinguística e Teoria Comunicativa da Terminologia. Como resultado, apresentamos a variação nos dois domínios discursivos: o dos profissionais da saúde e o veiculado entre os pacientes. Por fim, dado seu caráter técnico e regional, os instrumentos produzidos, a base de dados e o glossário destinam-se a profissionais de saúde que atuam em MG, na Saúde Pública, uma subárea em constituição no âmbito das Ciências da Saúde, estudiosos e pesquisadores da área das Ciências do Léxico, podendo, também, despertar interesse ao público geral.

Palavras-chave: Variação linguística. Sociolinguística. Terminografia. Saúde. Comunicação.

## ABSTRACT

This research, which is based on Science of Lexicon, aims to describe the word variation within regional nomenclature, corresponding to medical, from systematized terminological treatment. It justifies itself by the interest in a larger knowledge about this variation, by the need of disclosure, and because of its contribution in the communication among public health professionals who work in the state of Minas Gerais. The motivation of this research comes from accounts by two groups: a) foreign physician, students from the course of Portuguese Language for the Programa Mais Médicos ["More Doctors Program"] for Brazil; b) Brazilian physicians who teach at the previously mentioned program. Both groups work in the field of health and their accounts suggest that there are two language variations used by people in SUS buildings. One observed variation is in technical language – used by professionals of the Family Health team: physicians, nurses, nursing technicians and Community Health Agents; and the other one is observed in general language – used by patients, their relatives, servants, among other people. Besides these variations, the groups have also mention the use of more than one word for the same concept and the use of different concepts for the same acronyms and term. In view of these aspects and of the little scope of stigmatized terminological items, our interest is that of studying variation within specialized and popular denominations, respecting the diversity naturally presented by them. The choice of theme has taken into account the communicative situation experienced by professionals attempt to build for a base of data insertion elaborated under the perspective of Terminology and Terminography. The research is based in 14 important technical texts, among specialized articles, dictionary, dissertations and theses, which make up the *corpus* from which 133 terminological lexical items were extracted. Due to its characteristics, this work fits itself in non-exhaustive modality, and also, from the Communicative Theory of Terminology (CTT), it can be affirmed its descriptive, monolingual, and systematic nature. The process of data collection occurred in semi-automatic form. In order to elaborate the terminographic sheets and to organize the definition database, we used a customized computational tool. The organization of terminological items is in alphabetical order, in format of tab and entry, and its elaboration was done according to epistemological foundations and methodological procedures of CTT. As a result, we present the variation within the two discursive domains – that of health professionals and the one used among patients. Lastly, due to its technical and regional character, the produced instruments, the database and the glossary, are intended to health professionals who work in Minas Gerais, within Public Health, a subarea in formation in the field of Health Sciences, for students and researchers of Science of Lexicon, that can also arouse interest in general public.

Keywords: Linguistic variation. Sociolinguistic. Terminography. Health. Communication.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SINAIS UTILIZADOS NO GLOSSÁRIO

adj.	.....	adjetivo
adv.	.....	advérbio
cf.	.....	confira
conj.	.....	conjunção
fras.	.....	fraseologia
Inf.	.....	informante
loc. adv.	.....	Locução adverbial
ncf.	.....	nome composto feminino
ncm.	.....	nome composto masculino
nf.	.....	nome feminino
nm.	.....	nome masculino
Pesq.	.....	pesquisador
pop.	.....	popular
Reg.	.....	regional
~	.....	variação
>	.....	deriva do ou deriva para
/	.....	separa abonação de autor diferente
v.	.....	verbo
v.	.....	ver (remissiva)
ver.	.....	verificar
URL	.....	Localização Uniforme de Recursos

## LISTA DE SIGLAS

ABNT.....	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BVS.....	Biblioteca Virtual da Saúde
CAPES.....	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq.....	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ESF.....	Estratégia Saúde da Família
ISA.....	International Federation of Standardizing Associations
ISO.....	International Organization for Standardization
IULA.....	Instituto Universitário de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra
IULATERM.....	Grupo de pesquisa e estudos em léxico, terminologia, discurso especializado e engenharia linguística do Instituto Universitário de Linguística Aplicada
GTESF.....	Glossário Terminológico Estratégia Saúde da Família
MG.....	Minas Gerais
MS.....	Ministério da Saúde
LA.....	Linguística Aplicada
LC.....	Linguística de Corpus
TCT.....	Teoria Comunicativa da Terminologia
TGT.....	Teoria Geral da Terminologia (o mesmo que <i>Terminologia Moderna, Escola de Viena, Teoria Wüsteriana, Escola Clássica e Teoria tradicional</i> )
TST.....	Teoria Sociocognitiva da Terminologia
UPF.....	Universitari Pompeu Fabra

## LISTA DE SIGLAS DA ÁREA DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

ACD .....	Agente de Consultório Dentário
ACE .....	Agente de Combate às Endemias
ACS .....	Agente Comunitário de Saúde
AF .....	Assistência Farmacêutica
AFB .....	Assistência Farmacêutica Básica
AFE .....	Assistência Farmacêutica Especializada
AIDS .....	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
AIS .....	Ações Integradas da Saúde
APS .....	Atenção Primária à Saúde
Anvisa .....	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
AS .....	Assistente Social
Bireme .....	Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde/Opas
BVS.....	Biblioteca virtual em Saúde
CAPS .....	Centro de Atenção Psicossocial
CAPSad .....	Centro de Atenção Psicossocial de álcool e drogas
CERSAM .....	Centro de referência em Saúde Mental
CERSAT .....	Centro de Referência em Saúde do Trabalhador
CIMS .....	Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde
CIPLAN .....	Comissão Interministerial e Planejamento
CIB .....	Comissão Intergestores Bipartite
CID .....	Classificação internacional de doenças
CIR .....	Comissões Intergestores Regionais
CIS .....	Comissão Interinstitucional de Saúde
CISAJE .....	Consórcio Intermunicipal de Saúde do Alto Jequitinhonha
CIT .....	Comissão Intergestores Tripartite
CNS .....	Conselho Nacional de Saúde
CONASS .....	Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde

Conasems .....	Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde
COSEMS .....	Conselho Estadual de Secretários Municipais de Saúde
CRAS .....	Centro de Referência de Assistência Social
CRES .....	Centro de Referência Especializada de Assistência Social
CRIA .....	Centro de Referência à Infância e Adolescência
CRIS .....	Comissão Regional Interinstitucional de Saúde
CTI .....	Comitê Temático Interdisciplinar
CTI .....	Centro de Terapia Intensiva
DeCS .....	Descritores em Ciências da Saúde
DRS .....	Diretoria Regional de Saúde
DST .....	Doenças Sexualmente Transmissíveis
EC .....	Emenda Constitucional
ENF .....	Enfermeiro
ENM .....	Enfermagem Nível Médio
eSF .....	Equipe de Saúde da Família ~ESF
ESF .....	Estratégia Saúde da Família ~SF
ESMIG .....	Escola de Saúde de Minas Gerais
F .....	Feminino
FNS .....	Fundação Nacional de Saúde
FSESP .....	Fundação Serviço Especial de Saúde Pública
GRS .....	Gerência Regional de Saúde
HIPERDIA .....	Sistema de Cadastro e Acompanhamento de Hipertensos e Diabéticos
INAMPS .....	Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social
INAMPS .....	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência
M .....	Masculino
MD .....	Médico
NASF .....	Núcleo de Apoio a Saúde da Família
NUPCCES .....	Núcleo de Pesquisa sobre Cultura, Cotidiano, Educação e Saúde
NM .....	Notas metodológicas

NOAS .....	Norma Operacional de Assistência à Saúde
NOB .....	Norma Operacional Básica
NH.....	Política Nacional de Humanização
OMS .....	Organização Mundial da Saúde
OPAS .....	Organização Pan-Americana de Saúde
PAB .....	Piso Assistencial Básico
PACS .....	Programa de Agentes Comunitários de Saúde
PAISM .....	Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher
PBVS .....	Piso Básico de Vigilância Sanitária
PDR .....	Plano Diretor de Regionalização
PEC .....	Programa de Extensão de Cobertura
PEC .....	Proposta de Emenda Constitucional
PIASS .....	Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento
PIC .....	Práticas Integrativas e de Controle
PMAQ-AB .....	Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica.
PMA2 .....	Relatório de Produção e de Marcadores para Avaliação
PMNPC .....	Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares
PNEPS .....	Política Nacional de Educação Permanente em Saúde
PNPS .....	Programa Nacional de Promoção de Saúde
PPSUS .....	Programa de pesquisa para o SUS
PSF .....	Posto Saúde da Família
PSF .....	Programa Saúde da Família
RAS .....	Rede de Atenção Secundária
RUE .....	Rede de Atenção às Urgências e Emergências
SAMU .....	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SBMF .....	Sociedade Brasileira de Medicina da Família
SES .....	Secretária de Estado de Saúde
SF .....	Saúde da Família
SIAB .....	Sistema de Informação da Atenção Básica

SIS .....Sistema de Informação da Saúde  
SMSA/BH .....Secretária Municipal de Saúde de Belo Horizonte  
SSA2 .....Relatório de Situação de Saúde e Acompanhamento das Famílias na área/equipe  
SUDS .....Sistema Único Descentralizado de Saúde  
SUS .....Sistema Único de Saúde  
TFD .....Tratamento Fora do Domicílio  
UBS .....Unidade Básica de Saúde  
UPA .....Unidade de Pronto Atendimento  
UTI .....Unidade de Tratamento ou Terapia Intensiva  
VIVA VIDA .....Programa de Redução da Maternidade Materna e Infantil em Minas Gerais

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Aspectos discursivos (Lira) .....	55
<b>Quadro 2:</b> Fatores pragmáticos que diferenciam o Léxico geral de Terminologia.....	66
<b>Quadro 3:</b> Classificação formal para variação denominativa (Freixa) .....	79
<b>Quadro 4:</b> Classificação das causas da variação denominativa (Freixa) .....	81
<b>Quadro 5:</b> Terminologia Anatômica .....	111
<b>Quadro 6:</b> Lista de variantes mais populares (Krieger e Santiago) .....	112
<b>Quadro 7:</b> Classificação formal (Freixa) para a variação padronizada.....	120
<b>Quadro 8:</b> Variação gráfica entre termo e sigla.....	301
<b>Quadro 8.1:</b> Classificação formal (Freixa) para variação ortográfica / aférese.....	304
<b>Quadro 8.1.1:</b> Classificação formal (Freixa) para variação ortográfica / síncope.....	304
<b>Quadro 8.1.2:</b> Classificação formal (Freixa) para variação ortográfica / apócope.....	304
<b>Quadro 8.2:</b> Classificação formal (Freixa) para variação morfossintática.....	305
<b>Quadro 8.3:</b> Classificação formal (Freixa) para variação léxica.....	306
<b>Quadro 9:</b> Número de termos por fonte.....	311
<b>Quadro 10:</b> Classificação <i>Status DeCS</i> .....	315

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Macroestrutura da ESF.....	84
<b>Figura 2:</b> Portal da Saúde .....	86
<b>Figura 3:</b> Terminologia da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde.....	87
<b>Figura 4:</b> Glossário Temático em BVS .....	88
<b>Figura 5:</b> Publicações do Projeto de Terminologia da Saúde.....	89
<b>Figura 6:</b> Glossário Eletrônico.....	92
<b>Figura 6.1:</b> Glossários Temáticos em Glossário Eletrônico.....	92
<b>Figura 7:</b> Tesouro Eletrônico do Ministério da Saúde.....	94
<b>Figura 8:</b> Siglário eletrônico.....	95
<b>Figura 8.1:</b> Siglário eletrônico / Índice de Siglas / ESF.....	95
<b>Figura 8.2:</b> Siglário eletrônico / Índice de Siglas / PS / PSF.....	96
<b>Figura 8.3:</b> Siglário eletrônico / Índice de Siglas / ESF / eSF.....	97

<b>Figura 9:</b> CID-10.....	98
<b>Figura 10:</b> ePORTUGUÊSe.....	99
<b>Figura 11:</b> Descritores em Ciências da Saúde – DeCS.....	100
<b>Figura 11.1:</b> DeCS – Relação dos termos para doença infecciosa.....	102
<b>Figura 11.2</b> DeCS – Relação dos termos para doença endêmica.....	102
<b>Figura 11.3</b> DeCS – Relação dos termos para Malária.....	103
<b>Figura 12</b> Tela inicial de <i>Terminus 2.0</i> .....	134
<b>Figura 12.1</b> <i>Terminus 2.0</i> : tela de trabalho.....	134
<b>Figura 13:</b> GTESEF: Interface inicial.....	137
<b>Figura 14:</b> GTESEF: Pesquisar Termo.....	138
<b>Figura 15:</b> GTESEF: Pesquisar Termo – Amarelão.....	139
<b>Figura 16:</b> <i>Status</i> DeCS.....	139
<b>Figura 17:</b> Detalhamento de Fonte e Notas.....	140
<b>Figura 18:</b> Detalhamento de Definição.....	141
<b>Figura 19:</b> Pesquisar obra.....	142
<b>Figura 20:</b> Tela de exportação de dados.....	143
<b>Figura 21:</b> Ficha terminográfica de Cefalea / <i>Terminus 2.0</i> .....	145
<b>Figura 22:</b> Ficha terminográfica da base de dados GTESEF.....	146

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Variação denominativa.....	309
<b>Gráfico 2:</b> Categorias referenciadas em Ciências da Saúde.....	312
<b>Gráfico 3:</b> Classe Gramatical.....	313
<b>Gráfico 4:</b> Classificação <i>Status</i> DeCS.....	315

## LISTA DE MAPAS

ANTUNES (2013) – Vale do Jequitinhonha: Araçuaí, Capelinha, Chapada do Norte; Couto de Magalhães de Minas, Diamantina, Itamarandiba, Itaobim, Jequitinhonha, Joaíma, Minas Novas, Pedra Azul, Rubim, Salto da Divisa, Serro e Turmalina

CORDEIRO (2013) – Minas Novas

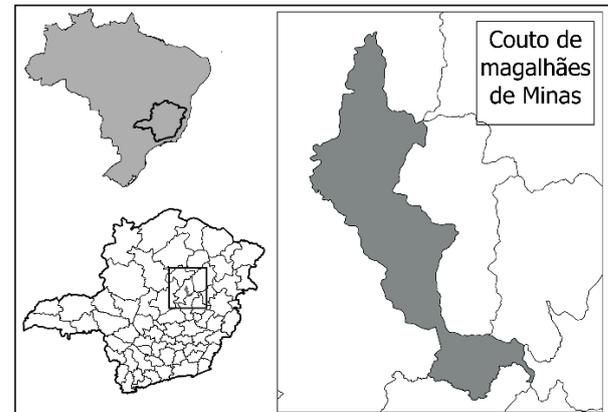
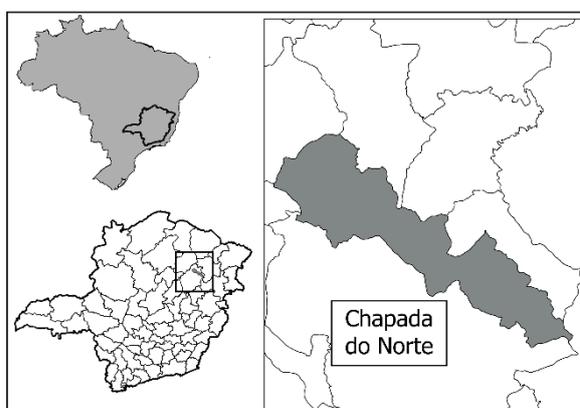
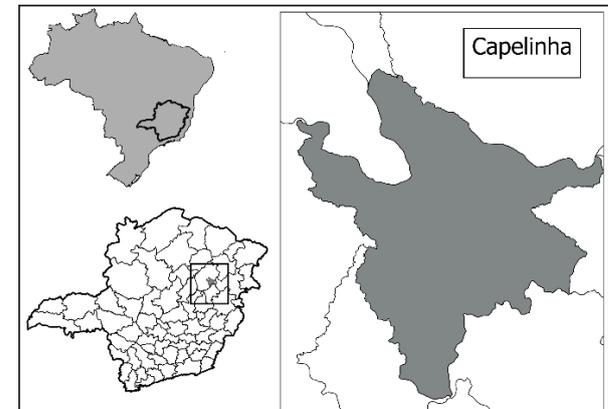
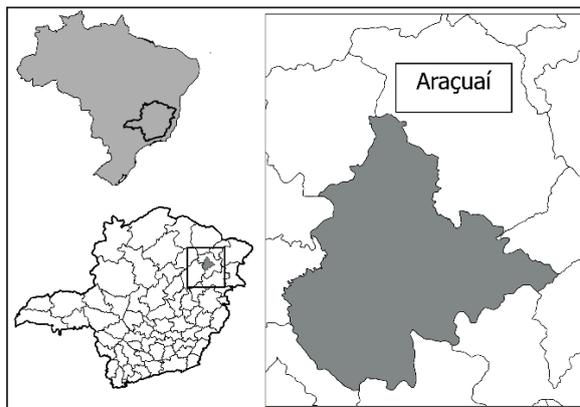
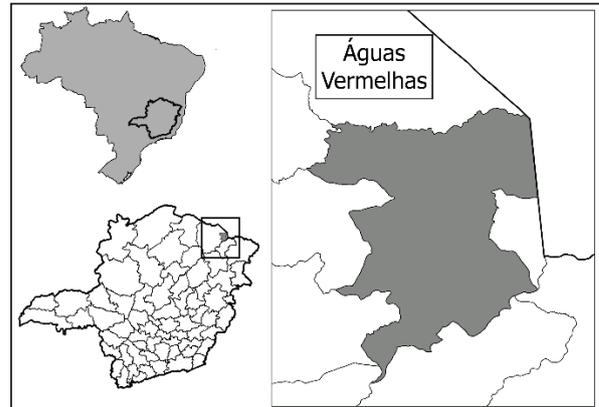
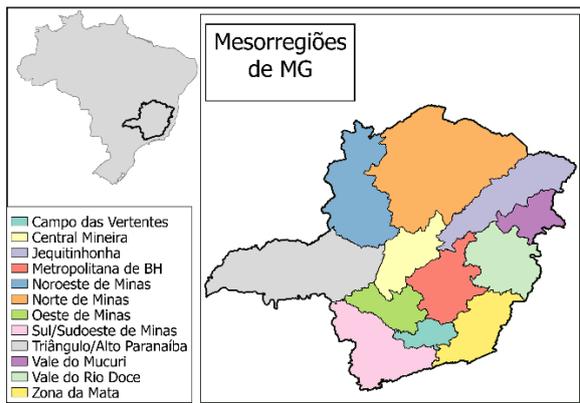
FREITAS (2012) – Serro do Cipó

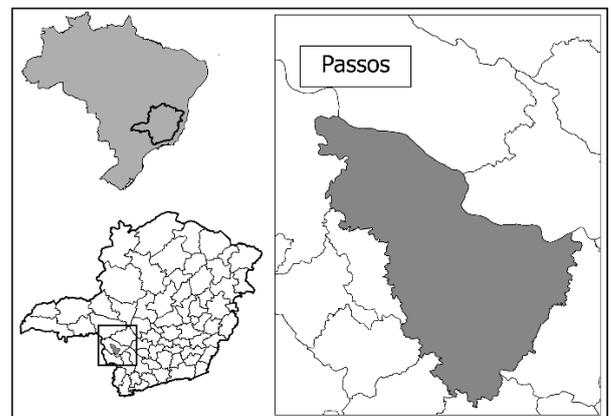
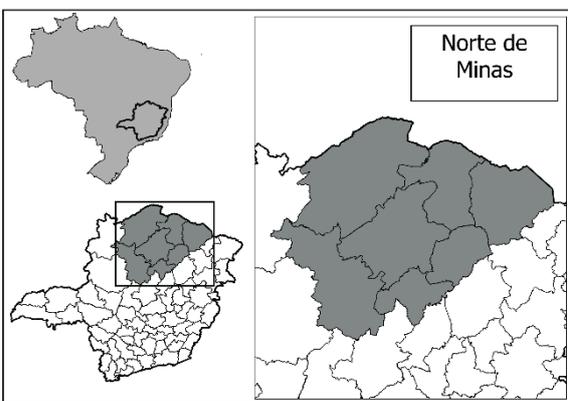
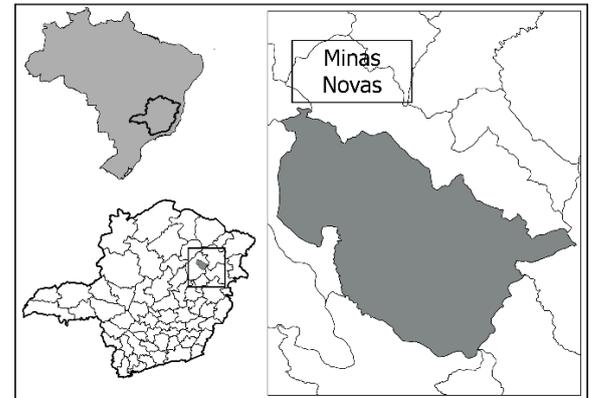
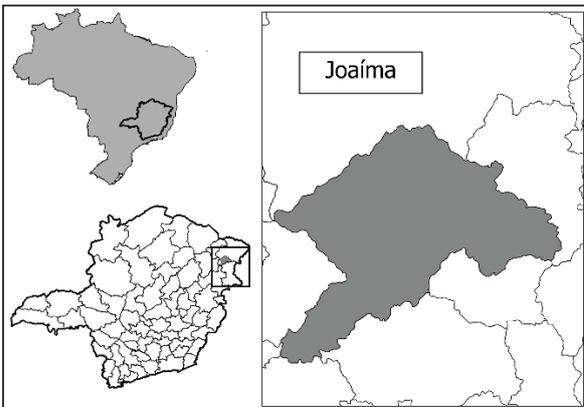
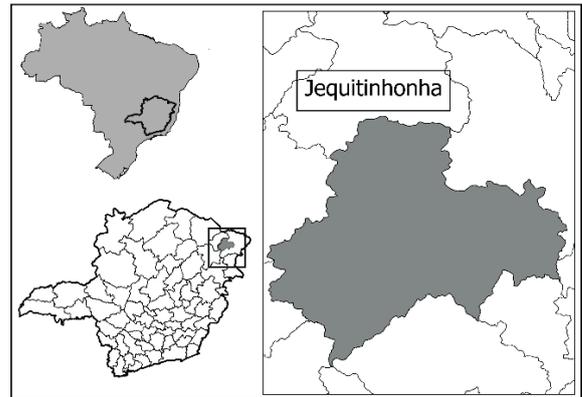
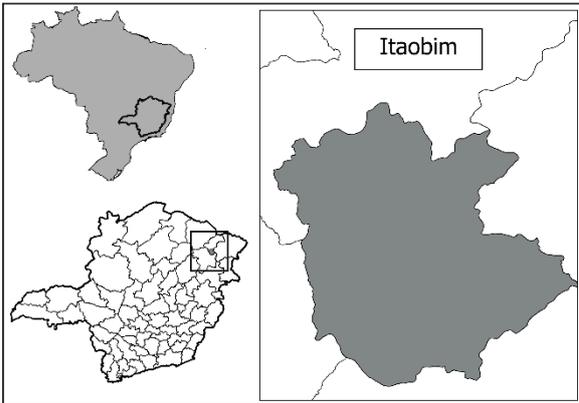
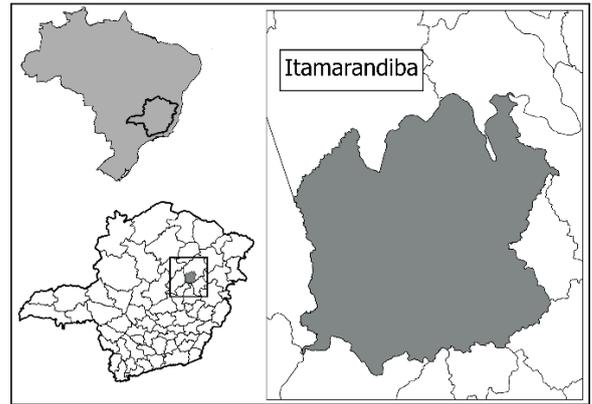
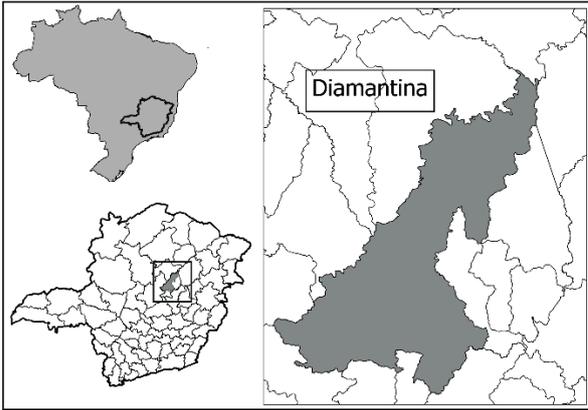
MIRANDA (2013) - Sabinópolis

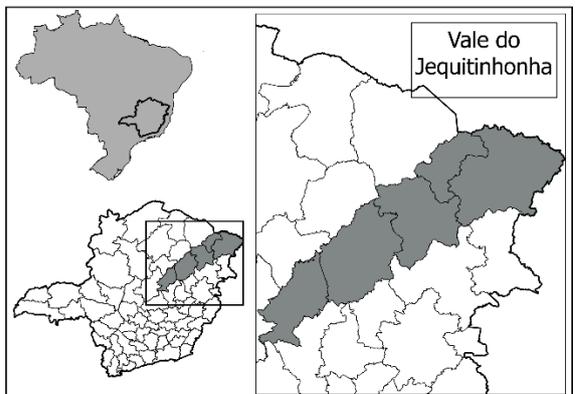
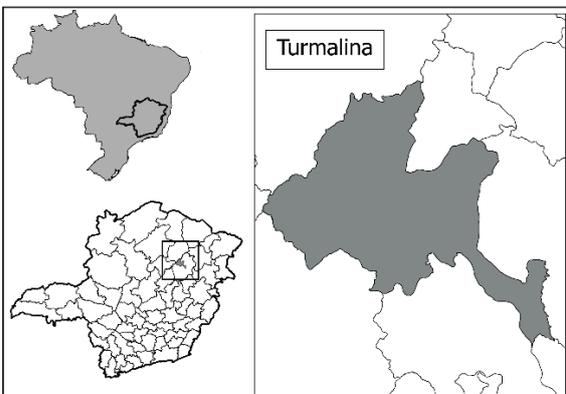
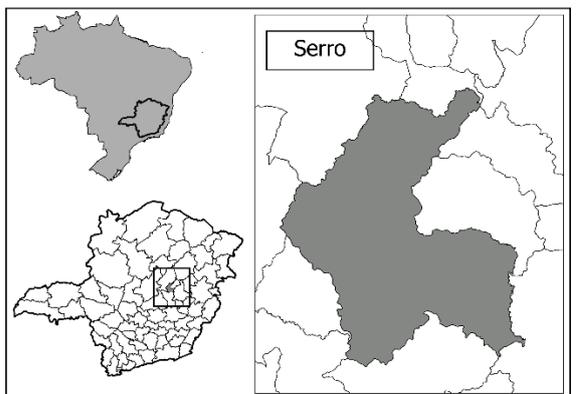
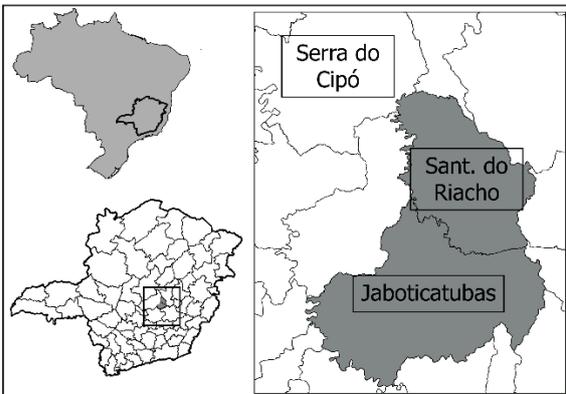
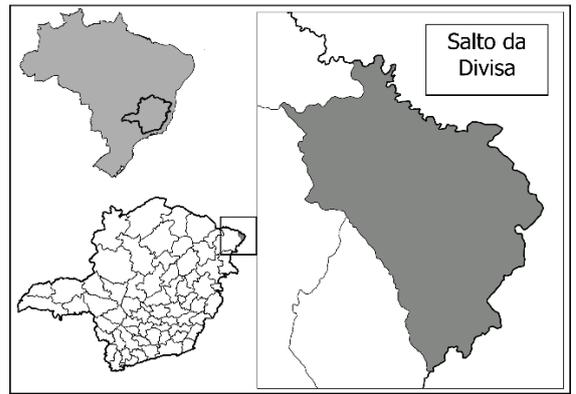
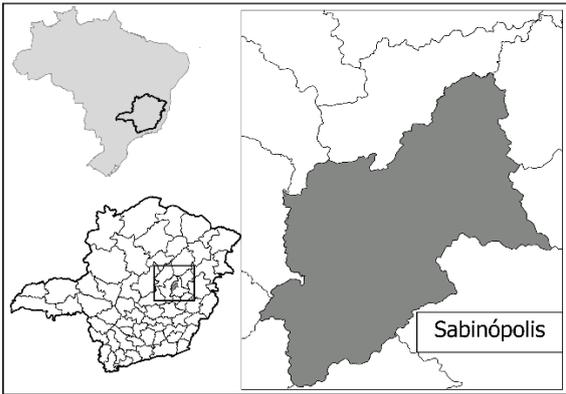
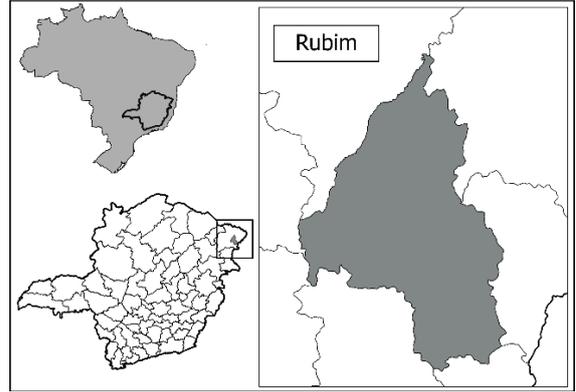
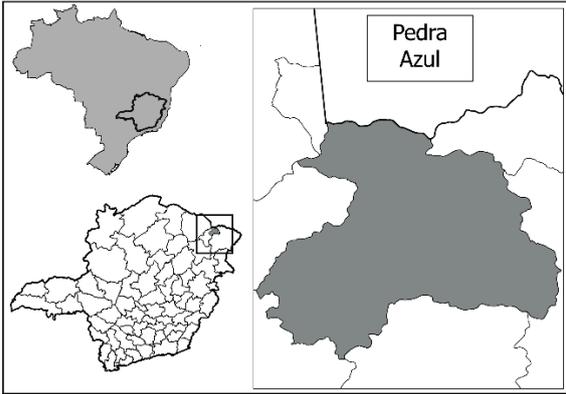
RIBEIRO (2010) – Passos

SOUZA (2008) – Águas Vermelhas

SOUZA (2014) – Norte de Minas







Fonte: Acervo Pessoal

## SUMÁRIO

---

---

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>26</b>
A história desta tese.....	26
Considerações sobre o léxico no dialeto mineiro.....	30
Perguntas e objetivos.....	35
Justificativa.....	39
Estrutura do trabalho.....	40
<b>Capítulo 1 – TERMINOLOGIA: TEORIAS, OBJETO DE ESTUDO E APLICAÇÃO</b>	<b>43</b>
.....	
1.1 Terminologia no contexto nacional e internacional.....	43
1.2 Entre a teoria e a aplicação.....	54
1.3 Teoria Geral da Terminologia.....	61
1.4 Sociolinguística e Socioterminologia.....	63
1.5 Teoria Comunicativa da Terminologia .....	65
1.6 Teoria Sociocognitiva da Terminologia.....	67
1.7 O termo.....	70
1.8 Variação terminológica.....	74
1.9 Variação denominativa.....	78
<b>Capítulo 2 – COMUNICAÇÃO E TERMINOLOGIA NOS MEIOS DE DIVULGAÇÃO</b>	<b>83</b>
<b>DA ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA.....</b>	<b>83</b>
2.1 A divulgação nos sites do Ministério da Saúde.....	84
2.1.1 O vocabulário estruturado DeCS e a terminologia das Ciências da Saúde.....	100
2.1.1.1 DeCS como instrumento de harmonização terminológica.....	105
2.2 Comunicação, linguagem e terminologia na saúde.....	107
2.3 Variação denominativa na terminologia padrão da área da saúde.....	110
<b>Capítulo 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>123</b>
3.1 Base metodológica: a Terminografia.....	123
3.2 Delimitação do trabalho: tema, destinatário, finalidade e dimensão.....	124

3.2.1 Tema.....	124
3.2.2 Destinatário.....	125
3.2.3 Finalidade.....	126
3.2.4 Dimensão.....	127
3.3. Textos para extração do item terminológico e para composição da base de dados.....	127
3.3.1 Textos relacionados a termos médicos e variantes.....	129
3.3.1.1 Fonte especializada.....	129
3.3.1.1.2 Fonte terminológica.....	130
3.3.2 Textos relacionados ao item lexical terminológico popular.....	130
3.4. Critério de seleção de dados, constituição e gerenciamento do <i>corpus</i> .....	131
3.4.1 Critério de seleção de dados e constituição de <i>corpus</i> .....	131
3.4.2 Gerenciamento de <i>corpus</i> .....	132
3.4.2.1 <i>Terminus 2.0</i> : Influência para a construção da base de dados desta tese.....	132
3.5 Base de dados GTESF.....	135
3.6 Identificação e validação dos termos.....	144
3.7 Construção da ficha terminográfica.....	145
3.8 Resolução de casos problemáticos.....	151
<b>Capítulo 4 – BASE DE DADOS: FICHA TERMINOGRÁFICA.....</b>	<b>153</b>
4.1 Quadro geral de categorias.....	153
4.1.1 Quadro geral de categorias e relacionamentos.....	154
4.1.1.1 Das siglas.....	156
4.2 Chave de leitura para ficha terminográfica.....	158
4.2.1 Relação de fichas terminográficas.....	159
<b>Capítulo 5 – DAS FICHAS TERMINOGRÁFICAS À PROPOSTA DE MICROESTRUTURA PARA UM GLOSSÁRIO.....</b>	<b>271</b>
5.1 Proposta de Glossário para as denominações populares para a área da saúde.....	272
5.1.1 Macroestrutura.....	272
5.1.2 Microestrutura.....	272
5.1.3 Chave de leitura para o glossário.....	273
5.1.4 Glossário de terminologia popular para a Equipe Saúde da Família – GTESF.....	275
5.1.5 Índice remissivo.....	289
5.1.6 Siglário.....	297

<b>Capítulo 6 – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>299</b>
6.1. Análise dos termos.....	299
6.1.1 Ausência de variação.....	299
6.1.2 Variação.....	301
6.1.2.1 Variação gráfica ente termo e sigla.....	301
6.1.2.2 Variação ortográfica [com metaplasmo] .....	303
6.1.2.2.1 Variação com aférese.....	304
6.1.2.2.2 Variação com síncope.....	304
6.1.2.2.3 Variação com apócope.....	304
6.1.2.3 Casos de variações morfossintáticas em que houve alteração de gênero.....	304
6.1.2.3.1 Variação morfossintática em que houve alteração de gênero com a mesma estrutura e com estrutura diferente.....	305
6.1.2.4 Variação léxica em unidade monoléxica.....	306
6.2 Sistematização dos resultados.....	310
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>318</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>322</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>334</b>

# INTRODUÇÃO

---

---

## A história desta tese

O interesse em desenvolver uma pesquisa envolvendo aspectos terminológicos na área da saúde surgiu em março de 2014, quando foi proposta a disciplina *Fundamentos de Terminologia*<sup>1</sup> ministrada pela Profa. Dra. Graça Krieger, que abordou, entre outros assuntos, as interfaces e os objetos da Terminologia.

Antes de iniciar o doutorado, cursei na UFMG, durante o mestrado, disciplinas relacionadas aos estudos lexicais. Na graduação, tive meu primeiro contato, em 2003, com a prática lexicográfica. Atuei como voluntária no projeto de iniciação científica *Vocabulário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha*, orientado pelos professores doutores Carolina Antunes e Aderlande Ferraz. Nesse projeto, tive o ensejo de estudar as ciências encarregadas pela organização, análise, descrição e pelo registro do léxico comum e específico. Colaborei com o processo de coleta de dados – realizando trabalho de campo em alguns municípios do Vale do Jequitinhonha, auxiliiei a elaboração de parte dos verbetes, a seleção, descrição e o registro de dados da macro e microestrutura do dicionário. Esse projeto me trouxe para as investigações que enfocam o léxico em toda sua instância e nele permaneci por 10 anos, sendo muito incentivada por meu pai, Tadeu Martins, conhecedor e estudioso da língua oral do Vale do Jequitinhonha. Após a Graduação, ingressei em disciplinas isoladas na UFMG que abrangessem a Linguística Teórica e Descritiva, o Estudo da Variação e Mudança Linguística, pois estava decidida a continuar a pesquisa a respeito da variedade mineira jequitinhonhense.

Aprimorei meus conhecimentos, a fim de entender melhor o funcionamento das chamadas “ciências do léxico” (Biderman, 1998)<sup>2</sup>, que são, respectivamente, Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Em relação ao objeto central, as três estudam o elemento básico, sua estrutura semântica, morfológica e pragmática. Entendi que a Lexicologia trata da unidade lexical geral em seus aspectos formais e significativos; a Lexicografia, das diferentes formas de organização das palavras em dicionários e a Terminologia, por sua vez, é a responsável pela elaboração, pelo estudo e pela divulgação dos termos técnicos, pois analisa o léxico

---

<sup>1</sup> Disciplina proposta pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística / PosLin da UFMG - em convênio com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, através do PROCAD – Casadinho UNISINOS / UFMG.

<sup>2</sup> BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA A. M. P. P. de. ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Vol. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

especializado de uma determinada área. A Terminografia, que constitui a parte aplicada e prática da Terminologia, se encarrega da elaboração de dicionários, glossários e de base de dados da linguagem especializada. A Lexicografia e a Terminologia têm objetivos, metodologias e produtos diferentes. A primeira evidencia o estudo amplo da língua geral, focando a palavra, e a segunda descreve os elementos terminológicos de uma linguagem de especialidade. Optei por estudar, no mestrado, a Lexicologia e a Lexicografia e, no doutorado, por ampliar esses estudos incluindo noções importantes da Terminologia e da Terminografia.

Iniciei meus estudos na UFMG, com a profa. Dra. Cândida Seabra, referência em Lexicologia, e contribuí, como voluntária, em seu projeto *Atlas Toponímico de Minas Gerais* (ATEMIG), que intencionava construir uma rede toponímica com os nomes próprios. Nesse projeto, aprendi a identificar e classificar topônimos. Realizei a coleta de topônimos em Cartas e Mapas de cidades do Vale do Jequitinhonha. Encantei-me com a toponímia popular em Diamantina e levei adiante o projeto *Léxico Toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*, desenvolvido no mestrado sob orientação dessa professora, responsável por viabilizar a pesquisa nas áreas de meu interesse: Léxico, Lexicografia, Toponímia e Sociolinguística. Os estudos lexicais encorajaram-me por sua dinamicidade e função comunicativa; os estudos toponímicos e os sociolinguísticos, pelo contato direto, através de pesquisa de campo, com falantes nativos idosos, com baixa escolaridade e pela oportunidade de acompanhar a variação linguística na fala espontânea.

Ao ingressar no doutorado, tinha como meta ampliar os estudos de variantes regionais do Português. Antes de definir o projeto, deparei-me com um acontecimento nacional. O país pôs em prática o projeto *Mais Médicos para o Brasil*, que traz médicos estrangeiros para cooperar com os profissionais de saúde nas regiões de abrangência da Estratégia Saúde da Família<sup>3</sup>. O Vale do Jequitinhonha e outras regiões mineiras seriam incluídas no mapa de abrangência do programa. Em agosto de 2013, fui convidada pelo Prof. Dr. Leandro Diniz, coordenador do eixo de Língua Portuguesa do programa citado, a integrar a equipe docente que ministraria aulas para os doutores estrangeiros que atuariam em Minas Gerais. Aceitei o convite na perspectiva de contribuir para o processo de acolhimento, propiciar conhecimento

---

<sup>3</sup> Programa de Saúde Federal que é a referência para a Saúde Básica do SUS. Em 2006 o Pacto pela Vida definiu como prioridade: “consolidar e qualificar a estratégia Saúde da Família como modelo de Atenção Básica no Sistema Único de Saúde (SUS). Fonte: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção À Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica / 4. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2007. p.7. (Série E. Legislação de Saúde), (Série Pactos pela Saúde 2006; v. 4). Disponível em [http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/pactos/pactos\\_vol4.pdf](http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/pactos/pactos_vol4.pdf), acesso em fevereiro de 2015.

linguístico, levar informações e apresentar características culturais da Língua Portuguesa falada no interior de Minas. Minha participação contínua no programa levou-me a conhecer a complexidade em que ocorria a comunicação entre médicos e pacientes. Antes não imaginava a insegurança que assombrava as duas partes em relação às palavras de cunho regional e as de cunho técnico, que sofrem variação. Decidi mudar o projeto inicial e estudar o léxico especializado, o não especializado e a variação denominativa de ambos, a fim de divulgar uma amostra de termos científicos e não científicos que retratassem parte da complexidade que envolve a comunicação no campo da saúde.

O contato com a profa. Dra. Graça Krieger consolidou meu desejo de aprofundar os conhecimentos em Terminologia. Empolgada com a possibilidade de uma vez mais, efetivar meus estudos lexicais, dessa vez na Terminologia, dei início aos trabalhos.

Como preveem os estudos relacionados à língua, à cultura, a Lexicologia, a Terminologia e o contexto em que se inserem a teoria e o seu objeto devem ser bem elucidados, embasados e estruturados para que se possa ter uma linha de raciocínio conciso e objetivo da origem à evolução e do processo percorrido até a atualidade. Ao buscar leituras, percebi que há carência bibliográfica em Língua Portuguesa, sendo a maioria dos textos escritos em Catalão, Espanhol, Galego, Francês e Inglês. Com a expectativa de melhor entender a teoria e a pesquisa terminológica, investiguei, na internet, materiais acadêmicos e cursos que pudessem contribuir para meu aprendizado. Com a indicação da profa. Dra. Graça Krieger, realizei, em 2014, o curso online *Metodología del Trabajo en Terminología*, ofertado pela universidade Espanhola Pompeu Fabra, coordenado pela terminóloga de referência internacional Maria Teresa Cabré.

Além desse importante curso, fiz a disciplina *Ferramentas computacionais para a pesquisa terminológica em corpora* – ministrada pelo Prof. Dr. Márcio Sales Santiago, da Universidade Federal do Ceará (UFC), participei, a convite desse notável pesquisador, do XIV Simpósio da *Red Iberoamericana de Terminología* (RITerm). Esse evento, realizado em Santiago do Chile, propiciou conhecer o cenário em que transita a Terminologia no âmbito nacional e internacional. Entendi ali o quão a Terminologia tem ampliado seu campo teórico e aplicado. Tive, também, a oportunidade de interagir com membros do grupo IULATERM, responsável por profícuas pesquisas na área. A partir desses contatos, adquiri ali mesmo as basilares obras *La terminologia: Representación e comunicación* e *La terminologia: Teoría, metodología, aplicaciones*, ambos de Maria Teresa Cabré e o *Manuel Practique de Terminologie* do canadense Robert Dubuc. Diante do ambiente de produção acadêmica, pude

interagir e deixar minha colaboração com a comunicação *A variação terminológica na denominação de doenças no Programa de Saúde da Família (PSF) do Brasil*. Percebi, naquele simpósio, a necessidade de dar continuidade ao estudo iniciado, ampliando-o.

Defini ali, com base nos incentivos dados por Krieger, Cabré, Santiago e por um grupo de médicos estrangeiros que se encontravam em Minas Gerais, estudar o item lexical terminológico estigmatizado, proveniente do discurso não padrão. Mesmo não me configurando como terminóloga, optei por aprender algumas noções de Terminologia para arquitetar um sistema personalizado de gestão de dados e organização desses itens. Para isso, precisaria contar com um profissional da Ciência da Computação. Assim sendo, teria um panorama sistematizado com uma exemplificação de itens, inseridos na Terminologia variacionista, para uso dos profissionais do Programa Federal Estratégia Saúde da Família. Cabe a esse Programa, referência nacional para as ações da saúde básica, o atendimento médico em pontos fixos – estabelecimentos de saúde e móveis, nos quais se incluem as residências dos pacientes. A sinalização terminológica, aqui proposta, auxiliaria os 1560 médicos brasileiros e estrangeiros do Programa supracitado alocados em 512 municípios mineiros.

A implementação de Estratégia Saúde da Família, entendida como “reforma” da proposta anterior, o Programa Saúde da Família, caracteriza-se como um conjunto de transformações no modelo assistencial em saúde, uma ruptura de velhas barreiras técnicas, ideológicas e institucionais, cedendo lugar a práticas potencialmente unificadas de saúde<sup>4</sup>, que incluem a presença de Agente Comunitário de Saúde (ACS) e do médico estrangeiro na Equipe Saúde da Família. A oficialização e divulgação ostensiva desse programa na mídia não minimizaram a problemática do uso incorreto do termo e da sigla. Há uso do termo e da sigla do anterior Programa Saúde da Família (PSF) onde deveria ser citada a atual Estratégia Saúde da Família (ESF), há publicações citando, erroneamente, a forma oficial dando aos leitores a sensação de impopularidade do termo oficial. Por esse ângulo, cooperamos, também, para a divulgação e fixação do termo e sigla Estratégia Saúde da Família, dita ESF.

Ciente da importância de conhecer, na prática, o envolvimento do médico estrangeiro na região interiorana de Minas Gerais, decidi visitar os municípios: Almenara, Itamarandiba, Itaobim, Jequitinhonha e Pedra Azul. Nessa experiência, percorri postos de saúde de Atenção Básica, conversei com os médicos estrangeiros e brasileiros, suas equipes de saúde e seus

---

<sup>4</sup> Disponível em [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/memorias\\_saude\\_familia\\_brasil.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/memorias_saude_familia_brasil.pdf), acesso em novembro de 2016.

pacientes, estando com eles nos pontos fixos e móveis, nas suas residências. Desta atividade resultaram observações relevantes que serão discutidas ao longo desta tese. Além da visita ao Vale do Jequitinhonha, o programa me proporcionou, por duas vezes, lecionar em Cuba, juntamente com outros professores da área da saúde e da linguística. Na segunda oportunidade, uniram-se ao grupo de professores de Português os médicos brasileiros, de diferentes regiões do país, que orientariam os futuros integrantes do Programa. O assunto referente à variação terminológica e à terminologia popular veio à tona em algumas de nossas reuniões. Ouvimos sobre *espinhela caída*, *chumbalhada*, sobre o conflito das siglas ESF e PSF, ambas designam mais de um conceito. Deduzimos que Minas Gerais e Nordeste possuem itens terminológicos popularizados comuns na área da saúde. Quando nós, professores de Português e os médicos brasileiros, levávamos esse tema para a sala de aula, os alunos demonstraram muito interesse, disseram que *desejavam aprender bem sobre os termos e suas variações para melhor entender seus pacientes*. Esse posicionamento médico condiz com a minha proposta acadêmica.

Com o trabalho avançando, e em parceria com outros profissionais, construímos, a partir de itens lexicais terminológicos em uso, um panorama linguístico sugerido para profissionais do Programa Estratégia Saúde da Família, em que damos amplitude à informação terminológica, sistematizando a nomenclatura regional correspondente à terminologia médica, além de mostrar a presença, a causa e a importância da variação denominativa na comunicação. O SUS preza pelo tratamento humanizado, ou seja, defende a valorização do ser em toda sua essência. Por essa razão, sustentamos a proposição de que se faça reconhecer a variação do termo padrão e não padrão, proferidos pelos populares, e que esse reconhecimento beneficie também os especialistas que almejem conhecer peculiaridades linguísticas específicas de uma região brasileira.

### **Considerações sobre o léxico no dialeto mineiro**

A língua se manifesta por um código constituído de signos linguísticos. Falantes potenciais, como somos, atuamos como elaboradores, codificadores (quem gramaticaliza) decodificadores, defensores, promotores e divulgadores dos signos orais e escritos. Tais signos envolvem palavras e termos cujas estruturas simples e/ou complexas constituem a língua geral e a língua de especialidade, conferindo-lhes identidade própria. A observação da estrutura linguística permite entender o seu desenvolvimento, sua formalização, seu processo de variação e/ou mudança, absorção e difusão pelo falante. A língua, por sua mobilidade inerente, pode ser

conservada, inovada, expandida, disseminada e até mesmo transplantada, como é o caso do Português, que saiu de sua área inicial na Europa e se instalou no Brasil.

O espalhamento do Português provocou em sua estrutura, oral e escrita, mudanças gramaticais e fonológicas que se refletem nas variantes atuais da língua em uso. Tais variantes apresentam diferentes estratégias de codificação sintática e morfológica, léxica e fonética conforme o local, o contexto, as condições sociais e históricas em que a transmissão do idioma ocorreu, o que afeta o vocabulário geral e especializado do falante. A estruturação linguística da variedade brasileira passou diferentes caminhos, assim como o processo de ocupação desse território. Cite-se, como exemplo, Minas Gerais e algumas de suas regiões, como o Vale do Jequitinhonha, no nordeste do estado, em que o povoamento decorreu em função do ouro e do diamante<sup>5</sup> descobertos nos séculos XVII e XVIII. Em função disso, vários povos habitaram Minas Gerais para extração, análise e exportação de bens minerais. É importante conhecer a formação do local para entendermos sua construção linguística e seu comportamento variacionista.

À contumaz presença dos africanos no local e às condições de vida e trabalho impostas a eles, fez-se necessária a prática médica, exercida, naquela época, conforme afirma Murakawa (2013, p. 85), por “cirurgiões-barbeiros” e não por médicos. A respeito dos cirurgiões-barbeiros, Furtado (2005, p. 90) esclarece: “homens práticos, eles aliavam a arguta observação dos casos que assistiam à Medicina erudita apreendida nos livros, e dessa mescla, produziam um novo conhecimento que oscilava entre o popular e o erudito”. Para a historiadora, os medicamentos dessa época traziam, em suas receitas, elementos da natureza. Eram tidos como panacéia curativa e o conteúdo dessas receitas vinham do contato com índios e escravos, “conhecimento, em muitos casos, intermediado pelos paulistas e, em grande parte, divulgado pelos manuais de Medicina popular, escritos na capitania ao longo do século XVIII”. Esse conhecimento circulava continuamente entre a América e a Europa e resultou na sua cristalização em bases eruditas por meio dos médicos e naturalistas.

A difusão do Português no local esbarrou nas formas africanas e nos resquícios indígenas. Essas formas constituem parte da expressão linguística das etnias que povoaram

---

<sup>5</sup> [www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/diagnosticos\\_levantamentos/jequitinhonha/jeq.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/recursosnaturais/diagnosticos_levantamentos/jequitinhonha/jeq.pdf), acesso em junho de 2014, p.12: “A corrida do ouro no século XVII, desencadeada por desbravadores baianos e paulistas, foi a principal causa da origem e do povoamento da bacia do rio Jequitinhonha. A procura de ouro e diamante levou inúmeros aventureiros para a região.”

Minas Gerais e foram observadas em vocábulos registrados em mapas nos documentos<sup>6</sup> utilizados em trabalhos de pesquisa léxica da língua oral<sup>7</sup>. Observou-se, por conseguinte, o caráter híbrido da língua ali construída.

O léxico do dialeto mineiro está, atualmente, constituído basicamente por quatro grupos de elementos linguísticos, a saber: os de bases etimológicas variadas; os empréstimos lexicais; as formas arcaizantes e/ou em desuso em regiões diferentes e os neologismos. Reiteramos que o acervo lexical geral e o especializado, observados nesse contexto, exprimem fatos socioculturais vivenciados pelos falantes por possuir um sistema sensível às mudanças, às variações e às inovações. Logo, a Terminologia e sua aplicação, aqui tratadas, vinculam-se ao léxico e à interação social construídos nesse local. Ambos não podem desassociar-se da diversidade cultural e linguística, advinda da mistura de línguas que caracterizam a fala em estudo. A respeito do repertório que organizamos, sua estrutura léxica está delimitada a uma área específica: a da saúde.

Para organização do léxico de uma área específica, é necessário entender o objeto representativo dessa especificidade. Tratamos esse objeto ora termo ora item lexical terminológico porque encontramos, em nossos estudos, o item lexical com valor terminológico, e o termo propriamente dito. Entendemos por item lexical, uma lexia, ou seja, uma palavra da

---

<sup>6</sup> Mapa I - Distrito dos Diamantes - Mapa da demarcação da terra que produz diamantes - post 1729; Mapa II - Carta Topográfica das Terras entremeyas do sertão e destrito do Serro Frio com as novas minas dos diamantes - oferecida ao Eminentissimo Senhor Cardeal da Mota. Por Jozeph Rodrigues de Oliveyra, capitão mandante dos dragões daquelle Estado - 1731; Mapa III - Mapas Regionais [MAPA da região entre os rios Jequitinhonha e Araçuaí]. (Região de Minas Novas, 16°. 30" - 18° S) Diogo Soares. ca. 1734/590; Mapa IV - Distrito dos Diamantes Carta Topográfica das Terras Diamantinas em que se descrevem todos os Rios, corgos e lugares mais notáveis que nella se contem. Para ver o ILLmo. Exmo. Senhor Marquez de Pombal do Conselho de Estado - ca. 1770; Mapa V - Distrito dos Diamantes Mapa da Demarcação Diamantina - 1776; Mapa VI - Mapa da Comarca do Serro Frio - 1778 - Acervo Arquivo Histórico do Exército-RJ - José Joaquim da Rocha Ofes anno 1778; Mapa VII - Distrito dos Diamantes - Mapa da demarcação Diamantina acrescentando [A]THE ORIO PARDO. Feito por Antônio Pinto de Miranda - 1784; Mapa VIII - Distrito dos Diamantes Demarcação Diamantina. Com 18 legoas de cumprimento, que fazem huma circunferencia de 51 Legoas - ca. 1787; Mapa IX - Capitania Planta Geral da Capitania de Minas Geraes - ca. 1800; Mapa X - Capitania - Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes - 1804; Mapa XI - Divisões Administrativas - Mappa da Freguesia da Villa do Principe que contem á Nordeste a Applicação do Rio Preto: no Centro a Demarcação Diamantina, encravada nesta, e em parte da Freguezia do Rio Vermelho ao Oriente; e a Sudeste o Território da Villa do Principe, Itambé, Rio do Peixe e Guanhões. Por C.L. Miranda em Tejuco. - 1820; Mapa XII - Capitania Theil der neuen Karte der Capitania von Minas Geraes. Aufgenommen von W. von ESCHWEGE. - 1821; Mapa XIII - Província Carta Chrographica da Provincia de Minas Geraes, coordenada e deenhada em vista dos Mapps chorographicos antigos e das observações mais recentes de vários Engenheiros, por Ordem do ILLMO. e EXMO. Sr. Doutor Francisco Diogo Pereira de Vasconcelos, Presidente desta Província. Por Frederico Wagner. Ouro Preto. - 1855. Mapas da década de 70: Carta de Diamantina - Folha SE - 23 - Z - A - III / IBGE, 1977. Carta de Rio Vermelho - Folha SE - 23 - Z - B - I / IBGE, 1977. Carta de Curimataí - Folha SE - 23 - X - C - VI / IBGE, 1977. Carta de Carbonita - Folha SE - 23 - X - D - IV / IBGE, 1977.

<sup>7</sup> Cite-se como referência dos mapas o nosso trabalho O Léxico Toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória, onde foi possível apresentar parte do acervo lexical regional.

língua em geral. Por exemplo, amarelão refere-se à tonalidade da pele, em língua geral ou à doença, se tratado como item da língua de especialidade. Amarelão não é um termo propriamente dito porque não foi criado / elaborado por terminólogo. Nós o consideramos, em seu contexto de uso, um item lexical com valor terminológico quando conceitua verminose. Teríamos, nesse sentido, o termo médico, *ancilostomíase*, que faz referência à doença conhecida popularmente por *amarelão*.

Para melhor entendermos, buscamos Finatto (2014, p. 445), que afirma que “o valor terminológico de uma palavra é ativado em um discurso determinado”, e Cabré (1999, p. 124): “os termos não pertencem a um domínio, mas são usados em um domínio com valor específico”. Entendemos com essas afirmações que o valor específico é um valor terminológico capaz de delimitar e representar o léxico de uma área de domínio específica além de abranger o item lexical. O termo ou o item lexical terminológico constituem signos linguísticos de inestimável valor, tornam-se legítimos quando atestados por especialistas. Sua legitimidade está condicionada à ação de quem o utiliza e o reconhece como elemento social autêntico, inerente à interação necessária em um jogo interlocutório específico. Assim, se tratamos de um discurso específico, obtemos um léxico específico, ainda que esse discurso esteja no domínio linguístico do leigo e não possua *status* ou valorização social.

O *status* social de elemento terminológico consiste em valorização ou depreciação, adjaz à posição social de quem o reproduz. A formação e pronúncia dos elementos terminológicos revelam características intrínsecas, expressam saberes linguísticos, extralinguísticos, socioculturais e, sobretudo, propalam a região a que pertencem, uma vez que trazem, em sua carga semântica e fonológica, os aspectos geográficos de quem os proferem. O falante com conhecimento especializado, ou seja, o profissional, fará uso de termo em instância comunicativa, correlata; o falante leigo, que não possui esse nível de conhecimento, fará uso de itens lexicais depreendidos de sua rotina. Tais itens, se limitados a um domínio específico, tornar-se-ão terminológicos. O profissional de saúde estrangeiro, por sua vez, tentará fazer uso do termo mais próximo à sua cultura, observará os objetos resultantes da assimilação lexical na fala de seus pares, e, tentará, a seu modo, entender a variedade terminológica popular falada pelos leigos.

Salientar a variedade popular no âmbito da terminologia traz o seguinte questionamento: Como identificá-la já que ela não se constitui termo, propriamente dito? Dizer apenas variedade popular não a especificaria, além de essa identificação caber à língua geral. Categorizar? Sim.

Como? Classificar em *específicos e populares*? Não! No domínio da linguagem científica, há termos mais populares que outros; por exemplo, *homo sapiens* que é citado 17.100.000 vezes no google, é mais popular que *homem neandertal*, citado 135.000 vezes. Pensamos na classificação *urbano e regional*, mas isso não condiz com a realidade, a variedade popular pode ser regional, mas o termo médico não é urbano. Temos como meta tratar o item regional pertencente à língua não padrão. Identificamos, nesse item, sua forma estigmatizada, desconhecida por muitos e ausente no ambiente institucional do Ministério da Saúde (MS). Identificamos o nosso objeto como não oficial, em função dessa ausência. Categorizamos como oficial, o termo advindo da linguagem médica, publicado no site do MS e não oficial, o da linguagem popular. Decidimos por identificar nosso objeto como item lexical terminológico estigmatizado ou item lexical terminológico não oficial, ou simplesmente, item lexical terminológico não científico. Explicitar a categoria colabora para a percepção do contexto de produção em que o dito item foi gerado. Na área da saúde, a situação comunicativa em que figuram o profissional de saúde (brasileiro ou estrangeiro) e o paciente, está suscetível a conflitos relativos à interpretação desses itens e ao uso concomitante das formas oficiais e não oficiais.

Diante das vias comunicativas em questão, na área da saúde, nos domínios de linguagens de profissionais e leigos – domínio da ciência e domínio popular – tem-se o impasse da propensão de uma ou mais formas para o mesmo elemento terminológico evidenciando sua coocorrência. No domínio da linguagem médica, o termo *artrose* coocorre com *artrite degenerativa*, *osteoartrose* e *osteoartrite*. No domínio da linguagem popular os itens lexicais *esporão de galo*, *bico de papagaio* e *artrosis*, pronunciado como em Espanhol, correspondem ao termo médico *artrose*. Essas variantes dão indício da densidade terminológica que afeta esses domínios e confirmam a variação denominativa no uso linguístico de especialistas e leigos. A variante presente no domínio do especialista é entendida como tal, coocorrerá, naturalmente, com outras variantes de seu mesmo nível. A variante presente no discurso do leigo é vista pelo profissional como terminologia popular, ainda que seu uso não se realize na fala desse especialista; entretanto, compreendê-la auxiliará a comunicação com o paciente da zona rural. Os itens terminológicos, oriundos do domínio da linguagem popular, descrevem, portanto, percepções do campo da saúde a partir de características linguísticas próprias do contexto em que são veiculados. A variação decorrente desse processo nos instiga e nos motiva a entendê-la e a descrevê-la a partir dos preceitos da Terminologia, de suas teorias e vertentes.

O estudo da Terminologia, com enfoque na variação denominativa é fiável quando observamos o contexto de produção em que se expressa, de forma real, o uso terminológico. A realização da língua é bastante complexa e um código linguístico sobreposto a outro decorre da exigência dos parâmetros sociais conforme o prestígio que recebe aquele que se impõe. Para Sager (Sager, 1993 *apud* Cabré, 1993, p. 15)

a pesquisa em Terminologia é complexa, porque deve satisfazer três inquietudes: a dos especialistas da matéria, que querem justificar o uso de uma linguagem incompreensível para o público geral e que, por isso, necessitam ajuda em suas comunicações; a do público geral, que quer saber o porquê das dificuldades de compreensão nos intercâmbios com os especialistas e, finalmente, a dos mediadores da comunicação, que têm de saber como suprir as necessidades de seus clientes<sup>8</sup>.

Considerando as inquietudes ora apresentadas, inscrevemo-nos no papel de mediador entre o profissional de saúde e o paciente, residente na zona rural mineira. Discutimos aqui a variação denominativa dos elementos terminológicos estigmatizados e não estigmatizados, descrevemos uma amostra de itens terminológicos estigmatizados, não observados pela Terminologia, tendo em vista o predomínio da norma padrão que a rege e, ainda, viabilizamos dois instrumentos terminográficos: uma base de dados e um protótipo de glossário para denominações populares para a área da saúde. A base de dados citada está constituída de Fichas Terminográficas que descrevem variantes denominativas, formas estigmatizadas, extraídas da observação, feita pelo leigo, de partes do corpo, sintomas, doenças, de procedimentos médicos e curas alternativas. A divulgação dessas informações, entre os membros das Equipes de Saúde da Família, poderá propiciar uma comunicação mais fluida, já que, sendo elaboradas sob o ponto de vista do paciente, favorecerão uma maior compreensão do processo que envolve a saúde desse paciente.

### **Perguntas e objetivos**

Ao dar início, a partir desta seção, à etapa de explicitação de perguntas e objetivos desta tese, o texto passará a ser escrito na 1ª pessoa do plural, por sua constituição orientada, como é da *praxis* de todo trabalho científico-acadêmico, que, da idealização à conclusão, está sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

---

<sup>8</sup> El estudio de la terminología es complejo porque debe satisfacer tres inquietudes distintas: la de los especialistas de la materia, que quieren justificar el uso de un lenguaje incomprensible para el público general y que necesitan una ayuda en sus comunicaciones; la del público general, que quieren saber por qué le plantean dificultades de comprensión los intercambios con los especialistas; y finalmente, la de los mediadores de la comunicación, que tienen que saber cómo hacer frente a las necesidades de sus clientes. SAGER 1993, *apud* CABRÉ, 1993, p.15. Tradução do Catalão para español de Carles Tebé.

Considerando que o objetivo geral deste estudo é a descrição da variante denominativa na nomenclatura regional, correspondente à terminologia médica, por meio de tratamento terminográfico sistematizado, precisamos, em primeiro lugar, entender o que é variante denominativa, tratamento terminográfico, nomenclatura regional e informação terminológica, que esse processo envolve.

Compreendemos por informação terminológica os dados representativos de um domínio específico. Esses dados constituem termos ou itens lexicais terminológicos. Definimos como nomenclatura regional o acervo lexical que recebeu tratamento terminográfico, recolhido em Minas Gerais, representadas, nesta pesquisa, pela Central Mineira, pelo Norte, pelo Noroeste e pelo Sul. Esclarecemos que os itens lexicais constantes no acervo deste estudo não são exclusivos de MG, podendo ocorrer em outros estados brasileiros, temos como exemplo *pano* que em Minas Gerais e também Bahia significa mancha esbranquiçada que aparece na pele. Entendemos por tratamento terminográfico o estudo minucioso destinado ao campo definicional do elemento terminológico em que se inclui, entre outros dados, a variação denominativa, ou seja, a forma alternante de denominação de um conceito, como são, por exemplo, os sinônimos.

Para trabalhar a variação, adentramos o domínio do especialista e do leigo na perspectiva de entender o seu comportamento linguístico. A par do interesse que a Saúde, como campo do saber, desperta em toda classe social e o fascínio vinculado à busca de informações nos segmentos dessa ciência e no vocabulário utilizado por ela, vimos analisando dois grupos textuais: os textos disponíveis no site do Ministério da Saúde, que contemplam conteúdos relacionados à saúde básica, redigidos por especialistas, e as narrativas orais do discurso leigo, disponíveis pelo banco de dados da UFMG. Ante a escassez de estudos que descrevam, sob a perspectiva terminológica, a ocorrência de denominações populares correspondentes às médicas e à situação comunicativa em foco, sentimo-nos instigados a refletir e dar uma pequena contribuição, a nível linguístico, para minimizar problemas relativos à comunicação. Tendo em vista o processo de observação e gerenciamento da variante, principal causa dos conflitos comunicativos, perguntamos:

1. O estudo de denominações populares correspondentes às médicas dá amplitude à informação terminológica?
2. Na interação entre profissionais e leigos, os elementos terminológicos proferidos quando não reconhecidos por ambos, podem constituir conflitos?
3. Considerando a variação inerente ao discurso, em qualquer nível de linguagem, sua descrição contribuiria para maior eficácia na comunicação entre os envolvidos?

4. É possível mapear, por meio de tratamento terminográfico, a terminologia popular para a área de saúde?

Tais perguntas norteiam nossa pesquisa que está direcionada a preencher, parcialmente, três lacunas na terminologia da saúde: a) carência de diagnóstico de variação terminológica que afeta os elementos proferidos entre especialistas e leigos; b) ausência de divulgação desses elementos, sobretudo os recorrentes na linguagem de leigos, e c) inexistência de banco de dados terminológico, construído a partir de fichas terminográficas, banco que envolva as denominações populares para a área da saúde.

Nesse sentido, fizemos um levantamento de dados, organizamos deles uma base terminológica a partir de outra base de natureza lexicográfica, existente na UFMG, apresentamos uma perspectiva para a variação denominativa e propusemos um modelo de glossário. Levantamos seis objetivos específicos para essas ações:

- a) dar amplitude à informação terminológica;
- b) contribuir para o avanço dos estudos de Terminologia na perspectiva variacionista;
- c) estabelecer a interface linguística (nível significante) e pragmática dos termos recorrentes na saúde pública;
- d) apresentar a variação denominativa que abrange dois domínios de linguagem, o discurso oficial e o estigmatizado;
- e) dispor uma sistematização acessível, ou seja, elaborar um banco de dados de fácil manuseio para os interessados;
- f) propor uma organização que divulgue dados terminológicos retirados de fatos linguísticos reais no sentido de conhecimento e de reconhecimento da variedade mineira no domínio pesquisado.

Para alcançar nossos objetivos, dialogamos com as teorias terminológicas, defendemos, conforme a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e sua vertente, a Socioterminologia, a variação como parte inerente a qualquer manifestação linguística, e o item lexical terminológico como parte dessa manifestação, passível de variação. Tomamos por base a ideia de Gaudin (1993), segundo a qual a Terminologia se fundamenta na observação do funcionamento da linguagem e no estudo das condições sociais de circulação dos termos. Tendo em vista os princípios da Socioterminologia e da Terminografia, esta responsável pelo tratamento, pela descrição e divulgação e aquela pela análise dos dados terminológicos em seu contexto de uso real, separamos um grupo de itens terminológicos. Constatamos seu processo

de variação. Após a observação, realizamos sua análise conforme Freixa (2002, 2014) para melhor entendermos a rede terminológica relativa à saúde na região supracitada.

Observamos a variação em termos padrões, profícuos na linguagem médica e nos elementos terminológicos provenientes da linguagem leiga. Para a primeira observação usamos como referências sete textos divulgados no site do Ministério da Saúde e o conteúdo de Descritores em Ciências da Saúde<sup>9</sup> (DeCS). Daí coletamos exemplares terminológicos que incluem termos e siglas. Evidenciamos o uso de mais de um termo entre os especialistas e seus pares, para referir-se a itens relativos à prática médica e à prática na rotina de uma Equipe de Saúde da Família.

Observando a variante popular, reunimos, neste trabalho, os termos relacionados à saúde coletados em seis pesquisas que integram o projeto *Léxicos regionais: estudando o Português mineiro* coordenado pela Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, da Faculdade de Letras da UFMG e o *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*, de Carolina Antunes. Selecionamos do projeto supracitado as dissertações *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas* (2008), de Vander Lucio Souza; *O Vocabulário rural de Passos – MG: Um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy* (2010), de Gisele Aparecida Ribeiro; *Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó – MG* (2012), de Cassiane Josefina de Freitas; *Estudo Linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas* (2013), de Maryelle Joelma Cordeiro, *Léxico e Cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis – MG* (2013), de Vanderlei Martins Ribeiro de Miranda e a tese *Nas cacimbas do rio Pardo: estudo léxico-cultural* (2014), de Vander Lucio de Souza. Desses estudos, extraímos<sup>10</sup> 51 termos de Antunes (2013), 18 de Cordeiro (2013), 25 de Freitas (2012), 03 de Miranda (2013), 30 de Ribeiro (2010), 09 de Souza (2008) e 15 de Souza (2014), somando, portanto, 151 termos. Cite-se, por exemplo, *barriga d'água*, que define *ascite* no Português padrão. Outro termo popular é *dordói*, que é variante de *conjuntivite*; *geratação*, que é o mesmo que *desidratação*; *amarelão*, que denomina *hepatite*. Realizamos um levantamento lexical e terminológico constituído por dados extraídos da língua falada no período de 2008 a 2014.

---

<sup>9</sup>DeCS – Descritores em Ciências da Saúde é um vocabulário estruturado e trilingue, disponível em Português, Espanhol e Inglês, criado por BIREME com o objetivo de permitir o uso de terminologia comum, proporcionando um meio consistente e único para a recuperação da informação por meio da indexação de textos técnico-científicos. Disponível em <http://DeCS.bvs.br/P/DeCSweb2016.htm>, acesso em 10 de agosto de 2014.

<sup>10</sup> Utilizamos três critérios para extração de termos: 1. o contexto de produção dos textos; 2. frequência em que esses termos se apresentam; 3. Uso dos termos

Após o levantamento lexical, partimos para as atividades referentes à produção terminográfica que incluem: aquisição de conhecimento a respeito do tema; delimitação do trabalho em relação à definição do tema (destinatário, finalidade e dimensão); seleção e ampliação da informação a respeito do tema; estruturação do conhecimento; redação do plano de trabalho; organização de textos para extração do termo e composição do banco de dados; criação da ficha terminográfica que foi analisada e revisada inúmeras vezes; no que diz respeito à elaboração de dados referentes à definição, à variante, ao termo correspondente, à nota, ao contexto e, ainda, à resolução de casos problemáticos e à apresentação de uma proposta para glossário terminológico. As fichas terminográficas organizadas alimentam a base de dados, que é também a referência para a composição do glossário, aqui intitulado Glossário de terminologia popular para a Equipe Saúde da Família, que serve de apoio para a compreensão da linguagem observada no cotidiano de trabalho dessa Equipe. Com a finalidade de padronizar o formato das fichas, dos verbetes, otimizar o processo de inserção dos dados e de consulta aos mesmos, criamos um sistema, personalizado, para a organização do repertório proposto nesta pesquisa.

Acreditamos que o repertório organizado poderá ser útil no intuito de evidenciar o relacionamento terminológico que envolve a comunicação entre profissionais da saúde, entre médicos e seus pares e entre médicos e pacientes residentes nas regiões de Minas Gerais, por nós abordadas. Como pode ser percebido, a tentativa de articular diferentes níveis de linguagem que compreendendo variações no nível do significante é o fio condutor principal desta pesquisa. Considerando, então, a relevância da terminologia popular, do estudo da variação dos termos médicos no discurso padrão e dos correspondentes a eles no discurso não padrão, pretendemos, ao realizar esta pesquisa, contribuir para o desenvolvimento dos estudos aplicados de Terminologia que procuram atender a necessidades de informação de profissionais sobre temas relativos à área da linguagem, especificamente a regional, além de fornecer subsídios para construção de um instrumento terminográfico temático, que permita visualizar elementos culturais inter-relacionados terminologicamente.

### **Justificativa**

O estudo terminográfico da variante denominativa extraída do domínio linguístico popular referente à saúde justifica-se por três fatores, a saber: a) o interesse em um maior conhecimento dessa variação; b) a necessidade de divulgação de denominações populares correspondentes às médicas usadas no interior de MG e c) a urgência de comunicação com especialistas brasileiros e estrangeiros que atuam nesse estado. Com base na premissa de que a

variação dos termos é um fato recorrente em discurso específico e que ela interfere na comunicação entre profissionais e leigos, descrevemos, a partir da prática terminográfica, um conjunto de itens lexicais terminológicos, próprios desses discursos, a fim de divulgá-los a profissionais que atuam em Minas Gerais, contribuir para uma comunicação mais eficaz entre os envolvidos e, assim, destacar o papel da Terminologia em consonância com a Linguística, em contextos problemáticos de comunicação.

### **Estrutura do trabalho**

Além da introdução, elencamos, no primeiro capítulo, noções das teorias terminológicas, seu objeto de estudo e sua aplicação. Abordamos as bases que sustentam essa pesquisa. Consideramos a Teoria Geral da Terminologia (TGT) como ponto de partida para nossa discussão; a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) como alicerce para tratar a variação, não analisada pela TGT, apesar de reconhecê-la; a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) como suporte para o desencadeamento do elemento social que abrange diretamente nosso objeto de estudo: a variação. Consideramos, a vertente Socioterminologia, que trata o aspecto social da variação e, por fim, a Terminografia que é a base para a construção das fichas terminográficas e da proposta de glossário. Apresentamos um panorama histórico da Terminologia, dentro e fora do Brasil; discorremos sobre sua relevante contribuição para o conhecimento linguístico e social em contexto teórico e aplicado. Definimos *termo*, tratamos seu aspecto cognitivo e comunicativo para melhor entendermos os itens candidatos a termo e os itens terminológicos que encontramos. Tecemos, ainda nesse capítulo, considerações da variação terminológica e sua função na comunicação.

No segundo capítulo, abordamos a terminologia da área da saúde que envolve o Programa Estratégia Saúde da Família (ESF). Tratamos a linguagem médica e uma de suas características, a variação. Dissertamos a respeito da variação denominativa, que apresenta dois ou mais termos para referir-se a um conceito, ou seja, diferentes significantes para um mesmo significado (Freixa, 2000). A variação, inerente à linguagem, instiga o trabalho na área da Saúde da Família, porque nem sempre o que diz o paciente é de fácil compreensão para o médico e, vice-versa. O paciente, residente nas regiões interioranas supracitadas, traz, na sua expressão oral, marcas de uma língua que é, simultaneamente, conservadora e inovadora, características próprias do dinamismo linguístico. Um item lexical dito há trezentos anos pode ainda estar em vigor junto a outro, criado recentemente. Citamos, por exemplo, *iscalavrado* que se refere a lesões físicas superficiais, seu registro perpassa, conforme Cunha (1986), o século XVI. O item

*surdá* denomina a perda parcial da audição e não é registrado em nenhum dos dicionários consultados, aproximando-se, portanto, de um neologismo. *Isçalavrado* e *surdá* foram ouvidos e gravados no Vale do Jequitinhonha, no período de 2000 a 2014, ou seja, estão em vigor e, observados em um contexto específico, apresentam valor terminológico nesse contexto, além de coocorrer com as formas padronizadas *esfoliado* e *surdez*, também variantes.

O uso de variantes denominativas relacionadas à saúde é frequente na comunicação oral com os usuários do SUS em MG e, também, na fala e na escrita dos profissionais que integram a Equipe Saúde da Família. Os pacientes, quando leigos, apropriam-se de forma léxica vinculada a seu meio cultural, motivada pela observação que fazem dele. Por exemplo, chamam de *ispinhela caída* o que na linguagem médica corresponde a lombalgia, ou recorrem a formas em desuso na língua contemporânea, como *entojo*, que significa náusea, satisfazendo, assim, sem conhecimento do protocolo médico, suas necessidades comunicativas. No processo de interação, essas formas estigmatizadas são disseminadas na comunidade porque constituem o modo de expressar dessa comunidade, e, como tal são itens terminológicos. O especialista, principalmente aquele que não é da região, muitas vezes não decodifica, de imediato, o significado da terminologia popular, sendo necessária sua descrição e conceituação. Como profissional, por sua vez, ele traz consigo suas variantes. Na linguagem médica, por exemplo, o termo *Doença Crônica* coocorre com *Moléstia crônica* e *Doença degenerativa*. Por esse ângulo, apreendemos dos preceitos da TGT, da TCT, da TST e das vertentes dessas teorias, fundamentos para entender o item candidato a termo, o item terminológico, o fenômeno da variação, o processo terminográfico e os procedimentos metodológicos referentes a esses elementos, ou seja, ao trabalho terminológico.

O terceiro capítulo será dedicado aos Procedimentos Metodológicos. Nele, apresentamos a Terminografia como nossa base metodológica; descrevemos o processo que nos fez chegar à delimitação da área; mostramos a nossa fonte de termos, a constituição do *corpus*, a seleção dos dados e o público-alvo; falamos ainda da atividade de gerenciamento, seleção e uso das ferramentas informatizadas para a análise e, por último, relatamos o processo de identificação, de validação dos termos e, ainda, os casos problemáticos observados nesse processo.

No quarto capítulo discutimos a proposta de apresentação dos dados a partir de ficha terminográfica que contempla categorias terminológicas da área de domínio de nosso interesse. As fichas são constituídas de informações adquiridas no curso “Metodología del Trabajo

Terminológico” ofertado por Institut Universitari de Linguística Aplicada – IULA, da Universitat Pompeu Fabra em Barcelona, Espanha.

Abrangemos nas fichas o item terminológico não padrão, ou seja, o estigmatizado, e o termo médico correspondente a ele. Trabalhamos o campo conceitual que integra o item terminológico. Propomos uma organização didática para instrumento terminográfico que levem em consideração o fator social da língua em uso.

Elucidamos a importância da criação de uma base de dados para organizarmos melhor os itens, e apresentamos um modelo de ficha terminográfica formatado a partir de dois outros modelos. O primeiro, segundo os princípios da Lexicografia, idealizado pela Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, orientadora desta pesquisa, e o segundo, conforme os preceitos da Terminologia, proposta por Maria Teresa Cabré em *Terminus 2.0*, plataforma gestora de dados da Universitat Pompeu Fabra, a que tivemos acesso e que nos serviu como inspiração para desenvolvimento da nossa base de dados e da ficha nela trabalhada.

No capítulo cinco apresentamos uma proposta de glossário terminológico das denominações populares para a Equipe Saúde da Família. Organizamos os itens em verbete, formatados de acordo com as tendências atuais da Lexicografia, Terminologia e Terminografia, cujo foco está nos dados linguísticos reais e na contextualização cultural.

Os itens terminológicos oriundos das denominações populares relacionam-se às informações médicas do ramo da Anatomia, Doença, Procedimento, Sintoma e Medicina Alternativa. Essas categorias auxiliam o leitor quanto ao campo semântico do item observado. Além do verbete, da ficha terminográfica, incluem-se, nesta tese, um Siglário e o Índice Remissivo dos itens coletados.

No capítulo 6, fizemos a interpretação dos dados, a análise dos termos, a discussão e a sistematização dos resultados. Destinamos o último capítulo às considerações finais, conclusões do estudo e sugestões para futuras pesquisas. Posteriormente, apontamos as referências citadas e consultadas durante a elaboração da tese. Separamos as referências em fonte especializada (obras técnico científicas, manuais, relatórios, teses e demais referências que compuseram a parte teórica, metodológica *corpus* e base definicional), lexicográfica (dicionários de língua geral e língua em uso) e terminológica (dicionários e/ou glossários, guias, manuais da área médica). Como anexos, foram incluídas Leis e normatizações relacionadas ao Programa da Saúde Básica e da Estratégia Saúde da Família (ESF) do SUS, citados neste estudo.

## Capítulo 1 – TERMINOLOGIA: TEORIAS, OBJETO DE ESTUDO E APLICAÇÃO

---

---

*Mas, para falar de terminologia em sentido mais estrito, quer dizer, de terminologia como disciplina que sistematiza termos e conceitos, é preciso falar também do discurso de onde provém (...) discursos de diversas naturezas, como o científico, o técnico e o de vulgarização, são a fonte natural de onde emergem os termos usados nas comunicações entre profissionais.*

Faulstich (2006, p. 27)

Iniciamos nossa discussão sustentando a Terminologia como disciplina das Ciências do Léxico. Apresentamos sua origem, estruturação, eclosão e seu processo de ampliação; discorreremos sobre a teoria e a aplicação, apontando para o foco que é a variação que envolve a terminologia médica; abordamos o contexto teórico; tratamos a Teoria Geral da Terminologia (TGT), elaborada por Wüster; a vertente Socioterminológica de Gaudin; a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), embasada por Cabré e impulsionada por seus seguidores, integrantes de IULATERM<sup>11</sup> e a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), de Temmerman. Além disso, abrangemos o objeto dessas teorias, o termo, e a variação, inerente a ele. O termo e a variação constituem, juntamente com essas teorias, os pilares para o desenvolvimento do nosso objeto de pesquisa.

### 1.1. Terminologia no contexto nacional e internacional

Em um panorama conciso traçamos alguns aspectos históricos que marcam a construção da Terminologia. Grafada com a letra “t” minúscula<sup>12</sup>, *terminologia* define o conjunto de termos de uma área técnica e/ou científica e, com o “T” maiúsculo, *Terminologia* é a disciplina de natureza linguística que estuda esse conjunto. A escrita foi, a princípio, a maneira de

---

<sup>11</sup> Grupo de pesquisa do Instituto de Linguística Aplicada (IULA) da Universidade de Pompeu Fabra, de Barcelona, Espanha. Consolidado em 2001, a equipe dirigida por M. Teresa Cabré, conta com vinte pesquisadores doutores e dezenas de colaboradores que atuam intensamente em assuntos relacionados a Léxico, Terminologia, discurso especializado e engenharia linguística.

<sup>12</sup> Sobre polissemia e grafia do termo *Terminologia* ressaltamos Krieger. Em seu texto *Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul* divulgado no Boletim 24 da Associação Brasileira de Linguística em 2001, a autora restringe o uso de maiúscula ou minúscula conforme a referência em vista. Quando a palavra se relacionar a um conjunto de termos, deve-se escrever terminologia, com “t” minúsculo e, quando se referir à disciplina de um currículo acadêmico ou ao campo de estudos que foca a análise de termos e conceitos utilizados na língua de especialidade será grafada com “T” maiúsculo. Acatamos essa definição, usamos terminologia para as unidades agrupadas, para nosso conjunto de termos e Terminologia para estudo da linguagem médica e descrição dos nossos dados terminológicos.

consolidar a reunião e a transmissão do conhecimento específico sobre determinado assunto. Naturalmente o homem nomeia tudo a seu redor e entende que a organização dessas denominações facilita e agiliza seu entendimento, pois o nome traz, em si, representações reais da linguagem e da cultura que o conduz. Ordenar esses nomes conforme sua área ou campo temático faz parte da proposta de veiculação de informações referenciais, que auxiliam a comunicação entre os seres e os setores em que esses atuam. A informação apresentada nessa comunicação advém de dados organizados anteriormente.

Os métodos de organização de dados surgiram, ao longo dos anos, tanto na Idade Antiga quanto na Contemporânea, conforme o interesse expressado por cada área de estudo. A Medicina, a Biologia e a Química, desde seus primórdios, buscaram recursos para organizar as relevantes informações oriundas de observações e análises feitas pelos pesquisadores. Observemos, por exemplo, na Idade Antiga, cerca de 300 anos a.C, o surgimento de textos médicos. A maior representatividade da Medicina ocidental é a obra *Corpus Hippocraticum* organizada por Hipócrates, constituída de 60 estudos sobre epidemias, articulações e fraturas. Atribuem-se ao autor os textos: *Tratados sobre o mal sagrado; Os ares, as águas e os lugares; O prognóstico; O primeiro e o terceiro livro do tratamento sobre epidemias; A Medicina antiga; os aforismos* e o *Juramento Hipocrático*. A partir desses estudos mudou-se o *status* da Medicina. Antes era vista como manifestação mística e, após a conceituação hipocrática, torna-se ciência, com enfoque na observação clínica.

No século XVII, na área da Biologia, o estudo do sueco Karl von Lineu (1707 -1778), conhecido como *Taxonomia de Lineu*, prestou importante contribuição no quesito organização de dados. Segundo Barros (2004, p. 31), foi Lineu um dos primeiros a apresentar regras precisas de criação de nomes científicos que designaram espécies da flora e da fauna do mundo todo e foi ele, ainda, quem propôs um sistema universal de nomenclatura binominal para a Botânica e a Zoologia.

No século XVIII, as prestigiadas obras do químico Antoine Lavoisier, *Méthode de nomenclature chimique* (Método de nomenclatura química), em 1787 e *Traité Élémentaire de chimie* (Tratado elementar de Química), em 1789, deram base para as Ciências Naturais, pois mostraram a estreita relação existente entre o conceito e sua denominação e a necessidade de criação de uma linguagem precisa para impulsionar o desenvolvimento da ciência.<sup>13</sup> Conforme Cabré (1993, p.21), os trabalhos realizados por Lavoisier, em Química, e Lineu, em Botânica e

---

<sup>13</sup> Conforme estudo realizado por Ortega e Schnell, disponível em Acta.es.

Zoologia, supriram parte da demanda apresentada por especialistas de fixar denominações conceituais na área científica. No século seguinte deparamos com a revolução industrial e nela a terminologia ganhou força, ao impor a delimitação de termos usados pelos industriários.

No século XIX, com a internacionalização das ciências, observou-se, por parte dos cientistas, interesse em organizar as regras de formação dos termos. Nos séculos citados o interesse parte, exclusivamente, do cientista, e, nos séculos seguintes, percebe-se o envolvimento dos técnicos, em função do rápido crescimento de suas áreas. O processo evolutivo da ciência provocou profundas transformações em todos os sentidos, direcionando formas de organização social, política e sistemas de produção diferentes. Nessa época a escrita era uma habilidade restrita, poucos a adquiriam, os manuscritos, embora abundantes, alcançavam apenas os alfabetizados, que usufruíam de prestígio e de poder exaurido por eles.

As dificuldades de locomoção e a distância existente entre vilarejos levavam ao isolamento e alimentaram a variação linguística e o multilinguismo. Essa situação, apesar da imposição de novas necessidades linguísticas em função da necessidade gerada pela industrialização, não extinguiu a variação. Urgia, entre os falantes, a prática de nomear cada invento e/ou descoberta. Tal nomeação era espontânea e motivada pelas vivenciações de cada comunidade. O ensino nesse período entra na fase da adequação. Foi, por isso, modelado para atender a novas demandas e, em consequência, exigia-se a apreensão de apenas uma língua, apenas um modelo padrão, que estava condicionado à normatização de termos e a disseminação somente de denominações uniformes.

A codificação apenas da língua padrão imposta reforçou o domínio de classe e o saber, ainda restrito, deu o poder a poucos. Barros (2004, p. 27) explica que a “escola, nessa época, apesar de ser uma grande conquista também dos trabalhadores, passou a servir aos interesses da sociedade industrial; seu papel passou a ser o de difundir a nova língua e a terminologia necessária ao bom desempenho no trabalho”. A terminologia torna-se essencial para diferenciar objetos e para padronizar suas definições. Quem não entendia a denominação e a função dos objetos não era incluído nas indústrias, naquela época, que eram a melhor estrutura para alguém firmar-se socialmente e financeiramente. Conforme Corbeil (1984, *apud* Barros, 2004, p.27):

Os vocabulários de especialidade são produzidos pelos próprios especialistas, difundidos pelas publicações e seu uso como vocabulário de trabalho, ensinado pela escola, juntamente com os conhecimentos de cada especialidade. Tornam-se, inevitavelmente e prioritariamente, os preliminares de um programa de desenvolvimento e de participação em uma civilização industrial.

A consolidação da sociedade industrial promoveu padronização linguística e também discriminação das línguas minoritárias, quando exigiu aquisição de vocabulário especializado, requisito para inserção do proletariado na nova ordem econômica e social. Nessa nova ordem surgiu uma nova sociedade e, com ela, uma comunicação mais eficiente e mais rápida que a anterior e uma economia robotizada, mundialmente conhecida. No século XIX, Barros (2004, p. 32) esclarece:

o termo terminologia conquistou um espaço nos dicionários europeus, como o *Dictionnaire des sciences, des lettres et des arts* de Bouillet (7ed.) que, em 1864, descrevia-o como palavra que designa um conjunto de termos técnicos de uma ciência ou de uma arte e das ideias que ela representa. Como campo de estudo, *terminologia* é finalmente registrada na terceira edição do *webster*.

Essa linha caracteriza a inserção da Terminologia como campo de conhecimento na Europa, e, em função da consolidação da sociedade industrial, se estenderá para outros territórios, inclusive o Brasil, nos anos posteriores.

No século XX, no cenário nacional, especificamente o ano 1905, o Brasil tem seu primeiro debate sobre normalização técnica, realizado pela Escola Politécnica, atual Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT). Iniciam-se aí as primeiras reflexões terminológicas no país. O movimento é, a princípio, lento, tímido, sem marcos importantes nas três décadas subsequentes. Somente em 1936 há expressividade terminológica com o movimento Pro-ABNT, organizado pelo IPT.

A efetivação da Associação Brasileira de Normas Técnicas ocorreu, verdadeiramente, em 1940, conforme Dias (2011, p. 52)<sup>14</sup> e suas primeiras normas se referiram à especificação para o cimento Portland. Nessa época a economia brasileira não se expunha à concorrência internacional e era grande importadora de tecnologia externa. A ABNT mudou o perfil nacional. A fundação da *International Organization for Standardization* (ISO), em 1947, em Genebra, na Suíça e a criação do Comitê Panamericano de Normas Técnicas (CPANT), atualmente, Comissão Panamericana de Normas Técnicas (COPANT)<sup>15</sup>, em São Paulo, em 1949, contribuíram para a projeção do Brasil no cenário internacional de Normas Técnicas e para a difusão de uma terminologia mais especializada.

---

<sup>14</sup>DIAS, J. L. *História da normalização brasileira* / Associação Brasileira de Normas Técnicas. – Rio de Janeiro: ABNT, 2011. 112 p. ISBN 978-85-07-02528-3. Disponível em <http://www.abnt.org.br/images/pdf/historia-abnt.pdf>, acesso em 20/04/2015.

<sup>15</sup>Mais informações disponíveis em <http://www.copant.org/index.php/es/noticias/dia-mundial-de-la-normalizacion>, acesso em 21/04/2015.

No cenário internacional, o período compreendido entre 1930 e 1960, conforme apregoa Cabré (1993, p. 28), envolve a organização de métodos de trabalho terminológico que considera o caráter sistemático dos termos. Encabeçam o processo o austríaco Eugen Wüster (1898 - 1977), considerado fundador da terminologia moderna e representante da escola de Viena e os russos D. S. Lotte (1889-1950) e E.K Drezen (1892-1936), fundadores da Escola Soviética de Terminologia e da Comissão Eletrotécnica Internacional (CEI), primeira associação internacional de normalização. Wüster inicia seu interesse pelo universo das línguas ainda na adolescência. A tradução do Esperanto para o Alemão encontra nele um colaborador. Seu primeiro ensaio como pesquisador foi a compilação para o dicionário Esperanto – Alemão, intitulado *Enciklopedia Vortaro Esperanto-Germana* (1929). Em 1931 Wüster apresenta sua tese de doutoramento *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*, na universidade de Viena. Essa pesquisa discute a situação em que se encontrava a terminologia, estabelece preceitos para o enfoque terminológico, propõe princípios para criação de termos que resultam decisivos para a consolidação da terminologia.

Simultaneamente, na União Soviética, dois outros investigadores, Lotte e Drezen, atuavam no mesmo campo. Ambos, assim como Wüster, discutiram a insuficiência e a deficiência de linguagem técnica e os prejuízos que isso trazia para o desenvolvimento da economia nacional e internacional. A ausência ou uso inadequado de termos tornou lento o desenvolvimento na área da ciência. Esses russos defenderam a criação de conceitos claramente definidos, a unificação e a standardização dos termos, e, de tal forma, cooperaram para pôr em ordem a situação terminológica. Nesse sentido, Lotte começou a construir as bases de uma teoria e de uma metodologia terminológica. Em contrapartida, o pesquisador austríaco estabeleceu as bases da chamada Escola Terminológica de Viena. A propalação da tese de Wüster e sua tradução para o russo foi a base de uma intervenção internacional, incidindo na criação do Comitê Técnico 37 (TC37) de ISA (International Standardization Association), na Rússia, em 1936. O TC37 planejou unificar os métodos de trabalho e apresentou as primeiras terminologias especializadas, porém a segunda guerra mundial fez com que as atividades fossem interrompidas, sendo reavivadas apenas nos anos cinquenta.

Wüster, Lotte e Drezen deram continuidade às suas pesquisas e os três publicaram resultados de suas investigações e análises da situação da terminologia em seus respectivos países. Em 1955 o austríaco divulga *Bibliography of monolingual Scientific and Technical Glossaries*, obra relevante para os estudiosos que se interessam pelo tema. Em 1961, após a morte de Lotte, seu estudo *Fundamentáís of the Structure of scientific and Technical*

*Terminology* veio a público. Esse trabalho pioneiro na investigação terminológica foi responsável pela criação do Comitê para a Terminologia Científica e Técnica (KNTT), dentro da Faculdade de Ciência da União Soviética. Na União Soviética, os estudiosos seguiram os princípios e métodos estabelecidos por Lotte e, na Áustria, os pesquisadores seguiram Wüster, considerado por eles o criador da Teoria Geral da Terminologia (TGT). Os três preceptores eram engenheiros e abriram espaço para que profissionais de outras áreas pudessem atuar na terminologia, mas somente após os anos cinquenta houve interesse de linguistas em refletir, dentro da concepção comunicativa da língua, os aspectos terminológicos.

A estruturação da terminologia, à luz da linguística, ocorreu entre os anos 1960 e 1975, após a evolução da tecnologia da informática, o surgimento de bancos de dados e a organização internacional de Terminologia. Em 1962, Austin publicou *How to do things with words*<sup>16</sup>; Wüster, em 1971, escreveu *Les classifications de notions et de thèmes: Différences essentielles et applications*, e, em 1974, divulgou *The road to Infoterm* (1974a) e *L'inversion d'un rapport notionnel et les symboles correspondants utilisés en lexicographie* (1974b). Nesse direcionamento os linguistas iniciam sua atuação, corroborando para os fundamentos da terminologia no processo de normalização de uma língua. Entre os trabalhos colaborativos estão o de Dubois<sup>17</sup> (1966), Phal<sup>18</sup> (1968), (1969), Corbeil<sup>19</sup> (1973), Guilbert<sup>20</sup> (1973), Guilbert e Peytarde<sup>21</sup> (1973), Rey (1965). Houve, portanto, certo progresso da prática de elaboração de obras terminográficas em diferentes campos, ampla discussão dos modelos teóricos e dos princípios metodológicos da Terminologia. Em tal sentido, pontua Barros (2004, p. 33) “a UNESCO mantém desde 1971 o Centro Internacional de Informação sobre Terminologia (InfoTerm), criado para divulgar informações, eventos, cursos, projetos, material didático, organismos de Terminologia.”

Em função do rápido desenvolvimento científico e técnico surgem novas áreas de pesquisas e conceitos que requerem novas denominações. No âmbito das relações internacionais, tanto na política como na economia e cultura, houve demanda para o

---

<sup>16</sup> Obra traduzida por Danilo Marcondes de Souza Filho com o título “Quando dizer é fazer: palavras e ação”, disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2154814/mod\\_resource/content/0/Austin%20Quando%20dizer%20%C3%A9%20fazer.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2154814/mod_resource/content/0/Austin%20Quando%20dizer%20%C3%A9%20fazer.pdf), acesso em novembro de 2016.

<sup>17</sup> *Les problèmes du vocabulaire technique* (1966)

<sup>18</sup> *De la langue quotidienne à la langue des sciences et des techniques* (1968) e *La recherche en lexicologie au CREDIF – La partie du lexique commun dans les vocabulaires scientifiques et techniques*.

<sup>19</sup> *Guide de travail en terminologie*

<sup>20</sup> *La spécificité du terme scientifique et technique*

<sup>21</sup> *Les vocabulaires techniques et scientifiques*

intercâmbio de conhecimentos, o que fortaleceu a relação entre Terminologia, políticas linguísticas, língua e sociedade. O advento da informática, sempre inovando, e o método de organização de informações ainda mais avançado trouxeram mudanças nas condições de trabalho na área e no processo de análise dos dados terminológicos. Resumindo o já exposto, temos que a Terminologia nasce com a necessidade de padronização, devido ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico em que figuram os países desenvolvidos e aqueles em processo de desenvolvimento.

Em 1977 surge a Rede Internacional de Terminologia (TermNet), que atua em parceria com o InfoTerm. Despontaram, em tal fase, vários estudiosos que focaram os objetos da Terminologia e sua estruturação. Seus estudos aparecem em eventos acadêmicos e revistas específicas, tais como, *Meta* e *Terminogramme*. Além de Wüster (1981), contribuíram, com suas obras, para expansão do objeto e estruturação da Terminologia, nesse período, Auger (1979), (1982), (1984), Boulanger (1979), Drodz (1979), (1985), Duarte (1985), Dubuc (1979), (1985), Drodz (1979), Galinski (1982), Galisson (1978), Goffin (1977), (1979), (1985), Gouadec (1984), Guilbert (1977), (1979), (1981), Haensch (1983), Hohnhold (1984), Lotte (1981), Picht (1984), Quemada (1978), Quist (1984), Renaud (1984), Rey (1979), (1988a, 1988 b), Rondeau (1979), (1980), (1983), Rondeau e Felber (1981), Sager (1983)<sup>22</sup>. No Brasil, a Terminologia está integrada, desde meados dos anos 1980, à Lexicologia e à Lexicografia e seus primeiros frutos surgiram na Universidade de São Paulo (USP), na Universidade Federal de Brasília (UnB) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A terminologia da área da saúde em nosso país, instigou-nos pela alta produtividade de formas variantes.

A Medicina, antiga e sólida ciência, conforme explana Santiago (2010, p. 402), desenvolveu, *a priori*, “linguagem de difícil compreensão, repleta de particularidades (...) numa tentativa de alcançar o máximo de exatidão no significado, contribuindo para uma troca comunicativa eficiente dos conhecimentos científicos entre cientistas de diferentes países”. Essa conduta dialoga com a de Wüster que defende, na TGT, que a comunicação deveria ocorrer de forma exata, sem abertura para a variação. Ainda, segundo Santiago (2010, p. 400):

A exatidão no nível conceitual (monorreferencialidade), tanto quanto a noção de exclusividade denominativa (univocidade), em que cada termo deveria designar apenas um conceito, são as condições ideais para uma padronização, que visa garantir a perfeita comunicação científica e técnica em nível

---

<sup>22</sup> Esses autores são citados por Cabré (1993) e Barros (2004).

internacional. No interior da TGT está o pensamento de que o termo é uma unidade cognitiva, em que cada unidade representa um conhecimento específico dentro de um domínio de especialidade. Contudo em decorrência do amadurecimento dos estudos terminológicos, novas concepções surgiram.

Wüster, referência na Terminologia clássica, defendeu a não ambiguidade e a univocidade da linguagem de cada especialidade. Na sua época o enfoque foi para análise cognitiva e normativa e seu objetivo foi criar uma metodologia baseada na sistematização de conceitos. Com o decorrer dos anos, outros estudos na área mostraram que a metodologia Wüsteriana estabeleceu barreiras na comunicação entre os especialistas, pois o dinamismo da língua que inclui em seu uso real as variantes terminológicas, a sinonímia e a polissemia não tinha espaço na TGT. Sua aplicação está condicionada às áreas que requerem a normatização terminológica, com a finalidade de prover a comunicação, conforme apregoam Krieger & Finatto (2004, p. 28), ao tratar do objetivo da TGT “o objetivo de delinear diretrizes pragmáticas de normatizar as terminologias, visando a facilitar seu uso unívoco mundialmente”. Nessa perspectiva, o termo é caracterizado pela univocidade, monorreferencialidade ou monossemeia e dependência de uma única área de domínio. Tal condição imposta ao termo foi questionada.

Na Europa, os avanços dos estudos terminológicos foram em direção a outras teorias, cujas vozes fazem críticas à posição teórica da Teoria Geral da Terminologia, por segmentar a realidade em ciência. Para Tebé (1996, p. 155), as fronteiras claras que assume essa teoria não condizem com o mundo em que vivemos. A estabilidade do termo torna-se questionável. Na década de 1960, o campo da linguística se movimenta com a teoria laboviana, a Sociolinguística, que percebe a língua como fato social e, como tal, passível de variação. Sua análise perpassa os contextos socioculturais de uso real da língua. Discute-se nessa teoria as variantes diatópica, diastrática, diafásica e histórica. Para Barros (2004, p. 64), “ela [a sociolinguística] opõe-se à análise *in vitro* das terminologias e propõe um estudo *in vivo* nas línguas de especialidade”. Sair do *in vitro* (como faz a TGT) para o *in vivo* é a proposta que surge da fusão da Sociolinguística Laboviana com a Terminologia: a Socioterminologia, teoria fundamentada por Gaudin na década de 70 e 80, que prioriza o aspecto social e variacionista da língua e evidencia o uso real da linguagem de especialidade. Neste trabalho, daremos enfoque à variação padrão e não padrão na área da saúde.

Contemporânea à Socioterminologia, tivemos na Espanha outra tese, a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), idealizada por Maria Teresa Cabré nas décadas de 80 e 90, que discute a variação linguística provocada pelas mudanças motivadas pelo dinamismo da

língua e do contexto socioeconômico. Para a fundadora (1999, p. 126), a TCT, tanto do ponto de vista teórico como do metodológico, contempla a variação linguística em sua dimensionalidade, assume a condição de adequação dos termos e integra aspectos psicolinguísticos e sociolinguísticos<sup>23</sup>. Cabré sustenta a variação como fenômeno natural, inerente à linguagem que deve ser contemplada e descrita (Cabré, 1999, p. 106). Mais adiante, na Bélgica, em 2000, Rita Temmerman, desenvolve a Teoria Sociocognitiva e, influenciada pela hermenêutica, defende uma nova concepção de termo, a saber: a delimitação do conteúdo toma como base o texto no qual o termo está inserido. Dessa forma é observada sua unidade de compreensão ou entendimento, ou seja, parte-se do princípio que o conceito não é universal nem imutável, e, sim, um conjunto de elementos linguísticos organizados em um texto de dimensão linguística, pragmática, discursiva e comunicativa.

Os termos comportam mais de um significado e outros modos de representação denominativa, como, por exemplo, os sinônimos. Percebemos a complexidade que envolve a análise de um termo e decidimos, para esta pesquisa, trabalhar sob a perspectiva variacionista, entendendo que a biunivocidade dos termos não é um fato sempre possível e consumado na realidade do discurso da saúde. Tratamos a variação denominativa dos termos relacionados à saúde, extraídos de documentos autênticos e fiáveis.

Em 1990, ocorre no Brasil o Simpósio da RITerm, o mais importante para Terminologia, quando os pesquisadores abordaram vários segmentos da área em expansão, entre eles, a documentação e a tradução. Iniciou-se, portanto, o interesse na organização sistêmica dos dados, na realização de repertórios terminológicos e em outros produtos terminográficos que propiciassem melhor comunicação entre especialistas a nível global.

Para a expansão da Terminologia, projetaram-se ideias, relatos, indagações a respeito dos problemas que envolveram os termos técnicos científicos, e considerações a respeito do papel normativo dos objetos terminológicos. Tais questões já vinham sendo discutidas na Europa, e o Brasil, a partir desse evento, partilha da complexidade constitutiva da Terminologia e vislumbra suas infinitas possibilidades de trabalho, entre elas, a normalização e a normatização dos termos.

---

<sup>23</sup> “Esta teoría, que hemos denominado Teoría Comunicativa de la Terminología, requiere que, tanto desde el punto de vista teórico como desde el punto de vista metodológico, se contemple la variación lingüística en toda su dimensionalidad, se asuma la condición de adecuación de los términos y se integren los aspectos psicolingüísticos implicados (compartidos con la perspectiva cognitiva) y los elementos sociolingüísticos relacionados (compartidos con la perspectiva social).”

A respeito da distinção entre normalizar e normatizar, Krieger e Finatto (2004, p. 39) definem “normalizar compreende aparelhar as línguas para todas as formas de expressão, sobretudo a expressão técnico-científica. Normatizar diz respeito à fixação de uma determinada expressão como a mais adequada”. Além de normalizar e normatizar, encontramos também, como meio de intervenção e controle dos vocabulários e conceitos da língua de especialidade, a harmonização. A harmonização, conforme Barros (2004, p.88), “constitui o resultado de um acordo estabelecido sobre o uso de conjuntos terminológicos empregados em um dado domínio. Esse procedimento tem por objetivo evitar ambiguidade, tornando a comunicação mais eficaz e fácil”.

No intuito de harmonizar, normalizar e normatizar, a Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, membro fundador da International Organization for Standardization (Organização Internacional de Normalização - ISO), da Copant e da Asociación Mercosur de Normalización (Associação Mercosul de Normalização - AMN), é a maior referência no contexto nacional. Desde a sua fundação é membro da International Electrotechnical Commission (Comissão Eletrotécnica Internacional - IEC), e, atualmente, é o órgão responsável pela publicação das Normas Brasileiras (ABNT NBR), elaboradas por seus Comitês Brasileiros (ABNT/CB), Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS) e Comissões de Estudo Especiais (ABNT/CEE). A ABNT trabalha em sintonia com governos e com a sociedade, contribui para a implementação de políticas públicas, promovendo o desenvolvimento de mercados, a defesa dos consumidores e a segurança de todos os cidadãos. Não há, porém, um Comitê de Terminologia responsável pela Ciência da Saúde.

Percebemos na política do Ministério da Saúde (MS) uma preocupação com a criação e movimentação de Comitês Assessores. A criação de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), em 1999, por exemplo, foi resultado do convênio entre BIREME e o Comitê Assessor Nacional de Instituição. Foi desenvolvido pela BIREME a partir do MeSH (Medical Subject Headings da U.S. National Library of Medicine), para uso na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas bases de dados LILACS, MEDLINE e outras. Tal órgão oferece, também, ao consultante, terminologia comum à área da saúde em três idiomas: Português, Espanhol e Inglês. O acesso a DeCS é livre pelo site <http://decs.bvs.br/>.

O DeCS será abordado em nosso estudo como instrumento de referência dos termos relacionados, direcionado pelo site MS, seu formato de vocabulário estruturado está adequado à nossa demanda. Não está claro no texto de apresentação do vocabulário em qual proposta entre normalização, harmonização e/ou normatização se encaixa o Descritores em Saúde – DeCS. Vimos que a ele cabe elencar, aparelhar, controlar e fixar formas que delimitam o vocabulário técnico da área da saúde. Consideramos que o critério de harmonização terminológica seja o mais adequado em função da abordagem e divulgação das formas terminológicas que expressam sinonímia apresentadas pelo vocabulário estruturado do MS.

A terminologia, no espaço de divulgação de conhecimentos específicos, é o veio direcionador do código linguístico, pois modela a linguagem, para atender o público alvo conforme a área em curso. Para Sager (1990, p.4) “a Terminologia diz respeito ao estudo e ao uso de sistemas de símbolos e signos linguísticos empregados para a comunicação humana em áreas de atividades de conhecimentos especializados”. Esse sistema de símbolos e signos adequa-se ao nível de linguagem exigido, pois ele transita entre os mais específicos quase inteligíveis aos mais populares, portanto, de fácil depreensão.

Intriga-nos a pouca presença de trabalhos que envolvam médicos e terminólogos, uma vez que juntos poderiam suprir a lacuna que existe no processo interacional entre médicos e seus pares e médicos e pacientes. Essa percepção move-nos para uma discussão dentro da teoria terminológica, contextualizada, construída por e para um grupo de pesquisadores com foco em sua aplicabilidade, em seus produtos terminográficos, tratados por terminólogos e voltados para o público geral. A função dos recursos terminográficos vai além da esfera didática, atua em segmentos direcionados à difusão de conhecimento, a partir de um código acessível e aplicado à prática investigativa, como observamos em dicionários específicos, repertórios, glossários, cartilhas, blogs, manuais, entre outras possibilidades.

Nessa direção, trabalhamos os dados, convertendo-os em um recurso terminográfico útil, apto à difusão de conhecimento de uma linguagem marcada por aspectos regionais e variacionistas. A terminologia proposta se insere na perspectiva da harmonização, na simplificação das informações e na coocorrência no relacionamento terminológico. Nosso trabalho iniciou-se antes da obtenção dos dados, com leituras sobre a teoria e a aplicação da Terminologia sob a perspectiva do linguísta e a realização de cursos na área. Aprendemos com os terminólogos que a elaboração e divulgação de instrumentos terminográficos não garante a comunicação, apenas contribui para sua realização.

## 1.2. Entre a teoria e a aplicação

A Terminologia configura-se, no campo do conhecimento, como disciplina; apresenta abordagem teórica e aplicada cuja finalidade, nas duas, é transmitir o saber especializado e atuar na resolução de problemas relacionados à comunicação e à informação; possui desenvoltura interdisciplinar pela estreita ligação com as áreas de humanas, exatas e biológicas, pois em todas as esferas, o vocabulário técnico e a linguagem de especialidade são imprescindíveis; dá suporte à prática terminográfica direcionada a prover a comunicação entre especialistas e, em nosso caso, entre especialistas e leigos.

Nas Ciências da Saúde, a comunicação eficaz está relacionada com a desenvoltura da linguagem, e torna-se exitosa quando não apresenta terminologia obscura. Para melhor trabalhar a teoria e a aplicação da Terminologia, relatamos, em breves linhas, o ambiente que adentramos na perspectiva de observar como ocorre o processo da comunicação entre os profissionais e seus pacientes. A prática nessa área requisita contato interpessoal, e, exclusivamente na relação com o paciente está previsto, desse contato, um contrato de confiança entre os partícipes, em que um, demanda atenção e cuidados, e, o outro assegura conhecimento técnico-científico específico e habilidades provedoras desse conhecimento. Entre essas habilidades inclui-se a comunicação fluente, respeitosa, sem preconceito ou juízo de valor.

A respeito da comunicação que envolve os profissionais da saúde, citamos o estudo de Lira *et al.* (2014), que traz considerações referentes ao uso da linguagem e da terminologia da área da saúde. A pesquisa foi realizada com base em observação e descrição de atendimentos médicos dos ambulatórios de pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, processo nº 118.145, de 09/10/2012. Entre os resultados, o fator negativo está em um dos procedimentos de consulta, “o uso da linguagem com terminologia da área da saúde (50%)”. Nesse caso, a terminologia densa, de difícil compreensão e “a referência de que o médico não explica adequadamente (19,5%)”, está diretamente relacionado a fatores dificultadores da comunicação. Os aspectos positivos associam-se “a atenção dispensada ao paciente/família” e ao “exame clínico detalhado”. Ainda, nessa pesquisa foi constatada, a partir de sugestões de pacientes, que a melhoria do atendimento médico requer “explicações mais simples” por parte do profissional. Na imagem (LIRA *et al.*, 2014, p. 427), a seguir, vemos, no quadro 1, os principais motivos referidos pelas mães que são os dificultadores da comunicação, durante o atendimento médico

**Tabela 1.** Aspectos relacionados ao não entendimento durante o atendimento médico. Ribeirão Preto 2013.

	n	%
Uso de terminologia técnica	59	50,0
Médico não explica adequadamente	23	19,5
Dificuldade de relacionamento com o médico	9	7,6
Não sabe perguntar para o médico	9	7,6
Médicos diferentes em cada consulta	9	7,6

**Quadro 1:** Aspectos discursivos

Fonte: Lira *et al*, 2014, p.427

Os dois primeiros aspectos relacionados ao não entendimento, durante o procedimento, ilustram nossa preocupação: a comunicação que se dá entre profissional de saúde e paciente, na Saúde Básica do SUS. Certamente os apontamentos desses pesquisadores não são diferentes dos que ocorrem na Estratégia Saúde da Família, eixo desta tese. Para uma comunicação interacional fluida e eficiente, a transmissão de informações atribuídas à terminologia utilizada pelo profissional da saúde deveria ser mais acessível, mais simples, ou seja, mais próxima à linguagem do paciente. Segundo Lira *et al.* (2014, p. 429), quando a comunicação entre as partes ocorre de maneira satisfatória, observa-se “maior adesão ao tratamento” prescrito, “melhores resultados clínicos e redução de prescrições medicamentosas”, indicando que o bem-estar do paciente se liga diretamente à comunicação exitosa. Os autores constataram que “a satisfação do paciente/ família está diretamente relacionada com a quantidade e a qualidade das informações fornecidas pelo profissional sobre suas condições de saúde”.

Além do mais, os autores, que também são profissionais da saúde, defendem que o paciente, mais que atenção técnica e especializada, necessita de contato humano “facilitado em todos os aspectos e passando pelo modo de comunicação e pelo acolhimento de que são merecedores todos os indivíduos”. Para eles, as habilidades de comunicação deveriam ser trabalhadas constantemente durante a formação médica e a essa observação, acrescentamos, nos parece bastante conveniente o conhecimento em Terminologia. Tal conhecimento auxiliaria o profissional quanto ao uso de uma linguagem simples e acessível em sua prática.

A linguagem do profissional precisa ser clara e pontual. Preocupar-se com o que diz, para quem diz e o como diz é necessário para o repasse adequado de informação ao leigo, caso contrário, o profissional indiferente a isso, tornar-se-á distanciado, frio, incapaz de imaginar os possíveis problemas que sua atitude ocasiona. Nesse direcionamento, em que importa uma

conduta linguística consciente do profissional de saúde, o Dr. Soar Filho (2006, p. 40) considera:

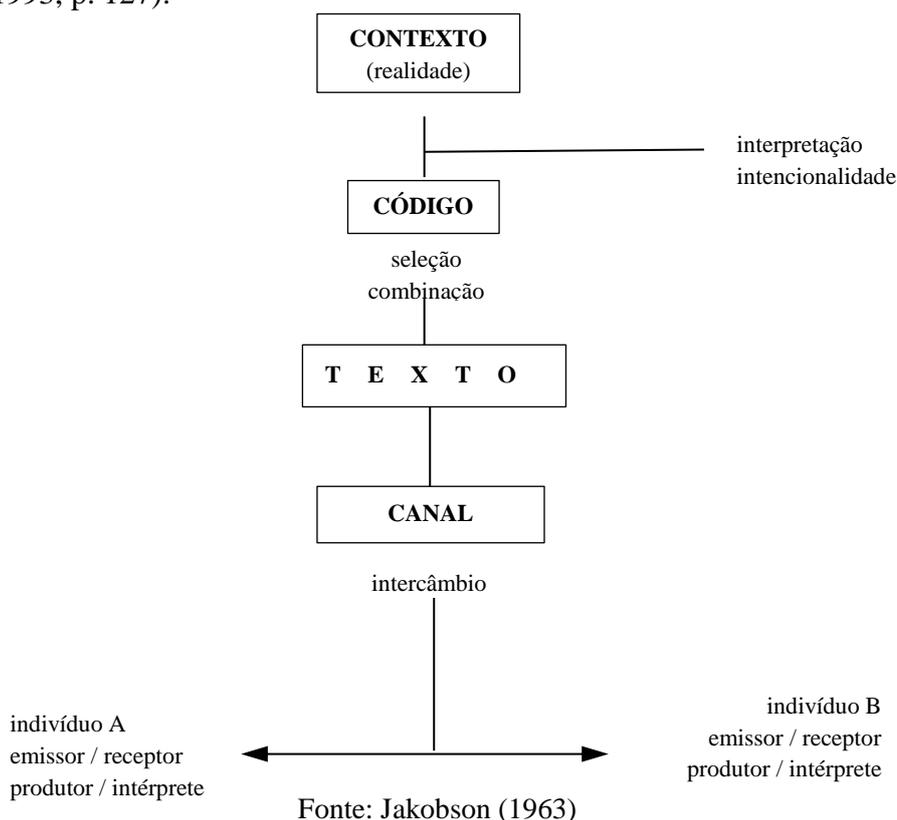
o discurso médico pode constituir-se numa forma bastante ostensiva de diferenciação cultural e de *status* social: o uso de terminologia técnica inacessível a não-iniciados, que pode incluir palavras para nós corriqueiras, como “edema”, “cefaléia” e “sutura”, mas que são desconhecidas para a maioria das pessoas. De pouco vale, entretanto, um paciente subserviente que está, ao mesmo tempo, infantilizado pela falta de conhecimento, paralisado pelas fantasias com que substitui este conhecimento, e incapaz de seguir adequadamente instruções que lhe foram transmitidas de forma pouco compreensível. Cabe ao médico levar em consideração não só as limitações intelectuais e educacionais dos clientes, mas também respeitar as possíveis diferenças culturais, muitas vezes confundidas, de forma preconceituosa, com ignorância.

É certo que as diferenças culturais se relacionam à extensão territorial ao processo de povoamento e à construção social sofridos pelo Brasil. Considerando o hibridismo linguístico resultante do povoamento, sua dimensão e o quão complexa é sua reestruturação, não poderíamos esperar, para os dias de hoje, uma sociedade e uma linguagem homogeneizada. Para esta tese não realizamos o estudo de fatores sociais em que discutiríamos escolaridade, classe social e idade dos informantes – isso foi feito pelos autores das obras que servem de referência para o *corpus* deste estudo – e as condições de uso que implicariam a adoção de um ou outro termo. Limitar-nos-emos à proposta de organização, sistematização e descrição do campo conceitual de dados da terminologia popular para os membros da Equipe de Saúde da Família, nossos destinatários. Nossa meta é a instrumentalização da comunicação através da disponibilização de recursos terminográficos. Para prosseguirmos, refletimos sobre o ato denominativo, o domínio da linguagem médica e a terminologia que aí se instaura.

Segundo Cabré, quando dois indivíduos são os interlocutores em um ato comunicativo, eles atuam, alternadamente, como emissores e receptores de uma mensagem. As características idiossincráticas influenciarão não apenas a interpretação da realidade, mas as probabilidades de construção e interpretação do código emitido. Ambos influenciados conforme sua concepção de vida. Decerto o falante interpretará a mensagem que recebe a partir daquilo que vivencia em seu ambiente. Para a terminologia, um texto não é uma mera unidade linguística, é um meio de

expressão e transmissão cultural que permite aos indivíduos relacionar-se entre si. Por isso, para caracterizar de forma adequada um texto, devem ser analisados, além dos aspectos linguísticos, outras questões complementares.

Já tínhamos consciência de que a comunicação, no contato direto entre profissional de saúde do SUS e usuário, não ocorria de forma efetiva, devido a problemas no uso de linguagem pouco acessível tanto por parte do médico, que possui vocabulário técnico, como vimos em Lira *et al.* (2014), quanto por parte do usuário, principalmente o de região interiorana, por seu vocabulário marcado de regionalismos. A prática comunicativa exige formas discursivas adequadas e coerentes com o contexto. No esquema proposto por Jakobson (1963), a situação comunicativa está ilustrada no quarteto “contexto, código, texto e canal”. Em cada etapa, uma proposta envolve realidade, interpretação, intencionalidade, seleção, combinação, intercâmbio, emissão e recepção da mensagem, conforme o esquema proposto por Jakobson (1963 *apud* Cabré 1993, p. 127):



O conhecimento popular perpassa por todas as etapas, ilustradas na figura e ele se constrói a partir da cultura vivenciada, das experimentações, transferidas de geração a geração, das crenças e observações registradas ao longo dos tempos.

Conseqüentemente, a análise de um texto é complexa conforme a linguagem nele utilizada. Tal complexidade se manifesta em diversos aspectos, em função do seu caráter linguístico, pragmático, sociolinguístico, cultural e antropológico. Cabré considera o texto como elemento de interação entre a linguagem e a realidade, considerando-a múltipla, pluridimensional e dinâmica e como uma unidade que mostra a complicada rede de relações multilaterais entre todos os fatores em uma interação. Essa complexidade alcança a rotina comunicativa dos postos de saúde em que atuam médicos estrangeiros e de diferentes estados.

Todo contexto comunicativo possui intencionalidade de interpretação de código, mas interpretar exige estruturação textual, a partir de seleção ou combinações que veiculem informações capazes de estimular o intercâmbio de saberes entre emissor e receptor. A condição emissor / receptor está associada a atos de interpretar e interagir, ambos fundamentais para a consumação do processo comunicativo. Para comunicar-se é necessária, além do intercâmbio de saberes, a permuta de papéis, ora como emissor, ora como receptor. Nesta pesquisa, temos nos papéis citados, o profissional da saúde básica do SUS e o paciente, cidadão comum, e a terminologia proferida na interação entre eles entravando a comunicação. O registro das variantes na terminologia popular correspondente à área da saúde faz-nos refletir acerca das denominações.

Os pilares bibliográficos canônicos da Saúde e da Medicina trazem termos nomeados em Grego, Latim e Inglês em função do ponto de partida desse conhecimento e a área de maior produtividade, tornando hermética a linguagem que transita no ambiente dos profissionais dessas áreas, propiciando a difusão de denominações densas que imperam na frequência de uso. Constatamos preocupação dos próprios profissionais com tais denominações e as relações criadas em seu entorno.

Soar Filho (2006, p. 40), escritor e médico, defende que, para além das denominações, há que levar em consideração os atributos pessoais do médico e as atitudes terapêuticas desejáveis para uma boa interação que envolve: empatia, continência, capacidade de comunicação e de conotação positiva.

Sobre as denominações, elas podem ser entendidas como positivas ou negativas, conforme a maneira como são organizadas e apresentadas à população, durante atendimento médico. É certo que a linguagem cuidada, objetiva e contextualizada assegura compreensão mútua. O vocabulário médico adotado pela classe que o representa impõe o hermetismo

linguístico e cultural. A *Nômina Anatômica*<sup>24</sup>, documento de referência terminológica na área médica, é um exemplo disso. Tal documento sofreu alterações em 1997, justificadas pela necessidade de uniformização incutida pela globalização. Atualmente, o mesmo trabalho intitulado *Terminologia Anatômica*, é a versão brasileira, publicada em 2001. Na época, discutiu-se a tradução para o Português do Brasil como inadequada, por conter estruturas anatômicas que não estão coerentes com uso corrente do vocabulário médico, por priorizar as estruturas de Portugal. Citamos apenas um exemplo para introduzir o tema da variação, que será discutido nas próximas seções. A “nova nomenclatura” traz o termo *orelha* para substituir *ouvido*. Reconhece *Orelha externa, Orelha média e Orelha interna*. Na fala dos médicos brasileiros ainda permanece *ouvido*. Poderia ser esse um caso de mudança terminológica em processo? Possivelmente, pois a imposição de um termo sobre o outro, substituindo-o, gera processo de mudança.

O abandono ou mudança de termo é comum a toda área de conhecimento especializado, porém questionamos os casos impostos pela *Terminologia Anatômica*, pois trata-se de uma terminologia que não é comum em nossa cultura, sobrepondo-se a ela. Discordamos das proposições de mudanças que não caracterizam o uso em vias de fato. Não precisamos aprofundar essa problemática para entender que a expressão *estar com dor de ouvido* fixou-se e que a expressão *estar com dor de orelha* é estranha, uma vez que se tem a sensação de estar proferindo um termo inadequado, desconexo. A adequação ou inadequação de um termo, sua mudança ou fixação é assunto para a Terminologia.

Para Wüster (1998 *apud* RABELLO, 2011 p. 15), “a Terminologia é um sistema de conceitos e denominações de uma especialidade, que trata um conjunto de termos acompanhados de seus significados”. Ela compreende uma área teórica e aplicada. Como teoria, assume um conjunto de diretrizes que regem a reunião, a formação de termos e a estruturação de campos conceituais. E, em sua área aplicada, volta-se para os princípios e as metodologias de compilação, organização e elaboração de instrumentos terminográficos, tais como: dicionários técnicos e/ou científicos, glossários, bancos de dados, mapas conceituais e/ou de domínios, entre outros. Neste estudo, projetamos um banco de dados que serve como base a um glossário, também proposto aqui, para a ciência da saúde, dois produtos terminográficos aplicados a um domínio específico.

---

<sup>24</sup> Disponível em <http://www.jmrezende.com.br/traducao.htm>, acesso em 12 de dezembro de 2016.

De acordo com Cabré (1993, p. 83)<sup>25</sup> não há apenas uma aproximação científica à matéria de terminologia, mas várias. A respeito disso ela elenca três:

a) partindo da linguística, a terminologia é uma parte do léxico especializada por critérios temáticos e pragmáticos; b) partindo das disciplinas científico-técnicas, a terminologia é o reflexo formal de sua organização conceitual e, em consequência, um meio inevitável de expressão e comunicação; c) partindo da perspectiva do usuário (seja direto ou intermediário), a terminologia é um conjunto de unidades de comunicação, úteis e práticas, que devem ser avaliadas em função de critérios de economia, de precisão e de adequação de sua expressão.

Diante do relatado por Cabré, nos posicionamos na Linguística, apresentamos elementos de um léxico específico a um usuário específico, e na perspectiva desse usuário propomos uma abordagem temática por meio de um conjunto de unidades de comunicação avaliadas em função de critério de adequação à sua expressão. De acordo com Cabré (1998, p. 70), não existe nenhuma disciplina estruturada que não disponha de terminologia e não existe nenhum modo de expressar nem de transferir conhecimento sem terminologia. Consideramos a linguagem proferida no domínio popular capaz de expressar e transferir conhecimento de uma área específica.

Entendemos que a Terminologia, na condição de melhor detentora e divulgadora dos termos de uma área, constitui ferramenta de potencial valor na comunicação, oferecendo subsídios para solucionar problemas relacionados ao uso de itens terminológicos, tanto os padronizadores quanto os estigmatizados por indivíduos de comunidades, estados e países diferentes.

Como todo processo científico de sustentação de uma teoria, a Terminologia passou por várias etapas de aprimoramento, desde a exigência da padronização unívoca até o reconhecimento da variação para se instalar, em nível nacional e internacional, em ambiente acadêmico, como a disciplina dos termos específicos. Tratamos, nas seções seguintes, a Teoria Geral da Terminologia, a Teoria Comunicativa da Terminologia, a Teoria Sociocognitiva da

---

<sup>25</sup> a) Desde la lingüística, la terminología es una parte del léxico especializada por criterios temáticos y pragmáticos. b) desde las disciplinas científico-técnicas, la terminología es el reflejo formal de su organización conceptual y, en consecuencia, un medio inevitable de expresión y comunicación. c) desde la perspectiva del usuario (ya sea directo o intermediario), la terminología es un conjunto de unidades de comunicación, útiles y prácticas, que deben evaluarse en función de criterios de economía, de precisión y de adecuación de su expresión.

Terminologia, a vertente Socioterminologia, o objeto terminológico, “termo”, a variação inerente a ele, e a classificação formal dessa variação, conforme Freixa (2002).

### 1.3 Teoria Geral da Terminologia

A Teoria Geral da Terminologia (TGT), em sua primeira orientação, trabalhou a natureza dos conceitos, suas relações conceituais e a vinculação termo / conceito. Tal enfoque separou os métodos de trabalho terminológico da lexicografia. Os terminógrafos atribuíam as denominações aos conceitos, partindo do conceito para o termo (processo onomasiológico) e os lexicógrafos atuavam em direção contrária, do termo para o conceito (processo semasiológico).

A TGT construiu os pilares da Terminologia, sistematizando-a e estruturando-a como disciplina. Seu precursor, o austríaco Eugen Wüster (1898-1977), considerado o fundador da Terminologia Moderna e o principal representante da chamada Escola de Viena, em 1930 almejou uma metodologia que impediria a ambiguidade na comunicação técnico-científica. Em 1931 apresentou sua tese de doutorado *Internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik* na Escola de Viena, comprovando a importância da Terminologia nos domínios técnicos e da normalização dos termos. Esse trabalho mostrou seu interesse, primeiramente, pelos métodos de recopilação e normalização terminológica. Os seus esforços resultaram na criação de uma estruturação metodológica e normativa, divulgadas em *The Machine Tool* (1968), que foram consideradas as primeiras bases de sua teoria terminológica. Sua persistência o leva a investigar mais teoricamente a natureza dos termos. Em vida, escreveu obras relevantes que mostraram a trajetória construída por ele. Em 1979, após sua morte, seus discípulos organizaram seus materiais e publicaram em Viena e Nova York *Einführung in die Allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie*, obra traduzida em Espanhol e outras línguas, destinada a divulgar a teoria geral da Terminologia.

De caráter prescritivo a TGT prioriza, no ambiente especializado, a linguagem ‘ideal’, unívoca, desconsiderando o dinamismo linguístico inerente ao processo comunicativo e objetiva, em seu campo de ação, a normatização, ou seja, a padronização internacional dos termos técnico-científicos. Simultaneamente à pesquisa de Wüster havia outros estudiosos envolvidos com a estruturação da disciplina terminológica. Esclarece Cabré (1993, p. 27):

Na abertura do Simpósio de Infoterm de 1975, o próprio Wüster atribui a paternidade intelectual da teoria da terminologia a quatro cientistas: o

alemão A. Scholoman<sup>26</sup>, que foi o primeiro a considerar o caráter sistemático dos termos de especialidade; o linguista suíço F. de Saussure, que foi o primeiro a enfatizar a sistematicidade das línguas; o russo E. Dressen, pioneiro em destacar a importância da normalização e impulsos da organização ISA<sup>27</sup> e o Inglês J. E. Holmstrom, que através da Unesco impulsionou a difusão internacional das terminologias e foi o primeiro em reclamar um organismo internacional que se ocupasse desta disciplina<sup>28</sup>.

Além desses, colaboraram para o estabelecimento dessa disciplina outros pesquisadores soviéticos e tchecos que deram origem às escolas de Terminologia austríaca, soviética e tcheca, consideradas *clássicas*. A escola vienense é mais divulgada pela sistematização de princípios e fundamentos que constituem a base teórica e prática da Terminologia moderna. A escola tcheca, inspirada no trabalho de Drodz, dedica-se ao trabalho de descrição estrutural e funcional das linguagens de especialização; percebe os termos como unidades que formam parte do estilo funcional profissional; interessa-se pela normalização das línguas e das terminologias. A escola soviética tem como representantes Caply-gin e Lotte que se interessam pela normalização de conceitos e termos como parte da solução para problemas de plurilinguismo da antiga União Soviética. A Terminologia, assim como toda área de conhecimento, entra em processo de ampliação a partir de 1985. Para Cabré (1993, p. 40), essas três escolas movimentam-se sob a mesma perspectiva de base linguística (consideram a Terminologia como um meio de expressão e de comunicação). Foram os terminólogos dessas escolas que alimentaram os aportes teóricos e o *corpus* de princípios metodológicos que presidem a aplicação terminológica e, ainda, tornaram-se referências para o planejamento linguístico e terminológico desenvolvido, mais tarde, pela escola de Quebec, no Canadá.

O desenvolvimento progressivo das ciências e das técnicas trouxe a necessidade de comunicação ágil entre setores e países. Dessa forma, a Terminologia entra em uma etapa de maior racionalização do trabalho, almejando funcionalidade adaptada a cada situação. Se antes ela era monovalente, as circunstâncias comunicativas lhe exigem um caráter polivalente, capaz de atender às necessidades e aos anseios de aproximar a tecnologia e o seu usuário, com foco na comunicação e interação local e global. Essa interação recebe um novo olhar a partir da Socioterminologia, cujo dinamismo linguístico e o uso terminológico revelam a condição

---

<sup>26</sup> Scholoman é autor de vocábulos técnicos em seis línguas publicados entre 1906 e 1928.

<sup>27</sup> ISA (Internacional Standardization Association), fundada em 1926, foi o primeiro organismo internacional de normalização e é o precedente de ISSO (International Organization for Standardization), atual organismo de normalização internacional

<sup>28</sup> Esse interesse levou em 1971 à criação, por parte da UNESCO, de Infoterm, centro internacional de documentação sobre terminologia.

variável própria da língua e, naturalmente, do termo, por ser ele parte dela. O foco na comunicação, na interação local e na prática social, defendido pela Socioterminologia, atende os quesitos primordiais desta pesquisa.

#### **1.4. Sociolinguística e Socioterminologia**

A Socioterminologia desponta como área descritiva que tem como objetivo as variações terminológicas, seguindo, grosso modo, a linha da Sociolinguística proposta por William Labov. Segundo Mendes (2010, p. 23) a Sociolinguística realiza estudo científico de fatos linguísticos através de pesquisas de campo, registrando, descrevendo e analisando, sistematicamente, diferentes falares, elegendo, assim, a variedade linguística como seu objeto de estudo. Para Alkmin (2003 *apud* Mendes, 2010, p. 24) “Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constituída do fenômeno linguístico.” Cabe a ela as diversas interações entre língua e sociedade.

A Socioterminologia teve sua estruturação na década de 90. Em 1991, o artigo *Une lecture sócio-culturelle de la terminologie*, escrito por Boulanger, defendeu a perspectiva Socioterminológica como atenuante dos efeitos prescritivos exagerados de algumas proposições normativas. Sua afirmação foi reconhecida e serviu como ponto de partida para discussões posteriores. Em 1993, Auger considera a Socioterminologia adequada, por ser o cruzamento da sociologia da linguagem e da harmonização linguística, diferente das imposições hiper normalizadoras da escola clássica que não atentava para o dinamismo da língua em uso.

Os precursores Boulanger e Auger perceberam outras faces além da puramente prescritiva que limitava a Terminologia. Uma das faces recebeu a atenção de Gaudin, em 1993. Em sua tese de doutoramento *Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*, ele deduziu que a Socioterminologia deveria focar o social, que até aquele momento não era expressado pela Terminologia tradicional. Postula Gaudin (1993 *apud* Faulstich 2006, p.34):

a Socioterminologia, com o suposto de que deseja ultrapassar os limites de uma terminologia "de escrivão", deve localizar a gênese dos termos, sua recepção, sua aceitação, mas, também, as causas do insucesso e as do sucesso, no âmbito das práticas linguísticas e sociais concretas dos homens que empregam tais termos. Estas práticas são essencialmente aquelas que se

exercem nas esferas de atividade. Eis porque a socioterminologia devia reencontrar as reflexões nos laços que se criam entre trabalho e linguagem.

A Socioterminologia vem atraindo pesquisadores interessados em uma abordagem voltada para a interação social, para o uso de dados reais da oralidade e para a variação inerente à expressão linguística. Essa abordagem possui estrutura suficiente para a análise fundamentada do termo na comunicação científica e tem, por finalidade, a realização da pesquisa terminológica a partir dos discursos provenientes das esferas técnicas, científicas e de especialidade. Para Faulstich (2006, p. 34):

uma teoria socioterminológica tem como *modus operandi*, numa mesma área de conhecimento, os diferentes níveis de comunicação que dependem das circunstâncias de emissão, das características dos interlocutores, do suporte por meio do qual se dá a comunicação, entre outros. Os especialistas em Socioterminologia têm voltado sua atenção para os diferentes discursos especializados, entre os quais se incluem os contextos orais, por entenderem que os termos variam e que as variantes devem ser levadas em conta na elaboração de produtos terminográficos.

Wüster defendeu a Terminologia unívoca, sem ambiguidades originárias de denominações plurivalentes e múltiplas, como termos homônimos, polissêmicos e sinônimos. Faulstich sustenta que a Terminologia deverá estar voltada para a observação do *uso* do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, e isso implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o termo é usado. Nesse sentido, a pesquisa socioterminológica considera os termos presentes no meio linguístico e social como entidades passíveis de variação e de mudança. A variação recebe uma organização e uma classificação propostas por Faulstich (2002) e Freixa (2002).

Faulstich (2002) propõe uma organização para classificação das variantes terminológicas em três tipos: concorrentes, coocorrentes e competitivas. Às primeiras, distribuiu as *variantes formais*, que abrangem duas subcategorias, as *variantes formais terminológicas linguísticas* – que se subdividem em fonológicas, morfológicas, gráficas, léxicas e sintáticas – e as *variantes formais terminológicas de registro* – que se subdividem em geográficas, discursivas e temporais; nas coocorrentes, ela inseriu os sinônimos, e na última, a de variantes competitivas, incluiu os empréstimos tanto os que se relacionam a formas vernaculares, a termos híbridos, decalcados quanto a um estrangeirismo. Deu, como exemplo,

o termo de uso regional *macaxera* que pode apresentar variação no plano fonológico com repercussão na forma gráfica, como em *macaxeira*.

Freixa tratou a variação em diversos estudos, mas o trabalho de maior relevância foi sua tese de doutorado (2002), de orientação comunicativa, que interpretou a sinonímia como variação denominativa e apontou as causas estilísticas, dialetais, funcionais, sociolinguísticas e cognitivas. Para ela os termos variam, porque estão ligados a diferentes parâmetros sociais em que se desenvolvem os discursos especializados. Situou seu estudo de unidades terminológicas dentro da perspectiva variacionista e defendeu (2002, p. 362) a necessidade do estudo contextual das unidades terminológicas por ser "a única via válida de observação desde que o que se pretenda apreciar (na Terminologia) são as características reais".

Nesse direcionamento, nos incluímos. Observamos o contexto terminológico da prática linguística da Equipe Saúde da Família da ESF, dentro da perspectiva variacionista, e analisamos a classificação da variação conforme o nível de especialização, pois entendemos que essa variação se dá porque o item terminológico está ligado a diferentes parâmetros sociais.

Em síntese, a variação denominativa refere-se, portanto, a dois ou mais significantes para um mesmo significado e a variação conceitual se relaciona à existência de dois ou mais significados para um mesmo significante. Interessa-nos, para esta tese, a abordagem de variação denominativa e conceitual apresentada por Freixa, por explicar as possibilidades de significantes e significados para o item terminológico. Tratamos a variação conceitual no item lexical terminológico, não padronizado, *amarelão*, e, nas siglas *CTI*, *PSF* e *ESF*, sendo a maioria de nossos dados exemplos da variação denominativa.

### **1.5. Teoria Comunicativa da Terminologia**

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) surge na Espanha, com Maria Teresa Cabré (1993, 1999) e tem por finalidade abarcar três dimensões científicas: a linguística, a cognitiva e a comunicativa. Para sua idealizadora, a TCT deverá dar conta da complexidade e “poliedricidade” dos termos, dos fenômenos da linguagem e dos aspectos cognitivos, linguísticos e comunicativos das terminologias. A teoria contempla, segundo Cabré (1999, p. 126), “a variação linguística em toda sua dimensionalidade, assume a condição de adequação terminológica, integra os aspectos psicolinguísticos (dentro da perspectiva cognitiva) e os sociolinguísticos (na perspectiva social)”.

Diante das condições expostas, a TCT assume, portanto, “o conhecimento especializado, os textos especializados e as unidades terminológicas em seus diferentes níveis de representação”, na intenção de que os termos sejam reconhecidos em toda sua realidade comunicativa e representativa e, dessa forma, como postula Cabré, garante que “a Terminologia do desejo passa a ser, efetivamente, a Terminologia da realidade”.

A TCT, segundo a mesma autora (1993, p. 82), associa a palavra Terminologia a três conceitos diferentes: “a) o conjunto de princípios e de bases conceituais que sustentam o estudo dos termos; b) o conjunto de diretrizes que se utilizam o trabalho terminográfico e c) o conjunto de termos de uma área de especialidade”. O primeiro conceito refere-se à disciplina, o segundo, à metodologia e o terceiro designa a área e o conjunto de termos correlatos, que está grafado com t minúsculo. “A partir do seu objeto de base, a linguagem em sua dimensão comunicativa, a Terminologia é uma matéria que forma parte da linguística aplicada”.

A Terminologia é o léxico especializado, sua organização conceitual precede critérios pragmáticos que a torna um meio inevitável de expressão através de suas unidades de comunicação. Ressaltamos que o êxito do trabalho do terminólogo está na seleção dessas unidades, na captação do valor que possuem na comunidade em foco, na utilidade e adequação ao discurso em estudo.

Em relação às diferenças que acompanham a Terminologia e a Lexicologia na ordem pragmática, o que compreende a vertente social e os fatores que interveem em uma relação comunicativa, Cabré (1993, p. 222) aponta, no quadro 2 (adaptado), os cinco fatores que as caracterizam: a função básica a que se propõem; a temática que tratam; os usuários; as situações comunicativas e os tipos de discurso.

Aspectos pragmáticos	Léxico geral	Terminologia
Função básica	conativa, emotiva, fática e outras.	referencial
Temática	Genérica	específica
Usuário	Geral	especializado
Situação comunicativa	- formalizada	+ formalizada
Discurso	Geral	Profissional e científico

**Quadro 2:** Fatores pragmáticos que diferenciam o Léxico geral de Terminologia  
Fonte: Cabré (1993, p.222). Adaptado.

Ao explicar os aspectos pragmáticos, Cabré compreende as diferenças entre Léxico geral e Terminologia. Os termos de especialidade servem para denominar a realidade especializada, diferenciam-se do léxico geral por exercer uma função fundamentalmente

referencial. A autora reforça a condição de a Terminologia referir-se à denominação de uma realidade especializada e o Léxico geral, em contrapartida, atender a qualquer situação comum aos falantes. Sobre o conjunto de termos de uma determinada área em sentido mais amplo, é possível haver diversificação conforme o campo observado, como, por exemplo, tratar a terminologia de esportes atrairá especialistas e, também, leigos. A respeito da situação de comunicação, a formalidade é mais frequente na Terminologia, porém os especialistas podem usar a terminologia especializada em distintos atos comunicativos e em distintos níveis de abstração.

A TCT e os seus postulados nos interessam por sua integração ao discurso especializado; sua ação na perspectiva da variação dialetal e funcional – participando das variações vertical (nível de especialização, compreensão conceitual e estrutural) e horizontal (tema, perspectiva e abordagem); sua percepção de que o termo, como unidade terminológica é também unidade linguística e, como tal, possui sua condição variacionista, conforme a situação comunicativa em que se insere. Vimos, nessa teoria, embasamento para o estudo da variação terminológica das denominações padronizadas da linguagem médica e das denominações populares que apresentam correspondentes a essa linguagem.

No próximo item, 1.6, discorreremos a respeito da Teoria Sociocognitiva da Terminologia e a forma como sua mentora percebe termo e conceito e nos ajuda com sua percepção de estudo descritivo terminográfico.

## **1.6. Teoria Sociocognitiva da Terminologia**

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) ou Terminologia Sócio-Cognitiva (TSC) edificada por Temmerman (2000) foca a descrição realista dos significados dos termos com base na semântica cognitiva. A mentora questiona os princípios da teoria tradicional, a TGT, e apresenta cinco postulados sociocognitivos. O primeiro sustenta que a palavra chave da TGT, “conceito” definido como *unit of thought constituted through on the basis of properties of a set of one or more objects* (ISO/CD 1087-1 1995) é, conforme a escola clássica, muito restrito, já que o reduziram a um fenômeno constatável, mesmo sabendo que poucos conceitos são objetivos. Temmerman sugere, então, que ao estudar a Terminologia de qualquer domínio, o terminólogo substitua a noção de conceito tradicional pela unidade de compreensão, pois, segundo ela, tal noção possui uma estrutura que abrange a denominação de categorias.

Nesse sentido, segundo o enfoque sociocognitivo (2000, p. 224), para uma descrição terminológica aceitável é necessário combinar três perspectivas: “a) a *nominalista*, em que a unidade de compreensão é o sentido de mundo; b) a *mentalista*, em que a unidade de compreensão é uma ideia que existe na mente; c) a *realista*, cuja unidade de compreensão é uma entidade externa que existe no universo”. Para a TST a Terminologia deveria tentar descrever a relação entre as três perspectivas frente à simplicidade do enfoque tradicional que estipulava que o terminólogo descrevesse o conceito antes de prestar atenção no termo, ou seja, o conceito existiria de uma forma abstrata, sem reconhecer o papel que ele tem na categorização e na comunicação. A teórica afirma que esse tipo de postura é similar à dos especialistas nos comitês de normalização e que reflete apenas uma visão parcial do comportamento da linguagem de especialidade.

Considerando que a Terminologia estuda o discurso em que aparece o termo, Temmerman comprova que a melhor opção para atualidade é aceitar que o termo é o ponto de partida na descrição terminológica e não o que tradicionalmente se entende por conceito. Ela pontua que aquilo a que se refere um mesmo termo em distintos textos possui diferentes referentes, da mesma forma que é difícil que uma categoria tenha limites precisos ou definidos. Se assim fosse considerada, a categoria se estruturaria de forma mais idônea para descrever a unidade de compreensão. A categoria seria como um segmento de conhecimento que inclui um núcleo e uma estrutura delimitada, passível de contínua reformulação e, como tal, estará em constante mudança.

O segundo princípio da TST elucida, especificamente, a categorização. Cada categoria conta com uma estrutura prototípica que recolhe informação entre categorias e dentro de uma mesma categoria. A categoria não pode ser independente da língua e para a TST sua estrutura discursiva implica mais módulos de informação que as meras características diferenciadoras. É necessário levar em conta distintos módulos de informação, histórica, procedimental, e estudar, nesse sentido, tanto o domínio como a perspectiva e intenção do modelo cognitivo em uso.

O terceiro princípio trata o tipo de unidade de compreensão, o nível, o tipo de especialização do emissor e do receptor na comunicação e a condição de a informação ser considerada mais ou menos importante para a definição. Para a terminologia tradicional era necessário que os conceitos tivessem um lugar preciso na estrutura conceitual, uma vez que a definição era tida em função das características necessárias e suficientes dos conceitos. Para a TST tem-se de considerar as condições necessárias e suficientes para a definição, já que as

descrições dos significados, dependendo do tipo de unidade de compreensão, assim como a dos participantes na comunicação, podem contar com informações importantes.

O quarto princípio dedica-se à funcionalidade da sinonímia e à polissemia no processo da compreensão e no progresso da comunicação. Na terminologia tradicional, a univocidade ideal consiste em eliminar sinônimos e indicar um termo preferido, já que ter vários termos para o mesmo conceito não é desejável em uma comunicação precisa. A TST (Temmerman 2000, p.113,150) opõe-se à univocidade, por acreditar que a flexibilidade e a diversidade existentes no processo de categorização, levam à existência de quase sinônimos que fazem referência a categorias prototipicamente estruturadas de forma diferente.

Por último, o quinto princípio envolve os modelos cognitivos e pondera sua constante mudança. O contínuo desenvolvimento das unidades de compreensão se explica como o resultado de vários fatores que coocorrem de forma simultânea, são eles: “a) a necessidade de uma compreensão maior e de melhor qualidade; b) a interação entre diferentes usuários; c) a estrutura prototípica na compreensão das categorias, que ao mesmo tempo se considera como resultado e como uma das causas da evolução do significado”.

Para consolidar seus princípios seguindo o enfoque sociocognitivo, Temmerman (2000, p. 237) assinala:

as palavras são, em primeiro lugar, o combustível da mente, cabe a elas exteriorizar seu poder criativo; graças a elas pode-se construir o mundo, via modelos cognitivos idealizados. Em segundo lugar, as palavras têm o poder de variar ao longo do tempo; reconstruir seu itinerário, significa refazer os fragmentos históricos, experiências e estudar o papel que a língua tem na criação de nova experiência. Em terceiro lugar, as palavras têm o poder de trasladar a compreensão de um usuário a outro. A comunicação e o intercâmbio de experiência através da língua são parte do processo sociológico. Em quarto lugar, as palavras têm a faculdade de mover-se, sutilmente, quando refletem diferentes facetas e matizes da experiência. Ao ter as categorias de estrutura prototípica, as palavras podem mudar o desenvolvimento do significado o que, em parte, explica a polissemia. Por último, elas também possuem a faculdade de mover-se em estruturas de redes, o que implica que guiam e restringem nossa forma de pensar. Portanto, os termos no discurso especializado, igual que as palavras em poesia ou em literatura, têm o poder de determinar e modificar nossa experiência.

A autora discute a necessidade de uma Terminologia alternativa para a descrição terminológica. Para Temmerman (2000), as novas correntes terminológicas devem basear o seu estudo na ocorrência dos termos e conceitos em um discurso especializado concreto e nunca

como entidades afastadas e independentes. Nesse sentido, entendemos que a ocorrência de termos, itens terminológicos ou a presença de candidatos a termos deve ser observada de igual forma nos discursos específicos, quando esses forem representativos de uma realidade.

O estudo descritivo terminográfico se levará a cabo em função de dois parâmetros: a) o conteúdo dos domínios de especialidade; b) o perfil do usuário potencial do trabalho terminográfico. Por exemplo, a estruturação e metodologia que requer o domínio médico varia sensivelmente da que necessita o domínio da História medieval. Da mesma forma, o fato de o usuário final de um trabalho terminográfico ser um profissional da Informática ou um grupo de oncologistas varia, qualitativamente, não só a metodologia, como também o produto final do trabalho terminográfico.

Os métodos que guiam um projeto terminográfico devem ser determinados em função dos dois parâmetros, o conteúdo do domínio abordado e o perfil do usuário a que se destina o trabalho e não a tradicional dicotomia semasiológico-onomasiológica que tem diferenciado o trabalho lexicográfico geral e o especializado da terminografia, defendido pela escola wüsteriana. Neste estudo esses parâmetros foram considerados. Analisamos o conteúdo que especifica as noções relacionadas a área das Ciências da Saúde em um contexto de produção de terminologia popular, observamos a comunicação que ocorre entre os profissionais da saúde e o paciente/leigo, residente no interior de Minas Gerais e deduzimos a necessidade de um glossário de denominação popular para um usuário específico, o profissional da saúde básica, principalmente para o integrante da Equipe Saúde da Família, por atuar de maneira mais próxima ao paciente e seus familiares.

Para o processo de identificação do elemento terminológico, descrito neste estudo, escolhemos, entre as inúmeras definições de termo, dadas conforme a perspectiva teórica de cada terminólogo, as defendidas por Wüster e Cabré.

### **1.7. O termo**

O termo, amplamente discutido pelos estudiosos<sup>29</sup> Wüster (1998), Reformatskii (2000), Rey (1979), (1973), Rondeau (1984), Gouadec (1990), Lérat (1995), Cabré (1993), compreende o saber especializado a partir do componente linguístico. Para a Escola de Viena (TGT), o termo contribui para uma univocidade comunicacional, por se tratar de unidade especializada que

---

<sup>29</sup> Wüster (1998, p.21-22, p.71), Reformatskii (2000, p. 152), Rey (1979, p.22), (1973, p.40), Rondeau (1984, p.19), Gouadec (1990, p.3), Lérat (1995, p. 45), Cabré (1993, p.119, p.169-170)

compreende apenas um conceito e uma denominação. A teoria clássica considera o termo uma unidade cognitiva, não valorizando sua dimensão linguística.

Se pensarmos a variação, observamo-la nos próprios termos que delimitam a TGT. Se delimitado o conjunto de escolas terminológicas, aludimos cinco formas que se reportam à TGT: *Escola Clássica, Escola de Viena, Teoria Wüsteriana, Terminologia Moderna, Teoria Tradicional*. Isso exemplifica a variação denominativa, vários termos, um único conceito. Nesse caso a ideia de univocidade inexistente, pois deparamos denominações coocorrentes. Entendemos que a univocidade e a monossímia trazem homogeneidade e, em muitos casos, isso é estritamente necessário, porém, nesta pesquisa não limitamos o elemento terminológico a uma condição homogeneizada, pois sua amplitude abrange o contexto comunicativo e o linguístico-cultural e isso não o torna menos significativo.

Cabré, com base no modelo de signo de Wüster, inspirado originalmente no triângulo de Ogden e Richards (1923 *apud* Cabré 1993, p. 96) defende:

A tripla perspectiva que mostra o termo (...) permite distinguir três aspectos básicos em terminologia: o cognitivo, o linguístico e o comunicativo. Um termo é uma unidade que dá conta de uma realidade através de uma forma e que serve para comunicar-se. (...) o aspecto cognitivo é o mais complexo dos três. A cognição é o resultado de um processo psíquico que conduz ao conhecimento. (...), é um processo mental que consiste em apreender a realidade. Uma teoria cognitiva da terminologia deveria ser capaz de explicar três questões básicas sobre o conhecimento relacionadas entre si: a) como os indivíduos conceituam a realidade e estruturam o conhecimento; b) que são os aspectos, como se estabelecem, como se inter-relacionam e como se ordenam na estrutura do conhecimento; c) como se relacionam os conceitos e os termos. Esses aspectos fundamentais, ainda são pouco desenvolvidos, não despertam interesse dos especialistas em terminologia que se interessam quase que exclusivamente pelas aplicações.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> La triple perspectiva que muestra el término (el aspecto referencial, el conceptual y el simbólico) permite distinguir tres aspectos básicos en terminología: el cognitivo, el lingüístico y el comunicativo. Un término es una unidad que da cuenta de una realidad, que se expresa a través de una forma y que sirve para comunicarse. El aspecto cognitivo es el más complejo de los tres. La cognición es el resultado de un proceso psíquico que conduce al conocimiento. El problema de como el pensamiento humano comprende los objetos, y por abstracción, construye los conceptos, se encuentra en la misma base de la teoría terminológica. La cognición es un proceso mental que consiste en apreender la realidad. Una teoría cognitiva de la terminología debería ser capaz de explicar tres cuestiones básicas sobre el conocimiento relacionado entre si: a) cómo los individuos conceptualizan la realidad y estructuran el conocimiento; b) qué son los conceptos, cómo se establecen, cómo se interrelacionan y cómo se ordenan en la estructura del conocimiento; c) cómo se relacionan los conceptos y los términos. Esos aspectos teóricos fundamentales, todavía hoy muy poco desarrollados, no han sido objeto de gran atención por parte de los especialistas en terminología, que se interesan casi exclusivamente por las aplicaciones. Tradução nossa.

Em relação a esses três aspectos do termo, mencionados por Cabré, linguístico, comunicativo e cognitivo, consideramos indissociáveis: língua, cultura e comunicação. O falante, ao transferir um saber, utiliza-se de signos linguísticos escritos ou orais para comunicar-se. Manifesta, nesse ínterim, os signos interiorizados em função da regularidade do uso no meio em que se encontra. Essa interiorização, em nível lexical, fixa-se e torna-se representativa do saber expressado. Os elementos linguísticos em qualquer expressão de saber, podem ser delimitados, se especificam um tema, compreendendo, assim, a terminologia desse saber.

O termo contribui para a articulação da linguagem de especialidade como parte do léxico do falante. Seguindo Krieger (2001, p.31):

a coexistência dos termos técnico-científicos com as palavras do léxico geral, bem como a ambivalência termo/palavra configurada num mesmo signo linguístico, é uma das razões pelas quais se intensifica a necessidade de fundamentar cientificamente os estudos terminológicos.

A respeito do caráter diferenciado entre termo e palavra, entendemos que ambos são unidades linguísticas comunicativas que identificam o campo de especificidade em que se insere o falante, em um ato comunicativo. Se o discurso possui um tema específico, as unidades linguísticas enunciativas se limitarão a esse respectivo campo. Os interlocutores desse discurso, quando especialistas, proferirão palavras específicas, conforme o aprendizado adquirido na sua área de conhecimento, e, quando leigos, expressarão suas próprias criações léxicas, considerando-as legítimas representantes do saber pronunciado. Para Alan Rey (1979, p. 116):

Os vocabulários científicos, técnicos, institucionais, instrumentos obrigatórios da constituição e da transmissão do saber, da harmonização da cultura, do desenvolvimento pedagógico, eram tradicionalmente usados sem ser bem percebidos, salvo pelos próprios especialistas. A tomada de consciência das dimensões lingüísticas, formais e, em particular das léxico-terminológicas dos problemas culturais ou sócio-econômicos, torna desejável um grande esforço nesta direção e um desenvolvimento da terminologia.<sup>31</sup>

De acordo com Alan Rey é necessário conscientizar-se da dimensão linguística do léxico-terminológico dos problemas culturais. Identificamos, no discurso que analisamos, que há aspectos culturais e que eles se referem aos hábitos, crenças e ações comunicativas difundidas

---

<sup>31</sup> Les vocabulaires scientifiques, techniques et institutionnels, outils obligatoires de la constitution et de la transmission du savoir, de l'harmonisation de la culture, du développement pédagogique, étaient traditionnellement utilisés sans être bien perçus, sauf par les spécialistes eux-mêmes. La prise de conscience des dimensions linguistiques, formelles, et en particulier lexico-terminologiques des problèmes culturels ou socio-économiques rend très souhaitable un effort accru dans cette direction, et un développement de la terminologie.

em um espaço social. Desse contexto emerge uma comunicação marcada pelo que nós, linguístas, denominamos itens lexicais. Esses itens especificam informações direcionadas ao campo da saúde. Cabré distingue, no âmbito do sentido em que se insere em um contexto, o item lexical, que é a palavra, e o item lexical especializado, que é o termo. Explica (Cabré, 1993, p. 88-89), “pragmáticamente os termos e as palavras se distinguem a) por seus usuários; b) pelas situações que os utilizam; c) pela temática que veiculam; d) pelo tipo de discurso em que costumam surgir”<sup>32</sup> (tradução nossa). Em uma interlocução em que os partícipes são apenas especialistas ou apenas leigos, observa-se com clareza a distinção feita pela terminóloga, mas em uma situação comunicativa entre especialistas e leigos, não há clareza, porque ambos podem emitir elementos terminológicos, daí a necessidade de entender o usuário, a situação, a temática e o discurso. Para Cabré “Os usuários das palavras são falantes de uma língua e os usuários dos termos de cada especialidade são os profissionais que se ocupam da disciplina em questão”. Trabalhamos para o profissional da Equipe Saúde da Família.

Ainda, de acordo com Cabré, “as palavras se utilizam em situações comunicativas muito variadas, em contraste, os termos de uma especialidade costumam se limitar ao âmbito profissional correspondente”. Esse limite atesta o valor terminológico do contexto analisado. A respeito da temática, a mesma afirma que os “repertórios de termos abarcam conceitos relacionados com a matéria de especialidade; os léxicos referem-se a qualquer tema da vida cotidiana, os sentimentos, as ordens e a própria linguagem”. O repertório de termos pode ter sua linguagem modelada conforme seu usuário e a função comunicativa que ambiciona atingir. E, por último, ela ressalta que “os tipos de discurso em que se inserem as palavras não estão tão delimitados como os que acolhem os termos. Estes últimos costumam aparecer em textos especializados, no discurso científico-técnico, e em textos de caráter fundamentalmente objetivo” (tradução nossa). Os tipos de discursos podem, sim, delimitar, o uso terminológico, mas isso não é uma regra.

O termo e a palavra fazem parte da língua. Criado e elaborado pelo terminólogo, o termo é imposto enquanto a palavra produzida por qualquer falante é livre. Em uma visão gradativa, percebemos o item lexical terminológico instituído por uma palavra com valor específico. Defendemos que há discurso tematizado com especificidade léxica na expressão oral do sujeito leigo. O trecho retirado da transcrição feita por Freitas (2012, p. 267, entrada 9, linha 461) traz

---

<sup>32</sup> Pragmáticamente, términos y palabras se distinguen i.) por sus usuarios; ii.) por las situaciones en que se utilizan; i.) por la temática que veiculan; y iv.) por el tipo de discurso que suelen parecer.

parte de um discurso proferido por um falante leigo que em seu discurso cita doenças que são nomeadas a partir de um consenso cultural:

“Pai do fi do Isprito Santo, amém! Jesus é nascido. Jesus nascido é fi da Virge Maria sem pecado. É Jesus Nazaré cura (E...) de **ispinhela caída, vento virado, bila derramada, ar preso, vento igauzado** assim mesmo Jesus me cura em nome do Pai, Filho, Isprito Santo, amém! Jesus de Nazaré há de provê tudo e dá miora”

Nesse discurso de cunho popular, as unidades lexicais *ispinhela caída, bila derramada, vento virado, ar preso, vento igauzado* indicam, em correspondência a linguagem médica, respectivamente, lombalgia, pancreatite e obstipação, as três últimas, ou seja, *vento virado, ar preso* e *vento igauzado* são formas variantes de prisão de ventre. Se entrarmos no discurso da especialidade médica e analisarmos o uso descrito em DeCS, encontramos as formas variantes “constipação intestinal” ~ “obstipação” ~ “prisão de ventre”, provenientes da linguagem especializada, da mesma forma que, no domínio discursivo leigo, encontramos três variantes denominativas *vento virado, ar preso* e *vento igauzado*. Atestamos o valor terminológico dessas variantes, pois o falante, ao se comunicar dá indícios de que esses elementos pertencem a uma rede semântica, nesse caso, da saúde. Vimos, nos exemplos, casos de variação dialetal do termo, por relacionar-se a aspectos sociais e geográficos. Tal tipo de variação, segundo Freixa (2014, p. 324), é tão “óbvio que inclusive Wüster aceitava sua existência (mas advertia que esta variação poderia provocar problemas comunicativos entre os locutores)<sup>33</sup>” (tradução nossa).

Os problemas em relação à compreensão dos termos populares partem da não familiaridade com o item produzido. Um profissional de outro estado ou país poderá não estar familiarizado com a rede léxica e terminológica produzida em sua área de trabalho. Este estudo elucida uma breve amostra dos itens lexicais terminológicos populares oriundos de Minas Gerais, com a finalidade de resolver dúvidas sobre a forma e o conceito desses itens e, assim, contribuir para a diminuição de problemas que venham a ocorrer na comunicação com especialistas que atuam na Estratégia Saúde da Família.

Ainda, com a proposta de refletir sobre o comportamento do termo, especificamente o variacionista, tratamos na seção seguinte a variação terminológica e suas perspectivas, entendendo que o termo, como parte da língua sofre, naturalmente, variação.

---

<sup>33</sup> “tan obvio que incluso Wuster aceptaba su existencia (pero advertía que esta variación podría provocar problemas comunicativos entre los locutores).”

## 1.8. Variação terminológica

Na década de 1990, os estudiosos da Terminologia direcionaram parte de suas pesquisas para descrever acerca da variação. O tema trouxe para os dias atuais muitos trabalhos e análises que avançaram em diferentes direções e isso auxiliou nosso entendimento. Percebemos que o assunto não está estancado e que há muito por fazer.

A variação terminológica submete-se aos mesmos padrões de variação que afeta a língua geral, especialmente no trato dos fatores dialetais que envolvem as características sociais e geográficas de uma comunidade. Tais fatores favorecem o estudo terminológico. Nesta seção apresentamos as bases que deram origem ao estudo da variação terminológica para sustentar o dinamismo dialetal e a geração de terminologia proveniente dele.

Corbeil (1998 *apud* Freixa, 2002, p. 54)<sup>34</sup> foi quem primeiro a sustentou que “a variação terminológica ocorre dentro da mesma especialidade” e tratou a concorrência terminológica, informando que “o resultado mais aparente e mais embaraçoso desta variação é a incerteza terminológica, quando a duas ou mais denominações correspondem o mesmo conceito”. Trouxe à tona, também, a polissemia terminológica que ocorre “quando a mesma denominação parece corresponder ao conceito diferente no todo ou em parte” (tradução nossa). Nessa percepção a polissemia e a sinonímia são inerentes ao termo, ambas vão em direção à variação.

A noção de que o termo pode sofrer variação foi referida pela escola clássica, não obstante foi rechaçada pela mesma em função do enfoque prescritivo e normalizador da Terminologia daquela época. O princípio da escola wüsteriana delineia a exatidão no nível conceitual (univocidade e monorreferencialidade). Para a TGT a variação funcionava como perturbação para o termo e, como tal, não deveria ser analisada. Sua teoria tinha como finalidade disseminar a objetividade obtida pela recopilação de conceitos, definições, sua fixação e normalização, assegurando, assim, precisão, clareza e facilidade na comunicação especializada em âmbito nacional e internacional.

Para Auger (1994 *apud* Plasencia e Ivanova, 2009, p. 74), que também vem de uma corrente normalizadora, a variação deveria ser vista de outra forma. Ele não intencionou

---

<sup>34</sup> Corbeil (1988, p. 57) “Leur conséquence commune est la variation terminologique dans la même spécialité. Le résultat le plus apparente et le plus embarrassant de cette variation est l’incertitude terminologique, soit que plusieurs dénominations semblent correspondre plus ou moins à la même notion (concurrency terminologique), soit que la même dénomination semble correspondre à des notions différents, en tout ou en partie (polysémie terminologique)”

eliminá-la, mas acompanhar sua ocorrência. Transposta a fase da primazia wüsteriana que apregoava a univocidade do termo, entra em cena a relação termo/conceito biunívoca, o recorte descritivo em que se aceita a existência da variação e se propõe a examiná-la como fenômeno natural e real do termo. Para Desmet (2007, p. 3)<sup>35</sup>:

A terminologia moderna tem prosperado suficientemente para refletir a respeito das diferentes dimensões do léxico especializado: linguística, cognitiva, comunicativa e, também, social, cultural e temporal. As abordagens modernas são a prova disso quando observamos: a glotopolítica e a socioterminologia em que a dimensão social da terminologia ganha espaço; a terminologia sociocognitiva, fundada com base nos princípios sócio-cognitivos; a terminologia orientada a partir da característica poliédrica dos termos, suas dimensões cognitiva, formal, conceitual e funcional; e a terminologia cultural orientada conforme a cultura específica de uma dada comunidade humana. Estas abordagens são consequências de uma terminologia que foi, progressivamente ou gradualmente confrontando um único fenômeno: a variabilidade e a variação inerente a toda língua natural. (tradução nossa).

De acordo com Desmet a variabilidade e a variação estão presentes na língua geral e na especializada.

Revedo a TCT, encontramos defesa à variação, entendida igualmente como fenômeno natural e inerente à linguagem, que deve ser descrita e contemplada em toda sua dimensão. Para Cabré, os termos são unidades linguísticas cujas características gramaticais, semânticas e pragmáticas se veem afetadas pelo ato comunicativo em que se insere e, como consequência disso, sofrem variação em função da natureza do discurso.

Em 1999, a autora discorre a respeito do caráter flexível do discurso especializado, propondo uma visão alternativa de estudo das unidades terminológicas. Entre os princípios apresentados por ela, está o poliédrico, em que os termos integram, simultaneamente, o universo linguístico, cognitivo e social; o de caráter comunicativo, no qual o termo segue a função comunicativa e o princípio da variação que admite variações do tipo sinonímica - denominações distintas para um mesmo conceito, ou polissêmicas - conceitualizações distintas para uma mesma denominação.

---

<sup>35</sup> Desmet (2007, p.3): La terminologie moderne a suffisamment prospéré pour prendre en compte les différentes dimensions du lexique spécialisé: linguistique, cognitive, communicative, mais aussi sociale, temporelle et culturelle. Les approches modernes en sont la preuve: la glottopolitique et la socioterminologie, où la dimension sociale de la terminologie gagne sa place; la terminologie sociocognitive, fondée sur des principes sociocognitifs; la terminologie axée sur le caractère polyédrique des termes et leurs dimensions cognitive, formelle, conceptuelle et fonctionnelle; la terminologie culturelle, orientée vers la culture spécifique d'une communauté humaine donnée. Ces approches sont en fin de compte la conséquence d'une terminologie qui s'est progressivement confrontée à un seul phénomène: la variabilité, la variété et la variation inhérentes à toute langue naturelle.

O princípio de variação<sup>36</sup> aplicado pela TCT (Cabré, 1998, p.72) reconhece a variação, sua natureza gradual e tipologia básica (sinonímica ou polissêmica). Segundo essa teoria, podemos ter diferentes termos em relação de sinonímia – quando há mais itens lexicais para um conceito – ou polissemia – quando um item lexical possui vários conceitos. A TCT considera a relação direta entre grau de especialização e situação comunicativa, conforme os destinatários. Quando a interação acontece entre especialistas, há um grau menor de variação e, quando ocorre entre especialistas e público geral, a variação se dá em maior grau. No Brasil, na área da saúde, observamos que a variação é produtiva nos dois níveis de linguagens, especialista e não especialista, estudados aqui. A TCT estabelece, também, que os termos variam, principalmente, devido a fatores dialetais e funcionais, estes, afetam o uso do termo em diferentes situações comunicativas, pois estão relacionados ao canal de comunicação, ao tema de que trata a comunicação (especializada ou geral), ao propósito comunicativo e ao grau de formalidade entre os interlocutores (Cabré, 1995, p. 8-9).

A vertente de Gaudin (2005, p. 90) compreende a Terminologia como disciplina social e argumenta que o uso dos termos, desde sua criação, circulação e interpretação, deve ser observado em contextos reais, levando em consideração os múltiplos fatores sociais e culturais que condicionam as práticas linguísticas. Abordada também em outras correntes, a variação dos termos é estudada por Faulstich (1998, 1999, 2006), através da Socioterminologia; por Temmerman (2000), pela Teoria Sociocognitiva; por Ciapuscio (2003a, 2003b), pelo enfoque textual e por Diki-Kidiri (2008), pelo enfoque cultural.

Faulstich introduziu os preceitos socioterminológicos que orientam o estudo da variação terminológica, o que deve ser realizado nos planos horizontal, vertical e temporal da língua. Idealizou a Teoria da variação em Terminologia que tem como objetivo a observação direta dos usos do termo no discurso escrito e oral. Para isso, indica a recopilação das variantes escritas e orais dos termos.

Temmerman em sua Teoria sociocognitiva (2000), por sua vez, foca – principalmente, nos processos de categorização e verbalização do conhecimento, a partir da análise da interação

---

<sup>36</sup> “Todo proceso de comunicación comporta inherentemente variación, explicitada en formas alternativas de denominación del mismo concepto (sinonimia) o en apertura significativa de una misma forma (polisemia). Este principio es universal para las unidades terminológicas, si bien admite diferentes grados según las condiciones de cada tipo de situación comunicativa. El grado máximo de variación lo cumplirían los términos de las áreas más banalizadas del saber y los que se utilizan en el discurso de registro comunicativo de divulgación de la ciencia y de la técnica; el grado mínimo de variación es el propio de la terminología normalizada por comisiones de expertos; el grado intermedio lo representa la terminología usada en la comunicación natural entre especialistas.” (Cabré, 1998: 72).

e das complexas relações entre o mundo real – a mente dos falantes e a linguagem que os rodeia; defende a polissemia e a sinonímia por considerar ambas partes essenciais dos termos e, sendo assim, devem ser descritas; relaciona sinonímia com a motivação e a possibilidade de manifestar diferentes perspectivas ou opiniões dos falantes através de distintas denominações e, percebe a funcionalidade da variação como mecanismo que permite ao emissor enunciar a informação necessária a partir de uma um ou outra denominação.

O enfoque cultural dado por Diki-Kidiri (Diki-Kidiri, 2008 *apud* SEGHEZI, 2013, p.65) chamou nossa atenção por basear-se no estudo da oralidade das línguas africanas. Defende ele que a variação dos termos se relaciona diretamente com o componente cultural, que envolve a diversidade e a percepção de mundo que o falante tem, em categorizar e denominar, conforme o que vivencia. Em Seghezzi (2013, p.65), vimos também Ciapuscio (1997; 2003a; 2003b; 2007) tida como pioneira do estudo da oralidade especializada. A autora estuda o léxico especializado em textos divulgados, abordando aspectos de variação terminológica nas linguagens de especialidade, a partir de gêneros orais e abre os caminhos da variação conceitual.

Em meio às definições de variação, citamos Freixa (2002), que trabalha a variação conceitual, através de diferentes conceitos ou variantes conceituais, para uma única denominação e variação denominativa, que significa a presença de termos atribuídos a um mesmo conceito dentro de um conhecimento especializado. Na próxima seção, no item 1.9, discorreremos acerca da variação denominativa, sua classificação e causa.

### **1.9. Variação denominativa**

Sabe-se que, para tratar a variação, é necessário ter em vista a forma, o conteúdo do signo linguístico e a possibilidade de classificação em variantes terminológicas ou sinônimos terminológicos. Que distinção há em ambos? São duas análises complexas, segundo Freixa (2014, p.312-313). A fronteira entre sinônimos e variantes não está nítida. Para essa autora, “as variações léxicas se consideram exemplos de sinônimos e as variações ortográficas, de variantes”; porém, as variações morfológicas e sintáticas ou as que combinam várias mudanças não participam dessa dicotomia. Deduz, por esse motivo, que a variação denominativa é a que engloba dois ou mais significantes para um mesmo significado. Freixa (2002) interpreta tipos e causas de sinonímia como *variação denominativa*. Segundo ela, variação denominativa é apropriação de uma forma geral em que se incluem variantes e sinônimos na motivação teórica com foco variacionista. Ela defende que, mesmo em nível ortográfico ou lexical, “uma mudança na denominação conduz a outra denominação para o mesmo conceito” (Freixa, 2014, p. 314-

316). Apresenta em sua discussão estruturas de variações – gráficas, morfossintáticas, léxicais, variações complexas e com reduções – que organizamos no quadro 3, aqui reproduzido, traduzido e adaptado, com exemplos de classificação formal da variação denominativa.

<b>VARIAÇÕES GRÁFICAS</b>		
1. Termo e forma artificial	a) Termo e símbolo	<i>Cobre /Cu</i>
	b) Termo e fórmula química	<i>Amoníaco / NH<sub>3</sub></i>
	c) Termo e outra forma artificial	<i>Lei de resíduos industriais de 1983 / lei 6/1983</i>
2. Termo abreviação e	d) Termo e sigla	<i>Clorofluorcarbono / CFC</i>
	e) Termo e abreviatura	<i>Acer inoxidable / acer inox</i>
3. Alteração ortográfica		<i>Espray / spray</i>
<b>VARIAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS</b>		
1. Mesma estrutura	a) Ausência / presença de artigo	<i>Gestão de resíduos / gestão dos resíduos.</i>
	b) Alteração de número	<i>Contaminação da água / contaminação das águas.</i>
	c) Alteração de preposição	<i>Condições do condensador / condições no condensador</i>
	d) Alteração de gênero	<i>Máxima absoluta / máximo absoluto</i>
2. Diferente estrutura	e) [N+A] / [ N+SP]	<i>Resíduos mineiros / resíduos de mineradora</i>
	f) Monoléxico / poliléxico	<i>Produto ecológico / ecoproduto</i>
	g) Outras alterações de estrutura	<i>Matéria prima / primeira matéria</i>
<b>REDUÇÕES</b>		
1. Reduções de extensão	a) Tipo [N+X]=[N] [N+A]=[N] [N+SP]=[N] [N1 +N2]=[N1]	<i>águas residuais / águas Ciclo de vida / ciclo Semiconductor-electrólito / semiconductor</i>
	b) Tipo [N+X+Y]=[N+X] 1 [N+SP+A]= N+SP 2 [N+A+SP]= [N+A] 3 [N+A1+A2]= [N+A1] 4 [N+SP1+SP2]= [N+SP1]	<i>Economia de recursos naturais / economia Recolhida seletiva de resíduos / recolhida seletiva Metal pesante tóxico / metal pesante Tempo de residência do gás / tempo de residência</i>
	c) Outras reduções de extensão	<i>Filtro de controle de contaminação / filtro</i>
2. Reduções de base	d) [N+A] = [A]	<i>Planta depuradora / depuradora</i>
	e) [N1+N2]=[N2]	<i>Gas CFC /CFC</i>
	f) [N1+SP (de+N2)]+ [N2]	<i>Espuma de poliestireno / poliestireno</i>
3. Outras reduções		<i>Emissão de compostos químicos tóxicos / emissão tóxica</i>
<b>VARIAÇÕES LEXICAIS</b>		

1. Unidades monoléxica		<i>Contaminação / poluição</i>
2. Unidades poliléxicas	a) Alterações de base	<i>Bem de consumo / produto de consumo</i> <i>Abono químico / fertilizante químico</i>
	b) Outras alterações de extensão	<i>Águas residuais / aguas de la alcantarilla</i>
<b>VARIAÇÕES COMPLEXAS DIVERSAS</b> (Variações lexicais e reduções simultâneas)		
1. Com parentesco formal	a) Monoléxico/poliléxico	<i>Alimento / producto alimentario</i>
	b) Poliléxico / poliléxico	<i>Iodo digerido / resíduo de digestão</i>
2. Sem parentesco formal	c) Monoléxico / poliléxico	<i>Vertedero / depósito de resíduos</i>
	d) Poliléxico / poliléxico	<i>Pesticida de sínteses / praguicida química</i>

**Quadro 3:** Classificação formal para variação denominativa  
Fonte: Freixa (2002, 2014). Adaptado e traduzido.

Ao traduzirmos o quadro construído por Freixa para o Português, percebermos o quão próximo está a estrutura linguística de Espanhol e Português e como os tipos de variação apresentados são comuns, também, em línguas diferentes.

Do mesmo modo que Freixa (2014), elegemos, para este estudo, a forma geral variação denominativa, considerando os sinônimos como variantes, por entender ténue seus limites. Concordamos com ela quando pondera: “seja no nível ortográfico ou no lexical, uma mudança na denominação conduz a outra denominação para o mesmo conceito” (Freixa, 2014: 314). Em 2014, Freixa questiona sua classificação formal (2014: 321-322) por estar restrita a pares denominativos e reconhece a existência de grupos denominativos formados por cinco ou mais denominações para um mesmo conceito. Para ilustrar esse caso, apresentamos o termo *Atenção básica* que possui onze variantes elencadas por Descritores em Ciências da Saúde - DeCS<sup>37</sup>, são elas: *Atenção Básica à Saúde; Atenção Básica de Saúde; Atendimento Básico; Atenção Primária; Atenção Primária de Saúde; Atenção Primária em Saúde; Atendimento Primário; Cuidados de Saúde Primários; Cuidados Primários; Cuidados Primários à Saúde e Cuidados Primários de Saúde.*

Além da classificação formal para a variação denominativa, Freixa apresentou uma classificação para suas causas. Essa classificação foi revista e comentada pela terminóloga. Ela

<sup>37</sup> Disponível em <http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxisl1660.exe/decsserver/>, acesso em fevereiro de 2017.

trabalha as causas prévias, dialetais, funcionais, discursivas, interlinguísticas e cognitivas da variação que sofre o termo, conforme visualizamos no quadro 4, a seguir,

Tipos	Subtipos
1. Causas prévias (inerentes às terminologias enquanto constitutivas de línguas naturais)	Redundância linguística Arbitrariedade do signo linguístico Possibilidades de variação da língua
2. Causas dialetais (externas: vários falantes utilizam denominações diferentes = heterovariação)	Variação geográfica Variação cronológica Variação social
3. Causas funcionais (internas: um mesmo falante utiliza diferentes denominações conforme o contexto = autovariação)	Adequação ao nível de língua Adequação ao nível de especialização
4. Causas discursivas (de estilo: a maneira de escrever, a qualidade retórica)	Evitar a repetição Economia linguística Criatividade, ênfase e expressividade
5. Causas interlinguísticas	Convivência do termo “local” com o empréstimo Diversidade de propostas alternativas (para evitar o empréstimo)
6. Causas cognitivas	Imprecisão conceitual Distanciamento ideológico Diferenças na conceitualização

**Quadro 4:** Classificação das causas da variação denominativa (Freixa)<sup>38</sup>, texto traduzido<sup>39</sup> e adaptado. Fonte: Freixa (2014, p.321)

Em relação ao quadro elaborado, as causas cognitivas foram retificadas por Freixa (2014), ela alega que as mesmas não podem ser consideradas, linearmente, iguais às causas dialetais, funcionais ou interlinguísticas. Segundo a pesquisadora, essas causas operam em um nível superior devido à suscetibilidade conceitual, ou seja, o conceito pode ser variável. Explica, “a variabilidade do conceito não é uma causa de variação e sim uma premissa de partida” (Freixa, 2014: 326). A tipologia de causas proposta em 2002 e revista em 2014 estende-se à variação de qualquer termo. Interpretamos a classificação formal da variação denominativa como etapa importante para a organização, descrição e constatação de formas variantes. Tratamos parte das variantes, observadas nesta tese, conforme a classificação formal organizada por Freixa, para entender melhor o nível em que se dá o relacionamento terminológico, se participa do mais denso próprio da linguagem técnica ou se confirma sua atuação com menor grau de especialização.

<sup>38</sup> Adaptado de FREIXA, J. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *In*. Debate Terminológico. N. 9, fev. 2013, pp.38-46.

<sup>39</sup> Tradução nossa.

Não procedemos com a classificação das causas da variação de nossos dados, apesar de pressupor as causas dialetais e as discursivas como as representantes da terminologia discutida, em função da insuficiência de informações. O exame das estruturas variantes, a partir do que Freixa propõe, permite o entendimento da rede de informações que se conecta ao termo.

Percebe-se, com as colocações expostas, que toda expressão, oral ou escrita, com a finalidade de divulgar o saber, seja ele técnico, científico, específico ou cultural, possui terminologia e, como tal, é possível a extração de termos, bem como sua análise e descrição sob o âmbito da variação terminológica.

Entendemos, com os estudiosos, que as terminologias, como conjunto de termos, são produções naturais de todas as línguas e seu funcionamento é semelhante ao funcionamento delas, e que o estudo do comportamento dos termos em seus contextos de ocorrência real nos levará à sinonímia, à polissemia, à ambiguidade e à variação, também como comportamento natural desses seus elementos. Efetivamos o estudo do comportamento dos termos populares em seu contexto de ocorrência e mapeamos o seu relacionamento com o termo padronizado. O processo realizado para a contextualização e mapeamento será apresentado nos próximos capítulos.

No capítulo seguinte, tratamos a Comunicação e a terminologia nos meios de divulgação da área da saúde pública. Observamos o contexto textual em que funciona a divulgação da linguagem promovida pela Saúde Pública, por meio do Ministério da Saúde e a terminologia trabalhada em suas publicações. Para a discussão, referenciamos três sites do Ministério da Saúde: Portal da Saúde SUS+ (<http://portalsaude.saude.gov.br/>), Biblioteca Virtual em Saúde Brasil- BVS (<http://brasil.bvs.br/>) e Descritores de Ciências da Saúde - DeCS (<http://decs.bvs.br/>). Apresentamos o DeCS como organismo harmonizador dos itens estudados, por apresentar uma rede terminológica de relacionamento conceitual. Tratamos exemplares dos termos oficiais, mostramos a variação na linguagem padronizada apresentada para a saúde e, a partir da classificação formal de Freixa, confirmamos o nível de especialização a que se referem. Abordamos a comunicação e os fatores que podem impedir sua realização no processo de interação entre a Equipe de Saúde da Família do SUS e o paciente, especialmente o leigo, que vive no interior de Minas Gerais.

## Capítulo 2 – COMUNICAÇÃO E TERMINOLOGIA NOS MEIOS DE DIVULGAÇÃO DA ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA

---

*A constituição de uma terminologia própria marca, em toda ciência, o advento ou o desenvolvimento de uma conceitualização nova, assinalando, assim, um momento decisivo de sua história. Poder-se-ia mesmo dizer que a história particular de uma ciência se resume na de seus termos específicos. Uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e em que impõe seus conceitos, através de sua denominação. Ela não tem outro meio de estabelecer sua legitimidade senão por especificar seu objeto denominando-o, podendo este constituir uma ordem de fenômenos, um domínio novo ou um modo novo de relação entre certos dados.*

Benveniste (1989, p. 252)

Nas Ciências do Léxico, cabe à Terminologia, na condição de uma de suas disciplinas, o estudo, a elaboração, a validação e a divulgação do seu objeto, o termo, uma vez que abarca o léxico especializado de áreas específicas. No processo de validação e divulgação desse objeto, a participação de terminólogo e do especialista é essencial, pois, juntos, colaboram para o êxito da perspectiva comunicativa da linguagem textual trabalhada.

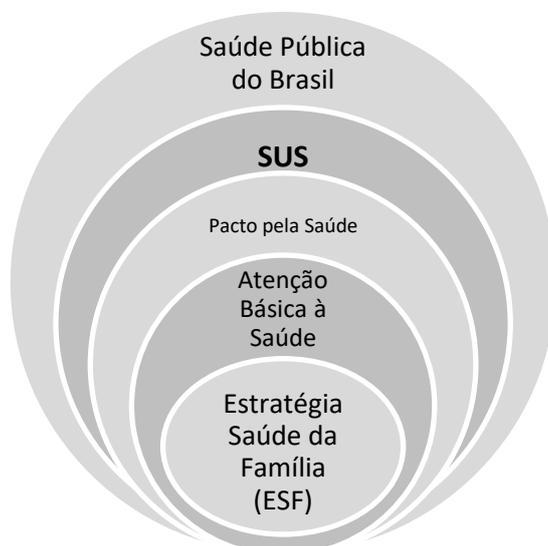
Nas Ciências da Saúde, a Terminologia, base deste trabalho, contribui para a construção de uma linguagem especializada, por meio da conceitualização, da organização de glossário, da padronização, da atualização, da divulgação e da transferência de conhecimento essencial ao profissional e à comunidade. Contemplamos a Estratégia Saúde da Família (ESF), por ser ela responsável pela reorganização da saúde básica e diretriz do trabalho da equipe multiprofissional, possíveis usuários dos instrumentos terminográficos, organizados nesta tese. A existência de um glossário temático da ESF voltado para a Equipe Saúde da Família no site do MS, junto a glossários temáticos afins, seria de grande utilidade para a compreensão do repertório terminológico pelos profissionais que atuam no segmento da saúde básica.

Em 2.1 expomos um recorte que fizemos da divulgação de informação que abrange a saúde pública do Brasil, através do Portal da Saúde do MS, para evidenciar a importância da terminologia nesse setor. Mostramos os repertórios disponíveis que trazem dados relevantes, observamos a linguagem utilizada, analisamos a presença de variação nessa linguagem, da variação terminológica e tratamos a dificuldade de comunicação que essa variação pode representar para os profissionais dessa área em contato com seus pares e, também, quando estão em contato com o paciente.

## 2.1. A divulgação nos sites do Ministério da Saúde

Nesta seção, abordamos a divulgação relacionada à saúde pública proposta pelo Ministério da Saúde (MS), elaborada para atender profissionais e público em geral. O programa federal Estratégia Saúde da Família (ESF) reorganiza a atenção básica conforme os preceitos do SUS e é tido pelo Ministério da Saúde, gestores estaduais e municipais como estratégia de expansão, qualificação e consolidação da atenção básica no país. A partir da ESF estabeleceu-se uma equipe multiprofissional (equipe de Saúde da Família – eSF) composta por, no mínimo: médico generalista ou especialista em Saúde da Família ou médico de Família e Comunidade, enfermeiro generalista ou especialista em Saúde da Família, auxiliar ou técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde, podendo ser acrescentados a essa equipe os profissionais de Saúde Bucal<sup>40</sup>. Tais profissionais atuam diretamente nas comunidades e, para os que atuam nas comunidades rurais, no interior de MG, destinamos a produção terminográfica organizada nesta tese.

Na figura 1 apresentamos a organização atual da Saúde Pública do Brasil, focamos em nossas discussões: a Atenção Básica à Saúde e a linguagem na área da saúde, exclusivamente, a que alcança a Equipe de Saúde da Família, inserida na Estratégia Saúde da Família (ESF).



**Figura 1:** Macroestrutura da ESF  
Fonte: Elaboração própria

A efetivação da prática comunicativa nesses setores ocorreria se os recursos linguísticos utilizados estivessem adequados a propiciar a compreensão plena das informações postadas,

<sup>40</sup> Cf. [http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape\\_esf.php](http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_esf.php), acesso em maio de 2016.

mas, em função da complexidade léxica que parte deles, o cidadão comum e o profissional recém-chegado, obtém-se o acesso a uma comunicação densa.

O conhecimento especializado ganha forças com o avanço da ciência e com a implementação da tecnologia nas pesquisas acadêmicas. Com essa implementação, torna-se característica desse conhecimento e das pesquisas sair do local de origem e alcançar o global, transitar em outros locais, constituir-se publicação científica na internet e em outros canais de comunicação. Para Ferreira (2004, p. 694), divulgar significa “tornar público ou notório; publicar; propagar, difundir, vulgarizar”. No âmbito do conhecimento especializado, faz-se necessário propagar trabalhos para cumprimento da seguinte exigência: levar o conhecimento à comunidade. Em razão de ordem estrutural e lexical, não é sempre que a linguagem utilizada nesses trabalhos alcança o público-alvo. É o que pontua Santiago (2007, p. 19). Para ele “divulgar, porém, não implica, necessariamente, comunicar com eficiência. Toda comunicação destina-se a um tipo específico de público”. Nessa perspectiva, observamos o processo que envolve a divulgação no domínio da saúde pública. Os relatos, os informativos, os casos clínicos, as descrições, o passo a passo de procedimentos e pesquisas na área são destinados, exclusivamente, a um público determinado. No caso desse serviço, disponível *on line* no site do MS, sua abrangência informacional e léxica atende um leitor específico, o que integra, também, o ramo da saúde.

O MS propaga suas ações no Portal da Saúde SUS<sup>41</sup>. Por essa via, o setor comunica-se com o cidadão, também idealizado como apto a conceber a linguagem estabelecida e entender o vocabulário específico ali adotado. A Terminologia, responsável pela elaboração do vocabulário especializado, é trabalhada, nesse site, por seus gestores, na perspectiva do especialista, concretizando o papel da divulgação especializada: divulgar conhecimento específico a um público também específico. Entretanto, considerando a proposta que o SUS defende – ser um sistema acessível a todos, não passa despercebida a ausência de publicação que mencione o saber popular ou que possua uma linguagem popularizada. Atentamos, brevemente, a essa ausência. A aba nomeada “Cidadão” dá entrada a outras oito janelas, mas em nenhuma delas é feita alusão à terminologia popular ou menção a uma estrutura objetiva para compreensão da ESF. No local destinado ao Cidadão, vemos, após o click, as abas *Principal, Saúde para você, Orientação e Prevenção, Ações e Programas, Comunicação,*

---

<sup>41</sup> Link <http://portalsaude.saude.gov.br/>

*Legislação, Redes Sociais e Entenda o SUS.* Nessa última, uma publicação suscinta a respeito do funcionamento da ESF auxiliaria bastante a compreensão do sistema, além de que, em *Comunicação*, seria conveniente alguma menção ao dialeto popular e à sua percepção / contribuição ao vocabulário da área, já que é de conhecimento geral a existência, em todo Brasil, de terminologia popular voltada para saúde. Há registros do nome popular “Tiriça” para o correspondente médico icterícia na Bahia, no Ceará, no Rio Grande do Norte, em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Minas Gerais. Neste estudo, apresentamos a contribuição léxico-terminológica de algumas cidades de Minas Gerais.

Na figura 2, a seguir, vemos a aba Cidadão e os informes apresentados pelo site.



**Figura 2:** Portal da Saúde

Certamente, dar lugar à terminologia popular, na aba Cidadão, denotaria sensibilização à língua em uso e, tal ação, poderia converter-se em estratégia para maior alcance de público “real”, falante de uma linguagem marcada por formas variantes padronizadas e não padronizadas. Na tentativa de minimizar essa lacuna e ampliar o alcance da terminologia popular, sugerimos uma publicação, por exemplo, com um repertório organizado sob a perspectiva da Terminologia contemporânea, em que figurem denominações populares correspondentes à terminologia médica, mesmo que ela não seja completa.

Retomando a divulgação nos sites do MS e os temas que trazem terminologia, transitamos nas informações institucionais em Biblioteca Virtual em Saúde – BVS. Lá encontramos a janela *Terminologia da Saúde*, cuja definição aparece, a seguir, retirada da figura

3, “A Terminologia da Saúde tem o objetivo de padronizar e aperfeiçoar termos, conceitos e siglas utilizados pelo Ministério da Saúde, favorecendo a recuperação, o acesso, a divulgação e a disseminação das informações institucionais na área de saúde”. Ao depararmos com essa iniciativa, decidimos conhecer, minuciosamente, as propostas, com enfoque terminológico, publicadas pelo MS, os modelos propostos para glossário e averiguar a existência de glossário para a Estratégia Saúde da Família e, se encontrado, pudesse servir de base para a nossa discussão. Pretendíamos, a partir do exposto nos sites, buscar informações que pudessem auxiliar a pesquisa.



**Figura 3:** Terminologia da Saúde da Biblioteca Virtual em Saúde<sup>42</sup>  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

A proposta veiculada na definição para Terminologia da Saúde está coerente com o que disponibiliza o site, sendo possível o acesso às bases de dados institucionais. As informações poderão ser consultadas pelo internauta em *Tesouro*, em *Glossários Temáticos*, em *Glossário eletrônico*, em *Siglário*, em *Descritores de Saúde - DeCS* e em *CID-10*. Esses instrumentos, alguns terminográficos, reúnem os principais conceitos, as palavras, as siglas e as expressões técnicas e científicas utilizadas por órgãos subordinados e pelas entidades vinculadas ao Ministério da Saúde. Intencionávamos como uma de nossas ações, construir um banco de dados

<sup>42</sup> Disponível em <http://bvsm.sau.gov.br/terminologia>, acesso em 10/09/2015 e 20/05/2017 .

e, a partir dele, organizar nosso instrumento terminográfico. Para isso, faríamos um estudo de modelos apresentados e analisaríamos a praticidade de suas ferramentas. Finalizada a busca, percebemos que o melhor modelo para banco de dados e para ficha seria o *Terminus 2.0*, divulgado no curso de Terminologia realizado na Universidade Espanhola Pompeu Fabra. No site do MS encontramos um link com acesso a “Glossário Temático”.

Estão nesse espaço 27 indicações de publicações em suporte eletrônico referentes a Temas relacionados à saúde pública, conforme ilustra a figura 4. Há quatro edições de Glossário temático: Alimentação e Nutrição, 2006, 2007, 2010 e 2012, entretanto apenas a edição de 2010 apresentou a versão na íntegra. Entre os 27 glossários citados, não há um que contemple a ESF ou a terminologia popular.



**Figura 4:** Glossário temático da BVS<sup>43</sup>  
 Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

O título “glossário temático” aparece em outros locais. Quando clicamos em *Publicações do Projeto*, figura 4, deparamos com uma coletânea, também intitulada *Glossário temático*, com as publicações expostas na figura anterior, porém com outro layout de apresentação.

43

Estão expostos na janela *Publicações do Projeto de Terminologia da Saúde*: Glossário do Ministério da Saúde (2004); Glossário Temático: Alimentação e Nutrição (2007); Glossário Temático: Banco de Preços em Saúde (2011); Glossário Temático: Ciência e Tecnologia em Saúde (2013); Glossário Temático: Controle de Câncer (2013); Glossário Temático: DST e AIDS (2006); Glossário Temático: Economia da Saúde (2013); Glossário Temático: Gestão Editorial (2013); Glossário Temático: Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde (2012); Glossário Temático: Ouvidoria do SUS (2008); Glossário Temático: Promoção da Saúde (2012) e Glossário Temático: Saúde Suplementar (2012). Não há uniformização dos dados evidenciados quanto à estrutura terminográfica, e não trazem explicações da macro e microestrutura. Há entre esses glossários indisponibilidade do link de acesso ao texto completo. Não tratamos dessas minúcias, mas as relatamos para justificar que não foi possível a leitura, na íntegra, de todos eles. O *Projeto de Terminologia da Saúde*, se insere no Plano de Gestão do Conhecimento do Ministério da Saúde visa garantir a clareza na comunicação interna e externa; a ampliação da participação da sociedade nas questões a ela pertinentes por meio do acesso às informações contidas nos glossários que são disponibilizados para consulta e impressão na página do MS. Quanto à clareza na comunicação, atinge apenas um dos grupos de leitores, o do profissional da área.

As figuras 5 e 6, na aba à esquerda, está a quinta janela, *Glossário Eletrônico*.

The screenshot shows the website interface for 'Biblioteca Virtual em Saúde' (Ministério da Saúde). The main content area is titled 'Publicações do Projeto de Terminologia da Saúde' and contains a list of glossaries. A blue arrow points to the breadcrumb navigation path: 'Página principal > Terminologia da Saúde > Publicações do Projeto'.

**Publicações do Projeto de Terminologia da Saúde**

Coletânea de publicações com definições e termos técnico-científicos e especializados, elaboradas pelo Projeto de Terminologia da Saúde em parceria com áreas técnicas do MS.

- Glossário do Ministério da Saúde - 1ª ed. 2004.
- Glossário Temático: Alimentação e Nutrição - 1ª ed. 2007.
- Glossário Temático: Banco de Preços em Saúde - 1ª ed. 2011.
- Glossário Temático: Ciência e Tecnologia em Saúde - 1ª ed. 2013.
- Glossário Temático: Controle de Câncer - 1ª ed. 2013.
- Glossário Temático: DST e Aids - 1ª ed. 2006.
- Glossário Temático: Economia da Saúde - 3ª ed. 2013.
- Glossário Temático: Gestão Editorial - 1ª ed. 2013.
- Glossário Temático: Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde - 2ª ed. 2012.
- Glossário Temático: Ouvidoria do SUS - 2ª ed. revista e atualizada 2008.
- Glossário Temático: Promoção da Saúde - 1ª ed. 2012.
- Glossário Temático: Saúde Suplementar - 2ª ed. 2012.

**Figura 5:** Publicações do Projeto de Terminologia da Saúde

Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

Com a expectativa de encontrar outros glossários, além dos já apresentados, continuamos averiguando elementos da ESF. No site da MS, tanto no Portal da Saúde quanto na BVS, deparamos com informações em vários documentos, em diversos formatos, mas esperávamos encontrar a reunião de informações em um glossário temático da ESF, em molde terminográfico, a fim de obter dados precisos e objetivos a respeito desse programa que abarca a saúde básica do SUS.

Pretendíamos realizar uma análise sob a perspectiva da disciplina terminológica em que pudéssemos observar a macro e a microestrutura utilizadas, verificar a produtividade de termos, se contemplaria termos e variantes, por exemplo, o candidato a termo *Atenção Básica*. Nas leituras dos artigos disponíveis em MS, registramos as formas relacionadas a ele: *Atenção Básica à Saúde, Atenção Básica de Saúde, Atendimento Básico, Atenção Primária, Atenção Primária de Saúde, Atendimento Primário, Cuidados de Saúde Primários, Cuidados Primários, Cuidados Primários à Saúde e Cuidados Primários de Saúde*. Examinaríamos seu contexto de uso e variantes e, a partir dessa observação, verificaríamos, se em uma versão atualizada, tal glossário comportaria uma seção adicional, elaborada, também, com base nos princípios sociolinguísticos e terminológicos, que evidenciasse a presença do item lexical terminológico não institucionalizado ou não oficial, posto que a ESF e a Saúde Básica priorizam o cidadão com menos recurso, o falante de variante não padronizada. Um glossário com essas características se aproximaria dos princípios de HumanizaSUS<sup>44</sup> que são também os da ESF e que defendem mudanças nos modos de gerir e cuidar a partir do estímulo:

à comunicação entre trabalhadores e usuários para construir processos coletivos de enfrentamento de relações de poder, trabalho e afeto que muitas vezes produzem atitudes e práticas desumanizadoras que inibem a autonomia e a corresponsabilidade dos profissionais de saúde em seu trabalho e dos usuários no cuidado de si.

Não satisfeitos, insistimos com o estudo dos repertórios disponíveis pelo MS. Encontramos na página principal de *Terminologia da Saúde*, conforme a figura 6, o *Glossário*

---

<sup>44</sup> Lançada em 2003, a Política Nacional de Humanização (PNH) busca colocar em prática os princípios do SUS no cotidiano dos serviços de saúde, produzindo mudanças nos modos de gerir e cuidar.

Eletrônico, que permite o acesso a: *Índice de Verbetes*, *Índice de Todas as Palavras*, *Busca Livre*, *Busca Avançada* e *Glossários Temáticos*.



**Figura 6:** Glossário Eletrônico<sup>45</sup>  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

As quatro primeiras trazem dados coerentes dentro do que se espera da linguagem especializada para a área em discussão e informações pertinentes para entendimento do funcionamento do SUS. A quinta janela intitulada *Glossários Temáticos*, surpreendeu-nos. Fixemos, nela, nossa atenção. Esperávamos encontrar nessa janela, *Glossários Temáticos*, no Glossário Eletrônico do site do MS, algo próximo a um conjunto de termos e seus significados ou a reunião de glossários temáticos divulgados anteriormente nas outras duas abas, *Terminologia da Saúde* em *Glossários Temáticos do Ministério da Saúde* e *Publicações do Projeto de Terminologia da Saúde* ou, ainda, alguma alusão a eles, ou a algum deles. Entretanto, esses glossários trazem formatos e focos diferentes dos vistos até aqui. Devido ao grande número de informações distribuídas ao longo da página, optamos, para por melhor nitidez dos itens, pela divisão em duas figuras, numeradas como 6 e 6.1, das imagens do assunto disposto aí, sem a sinalização de setas indicativas de um ponto específico, usadas nas figuras anteriores.

Os informes não possuem nenhum vínculo com glossário temático, tampouco fazem inferência a qualquer assunto de natureza terminológica. Será que houve equívoco da equipe

<sup>45</sup> Disponível em <http://bvsm2.saude.gov.br/php/level.php?lang=pt&component=44&item=114>, acesso em 02/11/2015.

responsável na distribuição de informações no site? Deveriam estar aí os glossários vistos? Responderíamos sim, a essas duas perguntas.

**Acervo da Biblioteca**

**Textos completos**  
Livros | Folhetos | Folder | Vídeos | Iconográficos | Cartazes | E-books | Periódicos

**Impressos**  
Livros | Folhetos | Periódicos | Vídeos | Iconográficos | Cartazes

---

**Legislação da Saúde**

Alerta Legis  
Legislação Básica do SUS  
Sistema Saúde Legis

---

**Fontes de Informação**

**Bases de dados Científicas**  
Cochrane | Comunicação Científica em Saúde | LILACS | Revista Científica | MEDLINE | SciELO - Livros | SciELO - Periódicos | SciELO - Brasil | SciELO - Saúde Pública | SciELO Livros - Fiocruz

**Indicadores, Políticas, Sistemas e Diretrizes do Sistema Único de Saúde**  
Cartas | Conferências Nacionais de Saúde | Convenções | Declarações | Diretrizes do SUS | Encontros | Pactos | Planos | Políticas Nacionais | Programas Nacionais

**Figura 6.1:** Glossários temáticos em Glossário Eletrônico  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

Tabela de Procedimentos, Medicamentos, Órteses, Próteses e Materiais Especiais do SUS

Evidências em Saúde

Sistemas de Informação

Saúde em Números

---

**Redes**

Rede BiblioSUS

ESTAÇÃO BVS

ePORTUGUÊSe

---

**Notícias**

15ª Conferência Nacional de Saúde começa dia 1º de dezembro em Brasília  
25/11/2015 10h50

---

Países se comprometem a priorizar pedestres, ciclistas e motociclistas  
23/11/2015 14h43

---

Biblioteca do Hospital Geral de Fortaleza promove cursos na área de informação em saúde  
12/11/2015 11h08

---

Dia Mundial do Diabetes 2015  
10/11/2015 11h58

**Figura 6.1:** Glossários Temáticos em Glossário Eletrônico  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

As figuras 6 e 7 trazem dados gerais a respeito de diversos temas e as nomeamos conforme o link a que se associam. Apesar de possuir nos títulos das figuras a palavra *glossário* não encontraremos similaridade na relação título e tema exibido. Os temas fazem inferências à saúde pública, mas não constituem instrumentos terminográficos. Em Fontes de Informação, veremos: Bases de dados Científicas, o único tema que traz a ideia de Terminologia pela natureza compilatória. Em Acervos da Biblioteca, observamos, em Impressos, os gêneros utilizados para divulgação da informação em Ciências da Saúde e os consideramos adequados.

Ao clicar em Glossários Temáticos, encontramos links, como vimos nas figuras 6 e 6.1, que acessam, respectivamente, “Acervo da Biblioteca” que contém “Textos completos e Impressos”, “Legislação da Saúde” vinculado à Alerta Legis, Legislação Básica do SUS e Sistema Saúde Legis, “Fontes de Informação”, que traz em Bases de dados científicas, Indicadores, Políticas, Sistemas e Diretrizes do Sistema Único de Saúde, entre outros dados; Tabela de Procedimentos, Medicamentos, Órteses, Próteses e Materiais Especiais do SUS, “Redes” com a Rede BiblioSUS, Estação BVS e ePORTUGUÊSe., e, por último, traz “Notícias”, listando, as principais do momento. Todos esses links tratam o conhecimento geral e não o específico, próprio de glossário temático.

Verificamos, nesses sites, a inexistência de glossário temático em estrutura terminográfica para Estratégia Saúde da Família – ESF. Isso reforça as ideias que viemos laborando. O site precisa de uma reorganização para os dados e compilação de informações diretamente ligadas a ESF. Defendemos, pois, o direcionamento terminológico por sua objetividade e clareza no trato do conhecimento especializado. A produção terminográfica poderá preencher essa lacuna por oferecer informações elaboradas a respeito dos termos que envolvem a prática da saúde básica do SUS, trabalhar a produtividade terminológica, a partir de contexto real de uso e da relação com variantes, tanto dos termos oficiais que são os institucionalizados, quanto os não oficiais, não institucionalizados, próprios da terminologia popular. Um recurso terminográfico elaborado dessa forma alcançaria o público especialista novato na área, sobretudo aqueles que conhecem pouco a respeito da ESF e o público geral.

Confiantes de conseguirmos dados interessantes e, talvez, úteis à nossa proposta, prosseguimos com a observação. Entramos em Tesouro Eletrônico. Essa ferramenta reúne um conjunto de palavras-chave (descritores) que são utilizadas para organização, indexação e recuperação da informação em bases de dados. A plataforma é interativa, bastando o consulente digitar uma palavra ou parte dela, escolher o método de pesquisa e o modo de visualização.

Pesquisamos *Estratégia Saúde da Família*, apareceu *Estratégias Nacionais* e dentro desse item, ADS Administração em Saúde e quando clicamos nele, acessamos um listado de itens, ordenados alfabeticamente, e, novamente Estratégias Nacionais, ou seja, não há, também nesse buscador, menção à Estratégia Saúde da Família, atual diretriz da Saúde Básica. Apesar dessa ausência, o método de pesquisa é bastante direcionado, e traz um acervo relevante.



**Figura 7:** Tesauro Eletrônico do Ministério da Saúde<sup>46</sup>  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

O método de pesquisa divide-se em duas possibilidades, a saber: a) “termos que iniciam com...” e b) “termos que contêm...” Para visualização, é possível escolher entre “lista simples de termos”, “termos e relacionamentos” e “termos e hierarquia”. Por último, é viável eleger a quantidade de termos por página que varia entre 25, 50, 100, ou 200 termos e que aparecem em ordem alfabética.

Outra ferramenta observada foi o Siglário Eletrônico do Ministério da Saúde, mostrada na figura 8, vista a seguir. Nesse link, estão as siglas registradas nos documentos e publicações do MS. Bem estruturado e de fácil manuseio, esse siglário colabora para o rápido acesso à informação. Observamos ao consultá-lo a ausência da sigla ESF, para Estratégia Saúde da Família. Pensamos estar a sigla desatualizada, apesar de ela ser citada em vários documentos.

Um glossário elaborado para a ESF deveria conter um siglário, apresentar todas as siglas que integram a rotina da Atenção Básica e também aquelas que trazem confusão na sua expressão ou que apresentem formas iguais para conceitos diferentes, como a que define

<sup>46</sup>Disponível em: [bvsm2.saude.gov.br/cgi-bin/multites/mtwdk.exe?k=default&w=lombalgia&s=1&t=1&n=25](http://bvsm2.saude.gov.br/cgi-bin/multites/mtwdk.exe?k=default&w=lombalgia&s=1&t=1&n=25). Acesso em: 02/09/2015.

Estratégia Saúde da Família – ESF, que também indica Equipe Saude da Família – ESF, grafada também com e minúsculo, eSF. Em Siglário Eletrônico, o buscador traz quatro modos de pesquisa: simples, avançada, índice de siglas e índice de palavras conforme a figura 8.



**Figura 8:** Siglário eletrônico<sup>47</sup>  
 Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde



**Figura 8.1:** Siglário eletrônico / Índice de siglas / ESF  
 Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

<sup>47</sup> Disponível em [bvsms2.saude.gov.br/php/level.php?lang=pt&component=44&item=115](https://bvsms2.saude.gov.br/php/level.php?lang=pt&component=44&item=115), acesso em 02/11/2015.

Entramos em Índice de Sigla, figura 8.1. Digitamos a sigla ESF e constatamos que algumas se repetiram ES [1], ES [2], FA [1], FA [2], em função da variação conceitual, siglas iguais, significados diferentes. Para ES [1] o significado “Ensino em Saúde e Ciência & Tecnologia”, para ES [2] “Estado do Espírito Santo”, para FA [1], febre amarela e, finalmente, para FA [2] vacina para febre amarela. Percebemos a orientação, se há sigla igual para outro conceito, ambas devem ser inseridas, porém, para ESF, PSF, PS isso não se aplica e, a última sigla, PS, sequer aparece em Siglário Eletrônico, como mostra a figura 8.2. A abreviatura PS significa posto de saúde. PSF tem duas significações, Posto Saúde da Família e Programa Saúde da Família, portanto, deveria aparecer PSF [1] e PSF [2]. Isso não ocorre.



**Figura 8.2:** Siglário eletrônico / Índice de siglas / PS / PSF  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

Entramos em *Busca Avançada* com a intenção de encontrar as siglas mencionadas. Buscamos PSF e ESF. Em PSF há apenas um significado, Programa Saúde da Família. No mesmo número, também, está ESF, Equipe de Saúde da Família, e para esse único significado, incluiu-se, também, a sigla iniciada com *e* minúsculo, *eSF*, ausente em Índice de Siglas. O significado *Estratégia Saúde da Família* para ESF não está em nenhuma das duas ferramentas de busca, Busca Avançada e Índice de Siglas na janela Siglário Eletrônico do site BVS do MS. A sigla ESF foi normalizada em 2006 como substitiva de PSF – Programa Saúde da Família. Esperava-se, portanto, o acompanhamento do site para a atualização.



**Figura 8.3:** Siglário eletrônico ESF ~ eSF  
 Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

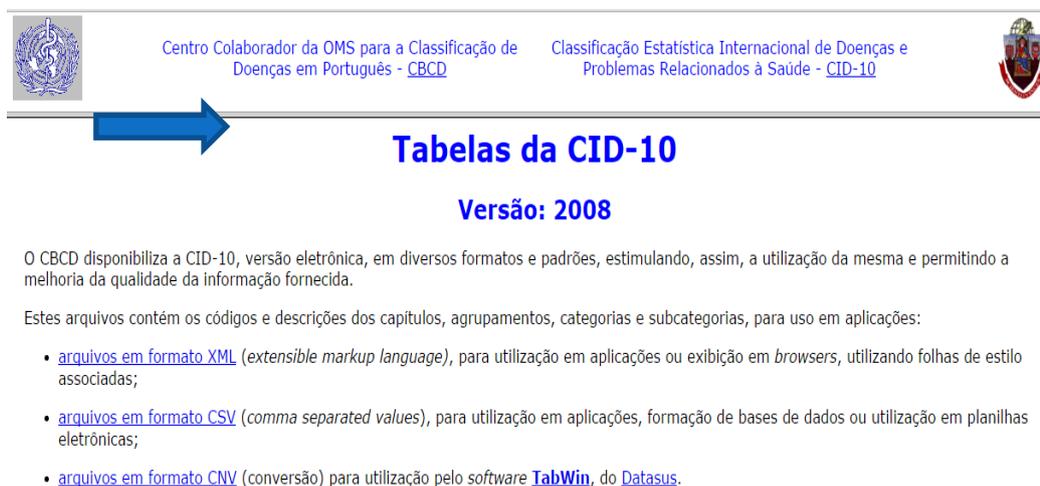
Observou-se, com o exposto e com o registro das imagens 8.1, 8.2, 8.3, a não atualização do Siglário Eletrônico. Ciente da importância das siglas e também de suas variações, nos casos de uma sigla para duas conceituações, a exemplo da sigla ESF que indica Estratégia Saúde da Família e Equipe Saúde da Família, abreviada com “e” maiúsculo e minúsculo, eSF, julgamos relevante dedicarmos, em nosso instrumento terminográfico, uma sessão exclusiva para elas. As formas variantes ESF e eSF não foram contempladas no Siglário Eletrônico, como mostrou a figura 8.1. Também ele não traz as duas conceituações para a sigla ESF, como vimos na figura 8.3.

Mesmo que bastante produtiva na linguagem oral, as siglas e as duas variantes, PSF, Posto Saúde da Família ou Programa Saúde da Família, apenas o último conceito é apresentado no Siglário Eletrônico. Sabemos que houve mudanças em nomes e siglas de locais de atendimento. O Posto Saúde da Família passou a ser chamado de Unidade Básica de Saúde (UBS), mas há região em que a população ainda mantém, produtivo, o nome antigo. Daí a importância de registro de todos os nomes, não apenas pela memória que representa, mas pela característica conservadora que os elementos linguísticos podem apresentar. Cabe ao leitor a delimitação do significado conforme o contexto em que a sigla estiver inserida, entretanto, se não houver atualização dessas siglas, será improvável a dedução correta.

Há, em BVS, mais três abas localizadas em Terminologia da Saúde: CID-10, e-PORTUGUÊS-e e Descritores em Ciências da Saúde – DeCS. Seguimos investindo em nossa

busca por conteúdo terminológico. O primeiro, CID-10, está constituído por tabelas com informações para a classificação de doenças comuns no nosso país; o segundo, e-PORTUGUÊS-e consiste em uma plataforma para apoiar o desenvolvimento de recursos humanos para a saúde nos países de Língua Portuguesa, e o terceiro, Descritores em Ciências da Saúde – DeCS trata os descritores em saúde, essencial para a nossa pesquisa. Dos três relatados, esse é o único com conteúdo organizado à luz da Terminologia e que será mencionado em nossas fichas terminográficas como organismo harmonizador que trata termo, item terminológico, termo relacionado em coocorrência. Damos mais detalhes a respeito na subseção 2.1.1 deste capítulo.

A respeito de Doença, a tabela CID-10 traz dados e códigos importantes para quem precisa identificar sua classificação e o que representa como doença. Para nossa pesquisa, as informações explicitadas, nessa tabela, servem como leitura que auxilia nosso conhecimento a respeito da relação código CID e doença. A partir de Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, o usuário poderá visualizar, em CID-10, o código numérico correspondente à doença em foco. O CID é exigido nos protuários e receituários dos pacientes e todos os profissionais de saúde devem conhecê-lo.



The image shows the header and main content of the CID-10 2008 website. At the top, there are two logos: the WHO logo on the left and the Portuguese coat of arms on the right. Between them, the text reads: "Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português - CBCD" and "Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10". Below this, a blue arrow points to the main title "Tabelas da CID-10" and "Versão: 2008". Underneath, there is a paragraph explaining that the CBCD provides the CID-10, 2008 electronic version in various formats to improve information quality. It then lists three types of files available: XML (for use in browsers), CSV (for use in spreadsheets), and CNV (for use with TabWin software).

Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português - CBCD

Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - CID-10

## Tabelas da CID-10

Versão: 2008

O CBCD disponibiliza a CID-10, versão eletrônica, em diversos formatos e padrões, estimulando, assim, a utilização da mesma e permitindo a melhoria da qualidade da informação fornecida.

Estes arquivos contêm os códigos e descrições dos capítulos, agrupamentos, categorias e subcategorias, para uso em aplicações:

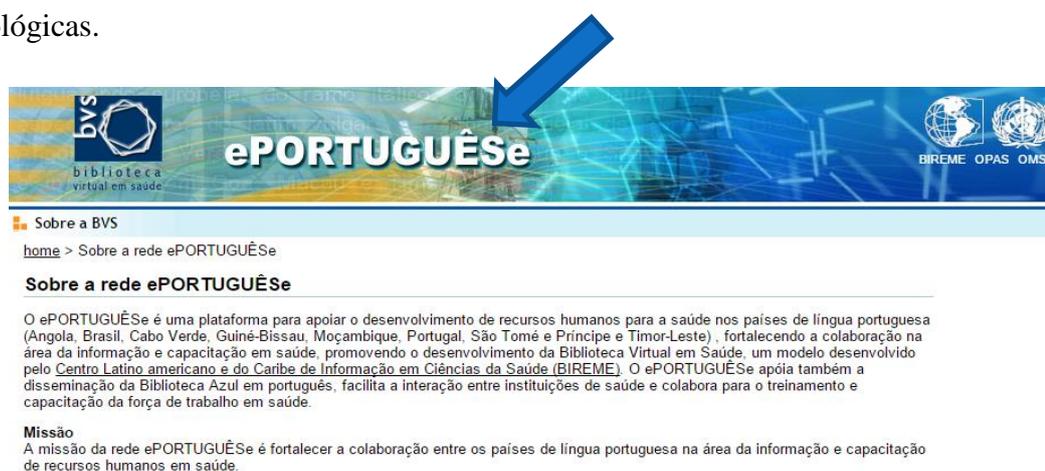
- [arquivos em formato XML](#) (*extensible markup language*), para utilização em aplicações ou exibição em *browsers*, utilizando folhas de estilo associadas;
- [arquivos em formato CSV](#) (*comma separated values*), para utilização em aplicações, formação de bases de dados ou utilização em planilhas eletrônicas;
- [arquivos em formato CNV](#) (conversão) para utilização pelo *software TabWin*, do [Datusus](#).

**Figura 9:** CID-10<sup>48</sup>  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

A plataforma Tabelas da CID-10, diferentemente de DeCS, traz como única opção de acesso a língua oficial do Brasil, o Português.

<sup>48</sup> Disponível em [datusus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm](http://datusus.gov.br/cid10/V2008/cid10.htm), acesso em 08/09/2015.

O e-PORTUGUÊS-e, figura 10, é também uma plataforma e visa o apoio aos recursos humanos para a saúde, criada com a finalidade de fortalecer a colaboração entre os países Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste na área de informação, capacitação e troca de experiências. Além do Programa Mais Médicos para o Brasil, há outros convênios que envolvem médicos de Angola e outros países africanos. Essa ferramenta não possui estrutura terminológica, mas a julgamos interessante e tratamos dela aqui, por representar possibilidades futuras. O contato com profissionais de oito países poderá, no futuro, contribuir para a divulgação de estudos e pesquisas na saúde que trabalhem, no discurso médico dessas línguas, as variantes terminológicas.



**Figura 10: ePORTUGUÊSe<sup>49</sup>**  
Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde

A respeito desta proposta, relatamos que os textos especializados disponíveis nos sites do MS, Portal da Saúde e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) possuem linguagem acessível, destinada ao público leigo, apesar dos termos de difícil apreensão. Percebemos, nesse sentido, uma preocupação pela simplificação das unidades linguísticas e terminológicas com a finalidade de divulgá-las para o leitor, especialmente, para o que não atua na área designada.

Considerando a preocupação dos organizadores pelo acesso à informação, propomos subsumir, nesses ambientes, além dos materiais divulgados, outros que tragam denominações populares, a partir de trechos transcritos da oralidade, para dar coerência ao que defende o site a respeito de popularizar a informação na área da ciência da saúde.

<sup>49</sup> Disponível em <http://www.bvs.eportuguese.org/php/level.php?lang=pt&component=19&item=2>, acesso em 09/09/2015.

### 2.1.1 O vocabulário estruturado DeCS e a terminologia da Saúde

Em Biblioteca Virtual em Saúde Brasil encontramos o link que remete a Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), vocabulário estruturado<sup>50</sup>, idealizado e organizado pelo Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde – BIREME<sup>51</sup>. Trata-se de uma estruturação hierárquica que permite pesquisa de termos mais amplos ou mais específicos ou de todos os termos que pertençam a uma mesma classe.

Interessou-nos entender a dinâmica terminológica desse vocabulário. Tratamos por dinâmica terminológica a descrição dos itens e relação conceitual disposta no instrumento. A respeito de uniformização o DeCS diz servir como linguagem única na indexação de documentos e assuntos da literatura científica não só nas fontes de informação disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), como, também, nas bases de dados da Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), principal fonte de informação de BVS e na base de dados *on line* da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos da América (MEDLINE). Além de LILACS e MEDLINE há outras bases de dados citadas como fontes por esse vocabulário. Para nossa pesquisa tais fontes de informações são relevantes, porque partem de outras bases de dados que atendem o Brasil e outros países parceiros nos programas de saúde.



**Figura 11:** Descritores em Ciências da Saúde - DeCS<sup>52</sup>

<sup>50</sup> “Vocabulário estruturado são coleções de termos, organizados segundo uma metodologia na qual é possível especificar as relações entre conceitos com o propósito de facilitar o acesso à informação. Os vocabulários são usados como uma espécie de filtro entre a linguagem utilizada pelo autor e a terminologia da área e também podem ser considerados como assistentes de pesquisa ajudando o usuário a refinar, expandir ou enriquecer suas pesquisas proporcionando resultados mais objetivos”, disponível em <http://decs.bvs.br/P/aboutvocabp.htm>, acesso em 21/05/2017.

<sup>51</sup> Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde também conhecido pelo seu nome original Biblioteca Regional de Medicina – BIREME. Sua sede está localizada no Brasil.

<sup>52</sup> Disponível em DeCS.bvs.br, acesso em 08/09/2015.

A equipe gestora desse vocabulário apresenta, para muitos dos seus descritores, os sinônimos. Classificam em “Sinônimos *Português*” itens lexicais simples e compostos. Elencam aí, possivelmente, a rede semântica do termo. O que o DeCS nomeia sinônimo poderá ser considerado por nós, em alguns casos, variante, dada a nossa concepção com base nos estudos sociolinguísticos e no posicionamento de Freixa.

A variação é indicativa de uma linguagem não unificada que transita no domínio das Ciências da Saúde do Brasil. A não unificação de termos remete à pluralidade de formas e ao dinamismo linguístico, possibilidades reais e naturais, quando tratamos de terminologias de uma área. Em DeCS percebemos uma relação harmoniosa entre termo e sinônimo.

Consultamos o DeCS, para averiguar o estabelecimento da denominação de referência. Utilizamos sua ferramenta de busca em Português para procurar os termos institucionalizados e os não institucionalizados, ditos estigmatizados ou não científicos, selecionados nesta tese. Quando não os encontrávamos em Português, buscávamo-los em Espanhol ou Inglês.

Entendemos que a presença desses termos ali, em DeCS, lhes confere a condição de reconhecimento, pois, se localizam em um espaço amplamente disseminado ao público especializado da área na qual temos interesse. Esse reconhecimento é necessário para a prática terminológica que preza pela informação descritiva, contextualizada e concisa do conhecimento especializado.

Para ilustrar a harmonização terminológica, quando há ocorrência de um grupo de termos sem imposição ou exclusão de algum deles, voltamos para o vocabulário estruturado DeCS. Pensando nos sinônimos apresentados, damos dois exemplos. Pesquisamos os termos *Doença infecciosa* e *Doença endêmica*. A primeira apresenta em Sinônimos *Português* nove formas aceitáveis como variantes. Aceitamos como variantes termos afins, podendo variar conforme gênero, número e forma, mas que possuem mesmo conceito.

Para doença infecciosa, encontramos em Descritores em Ciências da Saúde as variantes: *Doença contagiosa; Doenças contagiosas; Doença infectocontagiosa; Doenças infectocontagiosas; Doença infecciosa; Doenças infecciosas; Enfermidade transmissível; Enfermidades transmissíveis e Doenças quarentenárias*, conforme mostra a figura 11.1, vista a seguir:

1 / 1 DeCS	
Descritor Inglês:	<b>Communicable Diseases</b>
Descritor Espanhol:	<b>Enfermedades Transmisibles</b>
Descritor Português:	<b>Doenças Transmissíveis</b>
Sinônimos Português:	Doença Contagiosa Doenças Contagiosas Doença Infectocontagiosa Doenças Infectocontagiosas Doença Infecciosa Doenças Infecciosas Enfermidade Transmissível Enfermidades Transmissíveis Doenças Quarentenárias

**Figura 11.1:** DeCS – Relação dos termos para doença infecciosa

Já a segunda figura, a 11.2, apresenta como entrada o termo *Doença Endêmica*, e, em Sinônimos *Português* traz cinco itens lexicais, que são, sucessivamente, *Endemia*, *Endemias*, *Doença Endêmica*, *Agente de Combate às Endemias (ACE)*.

1 / 1 DeCS	
Descritor Inglês:	<b>Endemic Diseases</b>
Descritor Espanhol:	<b>Enfermedades Endémicas</b>
Descritor Português:	<b>Doenças Endêmicas</b>
Sinônimos Português:	Endemia Endemias Doença Endêmica Agente de Combate às Endemias Agente de Combate às Endemias (ACE)
Categoria:	<a href="#">N06.850.392</a> <a href="#">SP5.001.047.113.109</a>
Definição Português:	Presença constante de doenças ou agentes infecciosos dentro de uma determinada área geográfica ou grupo populacional. Também pode se referir a uma <u>prevalência</u> de uma certa <u>doença</u> em uma área ou grupo. Inclui <u>doenças</u> <u>helenodêmicas</u> e <u>hispodêmicas</u> . Uma <u>doença</u> <u>helenodêmica</u> é uma

**Figura 11.2:** DeCS – Relação dos termos para doença endêmica

As três primeiras formas referem-se a termos designativos; a quarta forma descreve o profissional, Agente de Combate às Endemias e a quinta forma repete a quarta, acrescentando a sigla ou abreviatura da forma anterior. Agente e doença seriam formas variantes? Se pensarmos em agente como aquele que origina, causa, por exemplo, agente patológico, agente causador de doença, veríamos, sim, uma relação direta e poderíamos pensar sobre variante, mas

esse não é o caso. Não entendemos Agente de Combate às Endemias (ACE), por constituir essa denominação ao profissional, como sinônimo para doença endêmica. Seria o caso de um termo relacionado à doença, já que cabe, na função do profissional, a informação para prevenção da doença? Ou seria uma impropriedade de uso?

Designar um descritor e relacioná-lo à sinonímia se configura adequado, quando há afinidade semântica. Nesse trato, influencia-se o elemento considerado termo e sua definição, que fornece informação estrita do termo. Se não há afinidade semântica, indica que houve descuido no trato terminológico. Apesar de não concordarmos com a relação descritor-sinônimo em Doenças Endêmicas, consideramos a ferramenta referência para a área de Ciências da Saúde e para nossa pesquisa. Aprovamos outras variantes apresentadas e as usamos como exemplos em nossas fichas terminográficas.

Na figura 11.3 apresentamos o termo de entrada ou o descritor Malária e os sinônimos destinados a ele.



**Figura 11.3:** DeCS – Relação dos termos para Malária

A respeito dos dados para a doença Malária, em DeCS, encontramos onze variantes, são elas: *Paludismo*, *Impaludismo*, *Maleita*, *Doença malárica*, *Infecção malárica*, *Febre do manguê*, *Febre da malária*, *Febre malárica*, *Infecções por Plasmodium*, *Febre Remitente Paludosa*, *Fiebre Remitente na Malária*. O termo *Fiebre Remitente na Malária* é uma forma linguisticamente híbrida, porque mistura dois idiomas, Português e Espanhol. Em nosso *corpus*

extraímos o termo *Seção*, que acrescentaríamos a esse rol de variantes. *Seção* designa malária no Vale do Jequitinhonha, registro feito por Antunes (2013). Apontamos, em nossas fichas, descritas no capítulo 4, outras variantes que poderiam colaborar para ampliação da terminologia do vocabulário de DeCS.

Diante das estruturas léxicas especializadas, divulgadas nesse site, está o olhar do especialista às informações e conhecimentos. Haveria, em DeCS, espaço para divulgação de um vocabulário popular de terminologia da saúde para conhecimento do profissional da área? Acreditamos que a divulgação de dados “estigmatizados” que descrevem, especificamente, elementos da área da saúde, provenientes da linguagem popular, auxiliaria a Equipe de Saúde da Família que atua no interior do país, onde a variante estigmatizada se faz profícua. Poderíamos dar nossa contribuição, nesse sentido, com itens terminológicos encontrados em MG.

Ainda, sobre a nossa percepção, reparamos, em DeCS, o tratamento dado para *palavra*, *descriptor* e *termo*. Para Krieger (2006, p. 161), Terminologia e Lexicografia diferem-se no seu objeto de estudo. À primeira “cabe a elaboração de glossários, dicionários técnicos e banco de dados terminológicos”. A segunda é “responsável pela elaboração do chamado dicionário de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas”. Observa-se, portanto, que a Lexicografia e a Terminologia, com relação ao léxico, têm objetivos, metodologias e produtos diferentes.

A Lexicografia realiza o estudo amplo da língua geral e a Terminologia busca descrever, organizar e examinar os itens terminológicos técnicos, científicos e/ou específicos de uma área. O foco da primeira é a *palavra* e, da segunda, o *termo* ou *item terminológico*, cuja função é caracterizar a linguagem de especialidade. Essa clareza na especificação dos itens linguísticos, “termo” e “palavra”, parece ocorrer apenas na linguagem dos linguistas; em outros meios, parece que essa diferença não existe, daí a necessidade de trabalho em equipe, pois ação de terminólogo é imprescindível em todo e qualquer ambiente de manipulação e divulgação da língua de especialidade.

Considerando DeCS um ambiente terminológico, elaborado, exclusivamente, para a linguagem da saúde, por que não considerar como termos todos os itens lexicais, ali expostos? Desconsideraríamos, nesse caso, o item “palavra” que aparece na tela principal, como opção de busca junto a “termo”.

Na tela de consulta ao DeCS, como vimos na figura 12, o usuário tem duas opções para sua busca “Palavra ou Termo” e “Descritor Exato”. Consultamos os responsáveis sobre a diferença entre *Palavra* e *Termo*. A resposta, recebida por e-mail trouxe o seguinte:

Palavras-chaves podem ser de uso livre e não controlado pelos autores que publicam nas bases bibliográficas que estão no Portal da BVS. Já os descritores fazem parte de um vocabulário controlado (o DeCS, no caso) que é usado pelos indexadores que indexam os artigos científicos nas bases de dados da BVS. Em um vocabulário controlado, os termos (descritores) são dispostos em estruturas conceituais, em que um conceito mais geral pode abranger vários conceitos mais específicos. Isso é uma das características de um vocabulário controlado. E o que é indexar? Podemos fazer uma analogia com "colocar rótulos". Indexar é como colocar rótulos. Um documento (artigo científico, por exemplo) pode ter vários rótulos que DESCRIVEM os assuntos nele abordados. Então, um documento pode ser descrito por vários "rótulos" ou, tecnicamente, descritores. As palavras-chaves usadas pelos autores não necessariamente são usadas para procurar por descritores para indexar, já que um bom indexador "coleta" os assuntos tratados em um documento ao longo de todo ele, não se baseando nas palavras-chaves fornecidas pelos autores. Na página do portal da BVS, <http://bvssalud.org>, onde se lê "Assunto", deve ser entendido que a ferramenta de busca procurará por DESCRITORES ou seus sinônimos.

Essa explicação nos mostrou que por *Palavra* a equipe de DeCS entende palavra-chave e *Termo* é o mesmo que descritor. Palavra seria de uso livre e termo, controlado. Então, qual é a relação entre *Termo* e *Descritor exato*? Seria o primeiro livre e o segundo, controlado? A explicação não esclarece. Propomos a retirada do elemento “*Palavra*”, e, talvez, dar lugar a “item lexical terminológico”, para os candidatos a termos que venham a ser acrescentados, ou manter, apenas, “termo” ou “descritor exato” como as opções de consulta para o usuário.

O DeCS como vocabulário apresenta um acervo terminológico de imensurável valor para a área. Traz informações, indexações a fontes textuais relevantes, descrições e exemplos que nos ajudaram a entender a complexidade que envolve a terminologia de uma área e variação, ainda que esse não seja o foco e que a descrição, em alguns itens, não tenha sido clara e objetiva, como demonstrado nas figuras 11, 11.1, 11.2 e 11.3. O fato de mencionar formas consideradas sinônimas, entretanto, reforça para nós comportamentos terminológicos concorrentes e coocorrentes, ou seja, em processo de variação.

#### **2.1.1.1 DeCS como instrumento de harmonização terminológica**

A respeito do objetivo e da finalidade de DeCS, encontramos, no site, duas frases que sintetizam sua função: “servir como linguagem única” e “participa[r] no projeto de desenvolvimento de terminologia única e rede semântica em saúde”. Entendemos como *rede*

*semântica* as inúmeras possibilidades denominativas que o termo apresenta. E sobre “linguagem única”, pensamos no princípio de normalização defendido por Rondeau (1984), a *normalização* relacionada à medida coercitiva adotada por autoridade e, normalmente, integrada a um contexto sociolinguístico.

Em DeCS vimos o termo e sua rede semântica em *Sinônimos Portugêses*. Não há comportamento, nesse caso, para a normalização, porque não há imposição de um termo a outro por meio de exclusão. Rondeau (1984, p.102) sustenta que “a normalização de um termo significa que seu uso exclui o uso de qualquer o outro termo [que possua mesmo conceito] pelas pessoas físicas ou morais submetidas ao mandato do normalizador, sob pena da aplicação de sanções previstas”. Não há indício de exclusão de termos, se há uma rede semântica divulgada como sinônimos, conforme observado em DeCS. É possível que ocorra nos casos que apresentam sinonímia, em DeCS, o processo de *harmonização* em que subjaz a ideia de adequação contextual. Segundo Pavel e Nolet (2002, p.30-31) “a harmonização terminológica combina o desejo de precisão conceitual e correção linguística, [combina] a adequação do termo à situação de comunicação e eficácia [de seu uso]”. O termo de entrada em DeCS é o descritor, ou seja, comporta-se como matriz referencial às informações relacionadas a ele. Além do descritor, tem-se a presença de sinônimos que sugerem harmonização e parece ficar a cargo do consultante adotar o que melhor condiz com a situação e o contexto em que se encontra.

O comportamento terminológico disposto no vocabulário estruturado DeCS dá indícios a respeito do uso terminológico ou, melhor, sugere a consagração de determinado uso. Entendemos, mediante a organização estrutural e os dados expostos, que o consultante terá acesso ao termo de entrada [e, isso, é uma sugestão] mas, também, aos sinônimos globais – não são classificados em absoluto, parcial ou pseudo-sinônimo. Frente a essa possibilidade, o consultante elegerá o termo concordante à unidade lexical que supra a necessidade denominativa. Nessa perspectiva cremos que o DeCS atua no âmbito da harmonização terminológica e não da normalização, como nos induz o texto de apresentação ao referir-se “a servir como língua única”. Essa abordagem, permitiu-nos, judiciosamente, adotar para esta pesquisa o DeCS, como instrumento harmonizador de nossos itens lexicais terminológicos e candidatos a termo.

Após a recolha dos nossos elementos nas fontes citadas, realizamos a consulta na ferramenta de busca do DeCS, a fim de verificar sua inserção e, com isso, indicar o *status* de difusão terminológica. Apresentar o *Status* dos nossos dados atesta sua condição terminológica.

Caso tenha sido inserido no vocabulário estruturado, com a mesma forma e conceito, nós o tratamos como termo “harmonizado”. Se está em DeCS, está harmonizado, ou seja, é reconhecido oficialmente por integrar o vocabulário estruturado indicado pelo MS. Caso o nosso dado não esteja inserido, é o que se espera para o dado estigmatizado, o classificamos como “não harmonizado”, por entender que ele não está ali, em harmonia com os seus pares. E, nesse caso, deixamos implícita a ideia de adoção ou recusa deles por parte da equipe gestora do DeCS. Classificamos também em “sem atribuição” as situações: i. está em DeCS o registro de conceito, mas não há atribuição à forma gráfica do significante que coletamos; ii. está em DeCS o registro de termo, mas não há atribuição conceitual igual a que coletamos. O *Status Sem atribuição* informa que o DeCS não atribuiu a forma ou conceito por nós trabalhados. Essa informação classificatória ajudará a entender o nível de difusão do dado coletado, considerando o DeCS nossa referência de vocabulário na área de saúde pública.

Dentro da terminologia especializada, o uso de estruturas linguísticas específicas requer certo conhecimento da área para compreender seu significado. Espera-se, nesses sites de busca, principalmente os relacionados à saúde pública, o benefício da informação para o consulente. É importante, para a apreensão do conteúdo, que o mesmo interaja com a linguagem estipulada de forma que o consulente se sinta seguro quanto ao recebimento dos dados ali expostos. Ressaltamos que o processo de ampliação do conhecimento especializado, proveniente da globalização, dá lugar para a informação em todos os níveis de conhecimento e linguagem, e cabe a essa ampliação, considerações a respeito da descrição de variantes.

Sugerimos, como ação futura, um referencial construído a partir de bases terminológicas, influenciadas pelos modelos variacionistas de Cabré, Faulstich e Freixa, em que seja possível descrever parte da linguagem médica, a partir de dados reais, de forma a que a abordagem de termos e sua associação relacionada à percepção popular traga contribuições que ampliem o vocabulário dos que trabalham com a saúde, principalmente com o paciente falante da variante não padronizada.

## **2.2. Comunicação, linguagem e terminologia na Saúde**

Discorreremos a respeito da comunicação e linguagem na Saúde, da complexidade do termo médico, de sua construção, aceitação e aplicabilidade, tendo em vista sua representatividade dentro de uma perspectiva comunicativa para especialistas.

A precisão da linguagem é uma das principais finalidades da Terminologia e da Saúde, pois o termo empregado, nessas áreas, deveria acusar aceção própria, ser reconhecido no contexto em que se encontra e ser, preferencialmente, unívoco, mas não é assim que ocorre. A terminologia da área da saúde faz uso de raízes, prefixos e sufixos gregos e latinos, para caracterizar boa parte dos seus termos que podem ter formas híbridas (latino+grego+outra língua).

A Saúde Básica, regida pelo SUS, atende a população carente, conseqüentemente, a que possui menor acesso à escolaridade superior. Para os profissionais da saúde, os doutores, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes comunitários, o alcance a obras clássicas, guias, manuais, dicionários e a compreensão da formação terminológica na linguagem médica processa-se nos estudos acadêmicos, no contato com mestres e na prática diária. Para os leigos, os não iniciados no ensino acadêmico, a assimilação, daquilo que ouvem, veem e sentem leva a um universo léxico de criação livre de palavras. Uma palavra comum poderá tornar-se termo, quando estiver carregada de significado especificista, em um contexto especializado e for atestada por um terminólogo.

A linguagem médica e a da saúde estão dotadas de uma terminologia exclusiva pouco atingível pelo leigo. Os limitados recursos da comunicação, a falta de pessoal qualificado e a carência de médico no país contribuíram para o distanciamento linguístico entre profissionais e pacientes. Preocupações relativas a aproximação da linguagem, simplificação no uso de termos técnicos ou reconhecimento dos equivalentes utilizados pela população são recentes.

O não acesso à linguagem dos profissionais da saúde era uma prática comum que suscitava o distanciamento entre especialista e leigo e, conseqüentemente, a ausência ou pouca interação entre eles. Vimos documentos que visavam minimizar essas lacunas: o *Manual de Medicina doméstica*, de William Buchan, publicado em 1785, disponível na rede<sup>53</sup> e o *Diccionario de Medicina Popular e das sciencias acessórias para uso das famílias*, do polonês Pedro Luiz Napoleão Chernovitz, de 1890, ambos estão digitalizados. O segundo encontra-se disponível, também, na *Biblioteca Brasileira, Guita e José Mindlin* da Universidade de São Paulo<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> Disponível em <https://archive.org/details/b28769491>, acesso em novembro de 2016.

<sup>54</sup> Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00756310#page/1/mode/1up>, acesso em novembro de 2016.

Chernovitz e Buchan preocuparam-se em levar informações relacionadas à saúde aos populares. Fotografamos parte do prólogo do dicionário de Chernovitz que ilustra essa consideração

**O methodo e as ideias do doutor Chernoviz foram respeitados como sempre, apenas tratámos de dar a esta nova edição certo desenvolvimento mais lato e muito mais pratico, necessitado pelos progressos da sciencia, e por conseguinte tornal-a mais util. Tratámos de dar um caracter novo á obra, de modo que fosse consultada com proveito não só por todos aquelles que desejam se instruir, e, em caso de necessidade urgente poder soccorrer seo semelhante, como tambem pelos homens da sciencia, pelos medicos, que n'ella encontrarão as novidades da therapeutica e o modo de praticar as operações de pequena cirurgia.**

Em situação que Ciência, Saúde e a Medicina se fazem próximas a quem delas depende, há ganhos consideráveis em todos os sentidos. Na época de Chernovitz e Buchan, observou-se que seu dicionário era consultado com “proveito por todos aqueles que desejam se instruir”. Isso mostra uma postura que leva a democratização de saber, a disponibilização de conhecimento a quem se interessar, a oportunidade de aprender e repassar o aprendizado. Os meios de divulgação colaboram para difusão do conhecimento acadêmico, não dando a importância que deveria ao conhecimento popular. Isso não significa nivelamento ou imposição de saberes, mas entendimento de que há expressão e informação na manifestação popular, significa, admitir que aquele que não possui formação padrão produz saber seja por métodos próprios seja por continuidade aos métodos de seus antepassados. As constatações populares referentes à saúde, em que se incluem elaboração de remédio caseiro, unguento, emplastos, curas alternativas, ocorrem por força do hábito enraizado. Esse saber permanece na comunidade. As denominações populares correspondentes a doenças, a sintomas e a procedimentos, por exemplo, não são difundidas de forma adequada nos meios que atendem aos profissionais de saúde. Estrangeiros ou acadêmicos em internato rural ainda estranham a variedade linguística falada no interior de nosso estado.

O avanço das tecnologias de comunicação trouxe consigo agilidade na troca de informações, viabilizando o leva e traz de observações referentes à reestabilização da saúde. Nesse sentido, voltamos para a terminologia das denominações populares, assim entendida pelos profissionais da saúde. Ainda que ocupe, dentro da linguística, a forma não padronizada, constituída por elementos estigmatizados, elementos não qualificados como oficiais, ela possui considerável acervo e merece divulgação a fim de promover o entendimento de quem as profere

e propiciar mais transparência na comunicação, que é, essencialmente, a função da linguagem na saúde.

### **2.3. Variação denominativa na terminologia padrão da área da saúde**

No capítulo anterior, colocamos em pauta o movimento da Terminologia rumo ao aceitação da variação, pois as modificações em suas bases teóricas, a partir do surgimento de propostas teóricas de orientação descritiva de Cabré 1999, Temmerman 2000, Gaudin 2003, Diki-Kidiri 2008, Freixa 2002, puseram em destaque a variação, capaz de revelar novas formas terminológicas.

O princípio da uniformização ou harmonização ou, ainda, normalização tem em seu núcleo a biunivocidade terminológica. Oficializar é dar legitimidade e atualizar exige acompanhamento contínuo de tendências terminológicas. Analisando o Brasil e sua idiosincrasia linguística, é recomendável consentir a condição variacional que assiste a certos termos. Considerando a associação como ato comum nas regiões, conforme a cultura local, o termo poderá sofrer, naturalmente, variações. Focamos, neste estudo, a variação denominativa. Baseamo-nos em considerações feitas por Freixa (2002, p. 362). Para ela, os termos variam por estarem conectados aos diferentes padrões em que ocorre o discurso especializado. Ela aponta motivos dessa variação e cita causas estilísticas, dialetais, funcionais, sociolinguísticas e sociocognitivas, para que isso se manifeste. Defende o estudo do contexto em que se dão as unidades terminológicas como *única via válida de observação*, desde que o que se pretenda é apreciar as características reais (do termo).

Pensando no processo impositivo em que se dão as unidades terminológicas na área médica, em que o contexto de uso parece não ser levado em consideração, voltemos, brevemente, à *Terminologia Anatômica*, lista cânone de termos médicos. Acessamos uma de suas atualizações, determinada junto a Portugal, e deparamos com seu potencial variacionista. Na lista vimos que, para o termo analisado que será substituído com o tempo, há outro correlato, dito “atualizado” e mais “adequado” que o anterior. Na relação, termo antecedente e termo atual, há, certamente, uma expectativa de adesão inerente ao último. Em 1997, em São Paulo, foram concebidas atualizações na “Nômina Anatômica de São Paulo”, documento aprovado por especialistas de grande renome nacional e internacional. O repertório extenso, representando por um recorte nesse documento, trouxe mudanças léxicas consideráveis. Citamos, no quadro 3, oito exemplares dos novos termos repertoriados e divulgados na época: Patela, Sistema cardiovascular, Sistema digestório, Sistema urinário, Saúde oral, Sistema

genital, Tuba auditiva e Tuba uterina. O termo *Rótula* que designa o osso localizado no joelho teve sua denominação mudada para *Patela*, ou seja, desde 2007, *Patela* substitui *Rótula*. De igual forma, o termo *Sistema cardiovascular* substitui *Sistema circulatório* e, assim, por diante, como indica o quadro 5, a seguir:

<b>Nome antigo (antes de 1997)</b>	<b>Nome atualizado</b>
Rótula	Patela
Sistema circulatório	Sistema cardiovascular
Sistema digestivo	Sistema digestório
Sistema excretor	Sistema urinário
Saúde bucal	Saúde oral
Sistema reprodutor	Sistema genital
Trompa de Eustáquio	Tuba auditiva
Trompa de Falópio	Tuba uterina

**Quadro 5:** Terminologia Anatômica<sup>55</sup>

Fonte: Elaboração própria

Em uma busca rápida pelo Google, encontramos 3.390.000 resultados para *Rótula*, enquanto que para *Patela* aparece com 636.000. Isso indica que o termo anterior tem sido usado mais vezes que o seu substituto. Para *Sistema Cardiovascular* e *Sistema Circulatório*, ocorre o inverso. A forma substituta apresenta maior número de resultados. Podemos afirmar que as formas antigas e atuais ainda coexistem, retratam um processo de mudança, dividem o mesmo contexto comunicativo do brasileiro. Reiteramos que a uniformização terminológica é tão complexa quanto sua atualização e, se os termos substitutos [e impostos] estivessem dentro do contexto comunicativo do brasileiro poderiam, mais rapidamente, ser assimilados.

A variação observada em *Terminologia Anatômica* exemplifica um processo de normatização, em função da imposição terminológica. Em algum momento o termo substituído deverá desaparecer, ou seja, haverá fixação do termo imposto, considerado mais adequado pelo grupo que o impõe.

Seguros de que encontraríamos variação também em processos de harmonização terminológica, conforme presenciamos em nosso cotidiano e em pesquisas realizadas sobre o assunto, prosseguimos com o estudo. O artigo *Terminologia da área da saúde e Variação* de Krieger e Santiago (2014) trata o tema variação denominativa a partir dos modos de representação da linguagem que geram as denominações populares coexistentes com as de nível

<sup>55</sup> Disponível em [http://www.laboratoriodeprotese.com.br/download/artigo01\\_nonima\\_anatomica.pdf](http://www.laboratoriodeprotese.com.br/download/artigo01_nonima_anatomica.pdf), acesso em dezembro de 2016.

especializado. O quadro 6, retirado de Santiago (2007 *apud* Krieger e Santiago, 2014, p. 5) mostra variantes de dois domínios de linguagens: o de leigos e o de especialistas.

íngua - gânglio linfático aumentado
amarelão - hepatite C
cabeça d'água - hidrocefalia
pedra nos rins - nefrolitíase
doença do gato - toxoplasmose
açúcar no sangue - diabetes
inflamação do fígado - hepatite
dor de cabeça - cefaléia
sarna, coceira, pereba, curuba - escabiose

**Quadro 6:** Lista de variantes mais populares  
Fonte: Krieger (2014) e Santiago (2007, 2014)

Ressaltamos que a variante no domínio do leigo pertence a esse domínio e é compreendida como variante em relação a seus pares. Não afirmamos que pereba e escabiose, por exemplo, são variantes no domínio linguístico do médico. O médico, em sua rotina, em contato com o paciente, não fará uso do termo *pereba*, mas é recomendável sua compreensão, pois ele integra o domínio linguístico do paciente.

Diferentemente da terminologia popular, o termo médico/científico é elaborado, construído para essa finalidade. Sua formação estrutural pode ser composta, por exemplo, por um radical e um sufixo como em *hepatite*, ou um prefixo, um radical e um sufixo, como em *pericardite*. Em alguns casos, é possível entendê-los decompondo a palavra, analisando cada item separadamente e, assim, captar seu significado. Separando *Pericardite* teremos *peri= em redor*, *card= coração*, *ite= inflamação*, entenderemos que *Pericardite* significa inflamação em redor do coração.

Os termos da área de saúde usados pelos profissionais são, em sua grande maioria, produzidos a partir de radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos, conferindo-lhes objetividade em seus significados, ou seja, expressando ação, conceito, súmula ou processo. Para Rezende (2004), essas características conferem “simplificação da linguagem; precisão do significado das palavras e intercâmbio científico entre as nações com diferentes idiomas de cultura.” Ao mencionarmos *Hepatite*, por exemplo, conforme esses radicais, apreendemos a seguinte formação: *hepato + ite*, *hepar* ou *hepato* significa fígado e *ite*, inflamação. Ambas, de origem

grega, remetem ao processo inflamatório da glândula. Em outras palavras, é o mesmo dizer *Inflamação do fígado* ou *hepatite*.

Na linguagem popular das cidades de Passos (RIBEIRO, 2010) e Serra do Cipó (FREITAS, 2012), comunidades pesquisadas, a doença Hepatite é conhecida por *amarelão* ou *marelão*, dito, por algumas pessoas, com aférese, ou seja, com o “a” suprimido. Esse termo de origem latina encaixa-se na ideia de que a denominação popular à doença hepatite está atada a um dos seus sintomas principais, o tom amarelado da pele do infectado. Nessas cidades registrou-se também esse mesmo termo, amarelão, para a Ancilostomíase, nome grego para a doença causada por dois vermes – *Ancylostoma duodenale* e *Necatur americanos* – da família dos nematelmintes (asquelmintes) que atinge a população residente em ambiente deficiente em saneamento básico. Na literatura popular, é conhecida por “amarelão”, “doença do jeca tatu”, “mal da terra”, “anemia dos mineiros” e “opilação”. Em nosso *corpus* registramos, apenas o primeiro. Em nossa ficha terminográfica citaremos as variantes supracitadas.

Na terminologia da área da saúde, a denominação Doença de Chagas ou Doença do Barbeiro é a mesma adotada pela terminologia médica e pela terminologia popular. No Brasil, o inseto transmissor do *Trypanosoma cruzi* é conhecido por bicudo, chupança, furão e barbeiro. Este último, mais difundido em função do ato e local da picada, de natureza hematófaga: o inseto suga o sangue, geralmente, da face. Antigamente era comum o processo de sangria para cura de doenças realizado pelo profissional conhecido por *barbeiro*, o que trabalha em barbearia. Acreditava-se na competência desse profissional para realizar a sangria em função de sua prática com a lâmina de barbear, daí a motivação. O inseto hematófago é comparado pela população a esse profissional barbeiro, tanto pelo ato de fazer a barba quanto pela sangria praticada. A denominação *Doença de Chagas* foi dada em homenagem ao primeiro médico brasileiro que se dedicou a descrever a doença, Carlos Chagas. Para esse médico pesquisador, tal acepção está relacionada à prática de sangria e não ao ofício de fazer barba. Rezende (2008) em seu texto “Por que os triatomíneos são chamados de “barbeiros”?”<sup>56</sup>, informou que “o próprio Chagas explicou o uso que o povo faz da expressão “doença do barbeiro” em um de seus artigos publicados em Português, em 1910, na revista *Brazil Médico*:

Denominavam-no os naturaes da zona "barbeiro", nome este cuja razão inductiva nos parece encontrar no facto de serem os barbeiros, especialmente no interior do Paiz, incumbidos de praticar sangrias e aplicar sanguessugas, com objectivo therapeutico. Nessa função de sangradores dos barbeiros

---

<sup>56</sup> Disponível em <http://www.jmrezende.com.br/história> da Medicina, acesso em 26/03/2017.

encontrou o povo um simile applicável às abundantes sucções de sangue realizadas pelo insecto, dahi dando-lhe a denominação<sup>57</sup>.

Para Chagas, o uso do nome barbeiro vincula-se à prática de sangria, da "razão inductiva" dos populares, da lógica, evidência de fatos e da Medicina brasileira do século XIX, em que o profissional conhecido como "barbeiro" cortava cabelo e barba, além de auxiliar ou substituir o médico no interior do país, realizando sangrias e aplicando sanguessugas nos doentes. Para conceber os dados dessa doença e entender sob a perspectiva da Terminologia e Terminografia, assunto desta tese, o seu campo conceitual, organizamos a seguinte ficha, adaptada do modelo utilizado em nossa base de dados:

**Doença de Chagas** [ncf.]

Fonte: F1. DeCS [Tipo: Terminológica]

F2. OMS\_CHAGAS (2009, p. 14) [Tipo: Especializada]

Definição: Doença de Chagas é causada pelo parasita protozoário *Trypanosoma Cruzi*, uma forma de *Trypanossomose* endêmica nas Américas Central e do Sul.

Variantes denominativas na terminologia médica: *Tripanossomíase Sul-Americana*; *Tripanossomose Sul-Americana*; *Tripanossomíase Americana*; *Mal de Chagas* (Fonte: DeCS)

Variante denominativa na terminologia popular (não científica): *Doença do barbeiro*

Status do termo: Harmonizado

Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F1: A Doença de Chagas foi denominada pelo médico brasileiro Carlos Chagas, que descobriu o parasita. A infecção pelo parasita (somente com resultado sorológico positivo) se diferencia das manifestações clínicas que desenvolvem após alguns anos, como a destruição dos gânglios parassimpáticos, cardiomiopatia chagásica e disfunção do esôfago ou cólon.

Contexto: cf. F2: *A **doença de Chagas** (DC) é uma das conseqüências da infecção humana pelo protozoário flagelado *Trypanosoma cruzi*. Aproximadamente um século após as descobertas de Carlos Chagas em 1909, mesmo com os avanços no controle da doença em países endêmicos, mantém-se como um processo mórbido (ou um agravo) relevante para a saúde pública.*

Recorrendo à Terminografia, inferimos as informações de um termo a partir de fonte especializada e de consulta a especialista. A variação terminológica está presente nas linguagens de leigos e especialistas. Na linguagem entre os profissionais de saúde há variantes na designação e classificação de doenças, nas denominações de sintomas, de procedimentos, de

<sup>57</sup> Disponível em <http://www.jmrezende.com.br/história> da Medicina, acesso em 26/03/2017.

siglas e das estruturas hospitalares, sendo essas da terminologia administrativa, não contemplada nesta pesquisa. Referente à designação e classificação de doenças apresentamos as informações de *Doença Aguda*, *Doença Crônica*, *Doença Endêmica*, *Doença Infecciosa* e *Doença Parasitária* para contextualizar sua variação.

### **Doença Aguda** [f.]

Fonte: F1. MENDES (2012, p. 1) [Tipo: Especializada]  
F2. MENDES (2012, p. 2) [Tipo: Especializada]  
F3. DeCS [Tipo: Terminológica]

Definição: Doença Aguda é aquela que altera repentinamente o funcionamento do organismo humano por curto período de tempo.

Varição Denominativa: Condição Aguda; Casos Agudos; Quadros Agudos; Enfermidades Agudas; Miasma Agudo (DeCS)

Status do termo: Harmonizado  
Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F3. A doença aguda é a considerada relativamente grave apesar de sua curta duração.

Contexto: cf. F1. *O paradigma predominante da **doença aguda** é um anacronismo, que foi formatado pela noção do século XIX da doença como uma ruptura de um estado normal determinado por um agente externo ou por um trauma. Sob esse modelo, a atenção à **condição aguda** é o que enfrenta diretamente a ameaça. Mas a epidemiologia moderna mostra que os problemas de saúde prevaletentes, hoje, definidos em termos de impactos sanitários e econômicos, giram em torno das condições crônicas.* cf. F2. *O ciclo típico de uma **condição aguda** é sentir-se mal por algum tempo, ser tratado e ficar melhor. A atenção às condições agudas depende dos conhecimentos e das experiências profissionais, fundamentalmente dos médicos, para diagnosticar e prescrever o tratamento correto.*

### **Doença Crônica** [f.]

Fonte: F1. DOENCA\_CRONICA (2014, p. 17) [Tipo: Especializada]  
F2. DeCS [Tipo: Terminológica]

Definição: Doença Crônica é aquela que se estabelece após um período agudo ou entre dois períodos agudos, com duração alongada.

Varição Denominativa: Condição Crônica; Casos Crônicos; Quadros Crônicos; Doenças Crônicas; Moléstia Crônica; Doença Degenerativa; Doenças Degenerativas (DeCS)

Status do termo: Harmonizado  
Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F2. Doença que tem uma ou mais das seguintes características: é permanente, deixa incapacidade residual, é causada por alteração patológica não reversível, requer treinamento especial do paciente para reabilitação. Pode-se esperar requerer um longo período de supervisão, observação ou cuidado.

Contexto: cf. F1. *Um grande desafio atual para as equipes de Atenção Básica é a Atenção em Saúde para as **doenças crônicas**. Estas **condições** são muito prevalentes, multifatoriais com coexistência de determinantes biológicos e socioculturais, e sua abordagem, para ser efetiva, necessariamente envolve as diversas categorias profissionais das equipes de Saúde e exige o protagonismo dos indivíduos, suas famílias e sua comunidade.*

### **Doença Endêmica** [f.]

Fonte: F1. SAÚDE BRASIL (2013, p. 5) [Tipo: Especializada]  
F2. DeCS [Tipo: Terminológica]

Definição: Doença endêmica é aquela que apresenta incidência moderada e abrange uma comunidade ou região de forma relativamente constante, podendo ser infecto contagiosa.

Variação Denominativa: Endemia

Status do termo: Harmonizado  
Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F2. A doença endêmica relaciona-se à presença constante de doenças ou agentes infecciosos dentro de uma determinada área geográfica ou grupo populacional. Também pode se referir à prevalência de uma certa doença em uma área ou grupo. Inclui doenças holoendêmicas e hiperendêmicas. Uma doença holoendêmica é aquela que apresenta o nível elevado de prevalência de infecção, começa precocemente na vida e afeta a maioria das crianças de uma população. Como exemplo a malária. A doença hiperendêmica corresponde a uma presença constante com uma elevada taxa de incidência e/ou prevalência e afeta todos os grupos igualmente. Por exemplo, a dengue.

Contexto: cf. F1. *A leishmaniose (...) está associada à precariedade das condições de vida. Inicialmente uma doença rural e localizada em áreas de maior pobreza, a leishmaniose atualmente se apresenta em 21 dos 27 estados brasileiros. Novamente, a expansão geográfica da **endemia** vem ocorrendo como consequência do crescimento desordenado de zonas urbanas, das ações humanas que alteram substancialmente o meio ambiente e também pela susceptibilidade do hospedeiro humano, causada por desnutrição e imunossupressão, principalmente nos casos de indivíduos que vivem com HIV/aids.*

### **Doença Infecciosa** [f.]

Fonte: F1. MS\_INFEC\_PARASIT (2004, p. 7) [Tipo: Especializada]  
F2. DeCS [Tipo: Terminológica]

Definição: Doença infecciosa é aquela causada pela presença de microorganismos patogênicos produzidos no organismo humano.

Variação Denominativa: Doença Contagiosa; Doença Infectocontagiosa; Enfermidade Transmissível; Doenças Quarentenárias (DeCS)

Status do termo: Harmonizado  
Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F2. Doença causada por um agente infeccioso ou suas toxinas através da transmissão desse agente ou de seus produtos, do reservatório ou de uma pessoa infectada ao hospedeiro suscetível, quer diretamente através de uma pessoa ou animal infectado, quer indiretamente através de um hospedeiro intermediário, vegetal ou animal, através de um vetor, ou do meio ambiente inanimado.

Contexto: cf. F1. **Doenças infecciosas de interesse para a saúde pública:** aids, amebíase, ancilostomíase, ascaridíase, botulismo, botulismo do lactente, brucelose, cancro mole, candidíase, coccidioidomicose, cólera, coqueluche, criptococose, criptosporidíase, dengue, difteria, doença de chagas, doença de lyme, doenças diarreicas agudas, doença meningocócica donovanose, enterobíase, escabiose, esquistossomose, estrogiloidíase, febre amarela, febre maculosa brasileira, febre purpúrica brasileira (fpb), febre tifoide, filariase por wuchereria bancrofti, giardíase, gonorreia, hanseníase, hantavíroses, hepatite, infecção pelo papilomavírus humano (hpv), influenza, leishmaniose tegumentar americana (lta), leishmaniose visceral, leptospirose, linfogranuloma venéreo, malária, meningite por haemophilus influenzae, meningite tuberculosa, meningites virais, mononucleose infecciosa, oncocercose, paracoccidioidomicose, parotidite infecciosa, peste, poliomielite psitacose, raiva, rubéola, sarampo, shigelose, sífilis congênita, síndrome da rubéola congênita, teníase / cisticercose, tétano acidental, tétano neonatal, toxoplasmose, tracoma, tuberculose, varicela /herpes zoster.

### **Doença Parasitária [f.]**

Fonte: F1. MENDES (2012, p. 46) [Tipo: Especializada]  
F2. DeCS [Tipo: Terminológica]

Definição: Doença Parasitária é aquela causada pela aquisição de infestação de parasitas no organismo através do contato com o ambiente externo e/ou interno.

Variação Denominativa: Parasitismo; Parasitoses; Infestações parasitárias; Infecções parasitárias (DeCS)

Status do termo: Sem atribuição  
Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F2. Infecções ou infestações por parasitas são, frequentemente, contraídas por meio do contato com um vetor intermediário ou como resultado da exposição direta.

Contexto: cf. F1. *O que se constata é um crescimento relativo muito rápido de mortes por doenças do aparelho circulatório, por neoplasias e por causas externas, ao mesmo tempo em que se dá uma grande diminuição de mortes por doenças infecciosa e **parasitária**.*

Com referência à variação nas denominações de doenças dentro da terminologia médica, poderíamos repertoriar um acervo considerável e render uma boa discussão em função da produtividade que ela possui, no entanto, optamos pelo tratamento da terminologia popular por considerá-la instigante e desafiadora.

A variação na terminologia da saúde e médica deve interessar aos profissionais recém-chegados na área, principalmente os que são de outros países, de outros estados e em processo de formação em internatos rurais, como prevê a grade curricular de Medicina. Conhecer a diversidade terminológica que engloba a área léxica da ESF assegura o uso adequado do termo. Para ilustrar a variação que pode ocorrer nesse contexto citamos, nas fichas, a seguir, *Acidente Vascular Cerebral*, *Constipação* e *Estrabismo*, três doenças comuns à rotina do brasileiro de qualquer estado ou região.

### **Acidente Vascular Cerebral [m.]**

Fonte: F1. DeCS [Tipo: Terminológica]

F2. MS\_REAB\_AVC (2013, p. 5) [Tipo: Especializada]

Definição: Acidente vascular cerebral inclui um grupo de afecções caracterizadas por perda súbita, não convulsiva, de função neurológica devido a Isquemia encefálica ou hemorragias intracranianas.

Varição Denominativa: Derrame Cerebral; Ictus Cerebral; AVC; Apoplexia; Acidente Cerebrovascular; Apoplexia Cerebral; Apoplexia Cerebrovascular; Icto Cerebral; Acidente Vascular Encefálico; AVE; Acidente Vascular do Cérebro; Acidente Cerebral Vascular; Acidentes Cerebrais Vasculares; Acidentes Cerebrovasculares; Acidentes Vasculares Cerebrais (DeCS)

Status do termo: Harmonizado

Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F1. O acidente cerebral vascular é classificado pelo tipo de necrose de tecido, como localização anatômica, vasculatura envolvida, etiologia, idade dos indivíduos afetados e natureza hemorrágica / não hemorrágica.

Contexto: cf. F2. *A elaboração das diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com **acidente vascular cerebral** (AVC) foi indicada pelo Ministério da Saúde como necessidade para a qualificação do cuidado em reabilitação da pessoa com AVC no âmbito do Sistema Único de Saúde e realizada a partir de discussões com um grupo multiprofissional de especialistas na assistência e pesquisa de diversas regiões do Brasil.*

### **Constipação [f.]**

Fonte: F1. MS\_ATENC\_DOMIC\_MC (2013) [Tipo: Especializada]

F2. DeCS [Tipo: Terminológica]

Definição: Constipação é um desequilíbrio intestinal que causa evacuação difícil ou pouco frequente das fezes.

Varição Denominativa: Constipação Intestinal; Obstipação; Obstipação Intestinal; Prisão de Ventre

Status do termo: Harmonizado

Organismo Harmonizador: DeCS

Nota: cf. F2. A constipação decorre de sintomas associados a várias causas, como baixa ingestão de fibra alimentar, distúrbios emocionais ou nervosos, transtornos sistêmicos e estruturais, agravo induzido por drogas e infecções.

Contexto: cf. F1. *A história clínica e o exame físico são fundamentais para a sua avaliação, fornecendo dados importantes para o diagnóstico etiológico. As causas mais frequentes e que devem ser lembradas são: distúrbios metabólicos, medicamentos, infecções, gastroparesia, gastroenterites, **constipação** e obstrução intestinal.*

### **Estrabismo [nm.]**

Fonte: F1. DeCS [Tipo: Terminológica]

F2. MS\_SAUDE\_OCULAR (2013) [Tipo: Especializada]

Definição: Estrabismo é o desalinhamento ocular caracterizado por uma convergência ou divergência excessivas dos eixos visuais, resultando uma aparência de "olho-cruzado".

Varição Denominativa: Esotropia; Esoforia; Estrabismo Convergente; Estrabismo Interno; Olho Torto

Status do termo: Harmonizado  
Organismo Normalizador: DeCS

Nota: cf. F1. O estrabismo pode ter como exemplo a paralisia do músculo reto lateral causada por um desvio anormal para dentro de somente um olho na tentativa de fixar o olhar.

Contexto: cf. F2. *Sinais e sintomas: lacrimejamento, secreção, hiperemia, edema, fotofobia, piscada em excesso, coceira, olho torto (**estrabismo**), dificuldade visual, dificuldade de contato visual, mancha branca na menina dos olhos (pupila), olho grande, dor ocular, tremor ocular, aproximação excessiva para ver os objetos, dor de cabeça, muitos esbarrões, baixo desempenho escolar, visão dupla, torcicolo, entre outros.*

O contexto observado em Estrabismo é um bom exemplo para o que deveria ser referência em um campo definicional terminológico: um contexto em que figure o registro do uso do termo padrão e do não-padrão, considerando ambos, como partes inerentes da língua falada no Brasil. Observa-se que o termo padrão *estrabismo* convive com o item lexical terminológico *olho torto* em seus respectivos campos de domínio.

As siglas atestam a economia linguística e também podem sofrer variação em suas formas. Uma sigla pode ter duas denominações. Observamos em nossa pesquisa 8 siglas em situação de variação. O primeiro caso que citaremos é o da sigla **CTI** usado para Comitê Temático Interdisciplinar e Centro de Terapia Intensiva; o segundo diz respeito a sigla **PEC** que denomina Programa de Extensão de Cobertura e Proposta de Emenda Constitucional; o terceiro caso, referente às siglas UBS, PSF e PS, chamou nossa atenção. Um mesmo local de atendimento médico pode ser identificado por essas três diferentes siglas: **UBS** (Unidade Básica de Saúde), **PSF** (Posto de Saúde da Família) e **PS** (Posto de Saúde). O quarto caso traz a sigla **ESF** que especifica Estratégia Saúde da Família e Equipe Saúde da Família. Alguns manuais apresentaram a forma **eSF** e **SF** para Equipe Saúde da Família, mas a maioria traz a sigla **ESF**. Por último, a sigla **PSF** identifica Posto Saúde da Família e Programa Saúde da Família. Atualmente, entende-se por Programa Saúde da Família a Estratégia Saúde da Família – ESF, denominação que passou a vigorar após a regularização da inserção de Agentes Comunitários da Saúde, os ACS, nas equipes Saúde da Família. Até o momento a sigla ACS não apresenta variação conforme a documentação estudada.

Vimos a variação denominativa dos termos no exemplo da *Terminologia Anatômica*, no estudo de Krieger e Santiago, no levantamento feito por Ribeiro e Freitas, na discussão sobre Doença de Chagas, e nos exemplos que designam e classificam doenças. A respeito dessa variação, entendemos sua relação direta com a descrição e análise de uso de uma língua em contexto de especialidade. Para detalhar a classificação formal dessa variação reproduzimos parte do quadro apontado por Freixa, apresentado no capítulo 1, ilustrado com os nossos exemplos. Obtivemos o quadro *Classificação formal para variação observada na linguagem técnica de profissionais da eSF*, apresentado a seguir:

<b>Classificação formal para variação observada na linguagem técnica de profissionais da eSF</b>
<p><b>- Variação gráfica entre termo e sigla:</b></p> <p>Comitê Temático Interdisciplinar ~ CTI; Centro de Terapia Intensiva ~ CTI; Programa de Extensão de Cobertura ~ PEC; Proposta de Emenda Constitucional ~ PEC; Unidade Básica de Saúde ~ UBS; Posto de Saúde da Família ~ PSF, Programa Saúde da Família ~ PSF; Posto de saúde ~ PS; Estratégia Saúde da Família ~ ESF, Equipe Saúde da Família ~ ESF ~ eSF</p>
<p><b>- Variação morfossintática em que houve alteração de número:</b></p> <p>Doença Crônica ~ Doenças Crônicas; Doença Infecciosa ~ Doenças Infecciosas; Doença Endêmica ~ Doenças Endêmicas; Acidente Vascular Cerebral ~ Acidentes Vasculares Cerebrais</p>
<p><b>- Variação morfossintática em que houve alteração de gênero com estrutura diferente:</b></p> <p>Doença Aguda ~ Miasma Agudo; Doença Parasitária ~ Parasitismo; Apoplexia ~ Acidente Vascular Cerebral; Doença de Chagas ~ Mal de Chagas</p>
<p><b>- Variação morfossintática em que houve alteração de gênero e número com estrutura diferente:</b> Doença Crônica ~ Casos Crônicos</p>
<p><b>- Variação morfossintática do termo monoléxico para poliléxico:</b></p> <p>Doença infecciosa e contagiosa ~ Doença infectocontagiosa; Acidente Vascular Cerebral ~ Acidentes Cerebrovasculares ~ Apoplexia Cerebrovascular</p>
<p><b>- Variação com redução de extensão:</b> Constipação Intestinal ~ Constipação</p>
<p><b>- Variação de redução de base:</b> Doença Endêmica ~ Endemia; Doença Parasitária ~ Parasitismo</p>
<p><b>- Variação léxica em unidade monoléxica:</b> Constipação ~ Obstipação; Estrabismo ~ Esotropia</p>
<p><b>- Variação léxica em unidade poliléxica com mudança de base:</b></p> <p>Doença Aguda ~ Condição Aguda; Casos Agudos ~ Quadros Agudos; Doença Crônica ~ Condição Crônica; Casos Crônicos ~ Quadros Crônicos; Doença Crônica ~ Moléstia Crônica</p>
<p><b>- Variação complexa em unidade poliléxica / poliléxica com parentesco formal:</b></p> <p>Acidente Vascular Cerebral ~ Acidente Vascular Encefálico, Acidente Vascular do Cérebro, Apoplexia Cerebral.</p>

**Quadro 7:** Classificação formal (Freixa) adaptada para a variação padronizada (dados nossos)

Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

A organização dos dados dá uma noção da rede terminológica que envolve o processo comunicativo dos profissionais de saúde que atuam na ESF.

Destinada à saúde básica, a Estratégia Saúde da Família é o segmento que participa do Programa Mais Médicos para o Brasil ou simplesmente Mais Médicos, forma popularizada e mais profícua entre os que nele estão envolvidos. Reconhecemos as necessidades apresentadas pelo nosso país, na área da saúde, concordamos com o programa estabelecido para suprir, nesse campo, as necessidades de atendimento à população de regiões menos favorecidas. A respeito da comunicação, não há como não associar a função do profissional desse programa com o processo de interação e a comunicação prevista nele. Vimos, no decorrer deste capítulo, que o vocabulário utilizado pelos gestores, especialistas e profissionais da saúde trazem formas e siglas variantes que contracenam juntas, em algumas situações, sem prejuízo de sentido para o interlocutor familiarizado com essa linguagem. O uso de Sistema Único de Saúde e da sigla correspondente SUS tem o mesmo peso linguístico e mesma carga semântica. O uso terminológico padronizado é depreendido rapidamente pelos novatos que chegam ao Programa, porque há estímulo frequente dos meios de divulgação.

Há barreiras linguísticas sustentadas pelo uso de formas padronizadas e não padronizadas na terminologia da saúde. As variantes terminológicas da linguagem médica são obstáculos na comunicação entre os profissionais, da mesma forma que a variante popular impede a fluidez na comunicação entre profissionais da saúde e seus pacientes, por serem esses usuários de códigos distintos. No tocante à comunicação, há uma preocupação em relação à sua condição virtual e presencial. Em debate sobre comunicação em saúde promovido pelo CONASS<sup>58</sup> e Canal Saúde da Fiocruz<sup>59</sup> foram abordadas diversas questões, entre elas a importância da capacitação e valorização dos profissionais de comunicação em saúde para o SUS, a percepção do SUS pela sociedade, e a necessidade de novas mídias de divulgação. Para Fabiane Leite, responsável pelos programas de saúde da emissora Globo, é primordial a eficiência da comunicação para o usuário. Ele tem que ser capaz de navegar pelos sites do SUS e entender como o sistema funciona. Percebem-se, nessas colocações, evidências da ineficácia, no meio virtual, de acesso às informações do SUS.

Constatada a função de Portal da Saúde SUS+, a Biblioteca Virtual em Saúde Brasil e o DeCS como difusores de informações provenientes do Ministério da Saúde e, considerando

---

<sup>58</sup> Conselho Nacional de Secretários de Saúde

<sup>59</sup> Revista Consensus, ano IV, número 13, outubro, novembro e dezembro de 2014, p. 44-45.

o empenho desse órgão, através da Política Nacional de Promoção à Saúde, a promoção do saber popular pode ser viável. Para Arthur Chioro, ex-Ministro da Saúde

A Política Nacional de Promoção à Saúde reforça o empenho do Ministério em assegurar o acesso da população, sobretudo as mais vulneráveis, à educação em saúde, à melhoria da qualidade de vida e ao envelhecimento saudável. Ela incorpora o saber popular e tradicional às práticas em saúde e valoriza a formação e a educação permanente, que compreende mobilizar, sensibilizar e promover capacitações para gestores, trabalhadores da saúde e outros setores<sup>60</sup>.

Inferimos que os gestores da Saúde Pública por meio da política que a rege têm consciência da importância em promover capacitações para trabalhadores da saúde e de incorporar o saber popular às práticas em saúde.

Caberiam, nas publicações dos sites do MS, instrumentos terminográficos voltados para a variante terminológica que afeta o domínio linguístico do especialista e também do leigo. Nessa perspectiva, repertoriar itens lexicais terminológicos proferidos pelos populares, considerando os itens mais disseminados nas comunidades assegura conhecimento e, com ele, uma interação qualificada. De igual maneira que o acesso ao conjunto de variantes terminológicas, tanto as extraídas de publicações específicas quanto às do contexto popular, possibilita melhor interação entre emissor e receptor. O especialista, não imerso na comunidade, não possui conhecimento das unidades terminológicas populares pronunciadas nela e, por essa razão, a existência e o acesso a banco de dados ou glossários em que essa variante esteja presente pode impulsionar o envolvimento linguístico. O saber popular e as formas linguísticas terminológicas inerentes a esse saber devem ser reconhecidos, principalmente, pelos profissionais que atuam nas atividades da ESF em que o contato com a população ocorre frequentemente, tanto nas unidades de atendimento quanto em suas residências.

No próximo capítulo, apresentamos os passos que seguimos para a realização da metodologia do trabalho terminológico, tendo em vista nosso conhecimento em Sociolinguística. Concebemos a Terminografia como base dessa metodologia e como norte para as ações técnicas que envolvem compilação, organização e tratamento de dados. Essas ações, registradas em fichas terminográficas trazem informações que evidenciam o relacionamento entre os termos e servem de base para a elaboração de glossário, sugerido para profissionais que integram a Equipe Saúde da Família.

---

<sup>60</sup> Entrevista dada a Revista Consensus, ano IV, número 13, outubro, novembro e dezembro de 2014, p. 8.

## CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

*Na origem das reflexões sobre o nome e a denominação, base da terminologia, encontra-se toda a reflexão sobre a linguagem e o sentido.*

Alan Rey (1979, p. 3)

Delimitar as etapas de uma pesquisa científica não é tarefa simples quando refletimos sobre as incertezas geradas no decorrer de nossas observações sobre a linguagem e sua rede terminológica. Neste capítulo apresentamos as fases da metodologia do trabalho terminológico. Tal processo iniciou-se antes mesmo desta escrita, pois a produção terminográfica obedece a um plano de trabalho previamente traçado. Diante da base teórica trabalhada, no capítulo 1, da associação das teorias terminológicas à linguagem da área de especialidade que se está estudando, no capítulo 2, e da complexidade que compreende a pesquisa em Terminologia e a prática terminográfica, veremos, aqui, no capítulo 3, um percurso metodológico, distribuído em sete fases.

Na seção 3.1, abordamos a base metodológica, a Terminografia, ponto de partida para a constituição da base de dados e do *corpus*; na seção 3.2, mostramos a delimitação do trabalho em relação ao tema, destinatário, finalidade e dimensão; em 3.3, apresentamos os textos que usamos para extração do item terminológico e para composição da base de dados; na 3.4, apresentamos o critério de seleção de dados, constituição e gerenciamento do *corpus*; em 3.5 expomos a interface da base de dados, optamos pela construção personalizada em função do baixo custo de desenvolvimento e implementação e da possibilidade de anexar novos módulos e/ou funcionalidades associados às pesquisas futuras que venham a ser desenvolvidas no âmbito da Terminografia; na 3.6, discorremos a respeito da identificação e validação dos termos, e, por último, em 3.7, exibimos o modelo de Ficha terminográfica que serve de base para a proposta de glossário terminológico, apresentado no capítulo seguinte.

### **3.1 Base metodológica: a Terminografia**

A Terminografia, parte aplicada e prática da Terminologia, é, essencialmente, a base de tratamento da informação de uma área de domínio específico e sua realização é “um processo constante distribuído em fases” (Cabré, 1993, p.289). Os seus princípios linguístico-comunicacionais e sua proposta de ação estão diretamente aplicados ao termo, por conferir-lhe

caráter de especificidade. Cabe a ela, também, o cuidado e a sistematização de dados do item terminológico. Destarte, é papel da Terminografia instrumentalizar o consulente, ou seja, dar-lhe, por meio da consulta a instrumento terminográfico e ao conhecimento ali disposto, capacitação linguística para melhor atuação em sua área laboral.

Para a elaboração de recurso terminográfico funcional, útil ao consulente, espera-se envolvimento do linguísta, do terminólogo e do especialista da área focada. Para tal fim, é necessário o diálogo com outras áreas (Wüster) como Ciência da Informação, Computação, Tradução, Cognitivismo e, sobretudo, a própria Linguística. Esse caráter interdisciplinar fluidifica a interação entre os profissionais e possibilita os ajustes necessários para a qualidade do trabalho. A elaboração terminográfica proposta nesta tese teve a colaboração de linguístas com conhecimento em dialetologia, especialistas que atuam diretamente na Saúde básica, na ESF, na arquitetura de sistemas e na cartografia. A Terminologia é uma ferramenta básica para a comunicação especializada (Cabré, 1993, p. 43) e, além do caráter interdisciplinar, preceitua uma metodologia própria para a prática terminográfica.

A prática terminográfica que norteia este estudo relaciona-se a trabalho terminológico monolíngue, escrito em Português do Brasil, do tipo descritivo e sistemático (Cabré, 1993, p. 291), em função da delimitação realizada e do estudo sistematizado de um conjunto de termos tematicamente homogêneos e seus significados.

### **3. 2 Delimitação do trabalho: tema, destinatário, finalidade e dimensão**

#### **3.2.1 Tema**

O tema desta pesquisa é a variante denominativa na terminologia popular. Defendemos o valor terminológico da variante mineira do domínio popular que faz menção à saúde, observada e descrita no interior do Estado de Minas Gerais. Adquirimos conhecimento a respeito desse tema nas obras básicas de Terminologia, nas pesquisas acadêmicas disponíveis na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dicionários que tratam a dialetologia mineira, nas visitas e reuniões realizadas com profissionais da saúde do SUS nas cidades de Almenara, Itamarandiba, Itaobim, Jequitinhonha e Pedra Azul, localizadas no Vale do Jequitinhonha.

Delimitamos, para nossa pesquisa, a área de domínio da Saúde, mais precisamente a Saúde Básica do Sistema Único de Saúde – SUS, como domínio formal e domínio informal, representado pela referência popular. Ao constatarmos o grande número de itens lexicais

terminológicos que essa área abriga e a possível presença de variação, nos dois domínios, decidimos organizar um banco de dados, elaborado a partir de fichas terminográficas com o termo padrão, oriundo do meio formal e não padrão, advindo da expressão oral popular. Sobre estes, dizemos que são itens lexicais, cujo valor terminológico observado pode trazer contribuições, no campo do significado, para profissionais da Equipe de Saúde da Família que atuam no SUS.

Nosso esquema de ação teve início na observação de terminologia, a partir de leituras que sustentam a teoria dessa produção e de encontros que tinham como meta conhecer de perto a problemática: conflitos comunicativos causados pela linguagem densa do leigo e do médico, ausência de instrumento terminográfico que mapeasse esse conflito e que apresentasse uma relação de termo popular correspondente à linguagem médica. Viabilizamos visitas aos locais contemplados pelo Programa Mais Médicos para o Brasil, certificamos a complexidade do processo linguístico e a necessidade de envolvimento de profissionais que pudessem colaborar para o processo descritivo das unidades lexicais terminológicas e, com ele, a melhoria na comunicação.

### **3.2.2 Destinatário**

Nossa pesquisa está destinada ao profissional da Equipe de Saúde da Família que atua no interior de Minas Gerais. Reconhecendo esse estado linguisticamente marcado por um léxico regional, fizemos o mapeamento dos itens lexicais terminológicos com a intenção de contribuir para o processo de interação entre os profissionais da Equipe de Saúde da Família e paciente, residente nesse local. O Programa Mais Médicos para o Brasil incluiu o médico estrangeiro no rol de profissionais que atuam no interior do estado. Em contato com esse profissional, chamou-nos a atenção a profícua ocorrência de variação terminológica para termo oficial e suas siglas, para a variante terminológica observada nas denominações populares, e, conseqüentemente, a confusão que isso poderia causar.

A denominação da estrutura física, porta de entrada para a ESF, traz um exemplo dessa confusão. A Unidade Básica de Saúde apresenta como referente outras sete denominações: “Policlínica”, nome recebido em 1975, “Centro de Saúde”, “Posto”, “Posto de Saúde”, “Posto de Saúde da Família” ou “PSF”, “Unidade Básica de Saúde” ou “UBS”. Na denominação popular *bucho*, *estambo*, *pandu* correspondem ao termo médico estômago. Diante dessa pluralidade linguística, natural do Português do Brasil, podemos perceber o quanto o léxico especializado na área da saúde varia e a interferência que isso pode provocar no processo de

interação. Ressalte-se que, no processo de interação, são possíveis as situações comunicativas efetuadas entre:

- Médico brasileiro de outro estado x médico brasileiro, residente no interior de MG;
- Médico brasileiro de outro estado x paciente do SUS, residente no interior de MG;
- Médico brasileiro de outro estado x membro da Equipe de Saúde de Família, residente no interior de MG;
- Médico brasileiro residente no interior de MG x médico estrangeiro;
- Médico estrangeiro x usuário do SUS, residente no interior de MG;
- Profissionais da Equipe de Saúde da Família, residentes no interior de MG x médico estrangeiro;
- Profissionais da Equipe de Saúde da Família x paciente residente no interior de MG.

A compreensão mútua entre os protagonistas elencados garante êxito no processo interacional. A variação terminológica pode ocorrer em qualquer situação, mesmo naquela em que se espera maior cuidado com a padronização, já que o caráter poliédrico (Cabré) do termo, não a exclui.

O entendimento da variedade linguística mineira é gerado em fun o da recorrência e da capacidade que temos, os falantes, em apreender o contexto e nele nos inserirmos. O indivíduo não pertencente a esse contexto poderá sentir dificuldade ao comunicar-se, daí a necessidade de mediador que decodifique o elemento terminológico e seu campo definicional. Assim, julgamos conveniente o tratamento terminográfico dos elementos que acusam varia o para os profissionais que atuam ou virão a atuar na ESF, sendo esse o nosso principal destinatário.

### **3.2.3 Finalidade**

O trabalho terminológico desenvolvido nesta tese tem como finalidade a comunica o na intera o entre os profissionais de saúde que atuam no interior de Minas Gerais, destinatários deste trabalho e paciente residente neste estado. Tratar a área da saúde   contatar um repertório clássico, marcado por uma linguagem técnica, resultante da assimila o de unidades lexicais provenientes do Inglês, do Latim e do Grego. Em contrapartida, demarcar o vocabulário popular de itens lexicais correspondentes a termos médicos, proferido por leigos,   cercar-se de marcas da oralidade e da cultura. Descrevemos, por meio do tratamento terminográfico, itens lexicais terminológicos oriundos da linguagem popular e apresentamos seus correspondentes na terminologia médica. Os profissionais implicados, os organismos públicos que os representam

e os pacientes a eles confiados constituem polos de possível difusão terminológica. Frente a essa realidade, buscamos resultados que retornem aos protagonistas para que esses, ao serem mais bem compreendidos, sejam os principais beneficiados da terminologia trabalhada. Ressaltamos que não compromete a existência dos termos suas variantes da mesma forma que a divulgação dos itens lexicais terminológicos populares não implica sua oficialização, mas o reconhecimento de uma variante de comportamento produtivo.

### 3.2.4 Dimensão

Analisamos 133 itens da terminologia popular regional correspondente a uma pequena área do interior de Minas Gerais. Eles se relacionaram com outros 338 itens. Os falantes leigos da região rural de MG dão o nome *dordói* para o termo médico correspondente conjuntivite; denominam *amarelão* para verminose e hepatite; tratam o termo da terminologia médica *ferida puruleta* por *catita* ou *pereba*. Falam *cristel* para o procedimento médico denominado enema ou clister. A medicação caseira, feita pelo indivíduo da comunidade também, sofre variação. A mistura de raízes com fins medicinais é denominada *chumbalhada* ou *enguentada*.

Para o leigo, as variantes são palavras, passadas de geração em geração. Para nós, são unidades léxicas com valor especializado, valor esse adquirido quando ativado o significado especializado dentro discurso. Tal “significado não é um conjunto pré-definido e encapsulado de informação, mas uma seleção específica de características semânticas que se constrói conforme as condições de cada situação de uso” (Cabré, 1993).

### 3.3. Textos para extração do item terminológico e para composição da base de dados

Nesta seção, caracterizamos a fonte de termos – constituída por textos divulgados pelo Ministério da Saúde e pela Universidade Federal de Minas Gerais (Faculdade de Letras). Durante a pesquisa, fizemos o levantamento minucioso do acervo considerado relevante para o desenvolvimento deste trabalho.

No período da recolha e organização dos dados estabelecemos um critério extralinguístico, três critérios linguísticos e um de rejeição. 1. Critério extralinguístico: que sejam recolhidos itens lexicais que remetam à área de saúde em: a) obras lexicográficas cujos procedimentos metodológicos sejam de base Sociolinguística<sup>61</sup>; b) obras de especialidade que

---

<sup>61</sup> Inclui: i. realização de entrevistas sociolinguísticas com pessoas com idades iguais ou superiores a 70 (setenta) anos, nascidas ou que tenham vivido a maior parte de suas vidas nas comunidades estudadas, tendo baixos níveis de escolaridade ou sendo analfabetas; ii. registro de dados em fichas lexicográficas; iii. listagem de itens lexicais atestados entre falantes da área rural de Minas Gerais, cuja organização desses itens inclui verbetes em ordem

apresentem a saúde pública e os preceitos que norteiam a Estratégia Saúde da Família, divulgados nos sites do MS. 2. Critério linguístico: a) que o item lexical seja uma unidade nominal; b) que o enunciado definatório correspondente às unidades selecionadas seja constituído por uma frase (paráfrase ou perífrase) e delimitado por ponto final; c) que seja incluída, na ficha de cada verbete, a variante denominativa, a qual pode ser: sinônimos, variantes ou equivalentes das unidades, a nota, o contexto e a localização geográfica em que houve o registro do item terminológico. 3) Critério de rejeição: que não sejam selecionados itens que não remetam à área da saúde.

A fase de seleção de textos é uma das mais importantes etapas no desenvolvimento do trabalho terminológico, uma vez que a seleção baseada em critérios está relacionada à qualidade dos dados. No grupo dos textos lexicográficos, que servem de base para este estudo, a variante mineira está descrita conforme o registro de uso. Decidimos pela inclusão de fontes que trabalham dados orais, por entendê-los desejáveis, uma vez que esses dados ocupam, nesta tese, um contexto expressivo e comunicacional da área da saúde, assumem o valor de termo (Barros, 2004, p. 57), são essenciais para a fluidez do processo interativo, apresentam variedade denominativa, além de constituírem-se registros fidedignos da linguagem, da cultura e do comportamento social de uma comunidade.

Ressaltamos a importância da fonte utilizada, adequada às necessidades da pesquisa terminológica, pois ela possui alto grau de confiabilidade, qualidade e representatividade e isso assegura a fiabilidade dos resultados das análises e a frequência de ocorrência dos fenômenos linguísticos da língua em estudo.

A questão da dimensão dos *corpora* condiz com a qualidade, não necessariamente a quantidade do material disponível. O volume de textos não precisa ser grande, dificilmente se consegue constituir um *corpus* especializado de dimensões muito extensas, o importante é a relação com o tema em estudo. Selecionamos 16 textos, e, para melhor entender a natureza de suas informações, os classificamos em três tipos: Terminológico, Especializado e Lexicográfico. Conhecemos a dificuldade de estabelecimento de *corpus* em nosso país, devido à falta de bases bibliográficas relacionadas e de bibliotecas devidamente informatizadas. O que gera abordagens alternativas para criação de base de dados utilizável em um contexto específico.

---

alfabética, indicação da forma dialetal mais frequente e o uso em questão; elaboração de glossário, seguindo o critério semasiológico; iv. estudo linguístico-histórico-cultural sobre o processo de povoamento e os aspectos históricos inerentes a essas regiões.

A base de dados, proposta aqui, contém 7 obras do tipo lexicográfico (seis glossários e um dicionário) que trata o léxico de MG; 8 do tipo especializado que são publicações dos sites do MS para a ESF; e 1 do tipo terminológico, que é o vocabulário estruturado de Descritores em Ciências da Saúde – DeCS, disponível em <http://decs.bvs.br/>.

### 3.3.1 Textos relacionados a termos médicos e variantes

#### 3.3.1.1 Fonte especializada

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Melhor em Casa: a segurança do hospital no conforto do seu lar*. Caderno de Atenção Domiciliar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Volume 2 – desta obra coletamos dados e variantes para o termo médico “Constipação”.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. (Cadernos de Atenção Básica, n. 35) desta obra coletamos dados e variantes para o termo médico “Doença Crônica”.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013 - desta obra coletamos dados e variantes para o termo médico “Acidente Vascular Cerebral”.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de Atenção à Saúde Ocular na Infância: detecção e intervenção precoce para prevenção de deficiências visuais*. Brasília: Ministério da Saúde 2013 - desta obra coletamos dados e variantes para o termo médico “Estrabismo”.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso*. 4. ed. ampl. Brasília: Ministério da Saúde. (Série B. Textos básicos de saúde) - desta obra coletamos dados e variantes para o termo médico “Doença Infecciosa”.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

MENDES, E. V. *O cuidado das condições crônicas na atenção primária à saúde: o imperativo da consolidação da estratégia da saúde da família*. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2012 - desta obra coletamos dados e variantes para os termos médicos “Doença Aguda”, “Doença Endêmica” e “Doença Parasitária”.

RAMOS JR, A. N. et al. *Guia para vigilância, prevenção, controle e manejo clínico da doença de Chagas aguda transmitida por alimentos*. Rio de Janeiro: PANAFTOSA – VP/OPAS/OMS, 2009 - desta obra coletamos dados e variantes para o termo médico “Doença de Chagas”.

### 3.3.1.2 Fonte terminológica

DeCS – Descritores em Ciências da Saúde - Desse site coletamos dados e variantes para os itens terminológicos da linguagem da saúde usados nesta tese.

Com exceção do DeCS, todos os textos estão na web e possuem formato pdf. As URLs relacionadas a cada um deles estão disponibilizadas em Referências, ao final desta pesquisa. Os textos relacionados à Saúde Básica do SUS, disponíveis nos sites do MS, foram considerados oficiais por constituir material de leitura obrigatória para quem se insere na dinâmica laboral do ESF. Esses termos estão institucionalizados e, por consequência, são amplamente difundidos.

### 3.3.2 Textos relacionados ao item lexical terminológico popular

Os textos relacionados à terminologia popular e suas variantes são do tipo textual lexicográfico. Trata-se de um dicionário impresso e de um conjunto de pesquisas acadêmicas a nível de mestrado e doutorado que apresentam como objeto de estudo a variante mineira. As pesquisas compõem o banco de dados do projeto *Léxicos regionais: estudando o Português mineiro*, coordenado pela orientadora desta tese, a Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. Extraímos das obras itens lexicais que atendessem os propósitos desta tese conforme a área delimitada, a saúde, e demos a eles um tratamento terminográfico, isto diz respeito à elaboração de definições, à organização dos dados em fichas terminográficas, à proposta de verbete conforme o modelo de microestrutura adotado.

#### 3.3.2.1 Fonte lexicográfica

- Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó – MG, de Freitas (2012)
- Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas de Souza (2008)
- Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais de Antunes (2013)
- Estudo Linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas, de Cordeiro (2013)
- Léxico e Cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis – MG de Miranda (2013)
- Nas cacimbas do rio Pardo: um estudo léxico-cultural de Souza (2014)
- O vocabulário rural de Passos – MG: Um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy de Ribeiro (2010)

O item lexical proveniente da terminologia popular não é contemplado nos documentos analisados nos sites do MS e, por não haver um documento no site que o reconheça, propomos uma reflexão a seu respeito. Ainda que não seja elemento da linguagem padrão, as informações nele contidas enunciam conhecimentos e percepções, e, por essa razão, pesquisar a respeito do seu uso e da relação que possui com o termo médico padrão contribui para o processo de interação entre profissionais da saúde e o leigo.

Os itens lexicais terminológicos extraídos de vocabulários populares constituem o corpo de maior volume deste estudo por ser ele nosso objeto de observação e análise. A esses itens demos importância por entender seu valor cultural, social e por legitimizar a concepção popular a respeito da saúde, valioso bem para o indivíduo. Para assegurar o bem-estar do paciente é preciso compreendê-lo. Na expectativa de colaborar para esse processo trabalhamos a terminologia popular na área da saúde e sua correspondência na terminologia médica.

Acreditamos que o pouco conhecimento dos termos populares por parte dos profissionais da saúde gere conflitos na sua interação com os seus pacientes. Ainda que esse profissional seja brasileiro, fale a mesma língua, se ele não estiver familiarizado com as formas linguísticas da comunidade em que trabalha, sentirá dificuldades em compreender os elementos terminológicos proferidos durante a consulta médica. Tal incompreensão resultará em insegurança para o paciente que não se fez entender, e também, para o profissional, pelo mesmo motivo. Reconhecer a diversidade terminológica poderá minimizar esse tipo de situação e promover uma interação positiva.

### **3.4. Critério de seleção de dados, constituição e gerenciamento do *corpus***

Entre as etapas do processo de criação de produtos lexicográficos e terminográficos inclui-se o estabelecimento de critérios para a seleção dos itens lexicais que farão parte da nomenclatura, a constituição e o gerenciamento do *corpus*.

#### **3.4.1 Critério de seleção de dados e constituição de *corpus***

Após a organização da fonte de termos, obtivemos o *corpus* e, a partir daí, procedemos com a observação e análise dos candidatos a termo e dos itens lexicais com valor terminológico. No trabalho aqui apresentado, são considerados os seguintes critérios para seleção desses elementos: (i) a indicação - por parte da autora que defende essa tese e dos autores das obras aqui relacionadas - de denominações populares relacionados à saúde; (ii) a indicação de termos

relevantes para entendimento da ESF por parte dos especialistas; (iii) a frequência de termos nos textos.

A respeito do critério de frequência, ele nem sempre é decisivo para a Terminologia. Sabemos que termos pouco frequentes também são importantes para o entendimento do conteúdo especializado de textos e, por isso, devem ser incluídos em obras terminográficas. Dessa forma, definimos o registro, em pelo menos uma das obras, como frequência mínima.

A aplicação dos critérios formatados ocorreu na fase de concepção do projeto, e, em seguida, deu-se o processo de coleta de dados. Constituem o *corpus* da base de dados 133 termos e 338 variantes.

### **3.4.2 Gerenciamento de *corpus***

Para a atividade de gerenciamento do *corpus* desta pesquisa, construímos um programa para implementar a compilação, tratar a organização, a conversão, a limpeza textual e a construção de fichas terminológicas, a partir das informações de que dispúnhamos. Nossa primeira experiência, teórica e prática, com a aplicação terminológica sistematizada, ocorreu em curso realizado no Programa de Pós-Graduação em Terminologia *on line*<sup>62</sup>, oferecido pelo grupo de investigação IULATERM, liderado por Cabré. Nesse curso foi utilizada a plataforma de gestão de dados denominada *Terminus 2.0*. Realizamos tarefas em que alimentamos o banco com dados extraídos de pesquisas exclusivas. Durante o curso, criamos um glossário temático, específico para cefaleia e, com essa atividade, pudemos conhecer todas as interfaces de um gestor de termos e realizar o passo a passo do fazer terminográfico. A experiência inspirou-nos a ter o nosso próprio banco de dados, ferramenta essencial para a otimização de dados terminológicos.

#### **3.4.2.1 *Terminus 2.0*: Influência para a construção da base de dados desta tese**

O gestor de *corpus* *Terminus 2.0* foi a ferramenta utilizada para as atividades que cursamos no módulo *Metodologia do trabalho em Terminologia*, que integra a formação de

---

<sup>62</sup> Programa, formado por sete módulos, trazem conteúdos essenciais para a formação do Terminólogo. Constitui a grade curricular as disciplinas *Fundamentos de Terminologia*; *Terminologia e necessidades profissionais*; *Metodologia do trabalho em Terminologia*; *Problemas no trabalho terminológico*; *Gestão da Terminologia em memórias de Tradução, Neologia e Memória de máster*. As disciplinas integram módulos que poderão ser cursados independentemente ao longo de 18 meses. O título de mestre se obtém cursando seis desses módulos que trabalham distintos aspectos da Terminologia teórica e prática e se dirigem a profissionais da língua, da ciência e técnica que necessita da Terminologia em sua profissão. Disponível em <https://www.upf.edu/web/terminologiaonline/edicion-espanola/master-online-en-terminologia>, acesso em outubro de 2014.

Terminólogos por IULATERM, pela Universitari Pompeu Fabra. Com base na experiência que tivemos nesse curso, criamos uma base de dados personalizada.

A plataforma *Terminus 2.0*, criada por IULATERM, é administrada pelo Institut Universitari de Linguística Aplicada da Universitat Pompeu Fabra, localizada em Barcelona, Espanha. Há outros programas de gerenciamento de dados terminológicos no mercado internacional, como: o MicroISIS (Gavenski, 2001), Multiterm, Term-PC (Fromm, 2009) e nacional, TERMISUL (MACIEL, 2001), COMET (Fromm, 2009) entre outros. Decidimos por um modelo parecido com o *Terminus 2.0* por considerar sua estrutura adequada às nossas expectativas e por termos tido experiência em manusear nele os dados durante o curso supracitado.

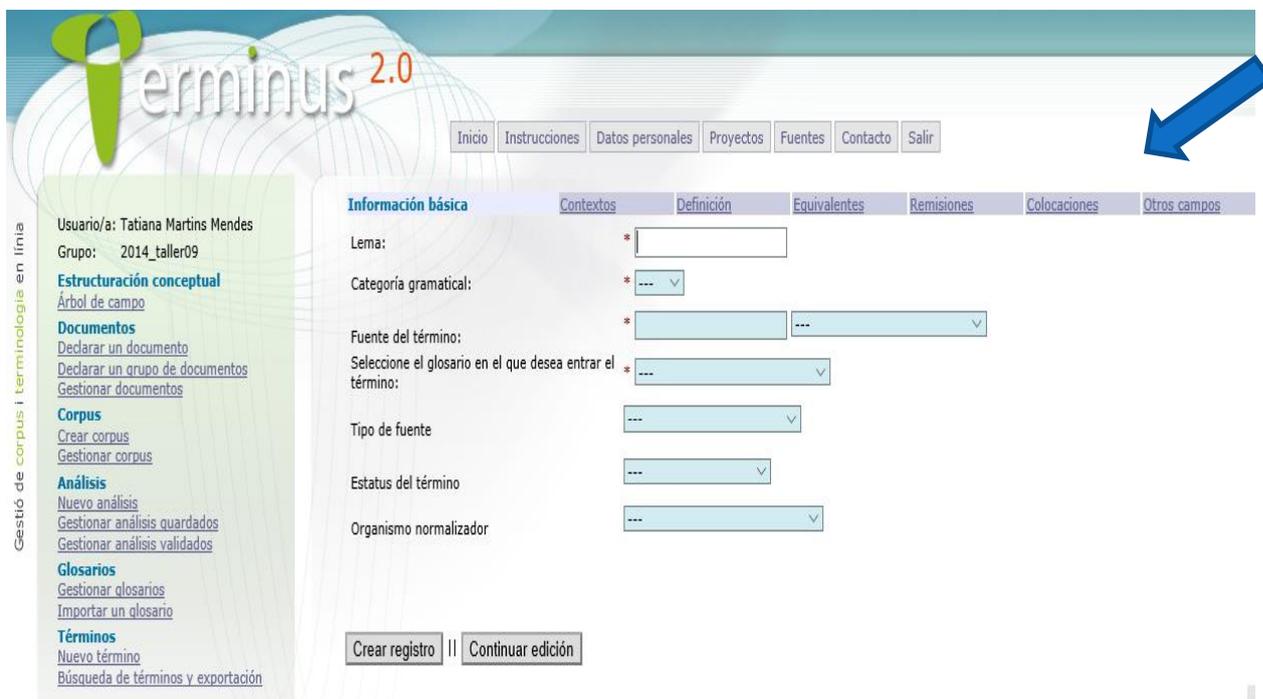
Escolhemos duas imagens, a 12 e a 12.1, para mostrar a interface de *Terminus 2.0*. Seu sistema inclui a cadeia completa do trabalho terminográfico desde a busca, constituição e exploração de *corpus*, a criação até a manutenção de bases de dados e a edição de glossários. Possui como características: ser adaptável às necessidades dos usuários; ter categorias de dados e opções flexíveis; ter incorporado um pacote de análise estatística; ser um sistema de extração automática de termos; ter sistemas gráficos para estruturas conceituais; ser módulo de exportação e importação de dados; possuir um sistema avaliado e melhorado em interação com usuários reais e estar disponibilizado nos idiomas Catalão, Espanhol, Inglês e Francês.

As duas imagens selecionadas representam o contexto que envolve o campo definicional de um termo conforme os princípios da TCT. Em nossa base de dados, apropriamo-nos de informações essenciais apresentadas em *Terminus 2.0* e as adaptamos. Para lema, por exemplo, usamos diretamente, termo. Citamos quatro categorias gramaticais, o gênero relativo ao nome, a fonte de termo, tipo de texto dessa fonte, *status* do termo, o organismo normalizador, que para nossos dados funciona como harmonizador, a nota e o contexto (abonação ou exemplificação textual). Acrescentamos, além dessas informações, uma imagem cartográfica que indica a localização municipal, no estado de Minas Gerais, a partir da divisão em mesorregiões. Visualizar o mapa leva o consulente para a região onde foi registrado o item lexical em análise. Não elaboraremos, neste estudo, o mapa conceitual, considerado pela ficha *Terminus 2.0 árbol del campo*.

Explicamos na próxima seção, em 3.5, as informações, selecionadas por nós, para a base de dados denominada GTESF, construída para esta tese.



**Figura 12:** Tela inicial do *Terminus 2.0*  
Fonte: <http://terminus.iula.upf.edu/cgi-bin/terminus2.0/terminus.pl>



**Figura 12.1:** *Terminus 2.0* – Inicio do trabalho  
<http://terminus.iula.upf.edu/cgi-bin/terminus2.0/terminus.pl>

### 3.5. Base de dados GTESF

A base de dados idealizada para esta tese é personalizada e recebe o nome GTESF, abreviatura de Glossário de terminologia popular para a Equipe Saúde da Família. Justificamos o desenvolvimento de base de dados personalizada pela praticidade e segurança que representa. Praticidade por sua disponibilidade integral *off line* e por ser independente de rede virtual para funcionamento, além de segurança dos dados, por tratar de armazenamento local, no próprio computador. Infelizmente, apesar de seus avanços, a tecnologia de rede virtual continua sendo um canal instável, podendo estar inativo a qualquer momento, acarretando a inacessibilidade de dados. Além disso, a base de dados personalizada permite deixar o *corpus* em aberto, possibilitando sua atualização e aprimoramento, sempre que possível. Os modos de constituição do *corpus*, neste trabalho, foram os seguintes:

- Recolha de material em formato eletrônico ou digitação quando impresso;
- Conversão em pdf;
- Disponibilização na base de dados.

Para otimizar as tarefas de compilação e organização do *corpus*, optamos pela ordem alfabética do termo correspondente à área das Ciências da Saúde, nas fichas terminográficas. Apresentamos na sequência a categoria a que pertence. As categorias referenciam Anatomia, Doença, Procedimento, Sintoma e Medicina alternativa. O direcionamento das estruturas resumidas em cinco categorias não implica irrelevância das outras não contempladas, e, sim o recorte necessário para um trabalho acadêmico. Para ampliar nosso objeto de estudo, a variação denominativa, profícua entre os termos em uso, percorremos as duas vias de comunicação: a destinada aos especialistas e a destinada aos leigos. Após a categoria, apresentamos a variante dentro do domínio da linguagem padronizada, e na sequência o organismo que harmoniza essas formas. Em seguida apresentamos variante popular e seu campo definicional. Inserimos neste estudo as siglas e os casos que apresentam mais de uma variante.

A Base de dados apresenta dados textuais que integram ficha terminográfica e verbete. O processo de construção do sistema contou com a participação de um especialista em arquitetura de sistemas, formado pela UFMG, que, a partir dos modelos do site do MS e da plataforma *Terminus 2.0*<sup>63</sup>, desenhou, sob nossa orientação, uma ferramenta própria e adequada

---

<sup>63</sup> Com base nas plataformas observadas no site do Ministério da Saúde, com o conhecimento da Plataforma *Terminus 2.0* organizada por IULATERM, usada em curso *on line* realizado pela Universitari Pompeu Fabra –

para o estudo das unidades terminológicas elencadas. Esse sistema levou cerca de trinta e seis meses para ficar pronto.

Nas figuras 13 e 14, apresentamos a base de dados personalizada. Sua interface é dinâmica e interativa e se subdivide em quatro abas: *Termo*, *Obra*, *GTESF* e *export*. A primeira, destina-se às informações do termo e traz a aba *Termos* que, por sua vez, possui duas seções, *Pesquisar Termo* e *Detalhar Termo*. A seção *Pesquisar Termo* guarda, em pasta instalada no computador, todos os termos elencados. É possível, nessa área, clicar os comandos *Remover*, *Editar* e *Criar novo*, o que flexibiliza, para trabalhos futuros, a expansão da base. Na segunda seção, tem-se a organização para trabalhar a estrutura do termo em verbete.

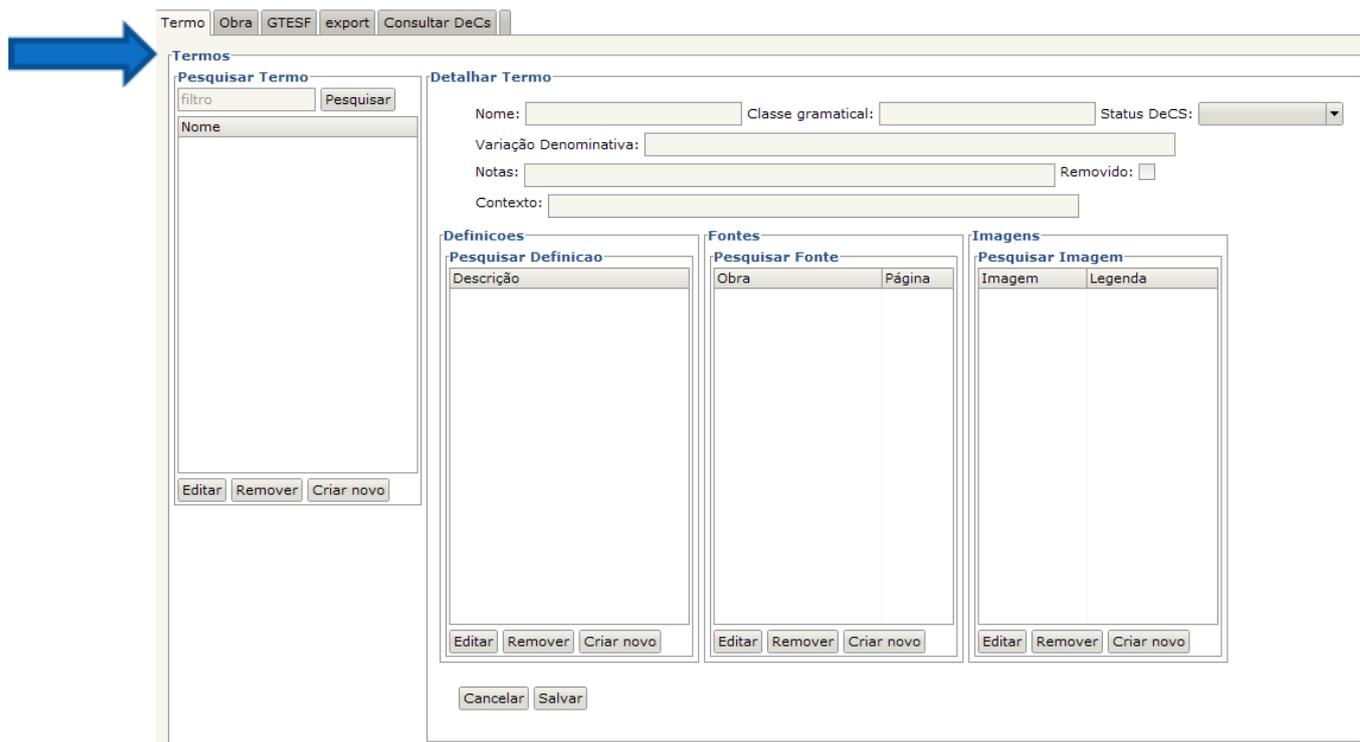
Os campos definicionais caracterizam o termo. Nesse banco, optou-se, no comando *Pesquisar Termo*, pela grafia com inicial maiúscula. Em *Detalhar Termo*, elencamos: Identificação do termo; Classe gramatical; *Status* DeCS; Variação Denominativa; Notas; Remoção; Contexto, Definição; Fontes e Imagens.

O item *Status* DeCS revela a situação de um termo objeto de uma recomendação oficial, já que o MS indica esse vocabulário estruturado como referência na área. Nesta pesquisa o *Status* DeCS foi direcionado para separar o termo em harmonizado do não harmonizado e do que deveria estar em processo de harmonização. Nesse caso, definimos por harmonizado, o termo presente em DeCS; não harmonizado o termo ausente. Temos uma terceira classificação, a *sem atribuição*, que afeta os itens que deveriam estar inseridos em DeCS em função do relacionamento por afinidade. O *status* é apresentado apenas na ficha para o correspondente na linguagem médica e da saúde e seu objetivo é mostrar o quão é valorizado ou depreciado um dado lexical.

O item Variação Denominativa traz as variações observadas nas fontes lexicográfica, especializada e terminológica. Uniformizamos a grafia em Variação Denominativa, escrevemos a letra inicial em maiúscula e as separamos por ponto e vírgula (;). A uniformização foi necessária devido à limitação do sistema que não diferencia nome próprio de nome comum, isso significa que todos os itens lexicais terminológicos, tanto o padrão quanto o não padrão, na ficha e no glossário, terão a inicial maiúscula.

---

UPF, idealizamos nosso modelo de sistema de gerenciamento de dados para tratar os termos elencados neste estudo.



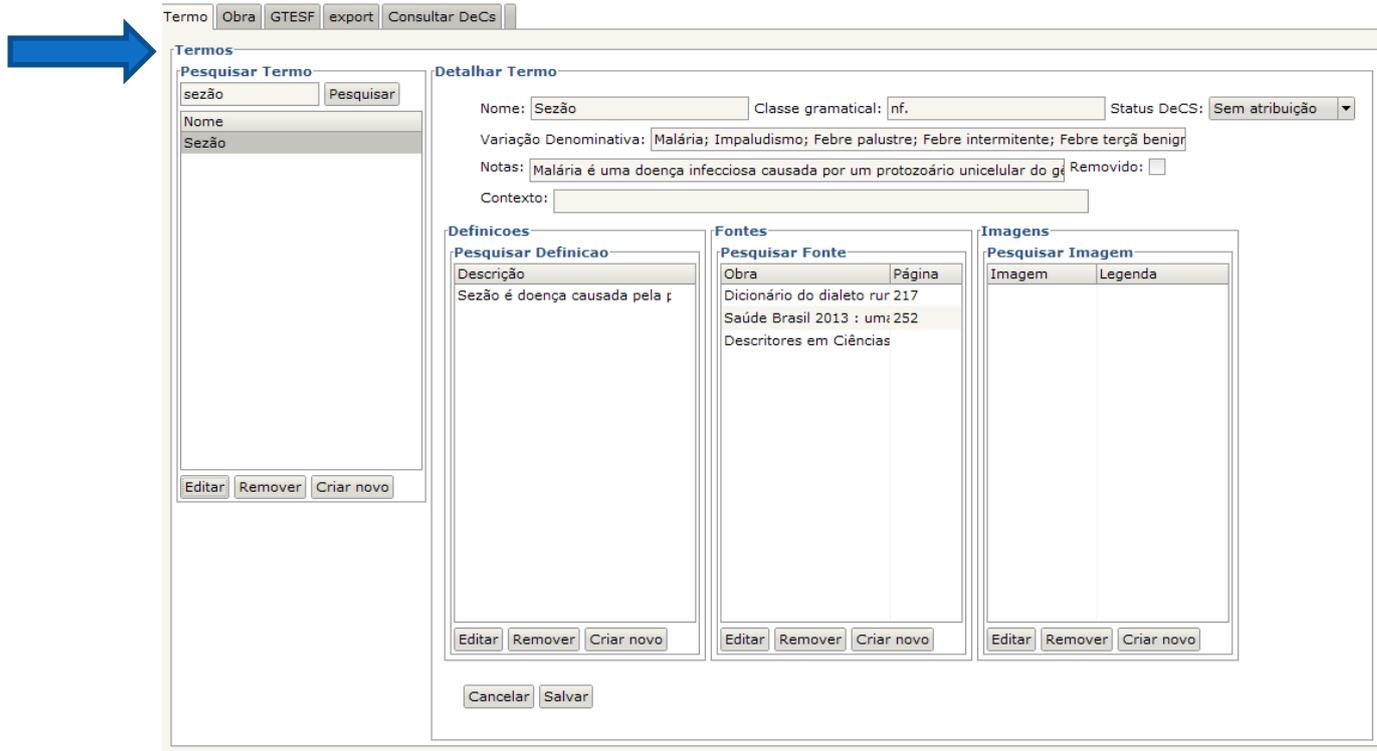
**Figura 13:** GTESF: Interface inicial

Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017

A interface inicial é a porta de entrada para a base de dados. A partir das janelas ali expostas, torna-se possível digitar todos os dados citados, conforme o objetivo da pesquisa. Veremos nas próximas figuras os campos gerados para a obtenção da ficha terminográfica. As variantes digitadas nesse banco de dados serão gerenciadas, ampliadas e armazenadas para a discussão e análise neste trabalho, e em outros, que poderão surgir.

Após o preenchimento do campo destinado às variantes, também assinaladas nesse gestor de termos com inicial maiúscula, é feito o preenchimento em Nota. Extraímos os trechos orais, das fontes salvas no sistema, acessamos os dados e os classificamos em categorias e subcategorias.

As informações adicionais são incluídas para auxiliar a compreensão do termo e sua função. Às *Notas* cabem os dados complementares, elas contribuem para a compreensão do termo e colaboram para sua definição. Neste estudo, utilizamos das notas para ampliar e /ou ratificar as informações da definição e explicar as expressões orais ou parte delas observadas nas abonações.



**Figura 14:** Pesquisar Termo

Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017

Vimos nas figuras 14 e 15, parte das informações dos itens lexicais terminológicos *sezão* e *amarelão*. *Sezão* faz relação com o termo médico *malária* e *amarelão* com os termos *hepatite* e *verminose*. Usamos o campo *status* para tratar o item padrão e o não padrão. *Sezão* não se encontra em DeCS e, por isso, aplicamos o *status sem atribuição* informando que há variantes relacionadas, nesse caso as da *Malária*, podendo ser esse item, *sezão*, integrado ao rol de sinônimos do vocabulário estruturado. Entendemos que o item não padrão supracitado não está inserido em DeCS por razão de seu desconhecimento. *Amarelão*, considerada por nós uma variação conceitual, não está da mesma forma porque *Hepatite* e *Ancilostomíase* não possuem sinônimos em DeCS.

Ressaltamos que a dinâmica da interface permite a consulta a termos e subtermos, edição, inserção de novos dados e funcionalidades. Optamos por um acervo aberto, apto a continuidade e ampliação deste trabalho como também para elaboração, no futuro, de outros que contemplem a prática terminográfica sistematizada para a terminologia médica.

Nas figuras seguintes, 15, 16 e 17 veremos a interface para *Pesquisar termo*, damos como exemplo, o item *amarelão*, na figura 16 temos o *Status DeCS*, e, na 17 o *Detalhamento de Fonte e Notas*.

Termo | Obra | GTESF | export | Consultar DeCs

Termos

Pesquisar Termo

amarelão | Pesquisar

Nome

Amarelão

Editar | Remover | Criar novo

Detalhar Termo

Nome: Amarelão | Classe gramatical: nm. | Status DeCS: Não harmonizado

Variação Denominativa: Marelão; Ancilostomiase; Hepatite; Opilação; Doença do jeca tatu

Notas: | Removido:

Contexto: |

Definicoes

Pesquisar Definicao

Descrição
Infecção hepática causada por

Editar | Remover | Criar novo

Fontes

Pesquisar Fonte

Obra	Página
Café com quebra torto:	288
O Vocabulário rural de F 214	
Doenças infecciosas e p	47
Hepatites Virais	6

Editar | Remover | Criar novo

Imagens

Pesquisar Imagem

Imagem	Legenda
--------	---------

Editar | Remover | Criar novo

Cancelar | Salvar

**Figura 15:** Pesquisar termo: amarelão  
Fonte: Dados do sistema elaborado para esta pesquisa, 2017

Registro modificado com sucesso

Termo | Obra | GTESF | export | Consultar DeCs

Termos

Pesquisar Termo

Fedegoso | Pesquisar

Nome

Fedegoso

Editar | Remover | Criar novo

Detalhar Termo

Nome: Fedegoso | Classe gramatical: nm. | Status DeCS: Harmonizado

Variação Denominativa: Senna; Balambala; Café-negro; Mengerioba; Pajamarioba; Maioba

Notas: | Removido:

Contexto: |

Definicoes

Pesquisar Definicao

Descrição
Erva medicinal com propriedad

Editar | Remover | Criar novo

Fontes

Pesquisar Fonte

Obra	Página
Estudo Linguistico no Va 267	
Plantas que Curam - Fe	

Editar | Remover | Criar novo

Imagens

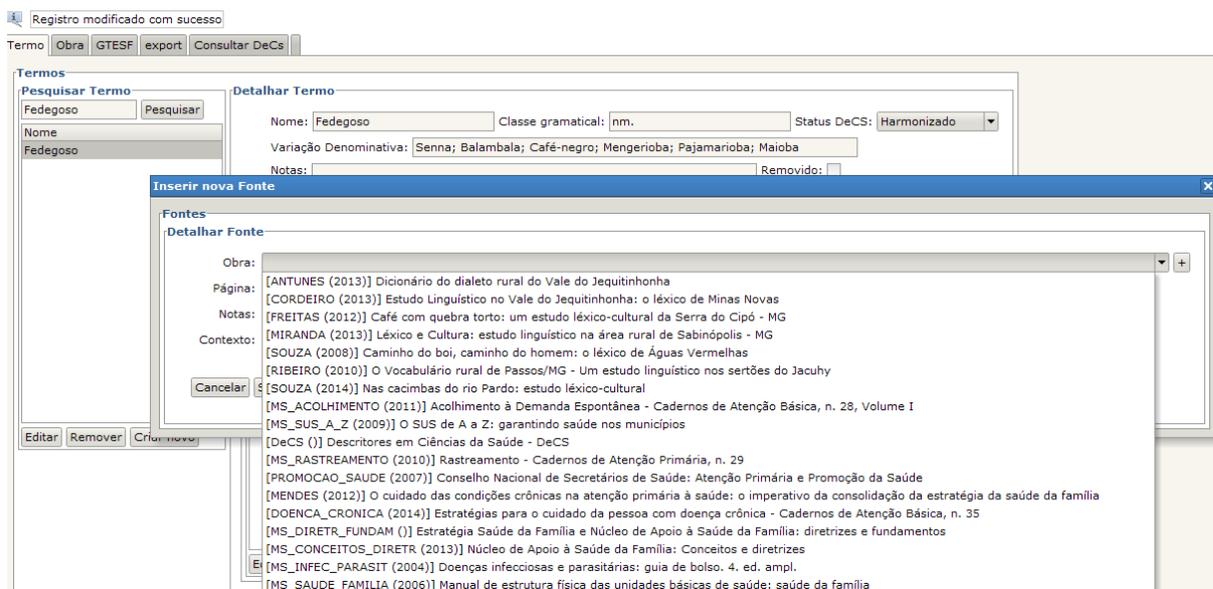
Pesquisar Imagem

Imagem	Legenda
--------	---------

Editar | Remover | Criar novo

Cancelar | Salvar

**Figura 16:** Status DeCS  
Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017



**Figura 17: Detalhamento de Fonte e Notas**  
 Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017

Dando sequência aos campos, tratamos o *Contexto* que está constituído de abonações. Ele abrange excertos copiados *ipsis litteris*, e neles, o item terminológico é citado, atestando sua existência e significado em uma fonte fiável. *Contexto* e *Notas* estão diretamente relacionados às suas fontes de extração do item. As definições foram elaboradas por nós. A princípio não as teríamos, mas a incompletude de uma ficha terminográfica nos desafiou a complementar o processo que envolve a produção definitiva objetiva e concisa, necessária para rápida apreensão do sentido terminológico. Considerando os preceitos da Socioterminologia não poderíamos deixar de dar a definição que acreditamos estar relacionada à condição de apresentação do item lexical terminológico, em seu contexto real de uso. As definições contaram com a colaboração de especialistas da área médica, da Linguística e da Terminologia. Optamos pela ficha terminográfica, embora traga dados relativos às informações linguísticas e sociais de cunho diatópico, próximas ao modelo de ficha que transita na Socioterminologia.

Informamos ainda que nas seções *Definições*, *Fontes e Imagens*, também é possível realizar ações de edição, remoção ou criação. As imagens trazem um caráter novo para os estudos terminológicos. Apresentar, por exemplo, a região geográfica onde o termo está sendo reproduzido propicia melhor compreensão do aspecto sócio-cultural que o circunda. O nosso rastreamento geográfico limitou-se a algumas cidades e regiões de Minas. O campo *Imagens* também acolhe ilustrações específicas ao tema. Poderíamos ter feito uso de imagens direcionadas ao atendimento médico do nosso acervo pessoal, mas optamos pelo mapa, visto como referência do local em que se encontra o termo.

Na figura 18, detalhamos o campo referente à definição, damos como exemplo o termo Unidade Básica de Saúde e, com a finalidade de dar uma explicação sucinta sobre seu significado, a definimos em nossa ficha terminográfica como “Local de atendimento médico estruturado pelo Sistema Único de Saúde – SUS, para atenção básica.

The screenshot shows a web application interface for managing terms. At the top, there is a notification bar that says "Registro modificado com sucesso". Below it, there are tabs for "Termo", "Obra", "GTESF", "export", and "Consultar DeCs". The main content area is divided into two main sections: "Termos" on the left and "Detalhar Termo" on the right. The "Termos" section has a search bar with "amare" and a "Pesquisar" button, and a list of terms with "Amarelão" selected. The "Detalhar Termo" section shows the details for "Amarelão", including its grammatical class ("nm."), status ("Não harmonizado"), and various denominations. A modal window titled "Inserir nova Definição" is open, showing a form for defining the term. The form has fields for "Descrição" (filled with "Infecção hepática causada por"), "Categoria" (filled with "GTESF / Reg / Doença"), and "Localização geográfica". There are "Cancelar" and "Salvar" buttons at the bottom of the modal. A blue arrow points from the "Definicoes" section in the main window to the modal window.

**Figura 18:** Detalhamento de Definição

Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017

A aba dedicada à *Obra* comporta o cadastro das fontes utilizadas para a coleta dos dados. Nós a classificamos em três tipos: *especializada*, *lexicográfica* e *terminológica*. Os textos recolhidos no site do MF entram como especializados, porque foram escritos por especialistas para os profissionais da Saúde Básica.

A fonte lexicográfica traz o dicionário de Antunes (2013), único do gênero e os glossários de Cordeiro (2013), Freitas (2012), Miranda (2013), Ribeiro (2010), Souza (2008, 2014). Todas as obras, exceto Antunes (2013), possuem URL,<sup>64</sup> ou seja, estão disponíveis na

<sup>64</sup> Padrão de endereços na internet.

web. Seus endereços virtuais aparecem em Referência, ao final deste texto. No caso de Antunes (2013), dispomos de cópia em pdf, guardada em nosso acervo pessoal.

O item referência local diz respeito ao nome sob o qual a fonte se vincula à base. Reiteramos que a geografia de abrangência inclui as mesorregiões de Minas Gerais: Central Mineira, Norte, Noroeste e Sul/Sudoeste, municípios em que foi realizada a recolha dos itens terminológicos populares.

Registro modificado com sucesso

Termo Obra GTESF export Consultar DeCs

**Obras**

**Pesquisar Obra**

filtro

RefLocal	Ano	Nome
----------	-----	------

**Detalhar Obra**

Nome:

Tipo:

Ano:

URL:

Referência Local:

Referência Global:

Localização geográfica:

**Figura 19:** Pesquisar obra

Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017

Na aba *export* está a função *exportar banco de dados* que gera toda a lista de termos e suas informações em *doc*, com linguagem compatível, podendo ser salvo em pdf.

Na imagem da interface do sistema, personalizado para o tratamento terminográfico dos itens estudados, vemos a aba *Consultar DeCS*, que faz link com as informações do vocabulário estruturado em Descritores em Ciências da Saúde, tornando ágil a busca de dados relacionados.



**Figura 20:** Tela de exportação de dados

Fonte: Dados do sistema personalizado elaborado para esta pesquisa, 2017

Durante o processo de construção da base de dados, deparamo-nos com alguns problemas de formatação. Inicialmente, o sistema estava programado para exportar em html, mas isso se mostrou problemático. A solução foi reformular o sistema para que ele exportasse o glossário diretamente na extensão doc., linguagem compatível com a do word. Com a questão de formatação dos textos trabalhamos a inserção de imagens de mapas. Ainda, enfrentamos problemas a nível de tabela e posicionamento da imagem no texto, o que não traz prejuízo para nossa proposta.

Os dados que não eram de interesse da pesquisa ou que não conseguíamos classificar nos subdomínios delimitados foram guardados para pesquisas futuras. Mabaço, por exemplo que denomina gêmeos, está nessa lista. As fraseologias, *Abotoá o paletó*, *batê as botas*, também.

A figura 22, que aparecerá no final deste capítulo, apresenta o modelo de ficha terminográfica, gerada após clicar “Gerar dicionário” na base de dados, vista na figura 20 “Exportar banco de dados” em Export. A linguagem doc permite alinhamento na formatação do nosso texto acadêmico. Após o alinhamento, o mesmo documento poderá ser salvo em pdf.

Há estruturas fixas inalteráveis na ficha, como os nomes dos campos. A princípio, a atividade de gerenciamento de *corpus* é realizada apenas em formato monolíngue, em Português do Brasil. Futuramente, poderemos pensar em sua tradução para idiomas como Espanhol, Francês e Inglês, pois o sistema elaborado permite tradução e adequação para essas possibilidades.

Dado o processo, o programa indica os candidatos a termo. Somente após a validação por especialistas, passam a ser termos.

### 3.6. Identificação e validação dos termos

Identificados os candidatos a termos, os itens lexicais têm possibilidade de tornarem-se termos, conforme valor específico discursivo e a validação recebida. No momento da identificação, considerou-se a importância do contexto em que os itens se apresentam. Após a identificação, procedemos com a validação por especialista. Realizamos a extração e a sistematização dos itens lexicais, para depois gerar o produto terminográfico, consoante os preceitos da TCT, que postula os enfoques descritivos da Terminologia e inclui a identificação e validação dos termos.

A respeito da validação dos termos, assunto desta seção, esclarecemos que, neste trabalho, temos dois grupos de termos, um produzido por e para especialistas e outro produzido por leigos. Por esse ângulo, em que se juntam dois grupos diferentes, interrogamos: quem validaria os termos? Para o primeiro grupo, os próprios especialistas, pois são eles os responsáveis pelo reconhecimento de elementos de seu campo de ação. No segundo, entendemos que o leigo reconhece o item que especifica uma área e, dessa forma, legitima-o, sem preocupar-se com as condições formais de sua produção, ou seja, sem conhecer a respeito de campos nocionais e sem assinalar, semanticamente, sua relevância em campo específico. Não conseguiríamos contatar os informantes por residirem em muitas cidades de MG, por isso, decidimos nós mesmos, mestres e doutores em Lexicologia, assumir o posto de validadores.

A comunidade e o falante certificam o termo já que atuam como seus difusores. Além da validação realizada pelo próprio produtor e por nós, contamos, ainda, com a legitimação de especialistas que atuam na Estratégia da Saúde da Família no Estado de Minas Gerais. Coube a eles verificar se a coleta proposta por nós estava coerente com a rotina do segmento em estudo.

No contexto atual, em que dispomos de redes virtuais, acessos *on line* ilimitados, o instrumento terminográfico, quando disponível na *web*, alcançará um contingente incalculável de usuários. De acordo com Faulstich (2006, p. 27), a Terminologia “internacionaliza léxicos de linguagens de especialidade, pois, num mundo moderno, que se desenha multilíngue, a comunicação deve ser rápida e eficiente”. Nesse segmento, o contexto de uso do termo e a variação nele presente devem ser considerados pelo terminólogo e pela sociedade em que ele ocorre. Acreditamos que os profissionais que estão no *Programa Mais Médicos para o Brasil* contribuirão para a internacionalização dos termos não oficiais referentes à saúde, descritos aqui, pois muitos desses participantes retornarão a seus países com um vocabulário ampliado.

### 3.7. Construção da ficha terminográfica

A ficha terminográfica foi elaborada após associações feitas a partir de experiência com o modelo apresentado em *Terminus 2.0* e da ficha idealizada pela orientadora desta pesquisa, a profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra que foca, em seus trabalhos, o estudo da língua oral e a representação geográfica do local em que foram coletados os dados. Na figura 21, mostramos o modelo de ficha de *Terminus 2.0* para o termo *cefaléia*, elaborado em curso, realizado na Universitari Pompeu Fabra, que serviu de orientação para a ficha desta tese,

1  
cefalea            *n*  
Espanhol  
**Fuente:** [URL](#) target='\_blank'>[URL](#)  
**Tipo de fuente:** Texto especializado

**Definición:** Dolor fuerte y frecuente en la cabeza causado por transtornos del sistema nervioso.  
**Fuente:** [URL](#)

**Estatus del término:** Término normativo

**Organismo normalizador:** RAE

**Proyecto:** Diccionario Terminológico de Cefaleas  
**Equivalentes:**  
Inglés **headache** *n* [URL](#)  
Alemán **Kopfschmerzen** *n* [URL](#)  
Portugués **dor de cabeça** *n* [URL](#)

**Remisiones:**  
**enjaqueca** *n* [URL](#)(Sinónimo)

**Notas:**  
Aproximadamente el 80% de la población padece de cefalea de forma habitual.

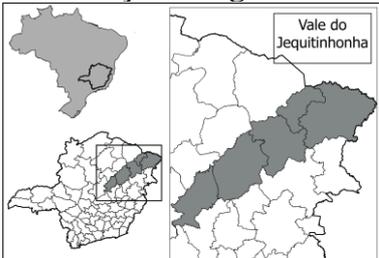
**Contexto:** Las **cefaleas** (dolores de cabeza) son uno de los trastornos más comunes del sistema nervioso. Son trastornos primarios dolorosos e incapacitantes como la jaqueca o migraña, la **cefalea** tensional y la **cefalea** en brotes. También puede ser causada por muchos otros trastornos, por ejemplo, el consumo excesivo de analgésicos.  
**Fuente:** [URL](#)

**Figura 21:** Ficha terminográfica de Cefalea em Espanhol / *Terminus 2.0*  
Fonte: Acervo pessoal

Além do modelo apresentado, a ficha da base de dados, desta tese, segue a organização estándar proposta por Cabré (1993, p. 283), que tem como critério adequar-se ao propósito do trabalho a que se destina. Com base nas informações contidas na ficha de *Terminus 2.0*, fizemos os ajustes necessários. Acrescentamos à categorização gramatical o gênero do item, incluímos localização geográfica, retiramos os campos referentes a projeto e a equivalência em língua estrangeira, por ser o trabalho terminológico realizado monolíngue.

A ficha terminográfica representa o contexto informativo e o relacionamento do termo. Por tratarmos de relacionamentos entre o termo padronizado e o não padronizado, dividimos a ficha conforme a área de domínio. Tendo em mente os destinatários, os profissionais da área, e a objetividade dos dados, elencamos, na ficha, o termo padronizado como entrada e, no verbete, o termo não padronizado.

Em relação à ficha, distribuimos esse contexto em dez campos, a saber: o termo padrão, área de domínio, categoria relacionada, variação denominativa conforme o DeCS, fonte, tipo de texto da fonte, *Status* do termo, posicionando-o à condição de harmonização terminológica, organismo harmonizador, para os termos padronizados, elencados nesta tese, elegemos o DeCS. No domínio popular, apresentamos a variante popular, gênero, fonte de extração e tipo de texto, nota, contexto e a localização geográfica, mapa do município em que o termo foi coletado. Na figura 22, a seguir, apresentamos o modelo elaborado para esta pesquisa.

<p><b>Termo</b> Termo médico / Categoria</p> <p>Variação Denominativa: Fonte: [Tipo de texto:]</p> <p>Status do termo: Organismo Harmonizador:</p> <p>Variante popular <b>Termo</b> [nm.]</p> <p>Fonte: [Tipo de texto:] Definição Nota: Contexto:</p> <p><b>Localização Geográfica:</b></p> 
--

**Figura 22:** Ficha terminográfica da base de dados GTESF  
Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

A respeito da informação destinada à *definição*, a elaboramos conforme os seguintes princípios propostos por Cabré (1993, p. 210): a definição deve respeitar os princípios da lexicografia com relação a sua apresentação formal – a entrada tem que ser verdadeira; a definição tem que ser precisa e concisa; todas as palavras de uma definição têm de estar definidas a seu redor; a definição não pode conter palavras mais complicadas que a palavra definida; tem que ser redigida partindo de um descritor de mesma categoria gramatical do termo definido, exceto em caso de definição de adjetivo e locução – e os princípios terminológicos que instituem na definição a descrição precisa do conceito; que a definição deve constar em uma única frase, se necessárias informações adicionais essas devem aparecer em nota e, na definição deve conter a expressão adequada ao destinatário do trabalho.

A definição, em nossa ficha, foi trabalhada apenas a relacionada à variante popular. Após estabelecidos os critérios para a composição, o conteúdo da definição foi elaborado sob a orientação de especialistas da dialetologia. A definição dada nas fichas apresentadas no capítulo 2, referentes à variação terminológica do termo padrão foi elaborada sob orientação de profissionais dessa área. Para esta pesquisa o conjunto de informações explicita dados terminológicos, ampliando o conhecimento a seu respeito. A organização em fichas serve como base para o glossário específico.

Elencamos, a seguir, os itens da ficha desta tese:

No campo da variante do domínio da Ciência da Saúde

1. O **Termo padrão**
2. **Identificação do domínio terminológico** e da **categoria** em análise
3. **Variação denominativa** relacionada ao termo no domínio de linguagem do especialista, **Fonte** de extração dessa variante e **Tipo de texto** dessa fonte: Especializado, Lexicográfico ou Terminológico
4. O **Status** do termo indica se o termo padronizado relacionado está harmonizado, ou seja, se consta no DeCS ou não
5. **Organismo Harmonizador - DeCS**

No campo da variante popular

1. O item terminológico popular e, junto dele, sua **classificação gramatical e gênero**
2. A **Fonte**, local de extração do termo. Dentro desse item, inclui-se o **Tipo de Texto**
3. **Definição**, o significado do termo a partir do que foi inferido em Fonte, Nota e Contexto
4. **Nota**

## 5. Contexto

## 6. Localização Geográfica

Detalhamos cada item, recordando que a ficha é o resultado da alimentação realizada na base de dados, ou seja, possui informações já mencionadas. No item 1, a classificação gramatical limita-se a nome e ao gênero, feminino [nf.]; nome masculino [nm.], nome composto feminino [ncf]; nome composto masculino [ncm.]; adjetivo [adj.]; verbo [v.] e locução adverbial [loc. adv.].

Delimitar a classe gramatical do item lexical é pertinente, principalmente em Português e Espanhol. Apesar de possuir semelhanças, esses dois idiomas apresentam peculiaridades relevantes que devem ser observadas para que não haja confusão no uso do gênero de alguns termos na área que abrangemos. Há termos usuais na saúde que variam quanto ao gênero nessas línguas. Observe os exemplos de heterogênicos no Português e no Espanhol: a *análise* (forma feminina) / el *análisis* (forma masculina); a *dor* (forma feminina) / el *dolor* (forma masculina); a *equipe* (forma feminina) / el *equipo* (forma masculina); o *sangue* (forma masculina) / la *sangre* (forma feminina); o *nariz* (forma masculina) / la *nariz* (forma feminina). Exemplos recorrentes como esses podem causar bloqueios no processo de interação entre profissionais estrangeiros que integram a Equipe de Saúde da Família e os pacientes.

Em relação a fonética há diferenças na pronúncia. As formas heterosemânticas também são produtivas no vocabulário da saúde, conhecidas como falsos cognatos ou falsos amigos. Referem-se a uma forma comum e a conceitos distintos nas línguas supracitadas. Verificamos que em Português maleta de primeiros socorros equivale a *botiquín* em Espanhol; fraco em Português equivale a *débil* em Espanhol; Grávida em Português é o mesmo que *embarazada* em Espanhol (o som da letra z em Espanhol é igual ao ç em Português); o termo testículo em Português equivale a *turma* em Espanhol. Além das formas heterogênicas e heterosemânticas, as heterotônicas também podem trazer entraves na comunicação.

As palavras heterotônicas, isto é, com a tônica em sílaba diferente conforme o idioma, são profícuas no ramo da saúde, nos idiomas mencionados. Exemplificamos a relação Português / Espanhol: **alergia** / **alergia**; **anestesia** / **anestesia**; **asfixia** / **asfixia**; **atrofia** / **atrofia**; **bulimia** / **bulimia**; **cérebro** / **cerebro**; **difteria** / **difteria**; **ebola** / **ebola**; **epidemia** / **epidemia**; **euforia** / **euforia**; **fobia** / **fobia**; **histeria** / **histeria**; **regime** / **regimen**; **oxigênio** / **oxígeno**; **sarampo** / **sarampión**; **sintoma** / **síntoma**; **traqueia** / **tráquea**; **vertigem** / **vértigo**. Os exemplos apresentados mostram o quanto devemos atentar para a pronúncia e a classificação gramatical

de um item terminológico. Ajudaria, nos glossários indicações quanto a esses fenômenos a fim de eliminar ou minimizar problemas de comunicação entre profissionais da saúde e pacientes.

A respeito do item 2, **Identificação do domínio terminológico** e da **categoria** em análise, temos como domínio terminológico o domínio da linguagem. Neste estudo temos dois domínios, o da linguagem médica e/ou da saúde e o da linguagem leiga, o domínio popular, não científico. Quanto à categoria, ela se refere apenas ao domínio médico, a associamos a Anatomia, Doença, Sintoma, Procedimento e Medicina alternativa.

O item 3, **Fonte**, designa local de extração do termo. Em nossa base de dados poderá haver mais de um local de extração do termo, ou seja, o termo poderá aparecer em mais de uma fonte e, nesse caso, a fonte será abreviada com F maiúsculo e em negrito e receberá numeração correspondente. Teremos, por exemplo, **F1, F2**, tal identificação conectará a fonte ao trecho utilizado em Notas e Contexto. Assim o leitor saberá de qual das fontes foram retirados os dados citados. Dentro do item Fonte está o subitem **Tipo de Texto**, que classifica o texto da fonte em Especializado, Lexicográfico, Terminológico.

A respeito do item 4, **Definição**, acrescentamos que a mesma, elaborada por nós, limita-se ao termo não científico, ao item lexical terminológico de domínio popular. Todos os itens não padronizados, elencados, recebem uma definição terminológica, validada por especialistas. Em 5, **Variação**, apresentamos as diferentes formas variantes encontradas. Os itens 6 e 7 têm relação direta com o processo de oficialização do termo. Precisávamos de um organismo que pudesse servir como referência terminológica para a área da saúde e o DeCS nos pareceu apropriado.

O item 6, **Status do termo**, informa a condição do termo em DeCS. O termo será considerado *harmonizado*, quando integrar o vocabulário DeCS com o mesmo significado em que aparece na base de dados; será classificado em *Sem atribuição* quando em DeCS houver outro termo que faça relação com significado ou significante mencionado na base; o termo será classificado em *não harmonizado* quando não integrar o vocabulário DeCS. Essa classificação foi definida conforme nossas observações em relação à atualização do DeCS para entender o relacionamento do item lexical disposto aqui.

No item 7, **Organismo Harmonizador – DeCS**, elegemos Descritores de Ciências da Saúde – DeCS, devido ao tratamento dado ao vocabulário técnico, considerado por nós

adequado. Acreditamos que os termos inseridos nesse vocabulário são oficiais para o meio em que circulam.

Em 8, **Nota** tem caráter linguístico ou enciclopédico, traz informações adicionais ou que justificam a função do item terminológico, colaborando para sua definição; os textos em Nota são elaborados e adaptados a partir dos textos especializados dispostos nas fontes de extração dos itens terminológicos e do contexto depreendido, conforme o conhecimento cultural. Dessa forma, Nota traz informações adicionais à definição e ao contexto.

Em 9, o **Contexto ou Exemplificação contextual** é o trecho *ipsis littēris* do item terminológico, retirado das narrativas orais, traz a forma oral conforme proferido pelo informante leigo; essa abonação será apresentada em itálico.

Em relação ao item 10, não vimos em *Terminus 2.0* informações que remetessem à localização geográfica, dado considerado relevante em razão da Globalização que, em segundos, realiza a difusão de informações e, em sua maioria, não evidencia o seu ponto de partida, sua origem. Nesse sentido, optamos por um gestor de dados que trouxesse a informação cartográfica, além do conjunto de informações que consideramos relevantes para obtenção da rede terminológica de uma área de conhecimento.

A informação cartográfica aparecerá em todas as fichas para mapear o item terminológico, divulgando o local em que ele se faz produtivo. Com a globalização, saber o local e o contexto de produção poderá assessorar atividades futuras relacionadas à comunicação, à Terminologia e, à Sociolinguística e à Socioterminologia. Não podemos afirmar a origem dos termos, mas podemos atestar sua presença, neste momento, em nosso estado. Os mapas usados nas fichas integram o nosso acervo pessoal.

Nossas decisões constituem escolhas que assumimos para viabilizar o que construímos. Idealizamos e desenvolvemos, conforme preceitos da Terminografia, uma base de dados personalizada para descrição de itens lexicais em ficha e verbete a fim de organizar um glossário de terminologia popular para promover a resolução de problemas conceituais no âmbito da comunicação e interação entre profissionais da Equipe Saúde da Família e os pacientes.

Entender o contexto linguístico da saúde pública no enfoque da variedade oral da Língua Portuguesa colabora para aplicação de estratégias e atitudes linguísticas que possam minimizar o distanciamento / o estranhamento do indivíduo diante a variedade regional.

### 3.8 Resolução de casos problemáticos

A resolução de casos problemáticos ocorreu durante a fase de revisão do trabalho. Surgiram alguns casos pontuais relacionados a: eliminação e/ou inserção de dados nas fichas e funcionalidades. Procedemos com a eliminação de fichas quando não conseguimos determinar o significado do item terminológico, nem determinar com segurança a sua pertinência no domínio, como, por exemplo, unidades que ocorrem sem um contexto satisfatório. Exemplos desses casos: mabaço, as fraseologias “bater a bota” e “abotoar o paletó” não possuíam um contexto satisfatório. Eliminamos fichas quando o item terminológico especificava a área administrativa do SUS.

Em relação a funcionalidade do sistema, foi acrescentada, à interface, uma área de relacionamento direto com o Vocabulário Estruturado DeCS, permitindo o acesso às informações desse instrumento. Em relação à busca em DeCS, vimos que o vocabulário estruturado apresenta: a) as formas *cadeira* e *cadeiras* como sinônimo de *quadril*, mas não traz *quartão*, item localizado em nosso *corpus*; b) a forma *furunculose* possui o termo *furúnculo*, no campo definicional, mas não o define. Precisávamos definir *carneção*, a extremidade de um furúnculo; c) formas em plural para *mordeduras* e *picadas* e *luxações articulares*; d) a forma *Lamentação* indica luto; e) o item *bucho* está no campo de definição de planta; f) a forma *invalidez* está em busca, mas inexistente entrada e campo definicional para esse item.

Não encontramos em DeCS: a) *tampão* em Português, mas ao buscar *tampón*, em Espanhol, o DeCS apresentou *Tampões cirúrgicos* em Português; b) *pacho*, o mesmo ocorreu com esse item. Não o encontramos em Português, sabíamos em Espanhol o referente *parche*, mudamos o idioma do DeCS para Espanhol e lá encontramos *parche* e o conceito para o nosso item estigmatizado *pacho*; c) *claudicar*, encontramos em inglês *claudication* para tratar o item estigmatizado *manquitolar*.

Observamos que no vocabulário estruturado do DeCS há conceito para vários posicionamentos, por exemplo, o decúbito dorsal, o decúbito ventral, inclinado com rebaixamento da cabeça, mas não há conceito para a “posição de cócoras”. Encontramos entre os itens populares a locução *de coque*, que se relaciona a posição de cócoras. Observamos em DeCS a ausência de entradas e conceitos para os seguintes elementos: *veia ou vaso sanguíneo*, *desintumescer*, *repulsa*, *distensão abdominal*, *esfolado*, *mancha*, *manquejar* e *secreção*. Buscamos os conceitos com especialistas.

O não domínio da enunciação técnico-científica da área da saúde leva o leigo à ineloquência, à inaptidão para argumentar, questionar ou discordar daquilo que lhe é linguisticamente incutido. Fazem-se necessárias ações que promovam a expressividade em que o sujeito se sinta valorizado no processo de interação. A descrição da terminologia popular é uma dessas ações.

A interação, em uma comunidade marcada por regionalismos, pode ser potencializada com ações conjuntas entre profissionais e terminólogos, envolvendo construções terminográficas que descrevam dados relevantes, representativos e contextualizados da terminologia popular. Tendo em conta a dimensão geográfica do nosso país, os aspectos linguísticos culturais intrínsecos a ela e a variação que dela resulta concordamos com Finatto (2014, p. 453) quando afirma “embora sejam vistas como as mais corretas apenas por um determinado grupo de prestígio socioprofissional, é importante lembrar que o registro da variação terminológica abrange desde a forma de prestígio até todas as outras formas, incluindo as estigmatizadas, tal como algumas vezes são, no Brasil, por exemplo, os nomes populares de algumas doenças em Dermatologia e em outras especialidades médicas”.

Atuamos, com a laboração desta pesquisa, no sentido de conscientizar a respeito da “variação terminológica que abrange a forma estigmatizada”, “os nomes populares”, pois, entender sua complexidade pode minimizar conflitos comunicacionais e garantir vínculos mais fortes nas relações. Temos como princípio a aceitação das diferenças terminológicas e o entendimento da variação como um recurso de linguagem que evidencia possibilidades adicionais à comunicação, não diminuindo nem excluindo itens terminológicos consolidados. As diferenças terminológicas, especialmente as observadas no domínio popular, são comuns em qualquer discurso.

Descrevemos o comportamento conceitual dos itens lexicais terminológicos arrolados a partir de dados organizados com auxílio de um sistema computacional. A base de dados construída nesse sistema gera uma ficha terminográfica, e nela constam informações acerca do item lexical terminológico. A ficha apresentada neste estudo tem estrutura conforme os modelos terminológicos usados para trabalhos de produção de instrumentos terminográficos.

No capítulo 4, tratamos o quadro geral de categorias, apresentamos o relacionamento terminológico nas fichas terminográficas e a chave de leitura para elas, onde o termo de entrada é o padrão, diferente do glossário, que apresenta o item lexical, não padrão, como entrada para o verbete.

## CAPÍTULO 4 – BASE DE DADOS: FICHA TERMINOGRÁFICA

---

*(...) compreender as diferentes feições do léxico especializado, suas formas de funcionamento, seu contexto de ocorrência, junto a seus objetos correlatos, significa compreender fenômenos da língua e da linguagem, imprescindíveis à produção do conhecimento especializado e à comunicação humana.*

Bevilacqua e Krieger (2005, p. 9)

Nesta seção apresentamos o quadro geral das categorias e as fichas terminográficas. As fichas são responsáveis pela descrição, pelo registro e pela divulgação da variação denominativa que se faz presente tanto nos textos de especialistas – apresentados em documentos oficiais e no vocabulário estruturado DeCS – quanto nos textos orais, próprios dos leigos.

### 4.1 Quadro geral de categorias

Baseado no critério onomasiológico, agrupamos os itens terminológicos populares à sua categoria, a fim de relatar a rede semântica que o detém, sem preocupação com sua hierarquia. Esse agrupamento mostra a dimensão em que estão interligados, remetendo-os ao conhecimento de mundo e da taxionomia atribuída a uma mesma realidade. Os nossos itens terminológicos são nucleares, sua carga significativa não é menos valorizada em função da variedade que os acomete.

Apresentamos o termo de entrada que é o do domínio popular e, na sequência, mostramos sua(s) variante (s) no mesmo domínio e o correspondente do domínio médico, que também pode apresentar variante. O sinal gráfico “~” dá ênfase à variante e indica coocorrência, ou seja, a variante denominativa coocorre com o termo de entrada, conforme explica Faulstich (2002, p. 83): “entendemos por formas em coocorrência as que têm presença simultânea em textos que tratam de assunto da mesma natureza”. Elegemos “termo de entrada” aquele que apresentou destaque ou foi considerado entrada nos documentos consultados. As categorias referenciadas foram: Anatomia, Doença, Procedimento, Sintoma e Medicina alternativa. No quadro geral de categorias, visto em 4.1.1, apresentamos as formas terminológicas padronizadas e as não padronizadas, também denominadas populares e parte das siglas, representativas do contexto da ESF do SUS.

#### 4.1.1 Quadro geral de categorias e relacionamentos

##### **Terminologia popular com referência a Anatomia**

Beicho ~ Boca ~ Lábio; Belarmina ~ Vagina; Bofe ~ Pulmão; Bucho ~ Estômago; Cacunda ~ Carcunda ~ Costas ~ Dorso; Escadereira ~ Quarto ~ Quadril ~ Cadeira ~ Cadeiras ~ Cadeira; Estambo ~ Istambo ~ Estômago; Fiofó ~ Ânus; Fuça ~ Nariz ~ Rosto; Guela ~ Faringe ~ Garganta; Hormônio da cabeça ~ Veia ~ Vaso sanguíneo; Ideia ~ Cabeça ~ Mente; Imbigo ~ Umbigo; Junta do osso ~ Articulação ~ Junção óssea ~ Junta óssea ~ Juntura óssea; Míndia ~ Vagina; Pança ~ Barriga ~ Abdome ~ Abdômen; Pandu ~ Estômago; Peitorá ~ Peito ~ Caixa torácica ~ Tórax; Piriquita ~ Vagina; Pixéu ~ Vagina; Pó ~ Pênis ~ Pinto; Quartão ~ Quadril ~ Escadereira ~ Quarto ~ Cadeira ~ Cadeiras; Quarto ~ Quadril ~ Cadeira ~ Escadereira; Tiché ~ Vagina; Toba ~ Ânus

##### **Terminologia popular com referência a Doença**

Amarelão ~ Marelão ~ Ancilostomíase ~ Hepatite ~ Opilação ~ Doença do jeca tatu; Azangar ~ Zangar ~ Doença; Barriga d'água ~ Ascite; Bertueja ~ Burtueja ~ Brotoeja ~ Miliária ~ Miliária rubra; Bicha ~ Lombriga; Bichera ~ Miíase ~ Berne ~ Bicheira; Bila Derramada ~ Colangite; Borboinha ~ Bubuinha ~ Bolha ~ Bolhas ~ Vesícula; Bunitinha ~ Bonitinha ~ Terçol ~ Hordéolo; Carnegão ~ Furunculose ~ Carnegão ~ Extremidade do furúnculo; Descadeirado ~ Luxações articulares ~ Desconjuntado ~ Desarticulado; Dordói ~ Conjuntivite ~ Dor nos olhos; Enfermagem ~ Doença; Febre Calatina ~ Escarlatina ~ Febre escarlatina ~ Febre escarlata; Furunco ~ Furúnculo; Ispinhela Caída ~ Dor lombar ~ Lumbago ~ Lombalgia; Junta isconjuntada ~ Luxações articulares ~ Luxação ~ Deslocamento; Mordidura ~ Ofendida ~ Mordida ~ Picada; Nascida ~ Furúnculo ~ Frunco ~ Leicença ~ Furunco; Mordida ~ Picada ~ Ferida; Ofensa ~ Mordida ~ Picada; Pereba ~ Escabiose ~ Sarna ~ Coruba ~ Jaréré ~ Pira; Perrengue ~ Debilidade muscular ~ Fraco ~ Debilitado; Relepar ~ Ferimentos e lesões ~ Machucar ~ Arranhar; Seção ~ Malária ~ Impaludismo ~ Febre palustre ~ Febre intermitente ~ Febre terçã benigna ~ Febre terçã maligna ~ Febre quartã ~ Febre palúdica ~ Maleita ~ Tremedeira ~ Batedeira ~ Mãe das febres ~ Febre ~ Paludismo ~ Doença Malárica ~ Infecção malárica ~ Febre do mangue ~ Febre da malária ~ Febre malárica ~ Infecções por Plasmodium ~ Febre remitente paludosa; Vento Virado ~ Ar preso ~ Constipação ~ Prisão de ventre ~ Obstipação ~ Ventre virado

##### **Terminologia popular com referência a Medicina Alternativa**

Água Inglesa; Água Venença ~ Água venence; Bassurinha ~ Malvaceae ~ Vassourinha ~ Vassourinha doce ~ Coerana-branca ~ Corrente-roxa ~ Tapeiçaba ~ Tupeiçava ~ Tupiçaba ~ Tupiçava ~ Tupixaba ~ Tupixava ~ Vassoura ~ Vassourinha cheirosa ~ Vassourinha-de-botão ~ Vassourinha miúda ~ Vassourinha mofina ~ Vassourinha molfina ~ Vassourinha tupiçaba; Chico-ramo ~ Chico-magro ~ Pau-doce; Cavaquinho de peroba; Chumbalhada ~ Xarope ~ Chumbaiada ~ Beberagem ~ Enguentada; Emprasto ~ Emplastro ~ Emplasto; Enguentada ~ Xarope ~ Beberagem ~ Chumbalhada ~ Raizada; Erva Santa-Maria ~ Ambrosina ~ Ambrósia ~ Ambrósia-do-méxico ~ Anserina-vermes ~ Anserina-vermífuga ~ Apazote ~ Caacica ~ Canudo ~

Chá-da-espanha ~ Chá-do-méxico ~ Chá-dos-jesuítas ~ Cravinho-do-campo ~ Cravinho-do-mato ~ Erva-ambrósia ~ Erva-das-cobras ~ Erva-das-lombrigas ~ Erva-de-bicho ~ Erva-do-méxico ~ Erva-embrósia ~ Erva-formiga ~ Erva-formigueira ~ Erva-lombrigueira ~ Erva-mata-pulgas ~ Erva-pomba-rota ~ Erva-santa ~ Erva-vomiquiera ~ Lombrigueira ~ Mastruz ~ Mastrução ~ Mata-cabra ~ Mata-cobra ~ Matrúz ~ Menstrução ~ Mentrasto ~ Mentraz ~ Mentrei ~ Mentrusto ~ Mentruz ~ Trevo-de-santa-luzia; Fedegoso ~ Senna ~ Balambala ~ Café-negro ~ Mengerioba ~ Pajamarioba ~ Maioba; Garrafada ~ Xarope ~ Beberagem; Mandruscada ~ Xarope ~ Raizada; Macela ~ Macelinha ~ Macela de travesseiro ~ Carrapichinho-de-agulha ~ Camomila ~ Macela; Matutagem ~ Matalotagem; Medicina ~ Preparação farmacêutica; Mentrão ~ Catinga de bode ~ Erva falsa de São João ~ Celestina ~ Erva de Santa Lúcia ~ Mentrasto ~ Mentruste ~ Mentruz ~ Picão-roxo ~ Camará-opela; Mezinha ~ Remédio caseiro ~ Xarope caseiro ~ Tisana; Óleo de capaúva ~ Copaiva ~ Óleo de copaíba; Pacho ~ Parche; Picão ~ Bidens ~ Erva-picão ~ Picão-do-campo ~ Picão-preto ~ Piolho-de-padre ~ Carrapicho ~ Cuambu; Purgante ~ Laxante; Rescaldo ~ Rescaldo de fogão ~ Rescaldo do fogão; Sinapismo ~ Sanapismo; Trocisco ~ Trucisco

### **Terminologia popular com referência a Procedimento**

Cristel ~ Clister ~ Enema; De coque ~ Cócoras; Fumentação ~ Fomentação ~ Esfregaço; Inelação ~ Inalação; Ligá ~ Esterilização tubária ~ Ligadura de trompas ~ Laqueadura de trompas; Parteira ~ Parteira Leiga; Tapo ~ Tampões cirúrgicos ~ Tampão ~ Gase

### **Terminologia popular com referência a Sintoma**

Bergonha ~ Vergonha; Catita ~ Escabiose ~ Pereba ~ Ferida ~ Lesão cutânea; Colerina ~ Diarreia ~ Cólera; Correçãozada ~ Eliminação lacrimal ~ Lacrimejamento; Desvanecer ~ Desinchar ~ Desintumecer; Difruço ~ Resfriado ~ Gripe; Disandar ~ Desintéria ~ Diarreia ~ Evacuação contínua; Dismilinguido ~ Tísico ~ Debilitado; Disquilibrar ~ Endoidecer ~ Destrambelhar ~ Desvairar ~ Desmiolar; Distino ~ Tontura ~ Vertigem; Doraiada ~ Sofrimento físico; Embulia ~ Repulsa ~ Aversão; Empachada ~ Distensão abdominal ~ Barriguda; Enquente ~ Inquieto ~ Agitação psicomotora; Entojo ~ Náusea ~ Antojos ~ Enjoo; Entrevado ~ Imobilização ~ Paralisado ~ Imobilizado; Esbagaçado ~ Síncope ~ Esmorecido; Estoporar ~ Estupor ~ Paralisia; Geratação ~ Desidratação; Gimidura ~ Lamentação ~ Gemeção ~ Gemedeira ~ Gemido; Incanjicada ~ Perebenta ~ Pereba; Infrueza ~ Influenza ~ Gripe; Intisicado ~ Rigidez Muscular Espasmódica ~ Endurecido ~ Enrijecido; Intuxicar ~ Intoxicação ~ Envenenar; Iscalavrado ~ Escalavrado ~ Efolado; Iscornado ~ Escornado ~ Desmaiado; Ismuricido ~ Esmorecido ~ Moribundo; Istrupiado ~ Invalidez ~ Estropiado ~ Inválido; Lançá ~ Vômito ~ Vomitar; Manquitólá ~ Manquejar ~ Mancar ~ Capengar; Macorongo ~ Consternação ~ Cabisbaixo ~ Consternado; Obrá ~ Defecação ~ Defecar ~ Evacuar; Obradera ~ Diarreia ~ Caganeira ~ Desintéria; Opilado ~ Palidez ~ Amarelado ~ Pálido; Osso ringido ~ Osso trincado ~ Osso quebrado; Pano ~ Dermatopatia; Passagem ~ Menopausa; Perrengueice ~ Enfermo ~ Adoentado ~ Desanimado; Piripaque ~ Temperamento ~ Ataque de nervos; Pitimbado ~ Enfraquecido; Remela ~ Ramela ~ Secreção ~ Catarro; Frescão ~ Sacudido ~ Portador Sadio ~ Equilibrado ~ Saudável; Surdá ~ Surdez; Taio ~ Ruptura ~ Talho ~ Corte; Tiriça ~ Icterícia; Veia Rota ~ Veias varicosas ~ Veia rebentada ~ Sem veia;

Vento igauzado ~ Constipação Intestinal ~ Vento encauzado ~ Prisão de ventre ~ Obstipação

### **Siglas**

ACD; ACE; ACS; APS; AIDS; AIS; ANVISA; APS; AS; BIREME; CAPS; CAPSad; CEO; CERSAM; CERSAT; CIB; CID; CIR; CIMS; CIPLAN; CIS; CISAJE; CTI; CNS; CONASS; Conasems; COSEMS; CRAS; CRES; CRIA; CRIS; CTI; CTI; DeCS; DRS; DST; EC; ENF; ENM; eSF ~ ESF; ESF ~ SF; ESMIG; F; FNS; FSESP; GRS; HIPERDIA; INAMPS; M; NAMPS; MD; NASF; NUPCCES; NM; NOAS; NOB; NH; OMS; OPAS; PAB; PACS; PAISM; PBVS; PDR; PEC; PEC; PIASS; PIC ~ PIC; PMAQ-AB; PMA2; PMNPC; PNEPS; PNPS; PPSUS; PSF; RAS; RUE; SAMU; SBMF; SES; SF; SIAB; SIS; SMSA/BH; SSA2; SUDS; SUS; TFD; UBS; UCI; UPA; UTI;V IVA VIDA.

#### **4.1.1.1 Das siglas**

A respeito das siglas, reiteramos a recorrente variação denominativa no domínio das Ciências da Saúde. De acordo com Santiago (2007, p. 74), as siglas também são termos, e, sobre elas, pontua:

funcionam como termos, uma vez que pelo princípio da economia linguístico-discursiva, o léxico geral e/ou o léxico especializado se utiliza de recursos como estes pela conveniência no uso da linguagem geral ou especializada, com a finalidade de facilitar a comunicação. É por essa razão que muitas vezes a sigla torna-se mais conhecida do que o próprio sintagma nominal.

Elencamos 95 siglas para ilustrar sua difusão no ambiente alvo. O Siglário organizado para esta tese integra o capítulo 5. Observamos que a difusão tem caráter profícuo e também confuso, quando há variação conceitual diferente para siglas iguais. Para descrever o caráter profícuo e a produtividade das siglas, selecionamos um trecho de uma entrevista à revista Consensus<sup>65</sup>, dada pelo presidente do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde – Conasems, Antônio Carlos Nardi. Observe o quanto essas estruturas de abreviação são utilizadas:

No Conasems, o avanço que tivemos foi em relação à organização e à qualificação da gestão municipal, tudo isso passando pela qualificação e pelo fortalecimento dos Conselhos Municipais de Saúde (Cosems). Essa foi uma bandeira que levantei como presidente do Conasems: de que cada Cosems deste país fosse fortalecido como instrumento e ferramenta de boa gestão municipal, oferecendo ferramentas para ele exercer uma gestão técnica com qualificação. E a qualificação da gestão foi essencial, pois hoje há credibilidade dos Cosems, do Conasems, nas CIRs, todo mundo sabe o que é CONASS, o Conasems, o que são os Cosems, as Bipartites Estaduais, e as

<sup>65</sup> Consensus – Revista do Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Ano IV, número 13. outubro, novembro e dezembro de 2014. Disponível em [conass.org.br/consensus](http://conass.org.br/consensus).

Comissões Intergestores Regionais (CIR). Isso foi grande avanço. Nós mostramos o que é o pacto federativo (...) Cada gestor hoje conhece e pode se expressar na CIR ou na CIB ou na CIT e, perpassando tudo isso, nos Conselhos.

A opinião de Nardi “todo mundo sabe o que é CONASS” revela o uso de siglas atrelado à pressuposição de que o interlocutor detém conhecimento expresso na abreviatura. Em poucas linhas vimos sete siglas e deduzimos que o indivíduo não interado do assunto não depreende o conteúdo citado. Para a maioria dos profissionais brasileiros, as siglas tornam-se familiarizadas, ao longo de sua formação acadêmica e da sua participação em eventos relacionados à sua prática laboral. Para os usuários do SUS, as siglas tornam-se conhecidas, quando integram sua rotina, por esse motivo devem ser, preferencialmente, relacionadas a apenas um conceito, para evitar confusão em sua pronúncia e significado.

A respeito do caráter confuso que poderá ter uma sigla, ilustramos a variação conceitual que é o posicionamento de uma sigla diante de um ou mais conceitos. Essa situação afeta a sigla CTI, afeta a sigla que intitula o glossário desenhado nesta tese, a sigla ESF, afeta a sigla PEC e a sigla PSF. Além da situação de variação conceitual, teremos entre elas caso de substituição efetivada por organismo de controle político. Isso implica conflitos de ordem social, pois as siglas estão em uso, quando deveriam ser desconsideradas pela população. Voltaremos a esse assunto no próximo capítulo, onde estão as siglas e, no capítulo seguinte, quando as analisaremos.

Para os profissionais de saúde estrangeiros, entender essas questões, memorizar as estruturas atuais, considerar as formas que foram substituídas carece de estudo, dedicação e estratégias específicas para aprendizagem. Como auxílio às atividades citadas, consideramos relevante tornar público o maior número de siglas, principalmente, as que são representativas do contexto da ESF.

Sinalizamos que a divulgação das siglas para o profissional de saúde que inicia ou aprimora seus conhecimentos na ESF colabora para a dinâmica da leitura de documentos obrigatórios, que integram parte das fontes utilizadas neste trabalho.

Na próxima seção apresentamos as fichas terminográficas geradas automaticamente pelo sistema. Elas estão dispostas de maneira ininterrupta, apresentadas de forma clássica, em preto e branco, pela economia que isso representa e pelo caráter formal do trabalho acadêmico.

## 4.2 Chave de leitura para ficha terminográfica

Para entendimento claro, explicamos no capítulo anterior, em 3.7, Construção da ficha terminográfica, todos os dados do campo definicional do item lexical terminológico. Retomamos, nesta seção, de forma objetiva a fim de orientar sua leitura. Primeiramente, informamos a subdivisão conforme os domínios de linguagem. Trabalhamos o domínio do especialista nos três primeiros campos informativos dela e, o do não especialista, nos campos seguintes. Demos exemplos das categorias: Anatomia, Doença, Medicina Alternativa, Procedimento e Sintoma. O termo de entrada na ficha é o usado como entrada ou como sinônimo em DeCS, se refere à terminologia padronizada, oficial, divulgada pelo MS. Se não houver termo correspondente ao popular em DeCS, damos o *status* sem atribuição ou não harmonizado e buscamos o termo em outra fonte. O sinônimo em DeCS é, em alguns casos, tratado como variante denominativa. A ausência de variante é marcada pelo sinal '-'. Apresentamos a fonte que extraímos a variante e o tipo de texto usado. Não elaboramos definição para o termo padrão por considerá-lo recorrente no discurso do leitor / destinatário.

Tratamos a variante denominativa popular, consideramos o valor terminológico do item lexical popular fazendo relação com o termo padrão. A sequência de dados do campo definicional para a terminologia popular está constituída pelo próprio item [lexical terminológico não padrão], pela sua classe gramatical, pela fonte de extração desse item e pelo tipo de texto dessa fonte. Em seguida está a definição terminológica, a nota que traz informação complementar à definição, o contexto preenchido por abonação e a localização geográfica em que se situa a região em que se encontra o elemento. O tratamento terminográfico dado à terminologia popular decodifica a informação, tornando-a acessível ao profissional que lida em ambiente produtivo.

O conhecimento por parte de profissionais da Equipe de Saúde da Família de itens lexicais terminológicos, proferidos por leigos, poderá auxiliar o processo de interação entre ambos durante o atendimento médico. Ressaltamos que a ausência dos itens, aqui arrolados, em publicações do MS não os exclui da veiculação nas comunidades.

As informações da ficha servem de base para os verbetes que constituem o Glossário de terminologia popular para a Equipe Saúde da Família, sugerido no capítulo seguinte. Nas próximas páginas apresentamos as fichas terminográficas que constituem a base de dados elaborada para esta tese.

#### 4.2.1 Relação de fichas terminográficas

### **Abdome**

Termo médico / Anatomia

**Variação Denominativa:** Abdômen

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Pança

### **Pança [nf.]**

**Fonte:**

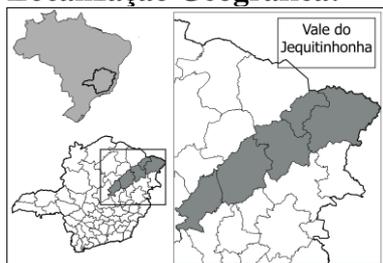
F1. ANTUNES (2013, p. 186) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região abdominal com inchaço ou volume decorrente do processo de alimentação.

**Nota:** Região do corpo que se localiza entre o tórax e a pelve. Em Contexto, a expressão *encher a pança* significa alimentar-se, é o mesmo dizer: encher a barriga. A expressão *jogando versos* remete ao costume de conversar, brincar com as palavras, criar poemas e canções.

**Contexto:** F1. *Logo depois de enchermos a **pança**, estávamos lá jogando versos, que são cantigas praticamente esquecidas: carvão queimou, cair no poço...*

**Localização Geográfica:**



## Ageratum

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Agerato; Agérato-do-México; Celestina; Catinga-de-Barão; Catinga-de-Bode; Macela-de-São-João; Maria-Preta; Mentrasto

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes denominativas populares: Erva Santa-Maria ~ Mentrasto

## Erva Santa-Maria [ncf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 226) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. BALBACH (1965, p.165) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Planta medicinal usada para afecções respiratórias, verminoses e anemia.

**Nota: F2.** A Erva Santa-Maria é também conhecida por: mentrasto, mastruço, mastruz, mata-cabra, mata-cobra, matruz, menstruço, mentraz, mentrei, mentrusto, mentruz. As folhas possuem sabor aromático e mais forte. Parte utilizada: Folhas e frutos. Tem como contraindicação a alta dose, que é extremamente tóxica, podendo causar a morte. É abortiva e contraindicada para menores de 2 anos.

**Contexto: F1.** *Aí, ê pega e colocava aquela prasta, colocava aquela erva Santa-Maria tamém, ês gostava de colocá ela.*

**Localização Geográfica:**



## Mentraço [nm.]

### Fonte:

F1. CORDEIRO (2013, p. 274) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. BALBACH (1965, p.217) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Erva da família *compositae* usada para tratar as afecções digestivas, respiratórias e reumáticas.

**Nota:** 1. Em Contexto, a expressão 'azangava o istambo' faz referência a doenças estomacais. Não foi encontrada variante para folha de *Chico Ramo*. **F2.** Planta da família das *compositae*, aromática e de sabor amargo. Usada em casos de resfriados e cólicas menstruais. Conhecida como catinga de bode, erva falsa de São João, celestina, erva de Santa Lúcia, mentraço, mentruz, picão-roxo, camará-opela. Trata-se de uma erva anual de até 1 metro de altura, com folhas ovadas, flores nas cores lilás, roxo azuladas ou brancas que aparecem nos meses de setembro e outubro. Popularmente é usada em banhos pelas parturientes para facilitar o trabalho de parto, para aliviar cólicas, gases intestinais, distensão do abdômen, muco branco, resfriados, tosse e sinusite.

**Contexto: F1.** *O povo aduicia. Quando a gente aduicia a gente tinha fé é naquês remédio. Ô... mais se azangava o istambo, assim, né? Conforme sai pro mato rancano uma raiz aqui, ota ali. Raiz de mentraço, raiz de mentraço, raiz de ... panhava raiz de mentraço e foia de chico ramo. Essas foia!*

### Localização Geográfica:



## **Agitação psicomotora**

Termo médico / Sintoma

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Enquente

## **Enquente [adj.]**

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 276-277) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de mal-estar que gera inquietação e ansiedade.

**Nota:** Estado de desassossego, inquietude e ansiedade que acomete o ser humano em diferentes fases da vida.

**Contexto: F1.** *Nós num encontrava não, êl num vinha aqui não, nós encontrô... a primera vez que nós encontrô, foi na casa do véi, vô dele, depois a mãe dele já tava **enquente** pra mim... pra arrumá uma moça pra ele, pra êl sussegá, pra ele num i embora pra Belo Horizonte.*

**Localização Geográfica:**



## Ancilostomíase

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Ancilostomose

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Amarelão ~ marelão

## Amarelão [nm.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 288) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. MS\_INFEC\_PARASIT (2010, p. 3) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Infecção intestinal causada por nematódeos cujos sintomas são palidez, tom amarelado da pele e anemia.

**Nota: F1.** No contexto apresentado por Freitas o trocadilho 'marelão da infância, pinico da cagança, macarrão de Santa Casa' remete a infecção parasitária, muito comum na infância, nas regiões mais pobres. A aparência do parasita remete ao alimento citado, macarrão. Em 'pinico da cagança' diz respeito a diarreia e 'Santa Casa' faz referência ao estabelecimento hospitalar. **F2.** Amarelão é uma infecção intestinal, causada por nematódeos, que pode apresentar-se assintomática, em caso de infecções leves. Verminose. Em crianças com parasitismo intenso, pode ocorrer hipoproteinemia e atraso no desenvolvimento físico e mental. Com frequência, dependendo da intensidade da infecção, pode ocorrer anemia ferropriva.

**Contexto: F1.** *Aí menina, o menino vinha atrás de mim: 'marelão da infância pinico da cagança macarrão de Santa Casa', me xingano.*

**Localização Geográfica:**



## Ânus

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** Glândula anal ~ Esfíncter anal ~ Esfíncter

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes denominativas populares: Boga ~ Fiofó ~ Toba

## Boga [nm.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 54) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Extremidade do segmento terminal do intestino grosso que inicia no reto e termina no ânus.

**Nota: F1.** Boga é a extremidade do intestino por onde as fezes são expelidas; ânus.

**Contexto: F1.** *Esse minino fica brincano no monte de terra e fica com o **boga** todo sujo, uma nojeira!*

## Fiofó [nm.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 116) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Contexto: F1.** *Esse anel, agora tamém eu num quero mais ele, não! Pode pegá e infiá no fiofó.*

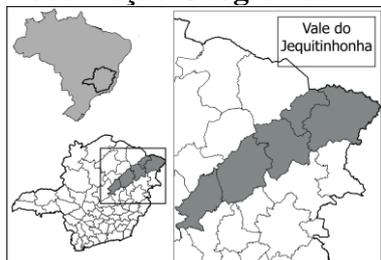
## Toba [nm.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 227) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Contexto: F1.** *Dexa de me amolá, viado! Vai tomá no **toba**.*

**Localização Geográfica:**



## Articulação

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** Articulação ~ Junta ~ Juntas ~ Juntura

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Junta do osso

## Junta do osso [ncf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 448) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Junção ou articulação óssea, joelho.

**Nota:** Em Contexto, o informante narra a observação feita para perceber alteração na junção óssea da parte posterior do joelho.

**Contexto: F1.** *Por isso que tem que benzê, na frente. Daqui assim ó! E ocê ispichá a **junta do osso** aqui...tá grosso, é! Deus abençoa que cê vai miorá.*

### Localização Geográfica:



## **Ascite**

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Barriga d'água

## **Barriga d'água [ncf.]**

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 265) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Acúmulo de líquido em região próxima ao estômago.

**Nota:** 1. Doença que acarreta acúmulo de líquido na região abdominal, ascite. 2. Barriga d'água é usado, na região de recolha, para seres humanos e animais.

**Contexto:** F1. *A cachorra ficô esperano cachurrim dele... lobim dele, todo mundo queria um lubim quano na hora...ea ficô com aquê barrigão...foi deu uma **barriga d'água** morreu cachorra com os bicho tudo.*

**Localização Geográfica:**



## **Bidens**

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Erva-Picão ~ Picão-Amarelo ~ Picão-Grande ~ Picão

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Picão

## **Picão [nm.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 237) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. BALBCH (1965, p. 226) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Erva medicinal utilizada para tratar icterícia, afecções gástricas, respiratórias e urinárias.

**Nota: F2.** Picão é uma erva anual que floresce em todo o Brasil, é conhecida também como macela-do-campo, erva-picão, picão-do-campo, picão-preto, piolho-de-padre, carrapicho, pacunga, cuambu. Possui um caule ereto, quadrangular de até 1,5 cm de altura e é ramosa. Utiliza-se das folhas na forma de chá para combater icterícia, hepatite e diabetes.

**Contexto: F1.** *Hipatite? E... só dava nas criança e curava cum **picão** né? **Picão**. Mas hoje hipatite é curada cum **picão**.*

**Localização Geográfica:**



## Boca

Termo médico / Anatomia

**Variação Denominativa:** Cavidade Oral ~ Cavidade Bucal

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Beijo

## Beijo [nm.]

**Fonte:**

F1. SOUZA (2014, p. 562) [Tipo de texto: Lexicográfico]

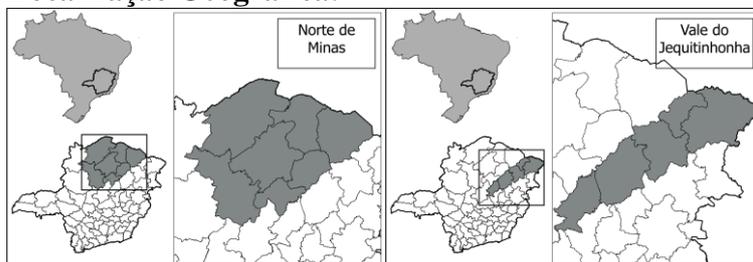
F2. ANTUNES (2013, p. 50) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Contorno ovalado da parte externa da cavidade oral, boca.

**Nota: F1.** Beijo é cada uma das partes carnudas que formam o contorno da boca.

**Contexto: F1.** Pegou o *beijo* da velha e pregou um prego. **F2.** E o capeta calado. Aí o capeta discuidô dele, ele pegô o capeta po *beijo* cum a truquesa.

**Localização Geográfica:**



## Cabeça

Termo médico / Anatomia

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Ideia

## Ideia [nf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 281) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região cerebral, parte craniana e o que se relaciona a pensamento, a memória, a inteligência e a razão.

**Nota:** Parte interna do cérebro e as faculdades por ele geradas, relacionadas à memória, à razão e a inteligência. Em Contexto, a expressão *de primeiro* diz respeito às pessoas que aprendem na primeira vez que são expostas ao conteúdo da aprendizagem ou a uma ação. Na narrativa exemplificada, o informante diz ter aprendido a oração na primeira vez que a escutou.

**Contexto:** F1. *É só a gente tê fé e a cabeça...a ideia boa pra podê aprendê, né? De primero...até hoje eu sei uma oração...de...confissão. | Quem subé fazê a conta é...eu sô de mil novecentos e trinta e treis. Faz a conta que cê fica sabeno...a é rapidim falava “ah cê tá com a ideia boa pa fazê conta” | O vento batia na boca do vido e fazia assim uh... uh... uh... e eu com a ideia quente, lembrano, pensano, que era o home que tava gritano, né? Peguei corrê. Ah! Quano eu corri, aí que ê grito derêto.*

**Localização Geográfica:**



## Camomila

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Macela-Fétida

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Macela

## Macela [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 233) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Planta amarga com propriedade medicinal, usada para afecções gástricas e intestinais.

**Nota:** Conhecida também por Macela-do-campo, Macelinha, Macela de travesseiro, Carrapichinho-de-agulha e Camomila.

**Contexto:** F1. *O senhor tomava chá de quê? – De afavaca, era de todo jeito. Ah! Prá gripe memo e pá tudo quanto há. Quando soltava o intestino: a **Macela**, dava diarreia. **Macela** é um raminho que dá na horta, (Macela é) margosa!*

**Localização Geográfica:**



## **Claudicar**

Termo médico / Sintoma

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Manquitolá

## **Manquitolá [v.]**

**Fonte:**

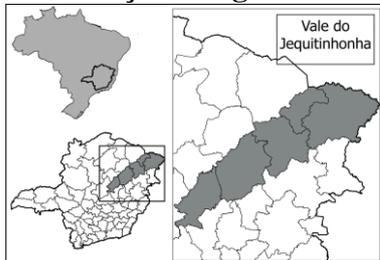
F1. ANTUNES (2013, p. 164) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Movimentar-se com muita dificuldade, dificuldade em usar os dois pés, sintoma de invalidez parcial.

**Nota: F1.** Andar com dificuldade, apoiando-se mais numa perna do que na outra; mancar, capengar.

**Contexto: F1.** *Aí, quanto mais ele viajava mais o vei' manquitolava, incostava perto dele.*

**Localização Geográfica:**



## Cócoras

Termo médico / Procedimento

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Sem atribuição

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: De coque

## De coque [loc. adv.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 274) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Procedimento no qual o paciente posiciona-se agachado, em que joelhos, glúteos e pés se aproximam.

**Nota: F1.** De coque é sentar no chão sobre os calcanhares, posicionamento agachado.

**Contexto: F1.** *Ô num alembro dele não mais diz que ê era fei demais muito fiuzim, né? Agachadim diz que puxano a camisa pra tampá as pirinha **de coque** lá oiano pra mamãe.*

**Localização Geográfica:**



## Colangite

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bila Derramada

## Bila Derramada [ncf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 267) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Doença provocada pela obstrução das vias biliares responsável por deixar o gosto amargo no paladar.

**Nota:** Bila derramada provoca a produção excessiva de bílis pelo pâncreas gerando a sensação de amargor na boca.

**Contexto: F1.** *Jesus é nascido! Jesus nascido é fí da Virge Maria sem pecado, é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída, vento virado, **bila derramada**, ar preso, vento igalzado assim mesmo. Jesus me cura em nome do Pai, Filho, Isprito Santo, amém!*

**Localização Geográfica:**



## Conjuntivite

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Dordói

## Dordói [nm.]

**Fonte:**

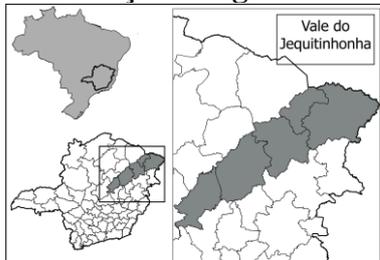
F1. ANTUNES (2013, p. 103) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Doença similar a conjuntivite, inflamação nos olhos.

**Nota: F1.** Dordói faz referência genérica a inflamações nos olhos, especialmente, conjuntivites.

**Contexto: F1.** *No mês de frio e de seca, a mininada toda tava de **dordói**. Lá na roça, tinha a simpatia: pegava três brasa bem grande e vermelha e colocava na bacia cum água filtrada e lavava os olho tirano as remela que ficava grudada. / Ni Trumalina, por aqui tem a simpatia pra curá **dordói**: banhá o olho cum água durmida no sereno cum ramim de arruda dentro.*

**Localização Geográfica:**



## Consternação

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Lamentação ~Tristeza

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Mocorongo

## Mocorongo [adj.]

**Fonte:**

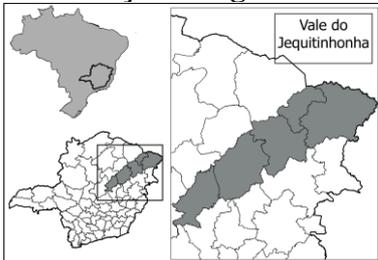
F1. ANTUNES (2013, p. 170) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Diz-se de quem apresenta tristeza e desânimo como sintoma de depressão.

**Nota: F1.** Moralmente abatido, estado de desolação, desânimo e tristeza, cabisbaixo.

**Contexto: F1.** *Incontrei com ele no camim. Tava tão **mocorongo!** Num é pra menos, né?*

**Localização Geográfica:**



## Constipação Intestinal

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Obstipação ~ Prisão de ventre

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Vento Igauzado

## Vento Igauzado [ncm.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 294) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de prisão de ventre, retenção de gases.

**Nota:** Processo de retenção de gases Intestinais.

**Contexto:** F1. *Pai, do Fi, do Isprito Santo, Amém! Jesus é nascido! Fí da Virge Maria sem pecado, é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída, vento virado, bila derramada, ar preso, **vento igauzado**, assim mesmo, Jesus me cura em nome do Pai, Filho, Isprito Santo, Amém! Jesus de Nazaré há de provê tudo e dá miora.*

### Localização Geográfica:



## Copaíba

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Copaíba

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Óleo de Capaúva

## Óleo de Capaúva [ncm.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 235) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Extrato oleoso retirado da árvore da Capaúva para tratamento de reumatismo.

**Nota:** Óleo usado em diversas aplicações medicinais, extraído da árvore capaúva, também denominada Copaíba, Copaiqueira, Pau de Óleo.

**Contexto:** F1. *Óleo de Capaúva é bõo pra reumatismo.*

**Localização Geográfica:**



## Debilidade muscular

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Fraqueza muscular

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Perrengue

## Perrengue [adj.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 192) [Tipo de texto: Lexicográfico]

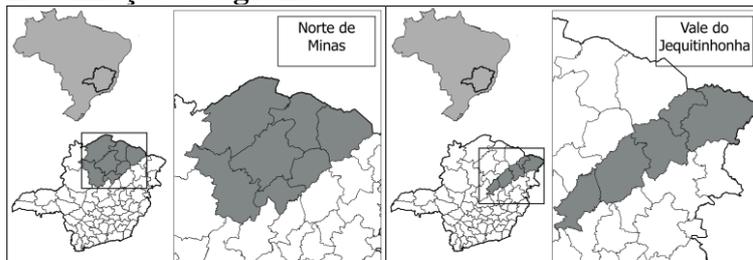
F2. SOUZA (2014, p. 593) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Estado debilitado por adoecimento ou mal-estar em função de alterações climáticas extremas ou do organismo humano.

**Nota:** Perrengue associa-se à pessoa doente por exposição à friagem ou a algum agente patogênico.

**Contexto: F1.** *Tia Isa tá tão acostumada com o calor de Jequitinhonha que só de tomá um ventinho já fica **perrengue**.* **F2.** *Um dia eu tava aí **perrengue**, aí... eu já tava com um reumatismo nas minhas pernas, moço.*

### Localização Geográfica:



## Defecação

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Obrar

## Obrar [v.]

**Fonte:**

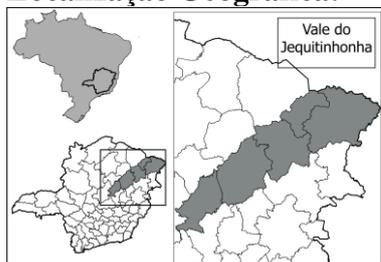
F1. ANTUNES (2013, p. 182) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Expulsar matérias fecais.

**Nota: F1.** Fazer cocô, defecar.

**Contexto: F1.** *A menina cumeu tanto amenduim que obrô o dia inteiro.*

**Localização Geográfica:**



## **Dermatopatia**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Dermatose ~ Doenças de pele ~ Doença Cutânea ~ Doença Dermatológica

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Pano

## **Pano** [nm.]

**Fonte:**

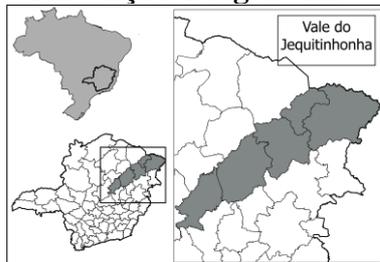
F1. ANTUNES (2013, p. 187) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de dermatite, marcas que surgem na parte superficial da pele em função de inflamação.

**Nota: F1.** Manchas esbranquiçadas que aparecem na pele causadas, geralmente, por fungos; dermatose.

**Contexto: F1.** *Era uma minina muito bunita, mas agora tá c´a cacunda cheia de **pano**, tá toda manchada.*

### **Localização Geográfica:**



## **Desidratação**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Stress hídrico ~ Estresse hídrico

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Geratação

## **Geratação [nf.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 229) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Perda de água pelo organismo.

**Nota:** Estado ou processo de desidratar-se por doença.

**Contexto:** F1. *INF. 1: Colerina hoje é o que? É... diarréia. Geratação. Da barriga pra baixo.*

**Localização Geográfica:**



## **Desintumescer**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Sem atribuição

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Desvanecer

## **Desvanecer [v.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 225) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Desinchar o abdome em função de evacuação e alívio intestinal.

**Nota:** Desvanecer é desinchar o estômago. **F1.** Em Contexto, a expressão 'cagança' indica diarreia.

**Contexto:** **F1.** *Dava uma cagança na criança, mas aí a barriga desvanecia.*

**Localização Geográfica:**



## Diarreia

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes populares: Colerina ~ Disandar ~ Obradera

## Colerina [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 223) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Expulsão líquida e contínua de fezes.

**Nota: 1.** Colerina é forma variante de Cólera, trata-se de doença diarreica cujo agente causador é o vibrio cholerae. Esta afecção pode levar a uma desidratação grave em questão de horas se não for rapidamente tratada. **2.** Em Contexto, *cavaquinho de peroba* é um chá elaborado com parte do caule da Peroba.

**Contexto: F1.** *Tomava cavaquinho de peroba, pra quê? – Pa colerina. Senhora lembra quando ês falava que dava colerina? – Colerina hoje é o que? É... diarreia. Uma tal de colerina.*

**Localização Geográfica:**



## Disandá [v.]

### Fonte:

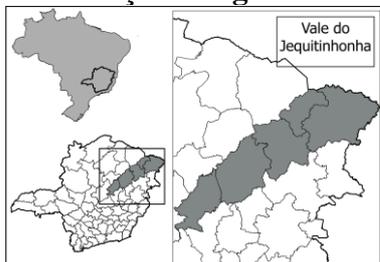
F1. ANTUNES (2013, p. 100) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de desarranjo intestinal, aumento da liquidez das fezes ou diminuição de sua consistência.

**Nota:** -

**Contexto:** F1. *Iscundido da mãe é'foi cumeno o aminduim, foi cumeno... Ela só descubriu porque o minino disandô. Ficô de caganera uma semana ou mais.*

### Localização Geográfica:



## Obradera [nf.]

### Fonte:

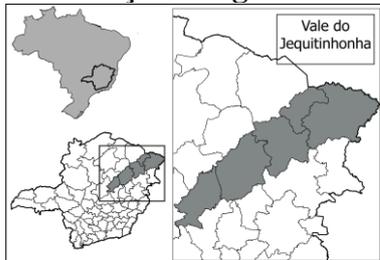
F1. ANTUNES (2013, p. 182) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de diarreia, expulsão contínua de fezes líquidas.

**Nota:** F1. Eliminação contínua de fezes líquidas e abundantes; caganeira.

**Contexto:** F1. *Olha, moço, morreu gente de um tanto de doença diferente: febrão, dor de cabeça, obradera.*

### Localização Geográfica:



## **Distensão abdominal**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Sem atribuição

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Empachada

## **Empachada [nf.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 226) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de verminose, relaciona-se a inchaço abdominal.

**Nota:** No interior de Minas Gerais, *empachada* caracteriza inchaço abdominal em função de verminose, diz-se, também, barriga dura, barriguda.

**Contexto: F1.** *Tia, qué vê uma coisa que o papai fazia pa nós e era um santo remédio. Quando/hoje eu falo criança não acontece isso mais, né? Por que que as criança ficava empachada.*

**Localização Geográfica:**



## Doença

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Enfermidade ~ Moléstia

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Azangá ~ Zangá ~ Enfermagem

## Azangá [v.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 257) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. RIBEIRO (2010, p. 244) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Adoecimento grave de alguma parte do corpo.

**Nota:** **F1.** Agourar, enguiçar, ficar doente. **F2.** Piorar, agravar.

**Contexto:** **F1.** *Morreu na hora. É, teve jeito não! Que ela tinha pressão. A pressão dela ia ne vinte e tanto. Quando ela descobriu que a pressão dela era alta demais, ela azangô.* **F2.** *Eu tomo quando eu zango.*

**Localização Geográfica:**



## **Enfermagem [nf.]**

**Fonte:**

F1. SOUZA (2008, p. 227) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Adoecimento decorrente de alteração das condições biológicas normais do organismo humano.

**Nota:** O termo *enfermagem*, registrado na língua oral, no interior de Minas Gerais, remete a algum tipo de padecimento do organismo humano.

**Contexto:** F1. *Depois de velha... que eu tou com essas enfermagem.*

**Localização Geográfica:**



## **Estrabismo**

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Forias ~ Vergo Estrabismo ~ Hipertropia

**Fonte:** Decs [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Zaroia

## **Zaroia [nf.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 244) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Alteração ou desvio ocular.

**Nota:** Desvio de um dos olhos por ausência de paralelismo. Estrábico, cego de um olho.

**Contexto: F1.** *Intão, ela casô. Ela já morreu, mais ela dexô uma purção, uma purção de fio. Mais ela era zaroia memo.*

**Localização Geográfica:**



## Doente Terminal

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Paciente Terminal

**Fonte:** Decs [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Ismuricido

## Ismuricido [adj.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 142) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Estado de fraqueza, baixa reação dos sentidos.

**Nota:** Ausência de vigor, enfraquecimento, que está morrendo.

**Contexto: F1.** *De tardinha, vinha a febre, ela ficava **ismuricida**. Dipois de seis meses, ela morreu. Tinha 87 anos, mas foi a maior tristeza. As filha custaro conformá.*

## Dismilinguido [adj.]

**Fonte:**

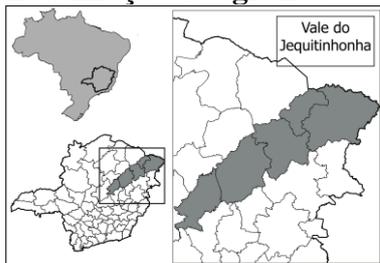
F1. ANTUNES (2013, p. 102) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Diz-se de pessoa ou animal em estado de agonia, relaciona-se à ausência de sinais vitais.

**Nota:** Estado de abatimento, esfraquecido e sem vigor físico.

**Contexto: F1.** *Quando correro pra socorrê o amigo, o veneno já tava fazeno efeito, e o pobre do cachorro tava caído, **dismilinguido**.*

**Localização Geográfica:**



## Dor lombar

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Lumbago ~ Lombalgia

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Ispinhela Caída

## Ispinhela Caída [ncf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 284) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Doença que causa dores na região do tórax.

**Nota: 1.** Doença aguda ou crônica que afeta a região lombar ou sacral podendo estar associada com entorses e distensões dos ligamentos dos músculos, deslocamento do disco intervertebral e outras afecções. **2.** Em Contexto, a narrativa traz trecho de benzeção, hábito religioso comum entre os mineiros.

**Contexto: F1.** *Pai do fi do Isprito Santo amém! Jesus é nascido. Jesus nascido é fí da Virge Maria sem pecado. Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída, vento virado, bila derramada, ar preso, vento igalzado, assim, mesmo, Jesus me cura em nome do pai, filho, Isprito Santo amém! Jesus de Nazaré há de provê tudo e dá miora.*

**Localização Geográfica:**



## **Dorso**

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** Costas

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Cacunda ~ Carcunda

## **Cacunda** [nf.]

**Fonte:**

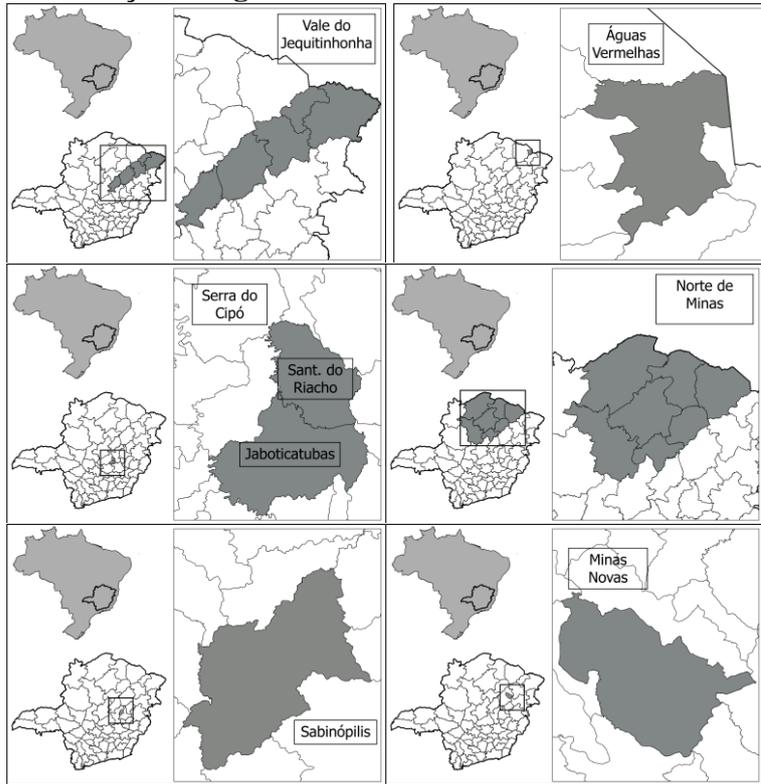
- F1. ANTUNES (2013, p. 63) [Tipo de texto: Lexicográfico]
- F2. CORDEIRO (2013, p. 260) [Tipo de texto: Lexicográfico]
- F3. FREITAS (2012, p. 268) [Tipo de texto: Lexicográfico]
- F4. MIRANDA (2013, p. 229) [Tipo de texto: Lexicográfico]
- F5. SOUZA (2008, p. 222) [Tipo de texto: Lexicográfico]
- F6. SOUZA (2014, p. 566) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Parte posterior do corpo que vai do pescoço à pelve, costas.

**Nota:** Cacunda na terminologia popular corresponde a dorso, costas, pois integra a coluna vertebral, dos ombros até o quadril. **F1.** Parte do dorso onde são carregados objetos mais pesados ou volumosos.

**Contexto:** **F1.** *Arriô o cascavé e jogô na carcunda. Mas era um trem muito mais grosso que esse vaso. Intão, panhô esse bicho e jogô na carcunda e vei.* **F2.** *Levava na mão, na **cacunda** um pau aqui e oto ali ó e ocê escorava no banguê assim.* **F3.** *Fui caçá tatu tava com uma ispingarda vinte e oito na **cacunda**.* **F4.** *Pois é... que antigamente havia é tropa... num havia caminhão... nem nada... havia era tropa... tudo na **cacunda** dos burro...* **F5.** *Por fim eu casei foi com esta aí... minha prima carnal aí... porque... que eu carreguei até na minha **cacunda**.* **F6.** *Chegava lá fazia nossas farinha e botava na **cacunda**.*

### Localização Geográfica:



## **Eliminação lacrimal**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Excreção lacrimal

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Correçãozada ~ Remela

## **Correçãozada [nf.]**

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 263) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de infecção ocular por meio de transvasamento lacrimal.

**Nota:** Correçãozada é o derramamento de lágrimas como sintoma devido a alteração fisiológica dos olhos.

**Contexto:** F1. *Tenho minha vista boa. Agora que eu tô com uma durzinha aqui no meu zói. Isto dia deu uma **correçãozada**.*

**Localização Geográfica:**



## Emplastro

Termo médico / Medicina alternativa

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Emprasto ~ Fumentação ~ Matutagem ~ Pacho ~ Sinapismo ~

## Emprasto [nm.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 226) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Loção fitoterápica ou alopática que se fixa à pele conforme sua umidade para amenizar dores.

**Nota:** Medicamento fitoterápico que amolece ao calor e adere ao corpo.

**Contexto:** F1. *Emprasto era quando fazia assim... era mato, era pranta. Então pegava a pranta colocava numa vazia ou pano. A mamãe massava num pano. Massava, massava, mas o que que colocava eu num sei. Depois vinha c'aquele punhado de coisa e batia no lugar da gente assim ó. ... O **emprasto** esfregava, esfregava, esfregava ali ó.*

**Localização Geográfica:**



## Fumentação [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 228) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Aplicação com esfregação de solução medicamentosa, fitoterápica, na pele.

**Nota:** Fomentação ou fricção de substância medicamentosa sobre a pele. Serve como procedimento para cura de doença.

**Contexto: F1** *Fumentação é assim: quando cê tava com uma dor, tipo assim, ocê tinha muita dor, eles fazia aquele (...) como que é... sinapismo! Sanapismo. Eu tinha um medo daquilo pegá fogo ni mim.*

**Localização Geográfica:**



## Pacho [nm.]

**Fonte:**

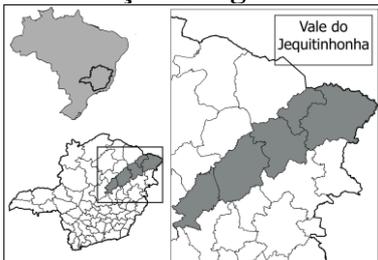
F1. ANTUNES (2013, p. 186) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Solução medicamentosa fitoterápica aplicada em pano ou folha para uso externo.

**Nota:** Remédio cremoso ou líquido que se coloca sobre um machucado para evitar ou curar uma inflamação.

**Contexto: F1** *Meu pé esquerdo inchou, envermelhou e, no outro dia, eu fui prá aula pisando no calcanhar. De tarde, mamãe limpou com água oxigenada, fez um pacho com folha e pomada e disse que era prá mim não sair, nem na casa da Amelinha.*

**Localização Geográfica:**



## Matutagem [nf.]

### Fonte:

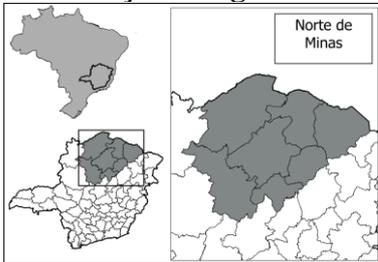
F1. SOUZA (2014, p. 589) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Mistura espessa feita com alecrim, arruda, outras plantas e esterco de gado para aplicação em região adoecida.

**Nota:** Massa feita de mistura de raízes com esterco de gado, usada amarrada junto ao corpo, em locais doloridos. A forma matalotagem também é comum na região.

**Contexto:** F1. *Era buscar alecrim... esse outro... arruda... essas coisa, e fazia uma matutagem assim misturada com esterco de gado.*

### Localização Geográfica:



## Sinapismo [nm.]

### Fonte:

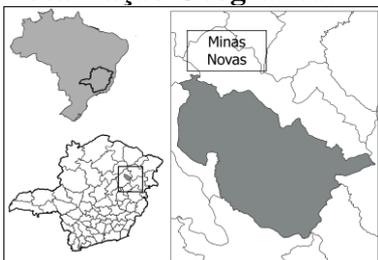
F1. CORDEIRO (2013, p. 281) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Mistura pastosa à base de semente de mostarda usada, externamente, para tratamento de reumatismo e outras afecções das articulações, músculos e ossos.

**Nota:** -

**Contexto:** F1 *É a semente de mostarda. Cê soca ela. Soca ela e coloca, coloca ela em cima. Ela vira uma pasta, aí cê faz aquela pasta e coloca aqui na batata da perna e marra um pano. Má o trem quema, mas quema, quema, mas quema mesmo! Ali puxa, sabe? É engraçado, viu? É bom pá reumatismo. Cê tá com uma dô no juei, cê coloca o sinapismo, aquilo alivia.*

### Localização Geográfica:



## Enema

Termo médico / Procedimento

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Cristel

## Cristel [nm.]

**Fonte:**

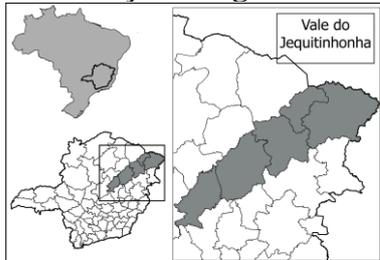
F1. ANTUNES (2013, p. 85) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Procedimento de lavagem intestinal realizada por via retal, utilizando-se água com ou sem medicamento.

**Nota: F1.** Cristel é o procedimento de introdução de solução ou composto no reto, para limpar o colo (ou para procedimentos diagnósticos). Em Contexto, a expressão *impazinada* refere-se a inchaço devido a alteração intestinal.

**Contexto: F1.** *Tem um semana qu'ela tá impanzinada, o intestino num funciona, né? Aí ês falô pra levá ela no hospital, que lá ês faz um **cristel** nela pra limpá o intestino, né?*

**Localização Geográfica:**



## Enfermo

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Paciente ~ Doente ~ Cliente

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Perrenguice ~ Pitimbado

## Perrenguice [nf.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 277) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de prostração, estado de desânimo.

**Nota:** Desânimo decorrente de problema de saúde.

**Contexto:** F1. *Por isso, hoje, tem hora que eu acho que um mucado das **perrenguice** minha é isto.*

**Localização Geográfica:**



## **Pitimbado [nm.]**

**Fonte:**

F1. SOUZA (2008, p. 234) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de desânimo, ausência de vigor físico.

**Nota:** -

**Contexto:** F1. *É, moço eu já sofri na minha vida... é... e ainda, num sarei não! Tou aí, ainda pitimbado.*

**Localização Geográfica:**



## Escabiose

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Sarna Sarcóptica ~ Sarna

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Catita ~ Pereba

## Catita [nf.]

**Fonte:**

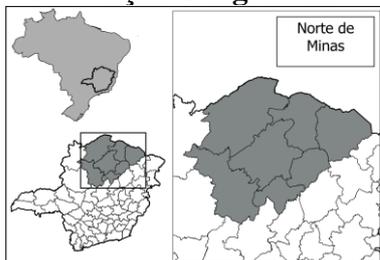
F1. SOUZA (2014, p. 569) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de lesão cutânea de origem infecciosa.

**Nota: F1.** Lesão cutânea que aparece no corpo das pessoas, de difícil cicatrização.

**Contexto: F1.** *Dava umas pereba nas pernas do povo... chamava **catita**.*

**Localização Geográfica:**



## Pereba [nf.]

### Fonte:

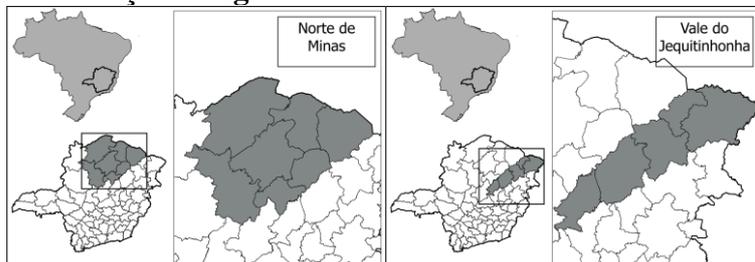
- F1. SOUZA (2014, p. 593) [Tipo de texto: Lexicográfico]  
F2. ANTUNES (2013, p. 191) [Tipo de texto: Lexicográfico]  
F3. BRASIL DERMATOLOGIA (2002, p. 38) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Lesão cutânea, geralmente coberta por uma casca grossa, causada por ácaro.

**Nota: F3.** Parasitose da pele causada por um ácaro, cuja penetração deixa lesões em forma de vesículas, pápulas ou pequenos sulcos, nos quais ele deposita seus ovos. As áreas preferenciais da pele onde se visualizam essas lesões são: regiões interdigitais, punhos (face anterior), axilas (pregas anteriores), região peri-umbilical, sulco interglúteo, órgãos genitais externos nos homens. Em crianças e idosos, podem também ocorrer no couro cabeludo, nas palmas e plantas. O prurido é intenso e, caracteristicamente, maior durante a noite, por ser o período de reprodução e deposição de ovos. Sinonímia: sarna, coruba, jareré, pereba, pira.

**Contexto: F1.** *Tinha gente que dava uma ferida na perna... Dava... **pereba**... Dava uma **pereba** na perna e tratava com casca de mamona... pisava na mamona e botava em cima da **pereba**.* **F2.** *Estou chateada, pois a Anita me contou que a Ana está com a cabeça cheia de piolho e ainda, por cima, tem **pereba** por todo lado.*

### Localização Geográfica:



## **Escarlatina**

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Febre Escarlate

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Febre Calatina

## **Febre Calatina [ncf.]**

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 277) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Doença infecciosa caracterizada por febre alta e escamação da pele, incide normalmente em crianças.

**Nota:** Trata-se de infecção pelo estreptococo do grupo A que é caracterizado por amigdalite e faringite. Infecção estreptocócica.

**Contexto: F1.** *Eu tinha uma menina que ea tinha tido a **febre calatina** e tinha um resto do reimeído...ea já tava boa e tinha um resto dum reimeído.*

**Localização Geográfica:**



## **Esterilização tubária**

Termo médico / Procedimento

**Varição Denominativa:** Laqueadura tubária

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Ligá

### **Ligá [v.]**

**Fonte:**

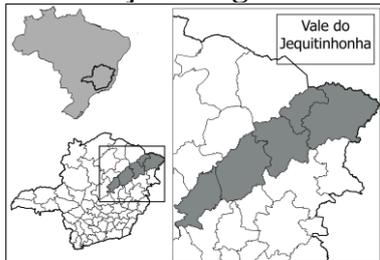
F1. ANTUNES (2013, p. 156) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Procedimento de interrupção de parte da atividade no canal das trompas.

**Nota:** Segundo a Lei 9.263 as instâncias gestoras do Sistema Único de Saúde (SUS), em todos os seus níveis, estão obrigadas a garantir, de forma segura, em toda a sua rede de serviços, assistência à concepção e contracepção como parte das demais ações que compõem a assistência integral à saúde, incluindo as práticas da laqueadura de trompas e da vasectomia.

**Contexto: F1.** *Vem mascate de lá aqui, que ela, essa dotora, só sabe ligá muié pa num tê mais fio.*

### **Localização Geográfica:**



## Estômago

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes populares: Bucho ~Estambo ~ Istambo ~ Pandu

## Bucho [nm.]

**Fonte:**

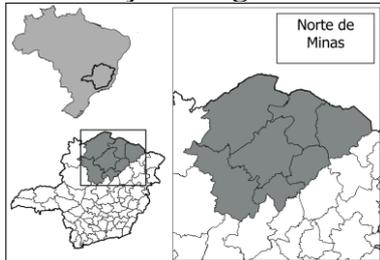
F1. SOUZA (2014, p. 565) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Órgão do aparelho digestivo, estômago.

**Nota:** 1. Bucho é o órgão da digestão, localizado no quadrante superior esquerdo do abdome, entre o final do esôfago e o início do duodeno. 2. A expressão *bucho nas costas* significa estômago vazio, remete à fome e a expressão *de criança* é uma corruptela de ‘desde criança’. O exemplo em Contexto descreve o hábito contínuo e antigo do informante em caminhar muitas horas sem alimentar-se.

**Contexto:** F1. *Caminhando oito léguas de criança a pé ainda com o **bucho** nas costas...*

**Localização Geográfica:**



## Estambo [nm.]

### Fonte:

F1. SOUZA (2014, p. 579) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. CORDEIRO (2013, p. 271) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Órgão do aparelho digestivo, estômago.

**Nota:** No exemplo do contexto, a expressão “batia água no istambo” refere-se a beber água. Para esse informante, a mistura rapadura com água constitui alimento forte para a saúde.

**Contexto:** F1. *Eu dormia com uma espingarda de dois cano no **estambo**.* F2. *Rapadura pra merenda lá na roça que é muito forte. A gente comia aqueles pedaço de rapadura e batia água no **istambo**. Aquilo era uma fortaleza, minina.*

### Localização Geográfica:



## Pandu [nm.]

### Fonte:

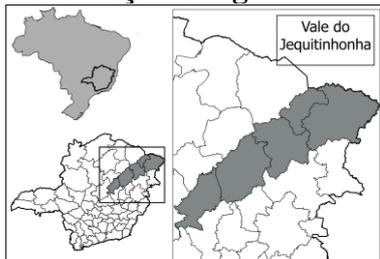
F1. ANTUNES (2013, p. 187) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Órgão do aparelho digestivo, estômago.

**Nota:** F1. A expressão “ta incheno o pandu” significa alimentar-se.

**Contexto:** F1. *Assim não vai almoçar. Tá incheno o **pandu** de biscoitos.*

### Localização Geográfica:



## Face

Termo médico / Anatomia

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Fuça

## Fuça [nf.]

**Fonte:**

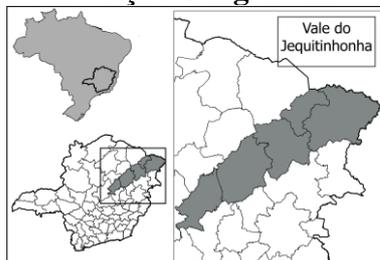
F1. ANTUNES (2013, p. 118) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região completa da face.

**Nota:** Referência ao rosto de alguém. Em Contexto, a expressão *era um custo* reforça a ideia do despertar demorado, em que o indivíduo, lentamente, abre os olhos e se levanta da cama.

**Contexto: F1.** *Ele demorô a levantá, e era um custo pra lavá as **fuça** e toma café.*

**Localização Geográfica:**



## **Fadiga**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Lassitude

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Iscornado

## **Iscornado** [adj.]

**Fonte:**

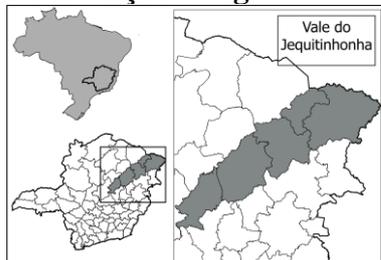
F1. ANTUNES (2013, p. 142) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de fadiga, ausência de ânimo.

**Nota: F1.** Pessoa debilitada por cansaço, doença, preguiça.

**Contexto: F1.** *Cê vê aquilo: passô a noite na farra e agora tá ali, **iscornado** no banco da varanda.*

**Localização Geográfica:**



## **Faringe**

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** Garganta

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Guela

## **Guela [nf.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 229) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região ligada ao esôfago, garganta.

**Nota:** Tubo fibromuscular por onde os alimentos passam da boca para o estômago.

**Contexto: F1.** *A que ês fala. intão toca ê lá e ê já tem o lugazinho dele de chegá lá no canto. Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na **guela** dele aqui.*

**Localização Geográfica:**



## Ferimentos e lesões

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Ferida ~ Ferimento ~ Lesão ~ Machucado ~ Machucadura

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Iscalavrado ~ Relepar ~ Mordidura ~ Ofendida ~ Ofensa

### Iscalavrado [adj.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 141) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Ferimento superficial com esfoliação.

**Nota:** Lesão superficial, de baixa gravidade, arranhado, machucado fisicamente.

**Contexto: F1.** *Ni Almenara, ele bebeu muito e caiu da iscada de ferro. Ficô todo iscalavrado. A Baliza e a Mueda caíro no buraco, e a Baliza ficô com o coro todo iscalavrado.*

### Relepá [v.]

**Fonte:**

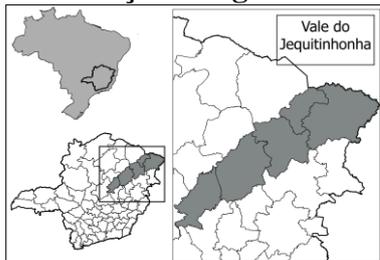
F1. ANTUNES (2013, p. 208) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Relepar é a ação de machucar ou arranhar.

**Nota:** Em Contexto a expressão ‘pocar os pés’ refere-se a bolhas nos pés em função de longa caminhada.

**Contexto: F1.** *Vamos andar depressa mas sem pocar os pés e sem **relepar** as pernas.*

**Localização Geográfica:**



## **Mordidura** [nf.]

**Fonte:**

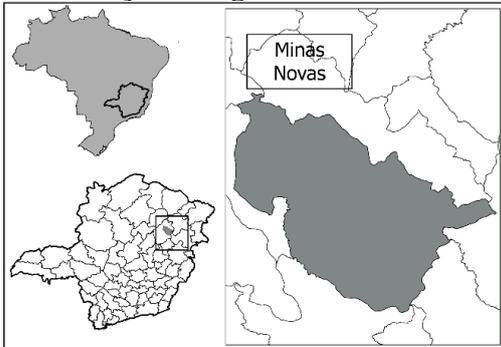
F1. CORDEIRO (2013, p. 275) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Ferida decorrente de acidente ofídico em que há abocanhamento e/ou perfuração através de dentes cônicos com a presença ou ausência de peçonha.

**Nota:** Em Contexto, a expressão ‘cutucô ela’ refere-se a um tipo de provocação ou expulsão do animal.

**Contexto: F1.** *Uma bruta de uma cobra. Aí meu marido chegou e cutucô ela, e ele mixia com esses negócio de benzeção. Cutucô. Eu num sei se benzeção vale alguma coisa pra **mordidura** de cobra...*

**Localização Geográfica:**



## **Ofendida** [adj.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 276) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Ferida decorrente de acidente ofídico em que há abocanhamento e/ou perfuração através de dentes cônicos com a presença ou ausência de peçonha.

**Nota:** -

**Contexto: F1.** *Eu só tirei a chinela do pé e taquei nela. Tava **ofendida** de cobra naquele dia. Oê acredita que eu num tomei nenhum comprimido?*

## Ofensa [nf.]

### Fonte:

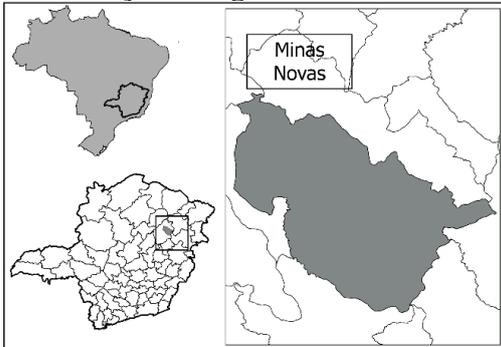
F1. CORDEIRO (2013, p. 276) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Lesão decorrente de acidente ofídico com abocanhamento, sem gravidade.

**Nota:** Em Contexto, a expressão ‘fazê um roçado’ refere-se a capinar ou a fazer colheita de ervas, verduras e/ou futas.

**Contexto: F1.** *Fui fazê um roçado lá um dia, batê a foice, topamo com meu sobrinho. Ele de lá e eu de cá, nós topava no meio. Vei de lá e picô de novo. Outra picada. Passô otros dia mais um pouco. Tornô a me pegá. Três vez. Por isso, eu acho que tem horas que é essas **ofensa** que fica me atrasando.*

### Localização Geográfica:



## Fratura Óssea

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Fratura

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Osso ringido

## Osso ringido [ncm.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 290) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de ruptura óssea.

**Nota:** Presença de trinca na formação óssea.

**Contexto: F1.** *Jesus é nascido! Jesus nascido é fí da Virge Maria, sem pecado. Me cura essa ringidura, Jesus Nazaré! Ê me benze de carne quebrada, veia rota, nervo assombrado, junta iscunjuntada, **osso ringido**, assim mesmo Jesus, me cura com Deus Pai, Deus Filho, Deus Isprito Santo, amém!*

### Localização Geográfica:



## Furunculose

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Furúnculo

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Carnegão ~ Furunco ~ Nascida

## Carnegão [nm.]

**Fonte:**

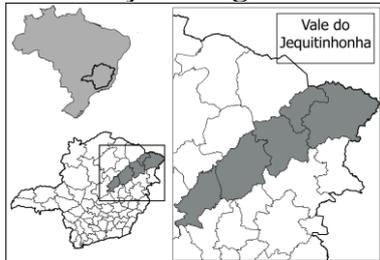
F1. ANTUNES (2013, p. 71) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Tecido necrosado localizado na extremidade de um abscesso que se forma no folículo piloso, estrutura onde crescem os pelos, quando esta região é infectada por uma bactéria.

**Nota:** Carnegão é a parte central de furúnculos e tumores constituída de matéria necrosada e purulenta.

**Contexto:** F1. *Diz que, se num ispremê até saí o **carnegão**, nasce mais sete furunco na pessoa.*

**Localização Geográfica:**



## Furunco [nm.]

### Fonte:

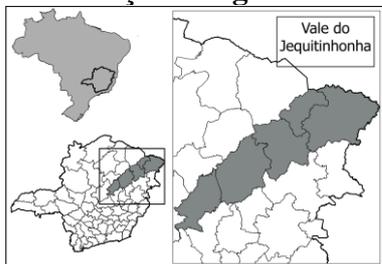
F1. ANTUNES (2013, p. 120) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Erupção infecciosa de pequena proporção, localizada na epiderme, no folículo piloso, estrutura onde crescem os pelos.

**Nota: F1.** Inflamação localizada na pele em forma de uma grande espinha com formação de pus.

**Contexto: F1.** *Num sei o que deu nela. Coitada! Tá com o corpo chei´de furunco.*

### Localização Geográfica:



## Nascida [nm.]

### Fonte:

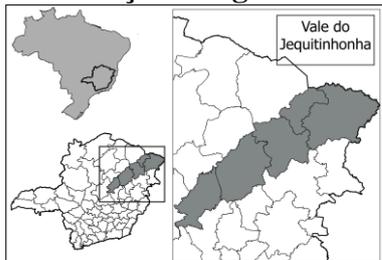
F1. ANTUNES (2013, p. 176) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Infecção cutânea conhecida por furunculose, caracterizada pela formação de pus, similar a furúnculo.

**Nota: F1.** Inflamação de pele que se caracteriza por formação de pus.

**Contexto: F1.** *Nascida é o nome do furúnculo. / Quand´eu era moça, lá nos meu vinte e poucos ano, eu tinha cada ispinha que mais paricia **nascida**.*

### Localização Geográfica:



# Hepatite

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Amarelão

## Amarelão [nm.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 214) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. MS\_HEPAT\_VIRAIS (2007, p. 6) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Infecção hepática causada por agentes infecciosos ou tóxicos, Hepatite.

**Nota: F2.** O Amarelão ou hepatite viral, é doença provocada por diferentes agentes etiológicos, com tropismo primário pelo fígado, que apresenta características epidemiológicas, clínicas e laboratoriais distintas.

**Contexto: F1** *Ês fala até hoje (...) amarelão dá/a pessoa dá amarelão // Hoje ês fala hepatite.*

**Localização Geográfica:**



## **Helmintíase**

Termo médico / Doença

**Variação Denominativa:** Verminose

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bicha ~ Lombriga ~ Lumbriga

## **Bicha** [nf.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 51) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Parasita causador de verminose.

**Nota:** F1. Conhecido, também, no domínio popular por verme ou lombriga.

**Contexto:** F1. *A barriga do minino tá assim, que tá cheia de **bicha**.*

## **Lombriga** [nf.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 183) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Verme nematódeo parasita do intestino.

**Nota:** Em Contexto, a expressão *Tá opilado* diz-se da pessoa que possui a pele em tom amarelado por contrair verminose.

**Contexto:** F1. *Esse minino deve de tá opilado, gente! Deve tá chei´de **lumbriga**.*

**Localização Geográfica:**



## Icterícia

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Tiriça

## Tiriça [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 242) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sinal clínico de hiperbilirrubinemia que ocasiona coloração amarela na pele.

**Nota:** Sintoma que pode ter várias causas, caracterizado pela cor amarela da pele.

**Contexto:** F1. *Dor de ouvido forte em criança, dor de barriga. Era tanta coisinha. Tiriça, né?*

**Localização Geográfica:**



## **Imobilização**

Termo médico / Doença

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Entrevado

## **Entrevado [adj.]**

**Fonte:**

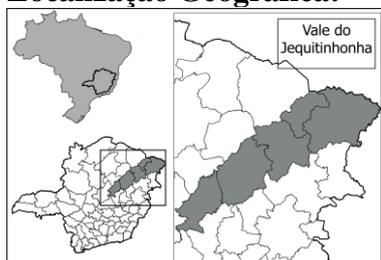
F1. ANTUNES (2013, p. 107) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Paralisação parcial ou total dos membros inferiores, diz-se de alguém que possui pouca mobilidade.

**Nota:** Imobilidade física, parcial ou total.

**Contexto: F1.** *Ela já nasceu cum problema nas perna e viveu entrevada até morrerê.*

**Localização Geográfica:**



## Inalação

Termo médico / Procedimento

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Inelação

## Inelação [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 230) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Procedimento realizado para aspiração, absorção por via respiratória de substância própria para descongestionamento e alívio das vias afetadas.

**Nota:** Procedimento pelo qual são administradas soluções medicamentosas para tratamento de doenças respiratórias.

**Contexto:** F1. *Tomando o quê? **Inelação**. Mais diz que dá uma suadera nela. Ela dá de sinti mal. (Inelação) Aquele que tampa o vapor.*

**Localização Geográfica:**



## Intoxicação

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Envenenamento

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Intuxicar

## Intuxicar [v.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 283) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de envenenamento por alguma substância, intoxicar-se.

**Nota:** Envenenamento por alergia a substância medicamentosa.

**Contexto: F1.** *Mamãe tava tomando o remeido dela, a mamãe **intuxicô** tudo, né? Ficô toda incanjicada, assim ó! Coçano, sangue saía, que só cê veno.*

**Localização Geográfica:**



## **Invalidez**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Istrupiado

## **Istrupiado** [adj.]

**Fonte:**

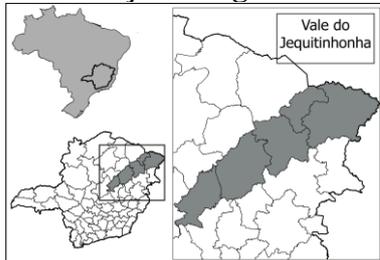
F1. ANTUNES (2013, p. 144) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Estado em que há limitação da mobilidade dos membros.

**Nota:** Dificuldade em locomover-se sem apoio por má postura, acidente ou doença.

**Contexto:** F1. *Quand´pessoa viaja muito a cavalo, machuca os quarto, as parte baxa, aí fica **istrupiado**. / A Baliza e a Mueda cairo no buraco. Num morrero, não, mas ficaro istrupiada.*

**Localização Geográfica:**



## Lamentação

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Tristeza

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Gimidura

## Gimidura [nf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 280) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Emissão contínua de ruídos por razão de dor ou desconforto em algum órgão do corpo.

**Nota:** Sons que remetem à sofrimento em função de alguma doença, processo cirúrgico ou lesão.

**Contexto: F1.** *Com de fé aí, cumeçava a gemê de novo, aí, tornava sái com a luzi, num tinha **gimidura**, num tinha nada ea la ia, quano eu ia assim pra fora, ea ia junto comigo.*

### Localização Geográfica:



## Luxação

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Deslocamento

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes populares: Descadeirado ~ Junta isconjuntada

## Descadeirado [nm.]

**Fonte:**

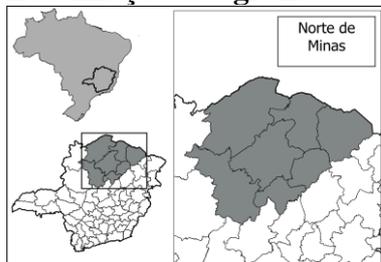
F1. SOUZA (2014, p. 575) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Aquele que tem ou está com dor nos quadris, parte inferior da coluna, em função de desarticulação das juntas.

**Nota:** Descadeirado é aquele que possui desarticulação de junta por separação ou por amputação da mesma. **F1.** Em contexto, a expressão 'em riba da cama' refere-se a estar em cima da cama, doente.

**Contexto:** F1. *Por isso que eu tou sofrendo agora... em riba da cama descadeirada.*

### Localização Geográfica:



## **Junta iscunjuntada [ncf.]**

### **Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 284) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Articulação deslocada parcial ou completa das extremidades dos ossos, resultante de doença na região.

**Nota:** 1. Inflamação de um osso e sua cartilagem sobreposta. 2. Em Contexto, a benzeção apresenta o pedido de cura do informante para as doenças citadas. Descrevemos as doenças neste instrumento com exceção de *carne quebrada* e *nervo assombrado*. Na narrativa, *carne quebrada* refere-se a hematoma e o conceito para *nervo assombrado* não foi encontrado por nós.

**Contexto:** F1. *Jesus é nascido! Jesus nascido é fí da Virge Maria, sem pecado. Me cura essa ringidura, Jesus Nazaré! Ê me benze de carne quebrada, veia rota, nervo assombrado, **junta iscunjuntada**, osso ringido, assim mesmo Jesus, me cura! Amém!*

### **Localização Geográfica:**



## Malária

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Paludismo ~ Impaludismo ~ Maleita ~ Doença Malárica ~ Infecção Malárica ~ Febre do Manguê ~ Febre da Malária ~ Febre Malárica ~ Febre Remitente Paludosa ~ Fiebre Remitente

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Sezão

## Sezão [nf.]

**Fonte:**

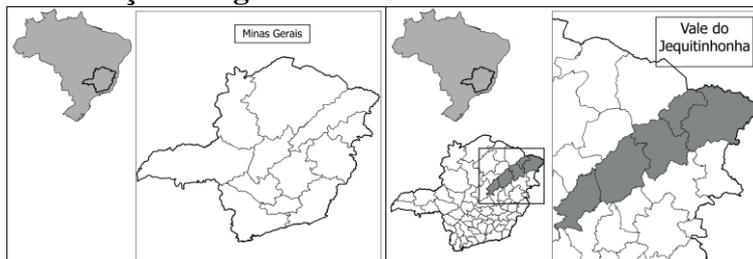
F1. ANTUNES (2013, p. 217) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Doença causada pela picada da fêmea do mosquito do gênero *Anopheles* em que a febre é periódica e descontínua, própria da malária em humanos.

**Nota:** Malária é uma doença infecciosa causada pelo protozoário do gênero *Plasmodium*, que aniquila os glóbulos vermelhos do sangue, tornando as pessoas anêmicas. Transmitida por meio da picada de fêmeas de mosquito do gênero *Anopheles*, por transfusão de sangue ou, mais dificilmente, por compartilhamento de agulhas e seringas infectadas por *Plasmodium*.

**Contexto:** F1. *Aí o meu pai tinha ido pa mata aí pa dento, em Água Fria, e arranjô uma duença chamada sezão.*

**Localização Geográfica:**



## Malvaceae

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Malváceas ~ Malva-Vassoura ~ Malvinha ~ Relógio-Vassoura ~ Tupitixa ~ Tupixá ~ Vassoura-Preta ~ Vassoura-Relógio ~ Vassoura-Tupitaxá ~ Vassourinha-Alegre ~ Vassourinha-do-Campo

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bassurinha

## Bassurinha [nf.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 258) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. BALBACH (1965, p. 270) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Erva medicinal indicada para afecções gastrointestinais.

**Nota: F2.** Planta da família das *malváceas*. Empregam-se as folhas, em banhos, como emolientes. As folhas verdes, machucadas, põem-se sobre picadas de abelhas e vespas, para aliviar a dor. Em chás, é indicada nas afecções pulmonares, bronquite, tosse, tuberculose. Em Contexto a expressão '*Pro peitoráabri*' indica alívio respiratório.

**Contexto: F1.** *Esse foizinho aí esse trem que tá aí istindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitoráabri, pro istambo. Oli bassurinha pro mode dô de barriga.*

**Localização Geográfica:**



## Medicina Tradicional

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Medicina Popular ~ Remédio Popular ~ Remédio Caseiro

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes denominativas populares: Chumbalhada ~ Enguentada ~ Garrafada ~ Mandruscada ~ Medicina ~ Rescaldo

## Chumbalhada [nf.]

**Fonte:**

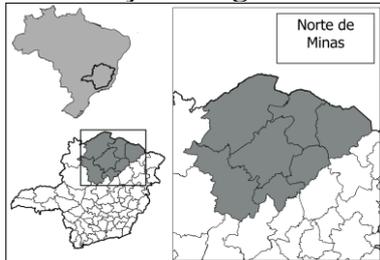
F1. SOUZA (2014, p. 571) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Preparo medicamentoso à base de cascas, pó de ervas, raízes e ervas frescas, feito em casa.

**Nota:** Em Contexto, a expressão *remédio de horta* indica o uso de plantas medicinais colhidas frescas em área de cultivo caseiro.

**Contexto:** F1. *Tomava azeite e remédio de horta... cozinhava lá uma **chumbalhada** doida... casca de / pó de tudo quanto é coisa ia.*

**Localização Geográfica:**



## Enguentada [nf.]

**Fonte:**

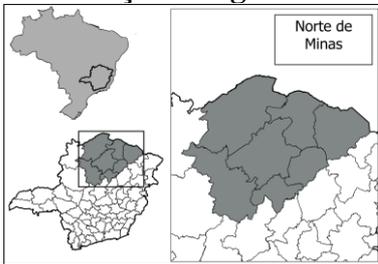
F1. SOUZA (2014, p. 578) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Preparação medicamentosa feita com ervas e raízes.

**Nota: F1.** Enguentada é a mistura de várias plantas medicinais para obtenção de chá; raizada.

**Contexto: F1.** *Remédio de horta era... era... mentraço... fazia assim aquela enguentada e cozinhava pra gente beber.*

**Localização Geográfica:**



## Garrafada [nf.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 268) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Mistura líquida medicamentosa feita com plantas e raízes, colocada em uma garrafa, para ser consumida aos poucos até a cura da doença.

**Nota: F1.** Medicamento líquido guardado em garrafa, preparado com ervas, raízes por curandeiro, raizeiro ou pessoa entendida dos princípios ativos das plantas selecionadas.

**Contexto: F1.** *Fazia o chá e dava pra ela. E ela miorava. Foi ino até. Depois o último remédio que tomô foi garrafada.*

**Localização Geográfica:**



## Mandruscada [nf.]

### Fonte:

F1. SOUZA (2008, p. 231) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Medicamento fitoterápico feito a partir de mistura de ervas que inclui fedegoso.

**Nota:** 1. Chá de fedegoso e outras ervas, raizada. 2. Em Contexto, a expressão 'quebrava aquilo' refere-se a ingestão rápida do medicamento.

**Contexto: F1.** *É óleo de mamona! Ia lá pegava o óleo, fervia uma água, botava ali umas mandruscada dentro, né? Botava um pouco de fedegoso, fazia um copo duplo e o camarada quebrava aquilo.*

### Localização Geográfica:



## Medicina [nf.]

### Fonte:

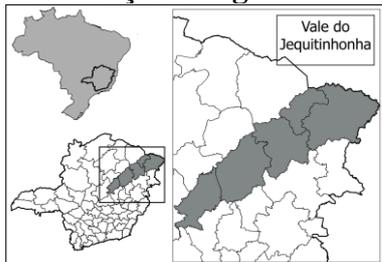
F1. ANTUNES (2013, p. 167) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Preparo medicamentoso para tratamento de doença, similar à remédio caseiro, homeopático ou alopático.

**Nota:** Fórmula medicamentosa de tratamento da saúde.

**Contexto: F1.** *Até hoje eles fala acesso, mas antigamente era ataque que falava, né? É ataque, que ele tava babano, espumano. Hoje, não, que tem muita medicina, né?*

### Localização Geográfica:



## Purgante [nm.]

### Fonte:

F1. SOUZA (2008, p. 234) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Bebida oleosa à base de ervas medicinais usado para depurar o organismo.

**Nota:** Chá feito com óleo extraído de alguns vegetais, entre eles o óleo de Ricino, extraído da mamona, misturado a ervas como melão de São Caetano, feito também com gordura animal e usado como remédio caseiro para limpeza do intestino.

**Contexto:** F1. *Num tinha remédio assim... muito comprimido, não! Mais, era chá! Era uns purgante.*

### Localização Geográfica:



## Rescaldo [nm.]

### Fonte:

F1. CORDEIRO (2013, p. 280) [Tipo de texto: Lexicográfico]

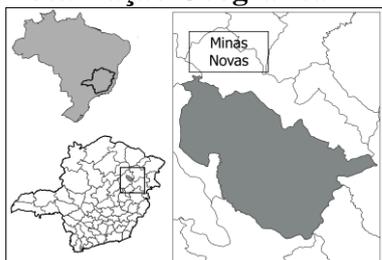
F2. CORDEIRO (2010, p. 1969) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Preparo líquido feito à base de cinzas com finalidade medicinal.

**Nota:** Bebida feita com cinzas misturadas na água fria ou morna, usada no tratamento de doenças. Seu efeito assemelha-se ao de bicarbonato de sódio, muito consumido na região rural.

**Contexto:** F1. *Tem que ser rescaldo, né? Rescaldo de fogão.* F2. *Remédio tinha que tomá era da horta ou intão mandá trazê de Minas Nova. Mãe chiava e o remédio dele era rescaldo senão num tinha jeito.*

### Localização Geográfica:



## Menopausa

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Passagem

## Passagem [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 236) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de menopausa, cessação fisiológica do ciclo menstrual.

**Nota:** Processo de interrupção do ciclo menstrual.

**Contexto: F1.** *Ela tava fazeno **passagem**, que ela casô nova, né? Criô as fiarada tudo. Morreu munto nova”.*

**Localização Geográfica:**



## Miíase

Termo médico / Doença

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bichera

## Bichera [nf.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 51) [Tipo de texto: Lexicográfico]

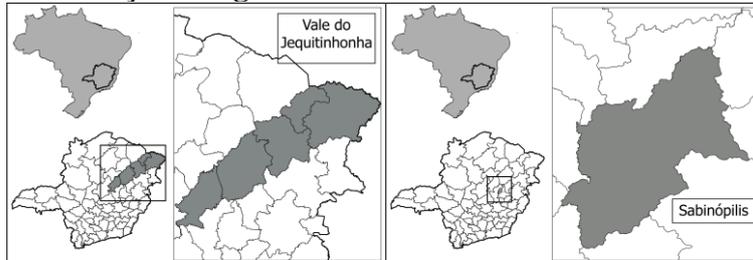
F2. MIRANDA (2013, p. 227) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Doença parasitária ocasionada pela penetração na pele da larva da varejeira, mosca da família *Dermatobia homini*.

**Nota: F1.** Bichera é ferida putrefada, cheia de bichos postos pela varejeira, que aparece em animais e, às vezes, no ser humano devido à falta de cuidados higiênicos.

**Contexto: F1.** *Bateu a aftosa lá mas que arrasô o gado... que todo dia a gente tinha que... achava o gado feden[d]o de **bichera**.* **F2.** *A Ana Preta, coitada, vivia com uma **bichera** na perna que dava dó. A gente punha creolina, e saía bicho pra todo lado.*

**Localização Geográfica:**



## Miliária

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Brotoeja ~ Miliária Rubra

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bertueja

## Bertueja [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 217) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Dermatite inflamatória responsável pela erupção cutânea devido à obstrução dos canais ou ductos que levam o suor das glândulas sudoríparas até a pele.

**Nota:** Erupção cutânea, com prurido.

**Contexto: F1.** *Ah, agora é bertueja (...) É uma coceira, mas dá em neném também (...)Eês fala que num pode batizá a criança c'aquilo, né? Bertueja batizada nunca sara.*

**Localização Geográfica:**



## **Nariz**

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Fuça

## **Fuça** [nf.]

**Fonte:**

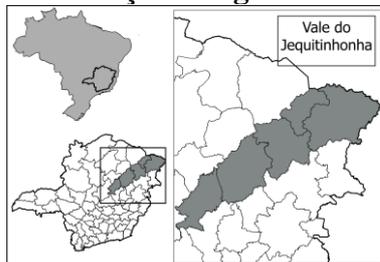
F1. ANTUNES (2013, p. 118) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região nasal.

**Nota: F1.** Fuça é a referência ao nariz de alguém.

**Contexto: F1.** *A Gabina ficô porca com os ano, vivia c'as **fuça** suja. Uma nojera!*

**Localização Geográfica:**



## Náusea

Termo médico / Sintoma

**Variação Denominativa:** Enjoo ~ Ânasia de Vômito

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Embulia ~ Entojo

## Embulia [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 226) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Náusea, mal-estar e repugnância incontrolada por estresse emocional.

**Nota:** Embulia é um mal-estar estomacal, diz-se de a sensação *embrulhar o estômago* devido a aborrecimento, repugnância ou raiva.

**Contexto:** F1. *Quando nós ingordava porco, aquilo, no dia de matá, eu sofria/ eu curria lá pra baxão (...) dava uma embulia.*

**Localização Geográfica:**



## Entojo [nm.]

### Fonte:

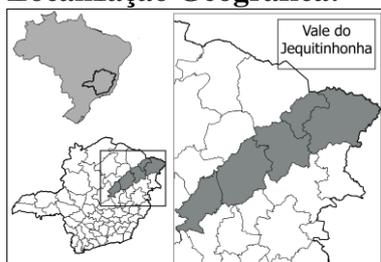
F1. ANTUNES (2013, p. 107) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de gravidez, relaciona-se à aversão a algum alimento, que provoca náusea ou enjojo.

**Nota:** Sensação de mal-estar comum à mulher grávida, enjojo. Em Contexto, a expressão *inxutinha* refere-se a saudável, quando o bebê nasce na hora certa. A expressão *tava um caco* significa cansaço em função de esforço físico feito durante o trabalho de parto.

**Contexto: F1.** *Ela tá grávida, tá com entojo e ela qué cumê churrasco é desse boi. / O antojo da Zita da primera vez foi mais forte! Nenhum remédio sirvia. Mas a Flavinha nasceu toda inxutinha, a mãe é que tava um caco.*

### Localização Geográfica:



## Palidez

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Opilado

## Opilado [adj.]

**Fonte:**

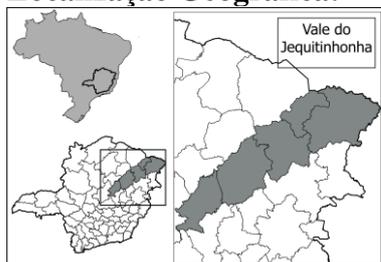
F1. ANTUNES (2013, p. 183) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de verminose em função da palidez e tonalidade amarelada da pele.

**Nota:** Diz-se da pessoa que tem a cor amarelada por doença e aparenta desânimo.

**Contexto:** F1. *Esse minino deve de tá **opilado**, gente! Deve tá chei´de lumbriga.*

**Localização Geográfica:**



## Paresia

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Hemiparesia

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Estoporar

## Estoporar [v.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 227) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sensibilidade e resposta imediata a alteração súbita de temperatura causando paralisia temporária.

**Nota:** Tornar-se debilitado em função de choque térmico, podendo ter paralisia em parte da face.

**Contexto: F1.** *Mas o que que eles falam mesmo, por exemplo, a pessoa que ta torrando café aí ta naquele calor e sai no frio? **Estopora.** Ela entorta a boca.*

**Localização Geográfica:**



## Parteira Leiga

Termo médico / Procedimento

**Varição Denominativa:** Parteira

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Parteira

## Parteira [nf.]

**Fonte:**

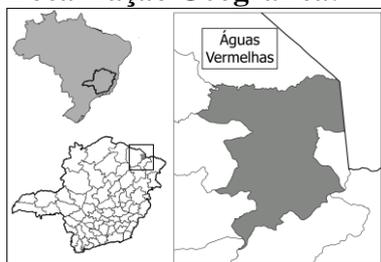
F1. SOUZA (2008, p. 233) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Mulher, sem formação acadêmica, capaz de realizar o procedimento de parto.

**Nota:** Pessoa sem formação médica que realiza o procedimento na parturiente.

**Contexto: F1.** *As mulher lá chamava as **Parteira** e pegava o filho né... e nunca foi no médico.*

**Localização Geográfica:**



## **Pênis**

Termo médico / Anatomia

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Pó

## **Pó [nm.]**

**Fonte:**

F1. MIRANDA (2013, p. 250) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Genitália masculina, pênis.

**Nota:** -

**Contexto: F1.** *Foi turma de gente lá... num foi descoberto isso... matô o homem... cortô o pó dele ... e matô a muié... cortô os seios dela, tudo! Uma morte com covardia, né? Caçano o oro.*

**Localização Geográfica:**



## Portador Sadio

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Assintomático

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Frescão ~ Sacudido

## Frescão [adj.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 278-279) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Diz-se de pessoa em estado de tranquilidade excessiva, destituída de razão.

**Nota:** Estado de apatia, não suscetível à comoção.

**Contexto: F1.** *Tempestada menina, e lá era bêra de linha de trem de ferro, menina. É serra e quano dá um estrondo, cê pensa que tá abalano tudo, cê pensa que tá passano um furacão no terreno... Aí a parede caiu...caiu dois pé de coquêro, aquê cuquirinho e um pé de laranja, menina, tudo! Nôto dia amanheceu de banda e o frescão lá em Belorizonte.*

### Localização Geográfica:



## **Sacudido** [nm.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 240) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Aparência saudável, equilíbrio orgânico.

**Nota:** 1. Forte, saudável, galhardo, esbelto. 2. Em Contexto, a expressão *veiacó* indica terceira idade.

**Contexto:** F1. *Ele era sacudido, mais era véiacó dimais.*

**Localização Geográfica:**



## **Pulmão**

Termo médico / Anatomia

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bofe

## **Bofe [nm.]**

**Fonte:**

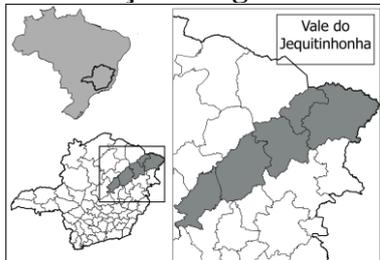
F1. ANTUNES (2013, p. 54) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Órgão responsável pela respiração e fornecimento de oxigênio ao corpo humano, pulmão.

**Nota:** Em Contexto, a expressão *pôs os bofe pra fora* indica cansaço excessivo, que dificulta a respiração.

**Contexto: F1.** *A Juana buliu com a Baliza, que tava de bizerrinho novo e correu atrás dela. Aí ela teve de corrê tanto que chegô suano de tão cansada e quase pôs os **bofe** pra fora.*

**Localização Geográfica:**



## Quadril

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** Cadeira ~ Cadeiras

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes populares: Escadera ~ Quartão ~ Quarto

## Escadera [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 227) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Parte do corpo humano localizada entre o tórax e o fêmur.

**Nota:** Parte que se projeta de cada lado do corpo, formado pela borda da pelve e pela parte superior do fêmur.

**Contexto:** F1. *A escadera dueu e eu falei: num é nada e cuntinuei a trabaiá. Somei cum nada não. A coluna virô.*

**Localização Geográfica:**



## Quartão [nm.]

**Fonte:**

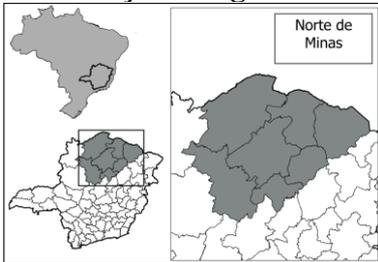
F1. SOUZA (2014, p. 596) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Área de sustentação do fêmur, quando possui grande volume.

**Nota:** Em Contexto, o informante relata um momento de refeição, na expressão *sapecava aquele trem e comia sem sali* indica uso de tempero e ausência de sal na carne que serve de alimento.

**Contexto:** F1. *Botava aqueles caixão de costela ali... sapecava aquele trem e comia sem sali... e os **quartão** da rês largava tudo aí.*

**Localização Geográfica:**



## Quarto [nm.]

**Fonte:**

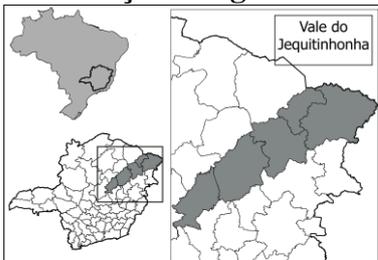
F1. ANTUNES (2013, p. 202) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Parte do corpo humano localizada entre o tórax e o fêmur, quadril.

**Nota:** -

**Contexto:** F1. *O parto dela demorô dimais e, antes de morrê, ela quexô muita dor nos **quarto**.*

**Localização Geográfica:**



## Resfriado

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Constipação ~ Coriza aguda

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Difruço ~ Infruenza

## Difruço [nm.]

**Fonte:**

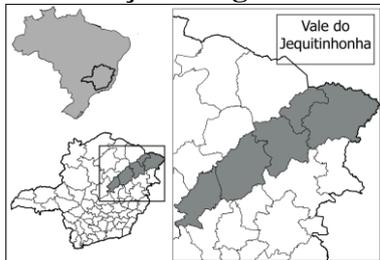
F1. ANTUNES (2013, p. 100) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Incômodo causado pelo excesso de muco na região nasal.

**Nota: F1.** Difruço é congestão nasal intensa que se manifesta pela coriza quando a pessoa está resfriada.

**Contexto: F1.** *Pra difruço, o que resolve é chá de erva cidrera. Meu minino, na semana passada, num foi na iscola, porque tava cum difruço.*

**Localização Geográfica:**



## **Infrueza** [nf.]

### **Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 230) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de doença viral, infecciosa e contagiosa que afeta as vias respiratórias, gripe.

**Nota:** -

**Contexto:** F1. *Me deu uma **infrueza** danada. E eu ficava pensano que **infrueza** é essa? Aí dipois eu lembro, num livro é o nome científico da gripe, é **infrueza**.*

### **Localização Geográfica:**



## **Rigidez Muscular Espasmódica**

Termo médico / Sintoma

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Intisicado

### **Intisicado [adj.]**

**Fonte:**

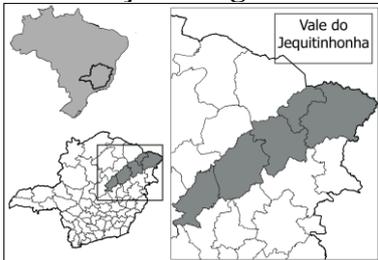
F1. ANTUNES (2013, p. 140) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de rigidez muscular involuntária, seguida de dor e /ou espasmos.

**Nota:** Enrijecimento muscular de músculos próximos à região do pescoço, dos ombros ou do quadril.

**Contexto: F1.** *Acho que ocê exagerô no tanto de blusa que tá usano. Se vié o frio que cê tá isperano, vai ficá **intisicado**.*

**Localização Geográfica:**



## Ruptura

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Taio

## Taio [nm.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 241) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Incisão da epiderme com instrumento cortante ou pontiagudo.

**Nota:** Ruptura, incisão de tecido cutâneo por acidente.

**Contexto: F1.** *Ele feiz não pra ea pá num falá que tava **taio** gande.*

**Localização Geográfica:**



## Secreção

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Remela

## Remela [nf.]

**Fonte:**

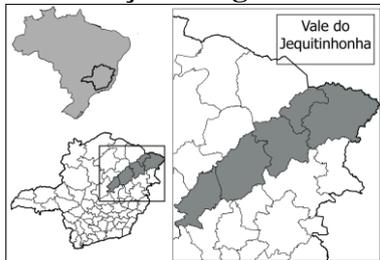
F1. ANTUNES (2013, p. 208) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Secreção matinal da região das pálpebras.

**Nota: F1.** Secreção amarelada ou esbranquiçada presente nos olhos ao levantarmos ou em decorrência de alguma doença. Em Contexto, a palavra 'véiaco' significa idoso.

**Contexto: F1.** *Nos mês de frio e de seca, a mininada toda tava de dordói. Lá na roça, tinha a simpatia: pegava três brasa bem grande e vermelha e colocava na bacia cum água filtrada e lavava os olhos tirano as **remela** que ficava grudada.*

**Localização Geográfica:**



## Senna

Termo médico / Medicina alternativa

**Varição Denominativa:** Sena; Cene; Planta do Sene; Sene; Sene-da-Europa; Sene-de-Alexandria; Sene da Índia; Sene-da-Índia; Sene-da-Itália; Sene-de-Purga; Fedegoso-Verdadeiro; Fedegoso-de-Folha-Torta; Ibixuma; Lava-Pratos; Maioba; Mamangá; Manjerioba; Manjerioba-Grande; Pajamarioba; Cássia-Rugosa; Cassia angustifolia; Cassia occidentalis; Cassia senna; Fedegoso

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Fedegoso

## Fedegoso [nm.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 267) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. BALBACH (1965, p. 170) [Tipo de texto: Especializado]

**Definição:** Erva medicinal com propriedades antifúngica e antiinflamatória.

**Nota: F2.** Fedegoso é da família das Fabaceae, muito utilizada em território nacional, também conhecida por balambala, café-negro, Folio-do-pajé, fedegoso-verdadeiro, ibixuma, lava-prato, mangerioba, mamangá, mata-pasto, maioba, pajamarioba, pereriaba, taracurú. Nome de uma planta medicinal que geralmente exala mau cheiro. Trata-se de arbusto ou árvore que pode chegar até 2 metros de altura. Possui raízes grossas, folhas pequenas e ovais, caule com muitos ramos, flores amarelo-laranja. O fruto é uma vagem comprida. Toda planta tem cheiro forte, desagradável, e sabor amargo. Parte utilizada: Cascas, folhas, sementes e raízes. Usado para a cura de: Anemia, bronquite, coqueluche, doenças hepáticas, doenças venéreas, epilepsia, erisipela, erupções cutâneas, febre, febre biliosa, hepatite, hemorróidas, malária, reumatismo, sarampo, tuberculose, vermes. Contraindicações: Pode provocar aborto; as sementes não devem ser ingeridas cruas, são tóxicas.

**Contexto: F1.** *Rancava fedegoso, rancava foia de um trem quaiqué aí e punha pra freivê, bibia e era remédio.*

### Localização Geográfica:



## Síncope

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Desmaio ~ Ataque por queda

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Esbagaçado

## Esbagaçado [nm.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 226-227) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Alteração orgânica que provoca esmorecimento, cansaço e dor física.

**Nota:** Sintoma de doença nas articulações.

**Contexto: F1.** *Aí ê perguntô meu pai se ele num sabia onde tava a mãe da égua que ele tinha emprestado. Meu pai falô: —ah, eu num sei. Mais pra que que cê quiria? Não, é porque se eu subesse aonde ela tá, eu ia comprá ela pa num pari uma égua tão ruim iguale essa que eu tô **esbagaçado**.*

**Localização Geográfica:**



## Sufrimento físico

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Dor generalizada

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Doraiada

## Doraiada [nf.]

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 225) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de doença que traz sofrimento físico excessivo.

**Nota:** Nota: Dor generalizada, podendo ser o caso de fibromialgia.

**Contexto:** F1. *Tô c'uma doraiada.*

**Localização Geográfica:**



## Sons respiratórios

Termo médico / Sintoma

**Variação Denominativa:** Chiado

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Chiata

## Chiata [nf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 271) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Emissão de ruído pela região torácica.

**Nota: F1.** Chiata é a ação ou o efeito de chiar.

**Contexto: F1.** *Ê... ficava naquele quarto lá dentro cê iscutava a **chiata** dele falava quê que tá aconteceno (C...) ea falava "ah meu menino ê hoje num tá bãõ".*

**Localização Geográfica:**



## Surdez

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Surdá

## Surdá [v.]

**Fonte:**

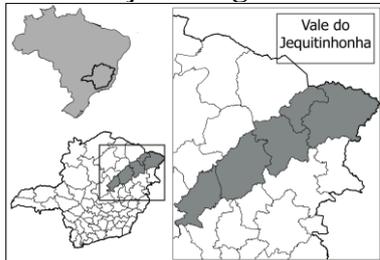
F1. ANTUNES (2013, p. 220) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Ausência do sentido da audição.

**Nota: F1.** Perder parcialmente a audição; ensurdecer. Em Contexto, a palavra escancarada' indica aberta.

**Contexto: F1.** *Minha boca tava escancarada assim, sem pudê colocá a língua dento. É! Surdô. Só escutava zum...zum... o truvão.*

**Localização Geográfica:**



## **Tampões cirúrgicos**

Termo médico / Procedimento

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Tapo

## **Tapo [nm.]**

**Fonte:**

F1. RIBEIRO (2010, p. 241) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Materiais de proteção utilizados em procedimento de restauração de um ou dos dois olhos, gase.

**Nota:** Tapo é uma pequena gase usada para curativos nos olhos.

**Contexto: F1.** *De noite ele limpô essa aqui. No oto dia tiro / ferramenta / o tapo. — Hoje eu já enxerguei falei / Daqui a quinze dia que vem.*

**Localização Geográfica:**



## Temperamento

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Temperamento nervoso

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Piripaque

## Piripaque [nm.]

**Fonte:**

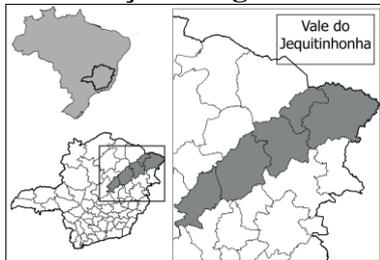
F1. ANTUNES (2013, p. 194) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Mal-estar físico abrupto, causando ou não óbito.

**Nota:** 1. Acesso súbito dos nervos. 2. Em Contexto, a expressão 'sem quê nem pra quê' indica sem motivo aparente.

**Contexto: F1.** *A gente tava cunversano e, sem quê nem pra quê, ela teve um **piripaque** e começô a gritá.*

**Localização Geográfica:**



## Terçol

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Hordéolo ~ Terçolho

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bunitinha

## Bunitinha [nf.]

**Fonte:**

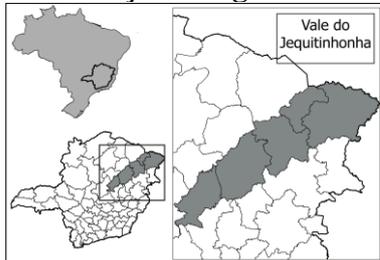
F1. ANTUNES (2013, p. 58) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Erupção exposta na região da pálpebra resultante de inflamação ou infecção ocular bacteriana, Terçol.

**Nota:** Bunitinha é inflamação externa da pálpebra, acompanhada de inchaço e coceira.

**Contexto:** F1. *Que que isso, D. Carolina? A senhora tá é de **bunitinha**.*

**Localização Geográfica:**



## **Tórax**

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Peitorá

## **Peitorá [nm.]**

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 277) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região do tronco entre pescoço e abdome, peito.

**Nota:** Em Contexto, a expressão 'pro peitorá abri' indica ação de tratamento para afecções respiratórias.

**Contexto: F1.** *Esse foizinho aí esse trem que tá aí istindido na terra aí é trem que fazia remédio pra criança. Pro **peitorá** abri, pro istambo. Oli bassurinha, pro mode dô de barriga.*

**Localização Geográfica:**



## Umbigo

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Imbigo

## Imbigo [nm.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 282) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F2. SOUZA (2014, p. 582-583) [Tipo de texto: Lexicográfico]

F3. RIBEIRO (2010, p. 230) [Tipo de texto: Lexicográfico]

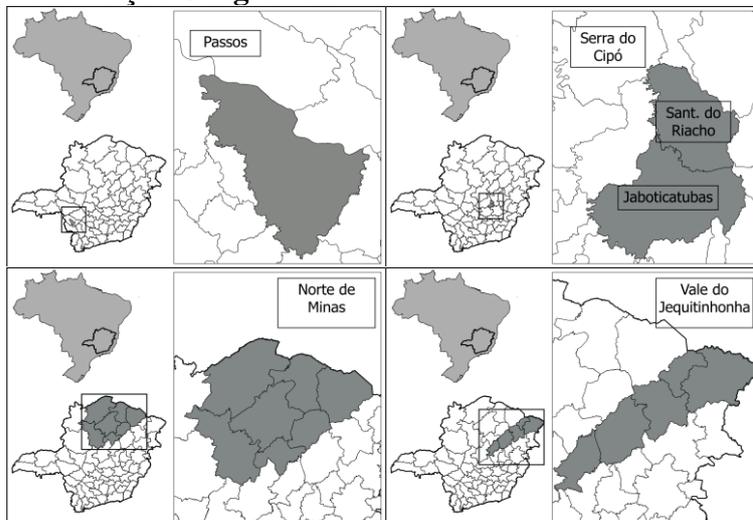
F4. ANTUNES (2013, p. 135) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Região da cicatriz umbilical, umbigo.

**Nota:** Depressão cutânea localizada no centro do abdômem, cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical, ao nascer.

**Contexto:** **F1.** *Ô menina mais num tem muitos ano que ea morreu...(T...) cortô o **imbigo** do (L...) que ti (M...G...) quebrô o braço e num pode vim assim mesmo ea brigô de ciúme que os premero é pirigoso.* **F2.** *Quando dava tempo de buscar a parteira bem... quando num dava era ele mesmo... cortava o **imbigo** da criança.* **F3.** *Aí fazia tamém um de pô no **imbigo**... redondinho... vai as tirinha por riba... sabe como a mãe fazia aquilo... fazia pos quarto iscondida. Enfiava de baixo da cama. Óia o tanto que nós era bobo.* **F4.** *O **imbigo** da minina num ficô bem curado e cresceu até ela ficá grandinha.*

**Localização Geográfica:**



## Urticária

Termo médico / Doença

**Variação Denominativa:** Ardência

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Incanjicada

## Incanjicada [nf.]

**Fonte:**

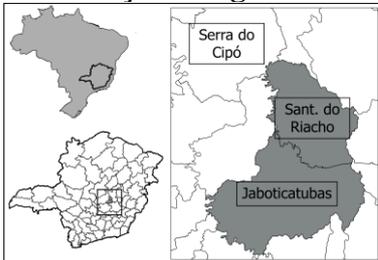
F1. FREITAS (2012, p. 282) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de reação alérgica em que se espalham crostas pela pele.

**Nota:** Excesso de lesões cutâneas na pele.

**Contexto: F1.** *Mamãe tava tomano o reméido dela, a mamãe intuxicô tudo, né? Ficô toda **incanjicada**, assim, ó! Coçano! Sangue saía, que só cê veno.*

**Localização Geográfica:**



## **Vagina**

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variantes populares: Belarmina ~ Míndia ~ Piriquita ~ Pixéu ~ Tiché

## **Belarmina** [nf.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 50) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Genitália feminina, parte externa que compreende vulva e canal genital, vagina.

**Nota: F1.** Belarmina é o órgão sexual feminino; vagina.

**Contexto: F1.** *Prá dizer no meio de gente, **Belarmina**, míndia ou prequita, até parece nome inocente.*

## **Míndia** [nf.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 170) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Genitália feminina, parte externa que compreende vulva e canal genital, vagina.

**Nota:** -

**Contexto: F1.** *Belarmina, **míndia** ou prequita, até parece nome inocente.*

## **Piriquita** [nf.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 194) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Genitália feminina, parte externa que compreende vulva e canal genital, vagina.

**Nota:** -

**Contexto: F1.** *Ele ficava ispiando pelo buraco da fechadura pra tentá vê a **piriquita** da prima.*

## **Pixéu** [nm.]

**Fonte:**

F1. ANTUNES (2013, p. 195) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Genitália feminina, parte externa que compreende vulva e canal genital, vagina.

**Nota:** -

**Contexto: F1.** *Aqui custuma chamá de **pixéu** a vagina, né? Dá briga tamém. / Falô: amola otro, minina. Vai lavá seu **pixéu**, que é muito melhó!*

## **Tiché** [nm.]

**Fonte:**

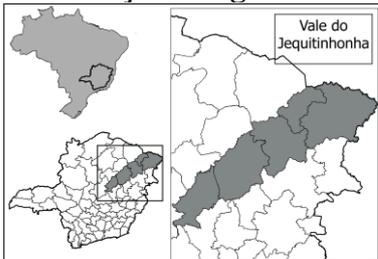
F1. ANTUNES (2013, p. 225) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Genitália feminina, parte externa que compreende vulva e canal genital, vagina.

**Nota:** -

**Contexto: F1.** *Quand´ela chegava nos lugá, o povo já..., que vinha aquele chero forte, minha mãe falava que o chero ruim é porque ela num lavava o **tiché**. Num tinha higiene.*

**Localização Geográfica:**



## Vaso sanguíneo

Termo médico / Anatomia

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Sem atribuição

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Hormônio da cabeça

## Hormônio da cabeça [ncm.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 281) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Vaso sanguíneo localizado na região do entorno cerebral.

**Nota: F1.** Vaso sanguíneo ou veia em região cerebral.

**Contexto: F1.** *Uai minha fia é por causa de burro, ê istorô o **hormônio da cabeça** dele, aí cresceu um tumore que tirô pelo nariz, mais, num podia tirá não.*

**Localização Geográfica:**



## **Veias varicosas**

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Veia Rota

## **Veia Rota [ncf.]**

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 293) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Veia de difícil pega ou ausência de veia para exame ou aplicação medicamentosa.

**Nota: F1.** Veia pouco aparente, de difícil acesso.

**Contexto: F1.** *Jesus é nascido fí da Virge Maria, sem pecado. Me cura essa ringidura Jesus Nazaré e me benze de carne quebrada, **veia rota**, nervo assombrado, junta iscunjuntada, osso ringido, assim mesmo Jesus, me cura. Amém!*

**Localização Geográfica:**



## Vergonha

Termo médico / Sintoma

**Variação Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Bergonha

## Bergonha [nf.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 266) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma causado por incômodo diante de uma situação de exposição física.

**Nota: F1.** Bergonha refere-se a sentimento de desonra ou rebaixamento.

**Contexto: F1.** *Ah é! Nós tinha **bergonha** de vê ês lá em casa, né? Aí subia na cama e oiava ês por riba, ês contava “quê que cês tá fazeno?” Eu e a (L...) oiano pra cima do... do teiado deitado no banco lá na sala.*

**Localização Geográfica:**



## Vertigem

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** -

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Distino

## Distino [nm.]

**Fonte:**

F1. FREITAS (2012, p. 275) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Sintoma de otite relacionado à vertigem, sensação de perda da noção de equilíbrio.

**Nota:** Distino é sensação de desequilíbrio decorrente de doenças que afetam a orelha média e interna. **F1.** Em Contexto, a expressão 'igual galinha tonta' refere-se andar de um lado para o outro. A expressão 'sem destino' significa sem rumo. A expressão 'o trem entrou aqui dent´da cabeça que virô uma cachoeira d´água' relata a sensação de ruído similar a cachoeira. A narrativa descreve o incômodo provocado pela otite.

**Contexto: F1.** *Aí nôto dia eu andava o terrero todo iguali galinha tonta mais depois que eu armucei que eu peguei o **distino**...pirdi o **distino** todo...fiquei sem **distino** de tudo...o trem entrô aqui dent´ da cabeça que virô uma cachoeira d´água.*

**Localização Geográfica:**



## Vesícula

Termo médico / Doença

**Varição Denominativa:** Bolha ~ Bolhas

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Borboinha

## Borboinha [nf.]

**Fonte:**

F1. CORDEIRO (2013, p. 259) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Erupção cutânea causada pelo acúmulo de substância aquosa.

**Nota:** Borboinha é bolha aquosa ou purulenta que se forma na pele.

**Contexto:** F1. *Porque tava a **borboinha** e aquela priguíça e inchado aqui e inchano aqui.*

**Localização Geográfica:**



## Vomitar

Termo médico / Sintoma

**Varição Denominativa:** Êmese

**Fonte:** DeCS [Tipo de texto: Terminológico]

**Status do termo:** Harmonizado

**Organismo Harmonizador:** DeCS

Variante denominativa popular: Lançá

## Lançá [v.]

**Fonte:**

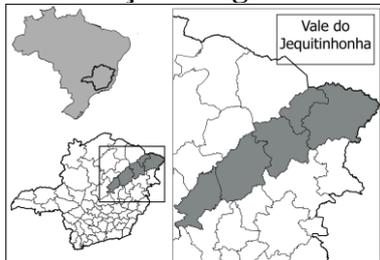
F1. ANTUNES (2013, p. 153) [Tipo de texto: Lexicográfico]

**Definição:** Expelir golfo, vômito ou secreção similar.

**Nota: F1.** Expelir, pela boca, com esforço e em golfadas, o alimento ingerido. 2. Em Contexto, a palavra 'murcela' significa chorizo. A expressão 'estômago ripunano' refere-se a incômodo causado por intoxicação alimentar ou infecção gástrica.

**Contexto: F1.** *Num tem jeito. Toda vez que ela come murcela, cumida que tem sangue, fica com o estômago ripunano, depois lança.*

### Localização Geográfica:



As fichas apresentadas evidenciam o relacionamento terminológico mostrando a correspondência entre termo e o conceito no domínio da linguagem padronizada e não padronizada. As informações contidas no campo definicional do termo contribuem para sua compreensão e consolidação, no âmbito científico e não científico. Elas dão base para a elaboração de verbetes e glossários para a área da saúde.

No capítulo seguinte, sugerimos um modelo para glossário de terminologia popular para o profissional que atua na Equipe Saúde da Família da ESF. Para melhor entender o glossário, organizamos uma estrutura didática em que consta a macro e a microestrutura.

A respeito de microestrutura, seguimos Almeida (2006, p. 96) quando considera tudo o que particulariza o verbete, ou seja, todas as informações, as de ordem sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) quanto as não-sistemáticas (informações não-recorrentes). Incluem nas sistemáticas, por exemplo, a entrada, a classe morfológica, a definição, o contexto e as remissivas, simbolizadas por “Ver.” (=verificar). As informações não sistemáticas tratam as informações enciclopédicas, aqui descritas em nota e as formas variantes. Se houver casos de homonímia e polissemia, os itens devem ser tratados da seguinte forma conforme pontua Almeida (2006, p.93): a) para os casos de homonímia (quando a unidade pertencer a um campo léxico diferente), as entradas devem ser separadas e numeradas, como o exemplo de *amarelão*, e b) para os casos de polissemia, o termo deve encabeçar o verbete e, dentro dele, as definições devem vir numeradas, pois cada definição representa um conceito. As informações para o verbete ou microestrutura foram extraídas das fichas terminográficas, apresentadas neste capítulo.

Sobre a macroestrutura, sua organização estrutural sintetiza a essencialidade do termo, dando-lhe informações verdadeiras e coerentes com a área que representam. O capítulo 5, Das fichas terminográficas à proposta de microestrutura para um glossário, apresenta a estrutura macro e micro, a chave de leitura para os verbetes e o próprio glossário, seguido de índice remissivo e siglário.

## CAPÍTULO 5 – DAS FICHAS TERMINOGRÁFICAS À PROPOSTA DE MICROESTRUTURA PARA UM GLOSSÁRIO

---

---

*Quando o rio (...) enche, dá sempre sezão, é febre de impaludismo. Lá em casa, o meu avô estava com sezão. Ele era bem velhinho, tinha sido escravo, e o remédio que curava a febre era o Aralen. É um comprimido dado pelo governo. Mas... chega lá, os chefes políticos recebem. (...) Depois distribuem pros cabos eleitorais. Os cabos eleitorais trocam por saco de arroz. Muita gente fazia isso, muita gente. Ficou marcado isso em mim: a gente trocava um saco de arroz, que custou seis meses de trabalho. Ser trocado por um pacotinho com duas piula que era pra ser dado de graça.<sup>66</sup>*

Filho; Costa; Pontes (1965 *apud* Silva, 2000, p.4)

Propomos, nesta pesquisa, um modelo de glossário constituído de itens lexicais terminológicos populares referentes à saúde para a Equipe Saúde da Família. Percebemos, no jogo interlocutório entre o profissional dessa equipe e o paciente, nas ações comunicativas, um ambiente profícuo de variantes denominativas. Decidimos, por essa razão, através de registro e estudo, mostrar parte da realidade linguística que afeta o ambiente da Atenção Básica, atualmente reorganizado pela ESF. Consideramos item terminológico aquele depreendido de uma prática social, uma unidade de compreensão que não é universal nem imutável e que integra um conjunto de elementos linguísticos em um texto de dimensão linguística, pragmática, discursiva e comunicativa.

O Ministério da Saúde, em 21 de outubro de 2011, por meio da Portaria de número 2488, aprova a Política Nacional da Atenção Básica para organização da mesma, considerando a consolidação da Estratégia Saúde da Família (ESF) como forma prioritária para reorganização da Atenção Básica no Brasil. “Orienta-se pelos princípios da universalidade, da acessibilidade, do vínculo, da continuidade do cuidado, da integralidade da atenção, da responsabilização, da humanização, da equidade e da participação social. A Atenção Básica considera o sujeito em sua singularidade e inserção sociocultural, buscando produzir a atenção integral”<sup>67</sup>. O glossário destinado ao profissional da Equipe de Saúde da Família reúne informações relacionadas à saúde a partir de percepções do sujeito e, ao mesmo tempo, paciente. O acesso às informações

---

<sup>66</sup> Epígrafe da dissertação *Medicamentos excepcionais no âmbito da Assistência Farmacêutica no Brasil* da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Texto de Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa e Paulo Pontes. Apresentação: Nara Leão, Zé Kéti e João do Vale, Show *Opinião*, em 23/08/65.

<sup>67</sup> Saúde Brasil 2013, p. 19-20, disponível em <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>, acesso em 16 de novembro de 2015.

ali inseridas pode intensificar o vínculo entre os profissionais e os pacientes e melhorar a comunicação no seu processo de interação, efetivando os princípios do SUS que envolve a humanização.

## **5.1 Proposta de Glossário para as denominações populares para a área da saúde**

O “fazer terminográfico” (Krieger & Finatto, 2004, p. 50) inclui estudo de termos, estruturação e organização de suas informações em micro e macroestrutura. Vemos, nos itens 5.1.1 e 5.1.2, a sequência de elementos que compõem o verbete a partir de informações dispostas na ficha idealizada para este estudo.

### **5.1.1 Macroestrutura**

O glossário sugerido é monolíngue, descritivo, elaborado com informações extraídas da base de dados, organizada a partir da perspectiva da Terminologia. Contém 106 verbetes. O trato com os dados foi desenvolvido e sistematizado *off-line* em formato que pudesse ser exportado e anexado aos limites deste documento. Sua aparência externa é própria de documento word, resultado de pesquisa acadêmica.

Idealizado a partir de preceitos terminológicos, traz informações pontuais que retratam o vocabulário popular difundido na área da saúde pública em nosso país. Nosso público-alvo são os profissionais que atuam na Equipe Saúde da Família na Estratégia Saúde da Família do SUS. Entretanto, o glossário poderá ser útil também aos pacientes, terminólogos, outros profissionais e estudantes interessados em terminologia da área da saúde

A respeito da linguagem popular, cuidamos para que os itens que julgamos terminológicos apresentassem relacionamento com categorias representativas do domínio do médico e da saúde a saber: Anatomia, Doença, Medicina Alternativa, Procedimento e Sintoma.

### **5.1.2 Microestrutura**

Os itens da ficha construída e o campo definicional são trabalhados em forma de verbete. O processo compreende a *entrada*, o nome do termo extraído, sua primeira identificação e gênero; a *variação denominativa*, sintonizada com o termo; a *definição*, que auxilia a compreensão do termo; a *remissiva*, que mostra o relacionamento entre os termos; a *nota*, que apresenta informações adicionais linguísticas ou enciclopédicas referentes à definição e/ou ao contexto e, por fim, o próprio *contexto*, que é o trecho *ipsis litteris* em que aparece o item julgado terminológico atestando sua existência e seu significado.

### 5.1.3 Chave de leitura para o glossário

Os verbetes estão organizados em ordem alfabética e estruturados de acordo com o seguinte padrão:

Entrada + Gênero + Definição + Variante ou Remissiva + Nota +  
Contexto (Exemplificação contextual) + Fonte

A ENTRADA, neste glossário, registrada em escrita dialetal, trata do item lexical principal, não padrão, ou, eventualmente, de um item remissivo, a exemplo de **Disandá** por **Disandar**, embora respeitemos o critério proposto pela TCT que considera, na entrada, a forma infinitiva do verbo.

De domínio popular, esse item expressa o conceito na linguagem de especialidade. Em seguida, indica-se a classe gramatical do item em análise: nome [n], verbo [v.], adjetivo [adj] e locução adverbial [loc. adv.] e uma das categorias do nome e do adjetivo, ou seja, a categoria de GÊNERO: feminino [fem.] e/ou masculino [masc.].

A DEFINIÇÃO trata de conceitos pertinentes aos itens lexicais selecionados. Em sequência, arrola-se / arrolam-se variante / variantes.

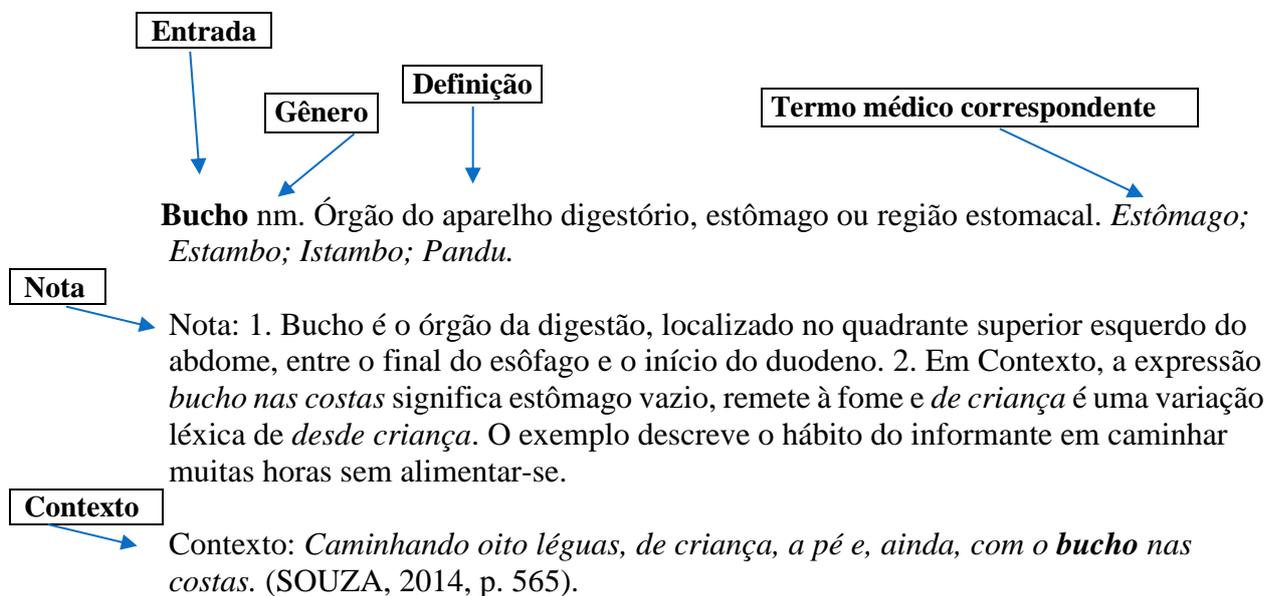
A VARIANTE [var.] indica que o item lexical é equivalente a outro quanto ao sentido (conceito). Ela é registrada em itálico, após a definição. A primeira variante refere-se à lexia médica na língua padrão; outras são estigmatizadas, extraídas da língua falada na zona rural. Quando houver mais de uma variante, será utilizado o sinal ponto e vírgula (;) para sua separação.

A NOTA provê informação adicional à definição e/ou ao contexto. Trata-se de comentário prático, linguístico ou enciclopédico, da autora desta tese ou de outros autores quando, então, a fonte virá entre parêntesis, a fim de complementar e/ou ratificar a conceituação do item lexical.

A REMISSIVA [ver. var.], esclarece sobre a relação de complementaridade entre itens lexicais, os quais podem se relacionar de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido, como sinônimos, hiperônimos e conexos.

O CONTEXTO registra a exemplificação contextual em uso em Português falado na região interiorana de Minas Gerais. O sinal barra (/) separa a abonação de fontes diferentes.

### Exemplo de verbetes



### Remissiva para variante

**Estambo** nm. Estômago; *Istambo; Pandu*; ver. var. *Bucho*.

### Termo médico correspondente

Nota: Em Contexto, a expressão *batia água no istambo* refere-se ao cair da água no estômago. Para esse informante, a mistura rapadura e água constitui alimento forte para a saúde.

**Contexto** → Contexto: *Eu dormia com uma espingarda de dois cano, no estambo.* (SOUZA, 2014, p. 579). / *Rapadura pra merendá lá na roça que é muito forte. A gente comia aqueles pedaço de rapadura e batia água no istambo. Aquilo era uma fortaleza, minina.* (CORDEIRO, 2013, p.271).

### Remissiva para variante

**Pandu** m. *Estômago; Estambo; Istambo*; ver var. *Bucho*.

**Nota** → Nota: Em Contexto, a expressão *tá incheno o pandu* significa alimentar-se fartamente.

**Contexto** → Contexto: *Assim não vai almuçá. Tá incheno o pandu de biscoito.* (ANTUNES, 2013, p. 187).

## 5.1.4 Glossário de terminologia popular para a Equipe Saúde da Família – GTESEF

### A

**Amarelão<sup>1</sup>** nm. Infecção intestinal causada por nematódeos cujos sintomas são palidez, tom amarelado da pele e anemia. *Ancilostomíase; Marelão; Opilação*. Nota: 1. Em Contexto, o trocadilho que é de domínio popular *marelão da infância, pinico da cagança, macarrão de Santa Casa* remete à infecção parasitária, muito comum na infância, nas regiões mais pobres. A aparência do parasita remete ao alimento citado, macarrão. *Pinico da cagança* diz respeito a diarreia e *Santa Casa* faz referência a estabelecimento hospitalar, local de tratamento. 2. Amarelão é uma infecção intestinal, causada por nematódeos, que pode apresentar-se assintomática, em caso de infecções leves. Em crianças com parasitismo intenso, pode ocorrer hipoproteinemia e atraso no desenvolvimento físico e mental (Brasil/MS Infecção Parasitária, 2010, p. 3). Contexto: *Aí menina, o menino vinha atrás de mim: 'marelão da infância pinico da cagança macarrão de Santa Casa' me xingano.* (FREITAS 2012, p. 288).

**Amarelão<sup>2</sup>** nm. Infecção hepática causada por agentes infecciosos ou tóxicos. *Hepatite*. Nota: 1. O Amarelão ou hepatite viral é doença provocada por diferentes agentes etiológicos, com tropismo primário, pelo fígado que apresenta características epidemiológicas, clínicas e laboratoriais distintas. (BRASIL/MS Hepatites Virais, 2007, p. 6). 2. Em Contexto, *ês* faz referência ao pronome pessoal *eles*. Contexto: *Ês fala até hoje (...) amarelão dá. A pessoa dá amarelão. Hoje ês fala hepatite.* (RIBEIRO, 2010, p.214).

**Azangá** v. Adoecimento grave de alguma parte do corpo. *Doença; Zangar; Agravar*. Contexto: *Morreu na hora. É, teve jeito não! Que ela tinha pressão. A pressão dela ia, né? Vinte e tanto! Quando ela descobriu que a pressão dela era alta demais, ela azangô.* (CORDEIRO, 2013, p.257) / *Eu tomo quando eu zango.* (RIBEIRO, 2010, p.244).

### B

**Barriga d'água** ncf. Acúmulo de líquido em região próxima ao estômago. *Ascite*. Nota:1. Doença que acarreta acúmulo de líquido na região abdominal. 2. Barriga d'água é usado, na região de recolha, para seres humanos e animais. 3. Em Contexto, *ea* faz referência ao pronome pessoal *ela*. Contexto: *A cachorra ficô esperano cachurrim dele, lobim dele, todo mundo queria um lubim... quano na hora... ea ficô com aquê barrigão, foi, deu uma barriga d'água, morreu cachorra com os bicho, tudo.* (FREITAS, 2012, p.265).

**Bassurinha** nf. Erva medicinal indicada para afecções gastrointestinais. *Malvaceae; Vassourinha; Vassourinha tupiçaba*. Nota: 1. Planta da família das *malváceas*. Empregam-se as folhas, em banhos, como emolientes. As folhas verdes, machucadas, põem-se sobre picadas de abelhas e vespas, para aliviar a dor. Em chás, é indicada nas afecções pulmonares, bronquite, tosse, tuberculose. (Balbach, 1965, p. 270). 2. Em Contexto, a expressão *Pro peitorá abri* indica alívio respiratório. Contexto: *Esse foizinho aí, esse trem que tá aí, istindido na terra aí, é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli! Bassurinha pro mode dô de barriga.* (CORDEIRO, 2013, p. 258).

**Belarmina** nf. Genitália feminina, parte externa que compreende vulva e canal genital. *Vagina; Míndia; Piriquita; Pixéu; Tiché*. Nota: Órgão sexual feminino. Contexto: *Prá dizer no meio de gente... Belarmina, míndia ou prequita, até parece nome inocente*. (ANTUNES, 2013, p. 50).

**Bergonha** nf. Sintoma causado por incômodo diante de uma situação de exposição física. *Vergonha*. Nota: 1. Bergonha refere-se a sentimento de desonra ou rebaixamento. 2. Em Contexto, *ês* faz referência ao pronome pessoal *eles* e *cês*, ao pronome pessoal *vocês*. Contexto: *Ah é! Nós tinha bergonha de vê ês lá em casa, né? Aí subia na cama e oiava ês por riba, ês contava “quê que cês tá fazeno?” Eu e a... oiavo prá cima do... do teiado, deitado no banco, lá na sala*. (FREITAS, 2012, p. 266).

**Bertueja** nf. Dermatite inflamatória responsável pela erupção cutânea devido à obstrução dos canais ou ductos que levam o suor das glândulas sudoríparas até a pele. *Miliária; Miliária rubra; Burtueja; Brotoeja*. Nota: Erupção cutânea, com prurido. Contexto: *Ah, agora é bertueja. É uma coceira, mas dá em neném tamém (...) E ês fala que num pode batizá a criança c’aquilo, né? Bertueja batizada nunca sara*. (RIBEIRO, 2010, p. 217).

**Bicha** nf. Parasita causador de verminose. *Helmintíase; Verme; Lombriga; Lumbriga*. Nota: Conhecido, também, no domínio popular por verme ou lombriga. Contexto: *A barriga do minino tá assim, que tá cheia de bicha*. (ANTUNES, 2013, p. 51).

**Bichera** nf. Doença parasitária ocasionada pela penetração na pele da larva da varejeira, mosca da família *Dermatobia homini*. *Miíase; Bicheira*. Nota: Ferida putrefada, cheia de bichos postos pela varejeira, que aparece em animais e, às vezes, no ser humano devido à falta de cuidados higiênicos. (ANTUNES, 2013, p. 51). Contexto: *Bateu a aftosa lá, mas que arrasô o gado... que todo dia a gente tinha que... achava o gado fedeno de bichera*. (MIRANDA, 2013, p. 227). / *A Ana Preta, coitada, vivia com uma bichera na perna que dava dó. A gente punha creolina, e saía bicho pra todo lado*. (ANTUNES, 2013, p. 51).

**Bila derramada** ncf. Doença provocada pela obstrução das vias biliares responsável por deixar o gosto amargo no paladar. *Colangite*. Nota: Bila derramada provoca a produção excessiva de bÍlis pelo pâncreas gerando a sensação de amargor na boca. Contexto: *Jesus é nascido Jesus nascido é fÍ da Virge Maria sem pecado é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída, vento virado, bila derramada, ar preso, vento igalizado assim mesmo. Jesus me cura em nome do pai, Filho, Isprito Santo, amém!* (FREITAS, 2012, p. 267).

**Bofe** nm. Órgão responsável pela respiração e pelo fornecimento de oxigênio ao corpo humano. *Pulmão*. Nota: Em Contexto, a expressão *pôs os bofe pra fora* indica cansaço excessivo que dificulta a respiração. Contexto: *A Juana buliu com a Baliza, que tava de bizerrinho novo e correu atrás dela. Aí ela teve de corrê tanto, que chegô suano de tão cansada e quase pôs os bofe pra fora*. (ANTUNES, 2013, p. 54).

**Boga** nm. Extremidade do segmento terminal do intestino grosso que inicia no reto e termina no ânus. *Ânus; Fiofó; Toba*. Nota: Extremidade intestinal por onde as fezes são expelidas. Contexto: *Esse minino fica brincano no monte de terra e fica com o boga todo sujo, uma nojera!* (ANTUNES 2013, p. 54).

**Borboinha** nf. Erupção cutânea causada pelo acúmulo de substância aquosa. *Vesícula; Bolha; Bubuinha*. Nota: Bolha aquosa ou purulenta que se forma na pele. Contexto: *Porque tava a borboinha e aquela preguiça, e inchado aqui, e inchano aqui*. (CORDEIRO, 2013, p. 259).

**Bucho** nm. Órgão do aparelho digestivo. *Estômago; Estambo; Istambo; Pandu*. Nota: 1. Órgão da digestão, localizado no quadrante superior esquerdo do abdome, entre o final do esôfago e o início do duodeno. 2. Em Contexto, a expressão *bucho nas costas* significa estômago vazio, remete à fome e *de criança* é uma variação léxica de *desde criança*. O exemplo descreve o hábito do informante em caminhar muitas horas sem alimentar-se. Contexto: *Caminhando oito léguas de criança, a pé, ainda com o bucho nas costas*. (SOUZA, 2014, p. 565).

**Bunitinha** nf. Erupção exposta na região da pálpebra resultante de inflamação ou infecção ocular bacteriana. *Terçol; Hordéolo; Terçolho*. Nota: Inflamação externa da pálpebra, acompanhada de inchaço e coceira. Contexto: *Que que isso, D. Carulina? A senhora tá é de bunitinha*. (ANTUNES, 2013, p.58).

## C

**Cacunda** nf. Parte posterior do corpo que vai do pescoço à pelve. *Dorso; Costas*. Nota: 1. Na terminologia popular corresponde a dorso, costas, pois integra a coluna vertebral, dos ombros até o quadril. 2. Parte do dorso onde são carregados objetos mais pesados ou volumosos. Contexto: *Arriô o cascavé e jogô na carcunda. Mas era um trem muito mais grosso que esse vaso. Intão, panhô esse bicho e jogô na carcunda e vei*. (ANTUNES, 2013, p. 63). / *Levava na mão, na cacunda um pau aqui e oto ali, ó! E, ocê escorava no banguê assim*. (CORDEIRO, 2013, p. 260). / *Fui caçá tatu, tava com uma ispingarda vinte e oito na cacunda*. (FREITAS, 2012, p. 268). / *Pois é... que antigamente havia é tropa... num havia caminhão... nem nada... havia era tropa... tudo na cacunda dos burro*. (MIRANDA, 2013, p. 229). / *Por fim eu casei foi com esta aí... minha prima carnal aí... porque... que eu carreguei até na minha cacunda*. (SOUZA, 2008, p. 222). / *Chegava lá fazia nossas farinha e botava na cacunda*. (SOUZA, 2014, p. 566).

**Carnegão** nm. Tecido necrosado localizado na extremidade de um abscesso que se forma no folículo piloso, estrutura onde crescem os pelos, quando essa região é infectada por uma bactéria. *Furunculose. Furúnculo; Carnicão*. Nota: 1. Extremidade do furúnculo. 2. Parte central de furúnculos e tumores constituída de matéria necrosada e purulenta. Contexto: *Diz que, se num ispreme até saí o carnegão, nasce mais sete furunco na pessoa*. (ANTUNES, 2013, p. 71).

**Catita** nf. Sintoma de lesão cutânea de origem infecciosa. *Escabiose; Sarna Sarcóptica; Sarna; Ferida; Pereba*. Nota: Lesão cutânea que aparece no corpo das pessoas, de difícil cicatrização. Contexto: *Dava umas pereba nas pernas do povo... chamava catita*. (SOUZA, 2014, p. 569).

**Chiata** nf. Emissão de ruído pela região torácica. *Sons respiratórios; Chiado*. Nota: Ação ou o efeito de chiar. Contexto: *Ê... ficava naquele quarto, lá dentro cê iscutava a chiata dele, falava que que tá acontecendo? Ea falava "ah, meu menino, ê hoje num tá bão"*. (FREITAS, 2012, p.271).

**Chumbalhada** nf. Preparo medicamentoso à base de cascas, pó de ervas, raízes e ervas frescas, feito em casa. *Medicina tradicional; Medicina alternativa; Medicina popular; Remédio popular; Remédio caseiro; Beberagem; Chumbaiada; Enguentada; Mandruscada; Raizada*. Nota: Em Contexto, a expressão *remédio de horta* indica o uso de plantas medicinais colhidas frescas em área de cultivo caseiro. Contexto: *Tomava azeite e remédio de horta... cozinhava lá uma chumbalhada doida... casca de... pó de tudo quanto é coisa, ia*. (SOUZA, 2014, p. 571).

**Colerina** nf. Expulsão líquida e contínua de fezes. *Diarreia; Disandá; Obradera*. Nota: 1. Forma variante de Cólera, trata-se de doença diarreica cujo agente causador é o *vibrio cholerae*. Esta afecção pode levar a uma desidratação grave em questão de horas se não for rapidamente tratada. 2. Em Contexto, *cavaquinho de peroba* é um chá elaborado com parte do caule da Peroba. Contexto: *Tomava cavaquinho de peroba (...) pa colerina. Senhora lembra quando ês falava que dava colerina? Colerina hoje é (...) diarreia. Uma tal de colerina.* (RIBEIRO, 2010, p.223).

**Correçãozada** nf. Sintoma de infecção ocular por meio de transvasamento lacrimal. *Eliminação lacrimal; Excreção lacrimal; Lacrimejamento*. Nota: Derramamento de lágrimas como sintoma devido a alteração fisiológica dos olhos. Contexto: *Tenho minha vista boa. Agora que eu tô com uma durzinha aqui no meu zói. Isto dia deu uma correçãozada.* (CORDEIRO, 2013, p.263).

**Cristel** nm. Procedimento de lavagem intestinal realizada por via retal, utilizando-se água com ou sem medicamento. *Enema; Clister*. Nota: 1. Procedimento de introdução de solução ou composto no reto, para limpar o colo (ou para procedimentos diagnósticos). 2. Em Contexto, a expressão *impazinada* refere-se a inchaço devido a alteração intestinal. Contexto: *Tem uma semana qu'ela tá impanzinada, o intestino num funciona, né? Aí ês falô pra levá ela no hospital, que lá ês faz um cristel nela, pra limpá o intestino, né?* (ANTUNES, 2013, p.85).

## D

**De coque** loc. adv. Procedimento no qual o paciente posiciona-se agachado, em que joelhos, glúteos e pés se aproximam. *Cócoras; Posição de cócoras*. Nota: 1. Sentar no chão sobre os calcanhares, posicionamento agachado. 2. Em Contexto, *ê* faz referência ao pronome pessoal *ele*. Contexto: *Ô, num alembro dele não, mais diz que ê era fei demais, muito fiuzim, né? Agachadim, diz que puxano a camisa pra tampá as pirninha de coque, lá, oiano pra mamãe.* (FREITAS, 2012, p. 274).

**Descadeirado** nm. Aquele que tem ou está com dor nos quadris, parte inferior da coluna, em função de desarticulação das juntas. *Luxação; Junta isconjuntada; Desarticulado; Desconjuntado; Deslocamento*. Nota: 1. Aquele que possui desarticulação de junta por separação ou por amputação da mesma. 2. Em Contexto, a expressão *em riba da cama* refere-se a estar em cima da cama, doente. Contexto: *Por isso que eu tou sofrendo agora... em riba da cama, descadeirada.* (SOUZA, 2014, p. 575).

**Desvanecê** v. Desinchar o abdome em função de evacuação e alívio intestinal. *Desintumescer; Desinchar*. Nota: 1. Desinchar o estômago. 2. Em Contexto, a palavra *cagança* indica diarreia. Contexto: *Dava uma cagança na criança, mas aí a barriga desvanecia.* (RIBEIRO, 2010, p. 225).

**Difruço** nm. Incômodo causado pelo excesso de muco na região nasal. *Resfriado; Constipação; Coriza aguda; Gripe*. Nota: Congestão nasal intensa que se manifesta pela coriza quando a pessoa está resfriada. Contexto: *Pra difruço, o que resolve é chá de erva cidrera. Meu minino, na semana passada, num foi na iscola, porque tava cum difruço.* (ANTUNES, 2013, p. 100).

**Disandá** v. *Diarreia; Obradera*; ver. var. *Colerina*. Contexto: *Iscundido da mãe él foi cumeno o aminduim, foi cumeno... Ela só discutriu porque o minino disandô. Ficô de caganera uma semana ou mais.* (ANTUNES, 2013, p. 100).

**Distino** nm. Sintoma de otite relacionado à vertigem, sensação de perda da noção de equilíbrio. *Vertigem; Tontura. Labirinto.* Nota: 1. Sensação de desequilíbrio decorrente de doenças que afetam a orelha média e interna. 2. Em Contexto, a expressão *igual galinha tonta* refere-se andar de um lado para o outro. A expressão *sem destino* significa sem rumo. A expressão *o trem entrou aqui dent' da cabeça que virô uma cachoeira d'água* relata a sensação de ruído similar a cachoeira. A narrativa descreve o incômodo provocado pela otite. Contexto: *Aí noto dia eu andava o terrero todo iguali galinha tonta, mais depois que eu armucei que eu peguei o **distino**...pirdi o **distino** todo...fiquei sem **distino** de tudo...o trem entrô aqui dent' da cabeça que virô uma cachoeira d'água.* (FREITAS, 2012, p.275).

**Doraiada** nf. Sintoma de doença que traz sofrimento físico excessivo. *Sofrimento físico; Dor generalizada.* Nota: Dor generalizada, podendo ser o caso de fibromialgia. Contexto: *Tô c'uma **doraiada**.* (RIBEIRO, 2010, p.225).

**Dordói** nm. Doença similar à conjuntivite, inflamação nos olhos. *Conjuntivite.* Nota: Referência genérica a dor nos olhos, a inflamações nessa região, especialmente, conjuntivites. Contexto: *No mês de frio e de seca, a mininada toda tava de **dordói**. Lá na roça, tinha a simpatia: pegava três brasa bem grande e vermelha e colocava na bacia cum água filtrada e lavava os olho tirano as remela que ficava grudada. / Ni Trumalina, por aqui tem a simpatia pra curá **dordói**: banhá o olho cum água durmida no sereno cum ramim de arruda dentro.* (ANTUNES, 2013, p. 103).

## E

**Embulia** nf. Mal-estar e repugnância incontrolada por estresse emocional. *Náusea; Enjoo; Ânasia de vômito; Entojo; Aversão.* Nota: Desconforto estomacal, diz-se de a sensação *embrulhar o estômago* devido a aborrecimento, repugnância ou raiva. Contexto: *Quando nós ingordava porco, aquilo, no dia de matá, eu sofria, eu curria lá pra baxão (...) dava uma **embulia**.* (RIBEIRO, 2010, p.226).

**Empachada** nf. Sintoma de verminose, relaciona-se a inchaço abdominal. *Distensão abdominal; Barriguda.* Nota: No interior de Minas Gerais, *empachada* caracteriza inchaço abdominal em função de verminose, diz-se, também, barriga dura, barriguda. Contexto: *Tia, que vê uma coisa que o papai fazia pa nós e era um santo remédio? Quando... hoje eu falo criança não acontece isso mais, né? Por que que as criança ficava **empachada**.* (RIBEIRO, 2010, p. 226).

**Emprasto** nm. Loção fitoterápica ou alopática que se fixa à pele conforme sua umidade para amenizar dores. *Emplastro.* Nota: Medicamento fitoterápico que amolece ao calor e adere ao corpo. Contexto: ***Emprasto** era quando fazia assim... era... era mato, era pranta. Então pegava a pranta colocava numa vazia ou pano. A mamãe massava num pano. Massava, massava, mas o que que colocava eu num sei. Depois vinha c'aquele punhado de coisa e batia no lugar da gente, assim, ó! O **emprasto** esfregava, esfregava, esfregava ali, ó!* (RIBEIRO, 2010, p.226).

**Enfermagem** nf. Adoecimento decorrente de alteração das condições biológicas normais do organismo humano. *Doença; Enfermidade; Moléstia; Azangá; Zangá.* Nota: O termo *enfermagem*, registrado na língua oral, no interior de Minas Gerais, remete a algum tipo de padecimento do organismo humano. Contexto: *Depois de velha... que eu tou com essas **enfermagem**.* (SOUZA, 2008, p. 227).

**Enguentada** nf. Preparação medicamentosa feita com ervas e raízes. *Medicina Tradicional; Medicina popular; Remédio popular; Remédio Caseiro; Chumbalhada; Chumbaiada; Garrafada; Mandruscada; Medicina; Rescaldo; Beberagem; Raizada*. Nota: Mistura de várias plantas medicinais para obtenção de chá. Contexto: *Remédio de horta era... era... mentraço... fazia assim aquela enguentada e cozinhava, pra gente beber*. (SOUZA, 2014, 578).

**Enquente** adj. Sintoma de mal-estar que gera inquietação e ansiedade. *Agitação psicomotora*. Nota: Estado de desassossego, intranquilidade e ansiedade que acomete o ser humano em diferentes fases da vida. Contexto: *Nós num encontrava não, êl num vinha aqui não, nós encontrô... a primera vez que nós encontrô, foi na casa do véi (...), vô dele, depois a mãe dele já tava enquente pra mim... pra arrumá uma moça pra ele, pra êl sussegá, pra ele num i embora pra Belo Horizonte*. (FREITAS, 2012, p. 276-277).

**Entojo** nm. Sintoma de gravidez, relaciona-se à aversão a algum alimento, que provoca náusea ou enjoo. *Náusea; Enjoo; Ânasia de vômito; Embulia; Antojo*. Nota: Sensação de mal-estar comum à mulher grávida, enjoo. Em Contexto, a expressão *inxutinha* refere-se a sadia, quando o bebê nasce na hora certa. A expressão *tava um caco* significa cansaço em função de esforço físico feito durante o trabalho de parto. Contexto: *Ela tá grávida, tá com entojo e ela qué cumê churrasco é desse boi. / O antojo da Zita da primera vez foi mais forte! Nenhum remédio sirvia. Mas a Flavinha nasceu toda inxutinha, a mãe é que tava um caco*. (RIBEIRO, 2010, p. 226).

**Entrevado** adj. Paralisação parcial ou total dos membros inferiores, diz-se de alguém que possui pouca mobilidade. *Imobilizado; Paralisado*. Nota: Imobilidade física, parcial ou total. Contexto: *Ela já nasceu cum problema nas perna e viveu entrevada, até morrê*. (ANTUNES, 2013, p. 107).

**Erva Santa-Maria** ncf. Planta medicinal usada para afecções respiratórias, verminoses e anemia. *Ageratum; Mentraço*; Nota: A Erva Santa-Maria é também conhecida por: mastruço, mastruz, matruz, mentrasto, menstruço, mentraz, mentrei, mentrusto, mentruz. As folhas possuem sabor aromático e mais forte. Parte utilizada: Folhas e frutos. Tem como contraindicação a alta dose, que é extremamente tóxica, podendo causar a morte. É abortiva e contraindicada para menores de 2 anos. (Balbach, 1965, p. 165). Contexto: *Aí, ê pega e colocava aquela prasta/ colocava aquela erva Santa-Maria tamém, ês gostava de colocá ela*. (RIBEIRO, 2010, p. 226).

**Esbagaçado** nm. Alteração orgânica que provoca esmorecimento, cansaço e dor física. *Síncope; Desmaiado; Ataque por queda; Esmorecido*. Nota: 1. Sintoma de doença nas articulações. 2. Em Contexto, ê faz referência ao pronome pessoal *ele* e *cê* a você; *tá* e *tô* referem-se ao verbo estar, terceira pessoa e primeira do singular, respectivamente. Contexto: *Aí ê perguntô meu pai, se ele num sabia, onde tava a mãe da égua que ele tinha emprestado. Meu pai falô: Ah, eu num sei! Mais, pra que que cê quiria? Não... é porque se eu subesse aonde ela tá, eu ia comprá ela pá num pari uma égua tão ruim, iguale essa, que eu tô esbagaçado!* (RIBEIRO, 2010, p. 226-227).

**Escaderna** nf. Parte do corpo humano localizada entre o tórax e o fêmur. *Quadril; Cadeira; Cadeiras; Cadera; Quarto*. Nota: Parte que se projeta de cada lado do corpo, formado pela borda da pelve e pela parte superior do fêmur. Contexto: *A escaderna dueu e eu falei: num é nada e cuntinuei a trabaiá. Somei cum nada não. A coluna virô*. (RIBEIRO, 2010, p. 227).

**Estambo** nm. *Estômago; Istambo; Pandu*; ver. var. *Bucho*. Nota: Em Contexto, a expressão *batia água no istambo* refere-se ao cair da água no estômago. Para esse informante, a mistura rapadura e água constitui alimento forte para a saúde. Contexto: *Eu dormia com uma espingarda de dois cano no estambo*. (SOUZA, 2014, p. 579). / *Rapadura pra merenda lá na*

roça que é muito forte. A gente comia aqueles pedaço de rapadura e batia água no *istambo*. Aquilo era uma fortaleza, minina. (CORDEIRO, 2013, p.271).

**Estoporar** v. Sensibilidade e resposta imediata a alteração súbita de temperatura. *Paresia*. Nota: Exposição à mudança repentina de temperatura causando paralisia temporária. Contexto: *Mas o que que eles falam mesmo, por exemplo, a pessoa que tá torrando café, aí tá naquele calor, e sai no frio? Estopora. É isso mesmo. Eu já ouvi muito essa expressão da minha avó. Estopora. Ela entorta a boca.* (RIBEIRO, 2010, p. 227).

## F

**Febre Calatina** ncf. Doença infecciosa caracterizada por febre alta e escamação da pele, incide normalmente em crianças. *Escarlatina; Febre escarlata; Febre escarlatina*. Nota: 1. Trata-se de infecção pelo estreptococo do grupo A que é caracterizada por amigdalite e faringite. 2. Infecção estreptocócica. 3. Em Contexto, *ea* faz referência ao pronome pessoal *ela*. Contexto: *Eu tinha uma menina que ea tinha tido a febre calatina e tinha um resto do reimeido...ea já tava boa e tinha um resto dum reimeido.* (FREITAS, 2012, p. 277).

**Fedegoso** nm. Erva medicinal com propriedades antifúngica e antiinflamatória. *Senna; Maioba; Mengerioba; Pajamarioba*. Nota: Fedegoso é da família das *Fabaceae*, muito utilizada em território nacional, também conhecida por balambala, café-negro, Folio-do-pajé, fedegoso-verdadeiro, ibixuma, lava-prato, mangerioba, mamangá, mata-pasto, maioba, pajamarioba, pereriaba, taracurú. Geralmente exala mau cheiro, possui raízes grossas e flores amarelo-laranja. O fruto é uma vagem comprida. Toda planta tem cheiro forte, desagradável, e sabor amargo. Parte utilizada: Cascas, folhas, sementes e raízes. Usado para curar: Anemia, bronquite, coqueluche, doenças hepáticas, doenças venéreas, epilepsia, erisipela, erupções cutâneas, febre, febre biliosa, hepatite, hemorróidas, malária, reumatismo, sarampo, tuberculose, vermes. Contraindicações: Pode provocar aborto; as sementes não devem ser ingeridas cruas, são tóxicas. (Balbach, 1965, p. 170). Contexto: *Rancava fedegoso, rancava foia de um trem quaiqué aí e punha pra freivê, bibia e era remédio.* (CORDEIRO, 2013, p. 267).

**Fiofó** nm. *Ânus; Toba; ver. var. Boga*. Contexto: *Esse anel, agora também eu num quero mais ele, não! Pode pegá e infia no fiofó.* (ANTUNES, 2013, p. 116).

**Fuça**<sup>1</sup> nf. Região completa da face. *Face*. Nota: Fuça é a referência ao rosto de alguém. Em Contexto, a expressão *era um custo* reforça a ideia do despertar demorado. Contexto: *Ele demorava a levantá, e era um custo pra lavá as fuça e tomá café.* (ANTUNES, 2013, p. 118).

**Fuça**<sup>2</sup> nf. Região nasal. *Nariz*. Nota: Fuça é a referência ao nariz de alguém. Contexto: *A Gabina ficô porca com os ano, vivia c'as fuça suja. Uma nojera!* (ANTUNES, 2013, p. 118).

## G

**Garrafada** nf. Mistura líquida medicamentosa feita com plantas e raízes, colocada em uma garrafa, para ser consumida, aos poucos, até a cura da doença. *Medicina Tradicional; Medicina Popular; Remédio Popular; Remédio Caseiro; Beberagem*. Nota: Medicamento líquido guardado em garrafa, preparado com ervas, raízes por curandeiro, raizeiro ou pessoa entendida dos princípios ativos das plantas selecionadas. Contexto: *Fazia o chá e dava pra ela. E ela miorava. Foi ino até... Depois, o último remédio que tomô foi garrafada.* (SOUZA, 2014, p. 57).

**Geratação** nf. Perda de água pelo organismo. *Desidratação*. Nota: Estado ou processo de desidratar-se por doença. Contexto: *Colerina hoje é o que? É... diarreia(...)* **Geratação**, da barriga pra baixo. (RIBEIRO, 2010, p. 229).

**Gimidura** nf. Emissão contínua de ruídos por razão de dor ou desconforto em algum órgão do corpo. *Lamentação; Gemeção; Gemedeira; Gemido*. Nota: 1. Sons que remetem à sofrimento em função de alguma doença, processo cirúrgico ou lesão. 2. Em Contexto, *ea* faz referência ao pronome pessoal *ela*. Contexto: *Com de fé aí, cumeçava a gemê de novo, aí, tornava sai com a luzi, num tinha **gimidura**, num tinha nada ea la ia, quano eu ia assim pra fora, ea ia junto comigo*. (FREITAS, 2012, p. 280).

**Guela** nf. Região ligada ao esôfago. *Faringe; Garganta*. Nota: 1. Tubo fibromuscular por onde os alimentos passam da boca para o estômago. 2. Em Contexto, *ê* faz referência ao pronome pessoal *ele*. Contexto: *Intão toca ê lá e ê já tem o lugazinho dele de chegá lá no canto. Põe a soga. Aí põe a canga, aí abutoa a brocha aqui, na **guela** dele aqui*. (RIBEIRO, 2010, p. 229).

## H

**Hormônio da cabeça** ncm. Vaso sanguíneo localizado na região do entorno cerebral. *Vaso sanguíneo; Veia*. Nota: 1. Vaso sanguíneo ou veia localizada no cérebro. 2. Em Contexto, *ê* faz referência ao pronome pessoal *ele*. Contexto: *Uai, minha fia, é por causa de burro, ê istorô o **hormônio da cabeça** dele, aí cresceu um tumore que tirô pelo nariz mais num podia tirá, não!* (FREITAS, 2012, p. 281).

## I

**Ideia** nf. Região cerebral, parte craniana e o que se relaciona ao pensamento, à memória, à inteligência e/ou à razão. *Cabeça*. Nota: 1. Parte interna do cérebro e as faculdades geradas por ele, relacionadas à memória, à razão e a inteligência. 2. Em Contexto, a expressão *de primeiro* diz respeito às pessoas que aprendem na primeira vez que são expostas ao conteúdo da aprendizagem ou a uma ação. Na narrativa o informante diz ter aprendido a oração na primeira vez que a escutou. O *ê* faz referência ao pronome pessoal *ele*. Contexto: *É só a gente tê fé e a cabeça, a **ideia**, boa pra podê aprendê...né? De primero! Até hoje eu sei uma oração...de...confissão (...) quem subé fazê a conta é...eu sô de mil novecentos e trinta e treis. Faz a conta que cê fica sabeno...a é rapidim falava “ah cê tá com a **ideia** boa pa fazê conta”. / O vento batia na boca do vido e fazia assim uh... uh... uh... e eu com a **ideia** quente, lembrano, pensano que era o home que tava gritano, né? Peguei a corrê! Ah! Quano eu corri, aí que ê grito derêto*. (FREITAS, 2012, p. 281).

**Imbigo** nm. Região da cicatriz umbilical. *Umbigo*. Nota: 1. Depressão cutânea localizada no centro do abdômem, cicatriz produzida pelo corte do cordão umbilical, ao nascer. 2. Em Contexto, *ea* faz referência ao pronome pessoal *ela*. Contexto: *Ô menina, mais num tem muitos ano que ea morreu... cortô o **imbigo** (...) quebrô o braço e num pode vim, assim mesmo ea brigô de ciúme que os premero é pirigoso*. (FREITAS, 2012, p. 282). / *Quando dava tempo de buscar a parteira bem... quando num dava era ele mesmo... cortava o **imbigo** da criança*. (SOUZA, 2014, p. 582-583). / *Aí fazia tamém um de pô no **imbigo**... redondinho... vai as tirinha por riba... sabe como a mãe fazia aquilo... fazia pos quarto iscondida. Enfiava de baixo da cama. Oia o tanto que nós era bobo*. (RIBEIRO, 2010, p. 230). / *O **imbigo** da minina, num ficô bem curado e cresceu até ela ficá grandinha*. (ANTUNES, 2013, p. 135).

**Inelação** nf. Procedimento realizado para aspiração, absorção por via respiratória de substância própria para descongestionamento e alívio das vias afetadas. *Inalação*. Nota: Procedimento pelo qual são administradas soluções medicamentosas para tratamento de doenças respiratórias. Contexto: *Tomando o quê? Inelação. Mais diz que dá uma suadera nela. Ela dá de sinti mal. (Inelação) Aquele que tampa o vapor.* (RIBEIRO, 2010, p. 230).

**Intisicado** adj. Diz-se da pessoa que sofre rigidez muscular involuntária, seguida de dor e /ou espasmos. *Rigidez Muscular Espasmódica; Endurecido; Enrijecido*. Nota: 1. Enrijecimento muscular de músculos próximos à região do pescoço, dos ombros ou do quadril. 2. Em Contexto, *cê* faz referência ao pronome pessoal *ocê*. Contexto: *Acho que ocê exagerô no tanto de blusa que tá usano. Se vié o frio que cê tá isperano, vai ficá intisicado.* (ANTUNES, 2013, p.140).

**Intuxicá** v. Sintoma de envenenamento por alguma substância, intoxicar-se. *Intoxicação; Envenenar*. Nota: 1. Envenenamento por alergia a substância medicamentosa. 2. Em Contexto, *cê* faz referência ao pronome pessoal *ocê*. Contexto: *Mamãe tava tomano o remeido dela, a mamãe intuxicô, tudo né? Ficô toda incanjicada assim, ó, coçano, sangue saía que só cê veno.* (FREITAS, 2012, p. 283).

**Isçalavrado** adj. Diz-se da pessoa com ferimento superficial, esfoliação. *Ferimentos e lesões; Escalavrado. Esfoliado*. Nota: Lesão superficial, de baixa gravidade, arranhado, machucado fisicamente. Contexto: *Ni Almenara, ele bebeu muito e caiu da iscada de ferro. Ficô todo isçalavrado. / A Baliza e a Mueda caíro no buraco, e a Baliza ficô com o coro todo isçalavrado.* (ANTUNES, 2013, p. 141).

**Ismuricido** adj. Diz-se da pessoa com fraqueza e baixa reação dos sentidos. *Doente Terminal; Esmorecido*. Nota: Ausência de vigor, enfraquecimento, pouca reação aos sinais vitais. Contexto: *De tardinha, vinha a febre, ela ficava ismuricida. Dipois de seis meses, ela morreu. Tinha 87 anos, mas foi a maior tristeza. As filha custaro conformá.* (ANTUNES, 2013, p. 142).

**Ispinhela Caída** ncf. Doença que causa dores na região do tórax. *Dor lombar, Lumbago; Lombalgia*. Nota: 1. Doença aguda ou crônica que afeta a região lombar ou sacral podendo estar associada com entorses e distensões dos ligamentos dos músculos, deslocamento do disco intervertebral e outras afecções. 2. Em Contexto, a narrativa traz trecho de benzeção, hábito religioso comum entre os mineiros. Contexto: *Pai do fi do Isprito Santo amém! Jesus é nascido. Jesus nascido é fi da Virge Maria sem pecado. Jesus Nazaré cura de ispinhela caída, vento virado, bila derramada, ar preso, vento igalzado, assim, mesmo, Jesus me cura em nome do pai, filho, Isprito Santo amém! Jesus de Nazaré há de provê tudo e dá miora.* (FREITAS, 2012, p. 284).

**Istrupiado** adj. Diz-se da pessoa que possui limitação para mobilidade dos membros. *Invalidez; Estropiado; Inválido*. Nota: Dificuldade em locomover-se sem apoio por má postura, acidente ou doença. Contexto: *Quand´a pessoa viaja muito a cavalo, machuca os quarto, as parte baxa, aí fica istrupiado. / A Baliza e a Mueda caíro no buraco. Num morrero, não, mas ficaro istrupuada.* (ANTUNES, 2013, p. 144).

## J

**Junta do osso** ncf. Junção ou articulação óssea. *Articulação; Joelho*. Nota: Em Contexto, o informante narra a observação que deve ser feita para perceber a alteração na junção óssea da parte posterior do joelho. Contexto: *Por isso que tem que benzê, na frente. Daqui assim, ó! E*

*ocê ispichá a junta do osso aqui... tá grosso, é! Deus abençoa que cê vai miorá.* (FREITAS, 2012, p. 448).

**Junta iscunjuntada** ncf. Articulação deslocada parcial ou completa das extremidades dos ossos, resultante de doença na região. *Luxação; Deslocamento*. Nota: 1. Inflamação de um osso e sua cartilagem sobreposta. 2. Em Contexto, a benzeção apresenta o pedido de cura do informante para as doenças citadas. Descrevemos as doenças neste instrumento com exceção de *carne quebrada* e *nervo assombrado*. Na narrativa, *carne quebrada* refere-se a hematoma e o conceito para *nervo assombrado* não foi encontrado nas obras de referência. Contexto: *Jesus é nascido! Jesus nascido é fí da Virge Maria, sem pecado. Me cura essa ringidura, Jesus Nazaré! Ê me benze de carne quebrada, veia rota, nervo assombrado, junta iscunjuntada, osso ringido, assim mesmo Jesus, me cura! Amém!* (FREITAS, 2012, p. 284).

## L

**Lança** v. Expelir golfo, vômito ou secreção similar. *Vomitar, Êmese*. Nota: 1. Expelir, pela boca, com esforço e em golfadas, o alimento ingerido (ANTUNES, 2013, p. 153). 2. Em Contexto, a palavra *murcela* significa chorizo. A expressão *estômago ripunano* refere-se a incômodo causado por intoxicação alimentar ou infecção gástrica. Contexto: *Num tem jeito. Toda vez que ela come murcela, cumida que tem sangue, fica com o estômago ripunano, depois lança.* (ANTUNES, 2013, p. 153).

**Ligá** v. Procedimento de interrupção de parte da atividade no canal das trompas. *Esterilização tubária; Laqueadura tubária; Laqueadura de trompas; Ligadura de trompas*. Nota: Segundo a Lei 9.263 as instâncias gestoras do Sistema Único de Saúde (SUS), em todos os seus níveis, estão obrigadas a garantir, de forma segura, em toda a sua rede de serviços, assistência à concepção e contracepção como parte das demais ações que compõem a assistência integral à saúde, incluindo as práticas da laqueadura de trompas e da vasectomia. Contexto: *Vem mascate de lá aqui, que ela, essa dotora, só sabe ligá muié pa num tê mais fio.* (ANTUNES, 2013, p. 156).

## M

**Mandruscada** nf. Medicamento fitoterápico feito a partir de mistura de ervas que inclui fedegoso. *Medicina Tradicional; Medicina Popular; Remédio Popular; Remédio Caseiro; Beberagem; Chumbaiada; Chumbalhada; Enguentada; Garrafada; Raizada*. Nota: 1. Chá de fedegoso e outras ervas. 2. Em Contexto, a expressão 'quebrava aquilo' refere-se a ingestão rápida do medicamento. Contexto: *É óleo de mamona! Ia lá pegava o óleo, fervia uma água, botava ali umas mandruscada dentro, né? Botava um pouco de fedegoso, fazia um copo duplo e o camarada quebrava aquilo.* (SOUZA, 2008, p.231).

**Manquitolá** v. Movimentar-se com muita dificuldade, dificuldade em usar os dois pés, sintoma de invalidez parcial. *Claudicar; Capengar; Mancar*. Contexto: *Aí, quanto mais ele viajava mais o vei manquitolava, incostava perto dele.* (ANTUNES, 2013, p. 164).

**Macela** nf. Planta amarga com propriedade medicinal, usada para afecções gástricas e intestinais. *Camomila; Macela-Fétida; Macela-do-campo; Macelinha de travesseiro; Carrapichinho-de-agulha*. Contexto: *O senhor tomava chá de quê? – De afavaca, era de todo jeito. Ah! Prá gripe memo e pá tudo quanto há. Quando soltava o intestino: a macela, dava*

diarreia. **Macela** é um raminho que dá na horta, (*Macela é*) *margosa!* (RIBEIRO, 2010, p. 233).

**Medicina** nf. Preparo medicamentoso para tratamento de doença, similar a remédio caseiro ou alopático. *Medicina Tradicional; Medicina Popular; Remédio popular; Remédio Caseiro.* Nota: Fórmula medicamentosa de tratamento da saúde. Contexto: *Até hoje eles fala acesso, mas antigamente era ataque que falava, né? É ataque, que ele tava babano, espumano. Hoje, não, que tem muita medicina, né?* (ANTUNES, 2013, p. 167).

**Mentraço** nm. Erva da família *compositae* usada para tratar as afecções digestivas, respiratórias e reumáticas. *Ageratum; Mastruço; Mastruz; Matrutz; Menstruço; Mentraço; Mentraz; Mentrei; Mentruste; Mentrusto; Mentrutz.* Nota: 1. Em Contexto, a expressão *azangava o istambo* faz referência a doenças estomacais. Não foi encontrada, nas referências, variante para folha de *Chico Ramo*, conforme leituras na web relaciona-se a *Pau doce*. 2. Planta aromática e de sabor amargo. Usada em casos de resfriados e cólicas menstruais. Conhecida como catinga de bode, erva falsa de São João, celestina, erva de Santa Lúcia, mentraço, mentruz, picão-roxo, camará-opela. Trata-se de uma erva anual de até 1 metro de altura, flores nas cores lilás, roxo azuladas ou brancas que aparecem nos meses de setembro e outubro. Popularmente é usada em banhos pelas parturientes para facilitar o trabalho de parto, para aliviar cólicas, gases intestinais, distensão do abdômen, muco branco, resfriados, tosse e sinusite. (Balbach, 1965, p. 217). Contexto: *O povo aduicia. Quando a gente aduicia a gente tinha fé é n' aquês remédio. Ô mais se azangava o istambo, assim, né? Conforme sai pro mato rancano uma raiz aqui, ota ali. Raiz de mentraço, raiz de mentraço, raiz de... panhava raiz de mentraço e foia de chico ramo. Essas foia!* (CORDEIRO, 2013, p. 274).

**Míndia** nf. Vagina. *Piriquita; Pixéu; Tiché;* ver. var. *Belarmina.* Contexto: *Belarmina, míndia ou prequita, até parece nome inocente.* (ANTUNES, 2013, p. 170).

**Mocorongo** adj. Diz-se de quem apresenta tristeza e desânimo como sintoma de depressão. *Consternação; Consternado.* Nota: Moralmente abatido, estado de desolação, desânimo e tristeza, cabisbaixo. (ANTUNES, 2013, p. 170). Contexto: *Incontrei com ele no camim. Tava tão mocorongo! Num é pra menos, né?* (ANTUNES, 2013, p. 170).

## O

**Obradera** nf. *Diarreia; Disandá; Caganeira;* ver. var. *Colerina.* Nota: Eliminação contínua de fezes líquidas e abundantes. Contexto: *Olha, moço, morreu gente de um tanto de doença diferente: febrão, dor de cabeça, obradera.* (ANTUNES, 2013, p. 182).

**Óleo de capaúva** ncm. Extrato oleoso retirado da árvore da Capaúva para tratamento de reumatismo. *Copaiva; Copaíba; Óleo de copaíba; Pau de Óleo.* Nota: Óleo usado em diversas aplicações medicinais, extraído da árvore capaúva, também denominada Copaíba. Contexto: *Óleo de Capaúva é bão pra reumatismo.* (RIBEIRO, 2010, p. 235).

**Opilado** adj. Diz-se da pessoa pálida em função de verminose. *Pálido; Amarelo.* Nota: 1. Diz-se da pessoa que tem a cor amarelada por doença e aparenta desânimo. 2. Em Contexto, a forma *tá* é uma variação do verbo *estar*. Contexto: *Esse minino deve de tá opilado, gente! Deve tá chei de lumbriga.* (ANTUNES, 2013, p. 183).

**Ossó ringido** ncm. Sintoma de ruptura óssea. *Fratura óssea; Ossó quebrado.* Nota: 1. Presença de trinca na formação óssea. 2. Em Contexto, a benzeção apresenta o pedido de cura do

informante para as doenças citadas. Descrevemos as doenças citadas neste instrumento com exceção dos itens lexicais *carne quebrada* e *nervo assombrado*. Na narrativa, *carne quebrada* refere-se a hematoma e o conceito para *nervo assombrado* não foi encontrado nas obras de referência. Contexto: *Jesus é nascido! Jesus nascido é fí da Virge Maria, sem pecado. Me cura essa ringidura, Jesus Nazaré! Ê me benze de carne quebrada, veia rota, nervo assombrado, junta iscunjuntada, osso ringido, assim mesmo Jesus, me cura com Deus Pai, Deus Filho, Deus Isprito Santo, amém!* (FREITAS, 2012, p. 290).

## P

**Pança** nf. Região abdominal com inchaço ou volume decorrente de mau processo de má alimentação. *Abdome; Barriga*. Nota: Região do corpo que se localiza entre o tórax e a pelve. Em Contexto, a expressão *encher a pança* significa alimentar-se, o mesmo dizer: encher a barriga. A expressão *jogando versos* remete ao costume de conversar, brincar com as palavras, criar poemas e canções. Contexto: *Logo depois de enchermos a pança, estávamos lá jogando versos, que são cantigas praticamente esquecidas: carvão queimou, cair no poço.* (ANTUNES, 2013, p. 186).

**Pandu** nm. *Estômago; Estambo; Istambo*; ver. var. *Bucho*. Nota: Em Contexto, a expressão *tá incheno o pandu* significa alimentar-se fartamente. Contexto: *Assim não vai almuçá. Tá incheno o pandu de biscoito.* (ANTUNES, 2013, p. 187).

**Pano** nm. Sintoma de dermatite, marcas que surgem na parte superficial da pele em função de inflamação. *Dermatopatia, Dermatose; Doenças de pele; Doença Cutânea; Doença Dermatológica; Mancha*. Nota: Manchas esbranquiçadas que aparecem na pele causadas, geralmente, por fungos. Contexto: *Era uma minina muito bunita, mas agora tá c'a cacunda cheia de pano, tá toda manchada.* (ANTUNES, 2013, p. 187).

**Parteira** nf. Mulher, sem formação acadêmica, capaz de realizar o procedimento de parto. *Parteira Leiga*. Nota: Pessoa sem formação médica com conhecimento, baseado na observação e prática, para fazer o procedimento de parto na parturiente. Contexto: *As mulhê lá chamava as Parteira e pegava o filho, né? E nunca foi no médico.* (SOUZA, 2008, p. 233).

**Passagem** nf. Sintoma de menopausa, cessação fisiológica do ciclo menstrual. *Menopausa*. Nota: Processo de interrupção do ciclo menstrual. Contexto: *Ela tava fazeno passagem, que ela casô nova, né? Criô as fiarada tudo. Morreu munto nova*". (RIBEIRO, 2010, p. 236).

**Peitorá** nm. Região do tronco entre pescoço e abdome. *Tórax; Peito, Caixa torácica*. Nota: Em Contexto, a expressão *pro peitorá abri* indica ação de tratamento para afecções respiratórias. Contexto: *Esse foizinho aí, esse trem que tá aí istindido na terra aí, é trem que fazia remédio pra criança. Pro peitorá abri, pro istambo. Oli bassurinha, pro mode dô de barriga.* (CORDEIRO, 2013, p. 277).

**Pereba** nf. Lesão cutânea, geralmente coberta por uma casca grossa, causada por ácaro. *Escabiose; Sarna Sarcóptica, Sarna; Coruba; Jareré; Pira*. Nota: Parasitose da pele causada por um ácaro, cuja penetração deixa lesões em forma de vesículas, pápulas ou pequenos sulcos, nos quais ele deposita seus ovos. As áreas preferenciais da pele onde se visualizam essas lesões são: regiões interdigitais, punhos (face anterior), axilas (pregas anteriores), região peri-umbilical, sulco interglúteo, órgãos genitais externos nos homens. Em crianças e idosos, podem também ocorrer no couro cabeludo, nas palmas e plantas. O prurido é intenso e, caracteristicamente, maior durante a noite, por ser o período de reprodução e deposição de ovos.

(Brasil Dermatologia, 2002, p. 38). Contexto: *Tinha gente que dava uma ferida na perna. Dava uma **pereba** na perna e tratava com casca de mamona, pisava na mamona e botava em cima da **pereba**.* (SOUZA, 2014, p. 593). / *Estou chateada, pois a Anita me contou que a Ana está com a cabeça cheia de piolho e ainda por cima tem **pereba** por todo lado.* (ANTUNES, 2013, p. 191).

**Perrengue** adj. Diz-se de quem está debilitado por adoecimento ou mal-estar em função de alterações climáticas extremas ou do organismo humano. *Debilidade muscular; Fraqueza muscular; Debilitado.* Nota: Perrengue associa-se à pessoa doente por exposição à friagem ou a algum agente patogênico. Contexto: *Tia Isa tá tão acostumada com o calor de Jequitinhonha que só de tomá um ventinho já fica **perrengue**.* (ANTUNES, 2013, p. 192). / *Um dia eu tava aí **perrengue**, aí... eu já tava com um reumatismo nas minhas pernas, moço.* (SOUZA, 2014, p. 593).

**Perrengue** nf. Sintoma de prostração, estado de desânimo. *Enfermo; Paciente; Doente; Cliente; Prostração.* Nota: Desânimo decorrente de problema de saúde. Contexto: *Por isso, hoje, tem hora que eu acho que um mucado das **perrengue** minha é isto.* (CORDEIRO, 2013, p. 277).

**Picão** nm. Erva medicinal utilizada para tratar icterícia, afecções gástricas, respiratórias e urinárias. *Bidens; Erva-Picão; Picão-Amarelo; Picão Grande.* Nota: Picão é uma erva anual que floresce em todo o Brasil, é conhecida também como macela-do-campo, erva-picão, picão-do-campo, picão-preto, piolho-de-padre, carrapicho, pacunga, cuambu. Possui um caule ereto, quadrangular de até 1,5 cm de altura e é ramosa. Utiliza-se das folhas na forma de chá para combater icterícia, hepatite e diabetes. (Balbach, 1965, p. 226). Contexto: *Hipatite? E... só dava nas criança, e curava cum **picão**, né? **Picão!** Mas hoje hipatite é curada cum **picão**.* (RIBEIRO, 2010, 237).

**Piripaque** nm. Mal-estar físico abrupto, causando ou não óbito. *Temperamento; Temperamento nervoso; Ataque de nervos.* Nota: 1. Acesso súbito dos nervos. 2. Em Contexto, a expressão *sem quê nem pra quê* indica reação nervosa sem motivo específico. Contexto: *A gente tava cunversano e, sem quê nem pra quê, ela teve um **piripaque** e começou a gritá.* (ANTUNES, 2013, p. 194).

**Piriquita** nf. *Vagina; Míndia; Pixéu; Tiché.* ver. var. *Belarmina.* Contexto: *Ele ficava ispiانو pelo buraco da fechadura pra tentá vê a **piriquita** da prima.* (ANTUNES, 2013, p. 194).

**Pixéu** nm. *Vagina; Míndia; Tiché;* ver. var. *Belarmina.* Contexto: *Aqui custuma chamá de **pixéu** a vagina, né? Dá briga tamém. / Falô: amola otro, minina. Vai lavá seu **pixéu**, que é muito melhó!* (ANTUNES, 2013, p. 195).

**Pó** nm. Genitália masculina. *Pênis.* Contexto: *Foi turma de gente lá, num foi descoberto isso, matô o homem... cortô o **pó** dele... e matô a muié... cortô os seios dela tudo! Uma morte com covardia, né? Caçano o oro.* (MIRANDA, 2013, p. 250).

## Q

**Quartão** nm. Área de sustentação do fêmur, quando possui grande volume. *Quadril, Cadeira; Cadeiras.* Nota: 1. Quartão faz referência a pessoa de quadril largo e às patas de animais. 2. Em Contexto, o informante relata um momento de refeição. As expressões *sapecava aquele trem* e *comia sem sali* indicam uso de tempero na primeira e ausência de sal na segunda. O informante narra o modo de temperar a carne que serve de alimento. Contexto: *Botava aqueles caixão de*

*costela ali... sapecava aquele trem e comia sem sali... e os **quartão** da rês largava tudo aí.* (SOUZA, 2014, p. 596).

**Quarto** nm. *Quadril*; ver var. *Escadara*. Contexto: *O parto dela demorô dimais e, antes de morrê, ela quexô muita dor nos **quarto**.* (ANTUNES, 2013, p.202).

## R

**Relepá** v. Ação de machucar ou arranhar. *Ferimentos e lesões; Ferida; Ferimento; Lesão; Machucá; Machucadura*. Nota: Em Contexto a expressão *pocar os pés* refere-se a bolhas nos pés em função de longa caminhada. Contexto: *Vamos andar depressa, mas sem pocar os pés e sem **relepá** as pernas.* (ANTUNES, 2013, p. 208).

**Remela** nf. Secreção matinal da região das pálpebras. *Secreção; Catarro*. Nota: Secreção amarelada ou esbranquiçada presente nos olhos ao levantarmos ou em decorrência de alguma doença. Em Contexto, a palavra *véiaco* significa idoso. Contexto: *Nos mês de frio e de seca, a mininada toda tava de dordói. Lá na roça, tinha a simpatia: pegava três brasa bem grande e vermelha e colocava na bacia cum água filtrada e lavava os olhos tirano as **remela** que ficava grudada.* (ANTUNES, 2013, p. 208).

**Rescaldo** nm. Preparo líquido feito à base de cinzas com finalidade medicinal. *Medicina Tradicional; Medicina Popular; Remédio Popular; Remédio Caseiro*. Nota: Rescaldo é uma bebida feita com cinzas misturadas na água fria ou morna, usada no tratamento de doenças. Seu efeito assemelha-se ao de bicarbonato de sódio, muito consumido na região rural. Contexto: *Tem que ser **rescaldo**, né? **Rescaldo** de fogão.* (CORDEIRO, 2013, p. 280). / *Remédio tinha que tomá era da horta ou intão mandá trazê de Minas Nova. Mãe chiava e o remédio dela era **rescaldo**, senão num tinha jeito.* (CORDEIRO, 2010, p. 1969).

## S

**Sacudido** adj. Diz-se de quem tem aparência saudável. *Portador Sadio; Saudável*. Nota: Forte, saudável, galhardo, esbelto. Em Contexto, a expressão *veíaco* indica terceira idade. Contexto: *Ele era **sacudido**, mais era véiaco dimais.* (RIBEIRO, 2010, p.240).

**Sezão** nf. Doença causada pela picada da fêmea do mosquito do gênero *Anopheles* em que a febre é periódica e descontínua, própria da malária em humanos. *Malária; Paludismo; Impaludismo; Maleita; Doença Malárica; Infecção Malárica; Febre do Mangue; Febre da Malária; Febre Malárica; Febre Remitente Paludosa; Fiebre Remitente; Tremedeira; Batedeira*. Nota: Doença infecciosa causada pelo protozoário do gênero *Plasmodium*, que aniquila os glóbulos vermelhos do sangue, tornando as pessoas anêmicas. Transmitida por meio da picada de fêmeas de mosquito, por transfusão de sangue ou, mais dificilmente, por compartilhamento de agulhas e seringas infectadas. (BRASIL SAÚDE, 2014, p. 252) Contexto: *Aí o meu pai tinha ido pa mata aí pa dento, em Água Fria, e arranjo uma duença chamada **sezão**.* (ANTUNES, 2013, p. 217).

**Surdá** v. Ausência do sentido da audição. *Surdez*. Nota: 1. Perder parcialmente a audição; ensurdecer. 2. Em Contexto, a palavra *escancarada* indica aberta. Contexto: *Minha boca tava escancarada assim, sem pudê colocá a língua dento. É! **Surdô**. Só escutava zum...zum... o truvão.* (ANTUNES, 2013, p. 220).

## T

**Taio** nm. Incisão da epiderme com instrumento cortante ou pontiagudo. *Ruptura; Corte*. Nota: 1. Ruptura, incisão de tecido cutâneo por acidente. 2. Em *Contesto*, *ea* faz referência ao pronome pessoal *ela*. Contexto: *Ele feiz não pra ea, pá num falá que tava taio gande*. (RIBEIRO, 2010, p. 241).

**Tapo** nm. Material de proteção utilizado em procedimento de restauração de um ou dos dois olhos. *Tampões cirúrgicos; Gase; Tampão*. Nota: Tapo é uma pequena gase usada para curativos nos olhos. Contexto: *De noite ele limpô essa aqui. No oto dia tirô ferramenta, o tapo. — Hoje eu já enxerguei, falei!* (RIBEIRO, 2010, p. 241).

**Tiché** nm. *Vagina; Míndia; Piriquita; Pixéu*; ver. var. *Belarmina*. Contexto: *Quand'ela chegava nos lugá, o povo já... que vinha aquele chero forte, minha mãe falava que o chero ruim é porque ela num lavava o tiché. Num tinha higiene*. (ANTUNES, 2013, p. 225).

**Tiriça** nf. Sinal clínico de hiperbilirrubinemia, que ocasiona coloração amarela na pele. *Icterícia*. Nota: Sintoma que pode ter várias causas, caracterizado pela pele amarelada. Contexto: *Dor de ouvido forte em criança, dor de barriga. Era tanta coisinha. Tiriça, né?* (RIBEIRO, 2010, p. 242).

**Toba** nm. *Ânus; Fiofó*; ver. var. *Boga*. Contexto: *Dexa de me amolá, viado! Vai tomá no toba*. (ANTUNES, 2013, p. 227).

## V

**Veia Rota** ncf. Veia de difícil pega ou ausência de veia para exame ou aplicação medicamentosa. *Veias varicosas; Sem veia; Veia arreventada*. Nota: 1. Veia pouco aparente, de difícil acesso. 2. Em *Contexto*, a benzeção apresenta o pedido de cura do informante para as doenças citadas. Descrevemos as doenças neste instrumento com exceção de *carne quebrada* e *nervo assombrado*. Na narrativa, *carne quebrada* refere-se a hematoma e o conceito para *nervo assombrado* não foi encontrado nas obras de referência. Contexto: *Jesus é nascido! Jesus nascido é fí da Virge Maria, sem pecado. Me cura essa ringidura, Jesus Nazaré! Ê me benze de carne quebrada, veia rota, nervo assombrado, junta iscunjuntada, osso ringido, assim mesmo Jesus, me cura!* (FREITAS, 2012, p. 293).

**Vento igauzado** ncm. Sintoma de prisão de ventre, retenção de gases. *Constipação Intestinal; Obstipação; Prisão de ventre; Vento encauzado*. Nota: 1. Processo de retenção de gases intestinais. 2. Em *Contexto*, a benzeção apresenta o pedido de cura do informante para as doenças citadas. Descrevemos as doenças neste instrumento com exceção de *carne quebrada* e *nervo assombrado*. Na narrativa, *carne quebrada* refere-se a hematoma e o conceito para *nervo assombrado* não foi encontrado nas obras de referência. Contexto: *Pai, do Fi, do Isprito Santo, Amém! Jesus é nascido! Fí da Virge Maria sem pecado, é Jesus Nazaré cura (E...) de ispinhela caída, vento virado, bila derramada, ar preso, vento igauzado, assim mesmo, Jesus me cura em nome do Pai, Filho, Isprito Santo, Amém! Jesus de Nazaré há de provê tudo e dá miora*. (FREITAS, 2012, 294).

Na seção seguinte, em 5.1.5, apresentamos o índice remissivo dos itens lexicais julgados terminológicos. Nesse índice consta os verbetes, as entradas do glossário, instrumento terminográfico trabalhado neste capítulo. O primeiro item é o remissivo da entrada.

### 5.1.5 Índice remissivo dos itens lexicais terminológicos

Abdome: v. Pança  
Abdômen: v. Pança  
Ageratum: v. Erva Santa Maria, Mentraço  
Agitação psicomotora: v. Enquente  
Agravá: v. Azangá  
Amarelo: v. Opilado  
Ancilostomiase: v. Amarelão  
Ânsia de vômito: v. Embulia  
Antojo: v. Entojo  
Ânus: v. Boga, Fiofó; Toba  
Arranhar: v. Relepar  
Articulação: v. Junta do osso  
Ascite: v. Barriga d'água  
Ataque de nervos: v. Piripaque  
Ataque por queda: v. Esbagaçado  
Aversão: v. Embulia  
Azangá: v. Enfermagem  
Balambala: v. Fedegoso  
Barriga: v. Pança  
Barriguda: v. Empachada  
Batedeira: v. Sezão  
Beberagem: v. Chumbalhada; Enguentada; Garrafada, Mandruscada  
Berne: v. Bichera  
Bicheira: v. Bichera  
Bidens: v. Picão  
Boca: v. Beiço  
Boga: v. Fiofó; Toba  
Bolha: v. Borboinha  
Bolhas: v. Borboinha  
Bonitinha: v. Bunitinha  
Brotoeja: v. Bertueja  
Bubuinha: v. Borboinha  
Burtueja: v. Bertueja  
Cabeça: v. Ideia  
Cabisbaixo: v. Mocoongo  
Cacunda: v. Cacunda  
Cadeira: v. Escadere, Quartão  
Cadeiras: v. Escadere, Quartão  
Cadera: v. Escadere, Quarto  
Café-negro: v. Fedegoso  
Caganeira: v. Obradera  
Caixa torácica: v. Peitorá  
Camará-opela: v. Mentraço  
Camomila: v. Macela  
Canudo: v. Erva Santa-Maria  
Capengar: v. Manquitolá  
Carcunda: v. Cacunda  
Carnicão: v. Carnegão

Carrapichinho-de-agulha: v. Macela  
Carrapicho: v. Picão  
Catarro: v. Remela  
Catinga de bode: v. Mentraço  
Chiado: v. Chiata  
Chumbaiada: v. Chumbalhada; Enguentada, Mandruscada  
Chumbalhada: v. Chumbalhada; Enguentada, Mandruscada  
Claudicar: v. Manquitolá  
Cliente: v. Perrenguice  
Clister: v. Cristel  
Cócoras: v. De coque  
Coerana-branca: v. Bassurinha  
Colangite: v. Bila Derramada  
Cólera: v. Colerina  
Colerina: v. Obradera; Disandá; Caganeira  
Conjuntivite: v. Dordói  
Consternação: v. Mocarongo  
Consternado: v. Mocarongo  
Constipação: v. Difruço  
Constipação Intestinal: v. Vento igauzado  
Copaíba: v. Óleo de capáúva  
Copaiva: v. Óleo de capáúva  
Corrente-roxa: v. Bassurinha  
Coriza aguda: v. Difruço  
Corte: v. Taio  
Coruba: v. Pereba  
Costas: v. Cacunda  
Cravinho-do-campo: v. Erva Santa-Maria  
Cravinho-do-mato: v. Erva Santa-Maria  
Cuambu: v. Picão  
Debilidade muscular: v. Perrengue  
Debilitado: v. Perrengue  
Defecação: v. Obrar  
Defecar: v. Obrar  
Dermatopatia: v. Pano  
Dermatose: v. Pano  
Desanimado: v. Perrenguice  
Desarticulado: v. Descadeirado  
Desconjuntado: v. Descadeirado  
Desidratação: v. Geratação  
Desinchar: v. Desvanecê  
Desintéria: v. Disandá; Obradera  
Desintumecer: v. Desvanecê  
Deslocamento: v. Descadeirado; Junta Isconjuntada  
Desmaiado: v. Esbagaçado; Iscornado  
Diarreia: v. Colerina; Disandá; Obradera  
Disandá: v. Colerina; Obradera  
Distensão abdominal: v. Empachada  
Doença: v. Enfermagem; Azangá  
Doença cutânea: v. Pano

Doenças de pele: v. Pano  
Doença Dermatológica: v. Pano  
Doença do jeca tatu: v. Amarelão  
Doença Malárica: v. Malária; Sezão  
Doente: v. Perrenguce  
Doente Terminal: v. Ismuricido  
Dor generalizada: v. Sofrimento físico  
Dor lombar: v. Ispinhela Caída  
Dor nos olhos: v. Dordói  
Dorso: v. Cacunda  
Eliminação lacrimal: v. Correçãozada  
Êmese: v. Lançá  
Emplasto: v. Emprasto  
Emplastro: v. Emprasto  
Endurecido: v. Intisicado  
Enema: v. Cristel  
Enfermidade: v. Enfermagem  
Enfermo: v. Perrenguce  
Enguentada: v. Chumbalhada  
Enjoo: v. Embulia; Entojo  
Enrijecido: v. Intisicado  
Entojo: Embulia  
Envenená: v. Intuxicá  
Equilibrado: v. Sacudido  
Erva de Santa Lúcia: v. Mentraço  
Erva-do-méxico: v. Erva Santa-Maria  
Erva-embrósia: v. Erva Santa-Maria  
Erva falsa de São João: v. Mentraço  
Erva-formiga: v. Erva Santa-Maria  
Erva-formigueira: v. Erva Santa-Maria  
Erva-lombrigueira: v. Erva Santa-Maria  
Erva-mata-pulgas: v. Erva Santa-Maria  
Erva-picão: v. Picão  
Erva-pomba-rota: v. Erva Santa-Maria  
Erva-santa: v. Erva Santa-Maria  
Erva-vomiquiera: v. Erva Santa-Maria  
Escabiose: v. Catita, Pereba  
Escaderna: v. Quartão, Quarto  
Escalavrado: v. Iscalavrado  
Escarlatina: v. Febre Calatina  
Escornado: v. Iscornado  
Esfoliado: v. Iscalavrado  
Esmorecido: v. Esbagaçado, Ismuricido  
Estambo: v. Bucho  
Esterilização tubária: v. Ligá  
Estômago: v. Bucho; Estambo; Pandu  
Estropiado: v. Istrupiado  
Estupor: v. Estoporá  
Evacuação contínua: v. Disandá  
Excreção lacrimal: v. Correçãozada

Faringe: v. Guela  
Face: v. Fuça  
Febre: v. Sezão  
Febre da malária: v. Sezão  
Febre do manguê: v. Sezão  
Febre escarlate: v. Febre Calatina  
Febre escarlatina: v. Febre Calatina  
Febre intermitente: v. Sezão  
Febre malárica: v. Sezão  
Febre palúdica: v. Sezão  
Febre palustre: v. Sezão  
Febre quartã: v. Sezão  
Febre remitente paludosa: v. Sezão  
Febre terçã benigna: v. Sezão  
Febre terçã maligna: v. Sezão  
Ferida: v. Catita  
Ferimentos e lesões: v. Iscalavrado; Relepá  
Fiofó: v. Toba; Boga  
Fraco: v. Perrengue  
Fraqueza muscular: v. Perrengue  
Fratura óssea: v. Osso ringido  
Furúnculo: v. Carnegão  
Furunculose: v. Carnegão  
Garrafada: Enguentada  
Garganta: v. Guela  
Gase: v. Tapo  
Gemeção: v. Gimidura  
Gemedeira: v. Gimidura  
Gemido: v. Gimidura  
Gripe: v. Difruço  
Hepatite: v. Amarelão  
Helmintíase: v. Bicha  
Hordéolo: v. Bunitinha  
Icterícia: v. Tiriça  
Imobilização: v. Entrevado  
Imobilizado: v. Entrevado  
Impaludismo: v. Sezão  
Inalação: v. Inelação  
Infecção malárica: v. Sezão  
Infecções por Plasmodium: v. Sezão  
Inquieto: v. Enquente  
Intoxicação: v. Intuxicá  
Invalidez: v. Istrupiado  
Inválido: v. Istrupiado  
Istambo: v. Estambo  
Jareré: v. Pereba  
Joelho: Junta do osso  
Junção óssea: v. Junta do osso  
Junta isconjuntada: v. Descadeirado  
Junta óssea: v. Junta do osso

Juntura óssea: v. Junta do osso  
Lábio: v. Beiço  
Labirinto: v. Distino  
Lacrimejamento: v. Correçãozada  
Lamentação: v. Gimidura  
Laqueadura de trompas: v. Ligá  
Lesão: v. Relepá  
Lesão cutânea: v. Catita  
Ligadura de trompas: v. Ligá  
Lombalgia: v. Ispinhela Caída  
Lombriga: v. Bicha  
Lumbriga: v. Bicha  
Lumbago: v. Ispinhela Caída  
Luxação: v. Junta Iscunjuntada  
Macela: v. Macela  
Macelinha de travesseiro: v. Macela  
Macela-do-campo: v. Macela  
Macela-fétida: v. Macela  
Machucá: v. Relepá  
Mandruscada: v. Chumbaiada  
Mãe das febres: v. Sezão  
Maioba: v. Fedegoso  
Malária: v. Sezão  
Maleita: v. Sezão  
Malvaceae: v. Bassurinha  
Mancá: v. Manquitolá  
Mancha: v. Pano  
Mandruscada: v. Enguentada  
Manquejar: v. Manquitolá  
Marelão: v. Amarelão  
Mastruço: v. Erva Santa-Maria, Mentraço  
Mastruz: v. Erva Santa-Maria, Mentraço  
Matruz: v. Erva Santa-Maria, Mentraço  
Medicina: v. Chumbalhada; Enguentada; Garrafada; Mandruscada, Medicina  
Medicina Tradicional: v. Chumbalhada; Enguentada; Garrafada; Mandruscada, Medicina;  
Medicina Tradicional: v. Rescaldo  
Medicina Alternativa: v. Chumbalhada; Enguentada; Garrafada; Mandruscada, Medicina;  
Medicina Alternativa: v. Rescado  
Medicina Popular: Chumbalhada; Enguentada; Garrafada; Mandruscada, Medicina; Rescaldo  
Mengerioba: v. Fedegoso  
Menopausa: v. Passagem  
Mentrasto: v. Erva Santa-Maria; Mentraço  
Menstruço: v. Erva Santa-Maria; Mentraço  
Mente: v. Ideia  
Mentrasto: v. Erva Santa-Maria; Mentraço  
Mentraz: v. Erva Santa-Maria; Mentraço  
Mentrei: v. Erva Santa-Maria; Mentraço  
Mentruete: v. Mentraço  
Mentrueto: v. Erva Santa-Maria; Mentraço  
Mentruz: v. Erva Santa-Maria; Mentraço

Mífase: v. Bichera  
Miliária: v. Bertueja  
Miliária rubra: v. Bertueja  
Míndia: v. Piriquita; Pixéu; Tiché  
Moléstia: Enfermagem  
Moribundo: v. Ismuricido  
Nariz: v. Fuça  
Náusea: v. Embulia; Entojo  
Obradera: v. Disandá  
Obstipação: v. Vento igauzado  
Óleo de copaíba: v. Óleo de capaúva  
Opilação: v. Amarelão  
Osso quebrado: v. Osso ringido  
Paciente: v. Perrenguce  
Pajamarioba: v. Fedegoso  
Palidez: v. Opilado  
Pálido: v. Opilado  
Paludismo: v. Malária; Sezão  
Pandu: v. Bucho  
Paralisado: v. Entrevado  
Paralisia: v. Estoporar  
Paresia: v. Estoporar  
Parteira Leiga: v. Parteira  
Pau de Óleo: v. Óleo de capaúva  
Peito: v. Peitorá  
Pênis: v. Pó  
Pereba: v. Catita  
Picão-Grande: v. Picão  
Picão-roxo: v. Mentraço  
Pinto: v. Pó  
Piolho-de-padre: v. Picão  
Pira: v. Pereba  
Piriquita: v. Míndia; Piriquita, Tiché  
Pixéu: v. Míndia; Piriquita, Tiché  
Planta do Sene: v. Senna  
Portador Sadio: v. Sacudido  
Posição de cócoras: v. De coque  
Preparação farmacêutica: v. Medicina  
Prisão de ventre: v. Vento igauzado  
Pulmão: v. Bofe  
Quadril: v. Escadeta, Quartão, Quarto  
Quarto: v. Escadeta, Quartão  
Raizada: v. Chumbalhada; Enguentada; Mandruscada  
Ramela: v. Remela  
Remédio Caseiro: v. Chumbalhada; Garrafada, Mandruscada, Medicina; Rescaldo  
Remédio Popular: Chumbalhada; Garrafada, Mandruscada, Medicina; Rescaldo  
Relógio-de-Vaqueiro: v. Malvaceae  
Repulsa: v. Embulia  
Rescaldo: v. Enguentada  
Rescaldo do fogão: v. Rescaldo

Resfriado: v. Difruço  
Rigidez Muscular Espasmódica: v. Intisicado  
Rosto: v. Fuça  
Ruptura: v. Taio  
Sarna: v. Catita; Pereba  
Sarna Sarcóptica: v. Catita; Pereba  
Saudável: v. Sacudido  
Secreção: v. Remela  
Sem veia: v. Veia Rota  
Senna: v. Fedegoso  
Sida: v. Malvaceae  
Síncope: v. Esbagaçado  
Sininho: v. Malvaceae  
Sofrimento físico: v. Doraiada  
Sons respiratórios: v. Chiata  
Surdez: v. Surdar  
Talho: v. Taio  
Tampão: v. Tapo  
Tampões cirúrgicos: v. Tapo  
Tapeçaba: v. Bassurinha  
Temperamento: v. Piripaque  
Temperamento nervoso: v. Piripaque  
Terçol: v. Bunitinha  
Terçolho: v. Bunitinha  
Toba: v. Boga; Fiofó  
Tontura: v. Distino  
Tórax: v. Peitorá  
Tremedeira: v. Sezão  
Tupeçava: v. Bassurinha  
Tupiçaba: v. Bassurinha  
Tupiçava: v. Bassurinha  
Tupixaba: v. Bassurinha  
Tupixava: v. Bassurinha  
Umbigo: v. Imbigo  
Vagina: v. Belarmina; Míndia; Piriquita; Pixéu; Tiché  
Vaso sanguíneo: v. Hormônio da cabeça  
Vassourinha: v. Bassurinha  
Vassourinha tupiçaba: v. Bassurinha  
Veia: v. Hormônio da cabeça  
Veia arrejentada: v. Veia Rota  
Veias varicosas: v. Veia Rota  
Vento encauzado: v. Vento igauzado  
Vergonha: v. Bergonha  
Verme: v. Bicha  
Vertigem: v. Distino  
Vesícula: v. Borboinha  
Vomitar: v. Lançá  
Vômito: v. Lançá  
Zangá: v. Azangá; Enfermagem

Na seção seguinte, em 5.1.6, apresentamos uma referência às siglas que estão na rotina da ESF.

### 5.1.6 Siglário

ACD – Agente de Consultório Dentário  
ACE – Agende de Combate às Endemias  
ACS – Agente Comunitário de Saúde  
AF – Assistência Farmacêutica  
AFB – Assistência Farmacêutica Básica  
AFE – Assistência Farmacêutica Especializada  
AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida  
AIS – Ações Integradas da Saúde  
APS – Atenção Primária à Saúde  
Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária  
AS – Assistente Social  
Bireme – Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde/Opas  
CAPS – Centro de Atenção Psicossocial  
CAPSad – Centro de Atenção Psicossocial de álcool e drogas  
CERSAM – Centro de referência em Saúde Mental  
CERSAT – Centro de Referência em Saúde do Trabalhador  
CIMS – Comissão Interinstitucional Municipal de Saúde  
CIPLAN – Comissão Interministerial e Planejamento  
CIB – Comissão Intergestores Bipartite  
CID – Classificação internacional de doenças  
CIR – Comissões Intergestores Regionais  
CIS – Comissão Interinstitucional de Saúde  
CISAJE – Consórcio Intermunicipal de Saúde do Alto Jequitinhonha  
CIT - Comissão Intergestores Tripartite  
CNS – Conselho Nacional de Saúde  
CONASS – Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde  
Conasems – Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde  
COSEMS – Conselho Estadual de Secretários Municipais de Saúde  
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social  
CRES – Centro de Referência Especializada de Assistência Social  
CRIA – Centro de Referência à Infância e Adolescência  
CRIS – Comissão Regional Interinstitucional de Saúde  
CTI – Comitê Temático Interdisciplinar  
CTI – Centro de Terapia Intensiva  
DeCS – Descritor de Saúde  
DRS – Diretoria Regional de Saúde  
DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis  
EC – Emenda Constitucional  
ENF – Enfermeiro  
ENM – Enfermagem Nível Médio  
eSF – Equipe de Saúde da Família ~ESF  
ESF – Estratégia Saúde da Família ~SF  
ESMIG – Escola de Saúde de Minas Gerais  
F – Feminino  
FNS – Fundação Nacional de Saúde

FSESP – Fundação Serviço Especial de Saúde Pública  
GRS – Gerência Regional de Saúde  
HIPERDIA – Sistema de Cadastramento e Acompanhamento de Hipertensos e Diabéticos  
INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social  
INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência  
M - Masculino  
MD – Médico  
NASF – Núcleo de Apoio a Saúde da Família  
NUPCCES – Núcleo de Pesquisa sobre Cultura, Cotidiano, Educação e Saúde  
NM – Notas metodológicas  
NOAS – Norma Operacional de Assistência à Saúde  
NOB – Norma Operacional Básica  
NH – Política Nacional de Humanização  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde  
PAB – Piso Assistencial Básico  
PACS – Programa de Agentes Comunitários de Saúde  
PAISM – Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher  
PBVS – Piso Básico de Vigilância Sanitária  
PDR – Plano Diretor de Regionalização  
PEC – Programa de Extensão de Cobertura  
PEC – Proposta de Emenda Constitucional  
PIASS – Programa de Interiorização das Ações de Saúde e Saneamento  
PIC – Práticas Integrativas e de Controle.  
PMAQ-AB – Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica.  
PMA2 – Relatório de Produção e de Marcadores para Avaliação  
PMNPC – Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares  
PNEPS – Política Nacional de Educação Permanente em Saúde  
PNPS – Programa Nacional de Promoção de Saúde  
PPSUS – Programa de pesquisa para o SUS  
PSF – Posto Saúde da Família  
PSF – Programa Saúde da Família  
RAS – Rede de Atenção Secundária  
RUE – Rede de Atenção às Urgências e Emergências  
SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência  
SBMF – Sociedade Brasileira de Medicina da Família  
SES – Secretária de Estado de Saúde  
SF – Saúde da Família  
SIAB – Sistema de Informação da Atenção Básica  
SIS – Sistema de Informação da Saúde  
SMSA/BH – Secretária Municipal de Saúde de Belo Horizonte  
SSA2 – Relatório de Situação de Saúde e Acompanhamento das Famílias na área/equipe  
SUDS Sistema Único Descentralizado de Saúde  
SUS – Sistema Único de Saúde  
TFD – Tratamento Fora do Domicílio  
UBS – Unidade Básica de Saúde  
UCI – Unidade de Cuidados Intermediários  
UPA – Unidade de Pronto Atendimento  
UTI – Unidade de Tratamento ou Terapia Intensiva  
VIVA VIDA – Programa de Redução da Maternidade Materna e Infantil em Minas Gerais

## CAPÍTULO 6 – INTERPRETAÇÃO DOS DADOS, ANÁLISE, SISTEMATIZAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

---

Neste capítulo, apresentamos a interpretação dos dados à luz da Terminologia variacionista, realizamos a análise da variação denominativa conforme Freixa (2002/2014), sistematizamos e discutimos os resultados a partir de nossas observações e das informações geradas.

### 6.1. Análise dos termos

Nesta seção, listamos os termos encontrados em 14 documentos do tipo especializado, lexicográfico e terminológico. A seleção de textos foi feita mediante uma pesquisa prévia em que se preocupou pela busca de referentes terminológicos da área médica e da saúde. O foco deste estudo é a variação inerente ao item terminológico, apesar de, em dois casos, não conseguirmos mostrar essa variação. O *corpus* está constituído por 133 itens terminológicos populares que se relacionam com 338 variantes. Em relação às siglas, selecionamos, em Siglário 95, exemplares representativos na rotina de uma UBS e da Equipe de Saúde da Família. Para ilustrar o que Freixa traz em variação gráfica que ocorre entre termo e sigla, selecionamos 33, parte delas citada ao longo desta tese. Logo, analisamos, neste capítulo, o termo, a variante e a sigla.

Primeiramente, listamos os termos encontrados em que não houve registro de forma variante e, depois, os que apresentam a variação, nos quais aplicamos a classificação formal de Freixa (2002), adaptada para esta pesquisa.

#### 6.1.1 Ausência de variação

Os itens lexicais estigmatizados que não apresentam variação pertencem a área da saúde nos segmentos da Medicina alternativa e Fitoterapia. São eles: Água inglesa, Água Venence, Cavaquinho de peroba, Chico ramo e Trocisco. Esses itens estão classificados como Medicina Alternativa por agirem, no organismo humano, como medicamento fitoterápico para restabelecimento da saúde do indivíduo.

Encontramos Água da Inglaterra em um texto especializado na *web*, mas, conforme Souza (2008/2014), não denomina o mesmo que Água inglesa. No trecho da abonação dada por Souza (2014, p. 557) *Saúde das mulher é Água-inglesa* vimos a relação desse fitoterápico com

a saúde da mulher. A Água Inglesa é indicada, exclusivamente, para mulheres que buscam tratamento para afecções digestivas. Água Venença item extraído em Souza (2008, p. 218), *tinha a farmácia, só vendia era água venença* é medicamento fitoterápico utilizado no combate à febre e resfriado.

Cavaquinho de Peroba, observado por Ribeiro (2010) é parte de uma planta, cujo consumo trata a febre seguida de dor de cabeça. A abonação, *quando a pessoa tava na roça e tava cum muita febre, muita febre e dor de cabeça, ele cortava peroba, rancava aquês cavaquinho de peroba e punha pá fervê. A gente tomava aquilo* (RIBEIRO, 2010, p. 222) confirma as propriedades fitoterápicas desse vegetal extraídas da lasca do caule ou dos cavacos da árvore Peroba. Após serem retiradas, essas lascas são colocadas dentro da água, fervidas, sem adição de erva ou outro tipo de planta e consumida em forma de chá. Na busca por denominações, encontramos associações com a árvore e com a madeira Peroba, o que leva à pressuposição de o termo não ser o mesmo Peroba ou Cavaquinho de Peroba. Peroba designa árvore, Cavaquinho de Peroba é uma ínfima parte dessa árvore.

Chico-ramo, item recolhido por Cordeiro (2013), é uma erva usada para aliviar a dor de dente conforme narra o informante: *Que hoje em dia diferençô tudo, o povo tá até mais duente. Quando a gente aduicia a gente tinha fé é n´aquês remédio. Meus minino mesmo, quando tava nasceno dente, saía eu po mato afora rancano uma raiz aqui, ota ali. Raiz de mentraço, panhava raiz de mentraço e fôia de Chico-Ramo. Essas fôia, punha rama de batata pa cuzinhá, pa buchechá o dente (...) porque não tinha tratamento.* (CORDEIRO, 2013, p. 262).

Trocisco, item registrado por Souza em 2008, é uma raiz medicinal. Ela deve ser usada amassada, misturada em bebida alcoólica para dar o efeito curativo, conforme relato do informante: *aí peguei arrancar o trucisquinho, né? Trocisco é uma raiz que tem nesses mato aí... peguei usar na pinga.* (SOUZA, 2008, p. 237).

A ausência de variantes para os itens lexicais listados, Água Inglesa, Água Venença, Cavaquinho de Peroba, Chico-ramo e Trocisco, traz a noção de univocidade terminológica, ou seja, um termo referente a um conceito. Fizemos esse registro para mostrar que a terminologia popular, em alguns casos, pode comportar-se de forma unívoca. Para confirmar essa univocidade, precisaríamos de mais pesquisas. Tendo em vista este trabalho a forma variante dos itens lexicais enfocados, tratamos, nas seções seguintes a variação, sua classificação formal e a discussão dos dados.

## 6.1.2 Variação

Encontramos entre os itens terminológicos populares casos de variação gráfica: ortográfica; morfossintática; variação de estrutura, a exemplo de ausência e presença de preposição; variação de termo monoléxico e poliléxico; variação com redução de extensão e de base; variação léxica e complexa em unidade monoléxica e poliléxica. Relacionamos, a seguir, alguns exemplos.

### 6.1.2.1 Variação gráfica entre termo e sigla

Na linguagem especializada destinada à Saúde Básica, a lista de siglas de referência à ESF é superior ao número selecionado no Siglário, presente nesta tese. Para ilustrar o comportamento variacionista, tanto a variação denominativa – duas siglas para um mesmo conceito – quanto a variação conceitual – em que há dois conceitos para uma sigla, registramos, no quadro 8, Variações gráficas entre termo e sigla (Freixa), 33 ocorrências.

<b>Variações gráficas entre termo e sigla</b>	
<b>Termo</b>	<b>Variante</b>
Agente de Consultório Dentário	ACD
Agente de Combate às Endemias	ACE
Agente Comunitário de Saúde	ACS
Assistência Farmacêutica	AF
Assistência Farmacêutica Básica	AFB
Assistência Farmacêutica Especializada	AFE
Atenção Primária à Saúde	APS
Assistente Social	AS
Centro de Atenção Psicossocial	CAPS
Centro de Atenção Psicossocial de álcool e drogas	CAPSad
Centro de referência em Saúde Mental	CERSAM
Centro de Referência em Saúde do Trabalhador	CERSAT
Centro de Referência de Assistência Social	CRAS
Centro de Referência Especializada de Assistência Social	CRES
Centro de Referência à Infância e Adolescência	CRIA
Doenças Sexualmente Transmissíveis	DST
Equipe de Saúde da Família	eSF ~ESF
Estratégia Saúde da Família	ESF ~SF
Núcleo de Apoio a Saúde da Família	NASF
Prática Integrativa e Complementar ~ Práticas Integrativas Complementares	PIC ~ PICs
Programa de Agentes Comunitários de Saúde	PACS
Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher	PAISM
Posto de Saúde	PS
Posto Saúde da Família	PSF
Programa Saúde da Família	PSF

Rede de Atenção às Urgências e Emergências	RUE
Serviço de Atendimento Móvel de Urgência	SAMU
Saúde da Família	SF
Sistema Único de Saúde	SUS
Tratamento Fora do Domicílio	TFD
Unidade Básica de Saúde	UBS
Unidade de Pronto Atendimento	UPA
Unidade de Tratamento ou Terapia Intensiva	UTI

**Quadro 8:** Variação gráfica entre termo e sigla

Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

A análise das siglas foca o uso de formas extensas e abreviadas. As formas abreviadas não se opõem às extensas; antes, são alternativas que fazem uso do princípio de economia linguística para dizer a mesma coisa. Ainda sobre a variação denominativa proposta por Freixa, obtivemos a morfossintática com alteração de número em Prática Integrativa Complementar ~ PIC e Práticas Integrativas Complementares ~ PICs.

Em relação a casos de variação conceitual, observamos, também, nas siglas da ESF, duas abreviaturas iguais para conceitos diferentes. Entre os 33 termos listados na tabela, ressaltamos as formas ESF, PSF e SF. Para cada uma delas, são dados dois distintos conceitos. ESF, por exemplo, é abreviação para Estratégia Saúde da Família e Equipe Saúde da Família; PSF, por sua vez, abrevia Posto Saúde da Família e Programa Saúde da Família e SF, responde por Equipe Saúde da Família e Saúde da Família. Para essas situações, sugerimos a extensão de uma das abreviaturas e recomendamos manter a sigla para o termo de maior densidade e difusão política. Propomos mudança ou readequação terminológica, a partir da extensão de parte de um dos elementos, assim, para abreviar Equipe Saúde da Família, readequando-a, temos, como sugestão, a sigla ESAF e, para Estratégia Saúde da Família, continuaria a já conhecida ESF.

Para a sigla PSF, temos em questão, o empoderamento linguístico popular. Os dois conceitos foram oficialmente substituídos, ou seja, essa sigla sob olhares rigorosos, estaria a caminho do desuso e, conseqüentemente, da extinção. O termo Posto de Saúde da Família mudou para Unidade Básica de Saúde e o termo Programa de Saúde da Família tornou-se Estratégia Saúde da Família. Observamos, em contato com profissionais e com pacientes desses profissionais, a coocorrência de uma e outra. Nesse caso específico, em que há uma substituição institucionalizada, que é, conseqüentemente, imposta, temos um processo de mudança terminológica e, assim, não se justificam sugestões para formas ampliadas das mesmas. Se quiséssemos aprofundar a discussão, poderíamos afirmar que as siglas e os conceitos extintos,

substituídos por órgão de controle terminológico, permanecerão em uso, pois não são considerados extintos pela população, e essa condição mostra a influência popular quanto à permanência e difusão dessas siglas.

Quanto a SF, pensamos que ESAF resolveria o impasse e que poderia ser mais adequada em relação à sigla eSF, escrita com inicial minúscula, também usada para Equipe de Saúde da Família. ESF e eSF possuem o mesmo som, portanto, não são distinguíveis, se proferidas oralmente; ESF, eSF e SF possuem formas muito parecidas, o que pode comprometer a leitura e o entendimento delas. Recomendamos, por essas razões, ESAF como sigla para Equipe de Saúde da Família.

Lidamos numa área de acentuado volume textual, portanto, é aconselhável para essa situação cuidado especial na elaboração de siglas e conceitos. Para limitar casos de variação conceitual, é preferível, no tratamento das siglas, a delimitação de um conceito para cada uma.

Damos continuidade, nos itens seguintes, ao tratamento formal da variação denominativa dos termos arrolados na base de dados, por meio da Ficha Terminográfica, reconhecendo que há ordem dentro da variação que permite sua sistematização e que o estudo desse fenômeno nos permite uma maior compreensão do comportamento dos falantes-profissionais e falantes-leigos e do relacionamento terminológico. Observamos também, através do tratamento formal proposto por Freixa, o nível de especialização a que se submete o item terminológico.

Entendemos a variação denominativa como alternância de termos para denominar um conceito, considerando que esses termos podem apresentar características similares ou distintas quanto ao uso e aos níveis de lexicalização. Nessa direção, realizamos, na seção seguinte, a análise do tipo de variação que obtivemos com base na proposta de Freixa (2000), que classifica a estrutura em blocos, conforme o tipo de mudança linguística produzida: gráfica, morfossintática, por redução, léxica ou por mudanças complexas.

#### **6.1.2.2 Variação Ortográfica [com metaplasmo]**

Associamos à variação ortográfica as supressões de parte do item lexical terminológico que origina outro item. Registramos, nessa classificação, cinco ocorrências com aférese, duas ocorrências com síncope e duas com apócope. Subdividimos essa seção, a fim de dar maior visibilidade às causas e aos exemplos a elas atrelados.

### 6.1.2.2.1 Variação com aférese

Encontramos cinco formas terminológicas que sofrem a supressão do fonema no início da palavra, sendo quatro com referência à Doença e uma com referência à Anatomia.

Ocorrências	Referência à	Domínio da Ciência	Domínio popular
quatro	Doença		Amarelão ~ Marelão
			Azangar ~ Zangar
		Febre Escalatina	Febre Carlatina
		Icterícia	Tiriça
Um	Anatomia	Cadeira	Escadera

**Quadro 8.1:** Classificação formal (Freixa) para variação ortográfica / aférese

Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

### 6.1.2.2.2 Variação com síncope

Nesse tipo de variação, estão dois itens terminológicos. Sofrem a supressão do fonema no meio da palavra: um faz referência à Doença e o outro, à Medicina Alternativa / Fitoterapia.

Ocorrências	Referência à	Domínio da Ciência	Domínio popular
um	Doença	Mordida	Mordidura
um	Medicina Alternativa / Fitoterapia		Matalotagem ~ Matutage

**Quadro 8.1.1:** Classificação formal (Freixa) para variação ortográfica / síncope

Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

### 6.1.2.2.3 Variação com apócope

Percebemos, nessa classificação, duas ocorrências que se referem à Doença e à Anatomia. Ambas sofrem a supressão do fonema no fim da palavra. Os exemplos são registrados no quadro 8.1.2, a seguir:

Ocorrências	Referência à	Domínio da Ciência	Domínio popular
um	Doença	Furúnculo	Furunco
um	Anatomia	Peito	Peitorá

**Quadro 8.1.2:** Classificação formal (Freixa) para variação ortográfica / apócope

Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

### 6.1.2.3 Casos de variações morfossintáticas em que houve alteração de gênero

As variações morfossintáticas dizem respeito às mudanças decorrentes do uso linguístico e da apropriação de estruturas a um contexto. Nesse processo de apropriação, a

estrutura pode perder ou ganhar elementos que a adequam terminologicamente. Representam essa classificação a variação com alteração de gênero com a mesma estrutura e com estrutura diferente.

### 6.1.2.3.1 Variação morfossintática em que houve alteração de gênero com a mesma estrutura e com estrutura diferente

Entre os itens terminológicos encontramos 32 ocorrências, distribuídos da seguinte forma:

Ocorrências	Referência à	Domínio da Ciência	Domínio popular
seis	Anatomia	Glândula anal	Boga ~ Fiofó ~ Toba
		Nariz	Fuça
		Quadril ~ Cadeira	Escadera
		Vagina	Tiché
		Abdome	Pança
		Veia	Hormônio da cabeça
oito	Doença	Berne	Bichera
		Conjuntivite	Dordói
		Constipação	Vento Virado
		Deslocamento	Junta Isconjuntada
		Furúnculo	Nascida
		Lumbago	Ispinhela caída
		Malária	Sezão
		Terçol	Bunitinha
sete	Fitoterapia		Erva Santa-Maria ~ Chá dos Jesuítas
		Fedegoso ~ Mangerioba	
			Erva picão ~ picão
			Macela ~ Carrapichinho de agulha
		Medicina ~ Medicamento	
			Menstruste ~ Mentraço Mezinha ~ Xarope
dois	Procedimento	Esfregaço	Fumentação
		Gase	Tapo
nove	Sintoma	Adoentado	Perrenguce
		Chiado	Chiata
		Diarreia	Disandar
		Gemido	Gemidura
		Gripe	Difruço

		Lacrimejamento	Correçãozada
		Mancha	Pano
		Prisão de ventre	Vento Igauzado
		Tontura	Distino

**Quadro 8.2:** Classificação formal (Freixa) para variação morfossintática

#### 6.1.2.4 Variação léxica em unidade monoléxica

A variação léxica abrange o maior número de casos. Essa variação é própria dos textos de menor grau de especialização. Reunimos 114 ocorrências de variações léxicas em unidades monoléxicas que se referem à Anatomia, à Doença, à Medicina Alternativa, ao Procedimento, ao Sintoma.

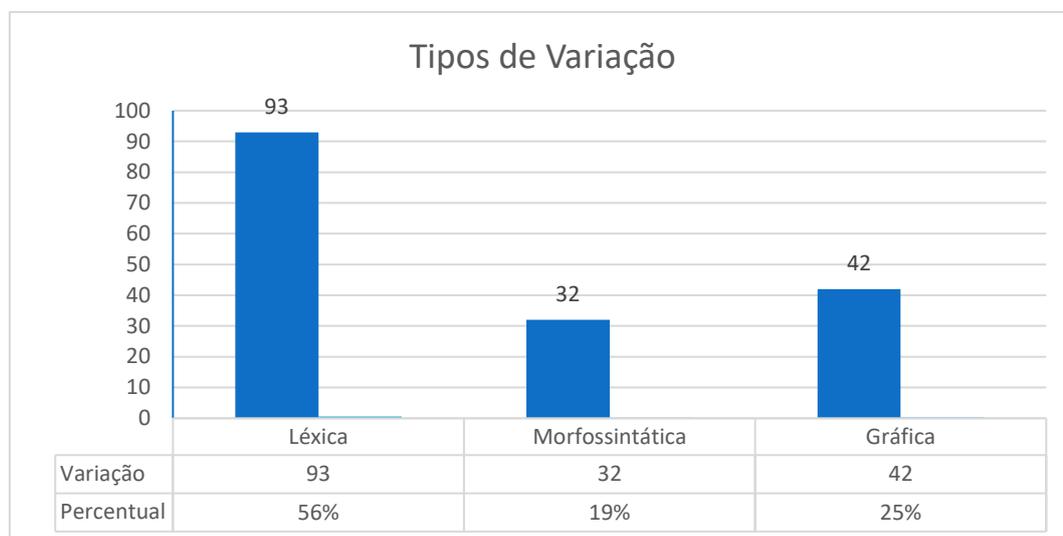
Ocorrências	Referência à	Domínio da Ciência	Domínio popular
15	Anatomia	Abdome ~ Abdômen ~ Barriga	Pança
		Boca ~ Lábio	Beiço
		Cabeça	Ideia
		Cadeira ~ Quadril	Escadara ~ Quarto ~ Quartão
		Costas	Cacunda ~ Carcunda
		Estômago	Bucho ~ Estambo ~ Istambo ~ Pandu
		Garganta	Guela
		Peito ~ Tórax	Peitorá
		Pênis	Pinto ~ Pó
		Pulmão	Bofe
		Umbigo	Imbigo
		Vagina ~ Vulva	Belarmina ~ Míndia ~ Piriquita ~ Pixéu ~ Tixé
15	Doença	Ancilostomíase	Amarelão
		Bolha ~ Vesícula	Borboinha ~ Bubuinha
		Brotueja ~ Miliária	Bertueja ~ Burtueja
		Conjuntivite	Dórdoi
		Debilidade ~ Fraco	Perrengue
		Doença	Enfermagem
		Furúnculo	Carnegão ~ Carnicão ~ Nascida
		Hepatite	Opilação
		Icterícia	Tiriça ~ amarelão
		Malária	Sezão ~ Impaludismo ~ Maleita ~ Tremedeira ~ Batedeira ~ Febre Paludismo
		Mifase	Bicha ~ Lombriga ~ Bichera
		Mordida ~ Picada	Mordidura ~ ofensa

		Sarna	Pereba ~ Coruba ~ Jareré ~ Pira
		Terçol ~ Hordéolo	Bunitinha ~ Bonitinha
14	Medicina Alternativa		Água Venença ~ Água Venence
			Bassurinha Vassourinha ~ Tapeiçaba ~ Tupeiçava ~ Tupiçaba, Tupiçava ~ Tupixaba, Tupixava ~ Vassoura
			Chumbalhada ~ Chumbaiada ~ Beberagem ~ Enguentada ~ Garrafada ~ Mandruscada ~ Raizada
		Emplastro	Emprasto ~ Emplasto
			Enguentada ~ Raizada
		Fedegoso	Balambala ~ Ibixuma ~ Mamangá ~ Maioba ~ Pajamarioba ~ Pereriaba ~ Taracurú
		Camomila	Macela ~ Macelinha
			Mentraço ~ Celestina ~ Mentruz
			Mezinha ~ Tisana
			Pacho ~ Parche
			Picão ~ Carrapicho
		Laxante	Purgante
			Sinapismo ~ Sanapismo
			Trucisco ~ Trocisco
quatro	Procedimento	Clister ~ Enema	Cristel
		Esfregaço	Fumentação ~ Fomentação
		Gase	Tapo ~ Tampão
		Inalação	Inelação
	Sintoma	Arranhar	Relepar
45		Aversão	Embulia ~ Repulsa
		Barriguda	Empachada
		Chiado	Chiata
		Corte	Talho ~ Taio
		Desarticulado	Desconjuntado ~ Descadeirado
		Desidratação	Geratação
		Desinchar	Desvanecer ~ Desintumescer
		Desmaiado	Iscornado ~ Escornado

		Diarreia	Disandar ~ Desinteria ~ Colerina ~ Cólera ~ Obradeira ~ Caganeira
		Endoidecer	Disquilibrir ~ Destrambelhar ~ Desvairar ~ Desmiolar
		Enjoo	Entojo ~ Antojo
		Envenenar	Intuxicar
		Enfraquecido ~ Adoentado ~ Desanimado	Perrenguice ~ Pitimbado
		Equilibrado ~ Saudável	Sacudido
		Estrábico	Zaroia ~ Zarolha ~ Zarolho ~ Estrábico ~ Vesgo
		Ferida	Catita ~ Pereba ~ Incanjicada
		Gripe ~ Resfriado ~ Influenza	Difruço ~ Infrueza
		Inquieto	Enquente
		Lacrimejamento	Correçãozada
		Paralisado ~ Imobilizado	Entrevado ~ Estoporar ~ Estupor ~ Intisicado ~ Endurecido, Enrijecido
			Esmorecido ~ Ismuricado ~ Esmorecido
			Esbagaçado
			Isalavrado ~ Escalavrado ~ Esfolado ~ Istrupiado ~ Estropiado
			Frescão ~ Abobado
			Gimidura ~ Gemeção ~ Gemedeira ~ Gimido
		Mancar	Manquitolá ~ Capengar
			Mocorongo ~ Cabisbaixo ~ Consternado
		Mancha	Pano
		Menopausa	Passagem
		Pálido	Opilado ~ Amarelado
		Remela ~ Secreção	Ramela
		Surdez	Surdar
		Tísico ~ Debilitado	Dismilinguido
		Vergonha	Bergonha
		Vertigem	Distino ~ Tontura
		Vomitar	Lançá

**Quadro 8.3:** Classificação formal (Freixa) para variação léxica

A seguir, apresentamos o gráfico resultante da análise dos tipos de variação conforme modelo apresentado por Freixa.



**Gráfico 1:** Variação denominativa (Cf. Freixa 2002/2014)  
 Fonte: Dados desta pesquisa, 2017.

Os itens terminológicos observados apresentaram, sem perder sua finalidade descritiva, os três tipos de variação: léxica, morfossintática e gráfica.

A presença da variação se justifica pela necessidade em obter um termo para atender a uma situação de uso e para diversificar a expressão vocabular, oral e escrita. Nesse sentido, os usuários recorrem às variantes que, por sua vez, são elaboradas para evitar a repetição ou exaustão de determinadas lexias. Associamos à formalização da variação a necessidade de implementação vocabular e constatamos a variação terminológica tanto no domínio linguístico das Ciências da Saúde quanto no domínio popular. Nos termos arrolados na base de dados desta tese, verificamos os tipos formais de variação léxica em 56% dos casos, de variação morfossintática em 19%, de variação gráfica em 25%.

A classificação léxica se mostrou mais produtiva em relação às outras variações. Entendemos que esse tipo envolve o vocabulário com menor grau de especialização, por implicar grande número de termos extraídos da linguagem popular. Sobre a variação morfossintática, Freixa (2014, p. 318) afirma “são todas aquelas de caráter inferior ao léxico, ou seja, há mudança na estrutura sintagmática ou manutenção da estrutura, mas com alteração do gênero, número ou preposição”. Esse tipo de variação tem como característica abranger textos produzidos em contextos mais especializados e com densidade terminológica alta.

Nossos dados mostraram que essa característica se aplica à variação morfossintática observada em termos que possuem a mesma estrutura, apresentando alteração de número e de preposição e, em termos de diferente estrutura, que variam de monoléxica para poliléxica. Em relação aos nossos dados, a variação morfossintática na mesma estrutura, com variação de gênero abrange o vocabulário próprio de contexto menos especializado, no qual se inserem os termos populares.

A variação gráfica está presente no termo e na sigla que a representam e associa-se a textos densamente especializados. Em contrapartida, a variação ortográfica abarca os termos que sofrem alguma supressão, movimento linguístico próprio da oralidade. A variação complexa e a variação de redução realizaram-se apenas nos termos institucionalizados, observadas no capítulo 2, atestando que, nessas duas variações, estão os textos de alta densidade terminológica. Os tipos de variações analisados comprovaram o contexto em que foi realizada a produção terminológica, o que mostra o condicionamento terminológico em relação às características sociais e culturais a que se submete o termo.

## **6.2. Sistematização dos resultados**

O percurso que envolveu descrição e análise de dados, a fim de organizar os resultados obtidos, apresentou, nesta pesquisa, o mapeamento descrito a seguir: A partir da coleta de amostragem, contabilizaram-se 133 termos extraídos em 14 documentos que integram o *corpus* deste trabalho. Alguns deles se repetem em algumas das fontes, conforme apontado nas fichas terminológicas.

Listamos a fonte de extração e o número correspondente de itens lexicais terminológicos não padronizados, na tabela 2, vista na página 291. A organização é do maior número de itens para o menor. Entre as fontes citadas, informamos que o DeCS não gera documento ou arquivo como as outras. Nossa análise, portanto, ocorreu, diretamente, a partir de informações do site. Em relação às outras, fizemos download, geramos o pdf e as armazenamos em nossa base de dados. Todas as fontes possuem formato eletrônico, exceto o *Dicionário do dialeto rural do Vale do Jequitinhonha*.

A soma dos termos enumerados, conforme a fonte, resulta em 245 termos, considerando a repetição sinalizada na ficha nos campos: contexto e / ou localização geográfica. Tivemos o mesmo termo em mais de uma fonte, a exemplo de *Cacunda*, que aparece em seis fontes. Portanto, nosso conjunto de termos pesquisados é constituído por 133 termos populares, 338 variantes e 95 siglas, distribuídos em 14 fontes. A referência completa da fonte está no final deste documento.

Analisamos as fontes conforme os tipos textuais: lexicográficos, especializados e terminológicos. Como fonte terminológica apontamos apenas o DeCS. Para a fonte especializada tivemos sete títulos, para a fonte lexicográfica, sete e para a fonte terminológica, apenas um título. Na tabela destinada às fontes, apresentamos apenas as que trouxeram o item terminológico popular. Usamos o DeCS para construirmos o mapeamento de relacionamentos entre termo popular, não padronizado e termo padronizado. Os 133 termos populares se relacionaram com 93 termos padronizados, disponibilizados em DeCS.

A sistematização dos resultados inclui a análise do tipo de variação e a revisão do conteúdo dos campos da ficha terminográfica. Nesse sentido, além da nota, do contexto e da localização geográfica, relacionamos termo e fonte de extração, depois, indicamos a categoria, mostrando a relação entre termo e temática. Na sequência, mostramos a classificação gramatical, o gráfico que mostra os tipos e a quantidade de formas encontradas.

A seguir apresentamos o quadro 9, onde arrolamos o número de itens lexicais terminológicos por fonte consultada.

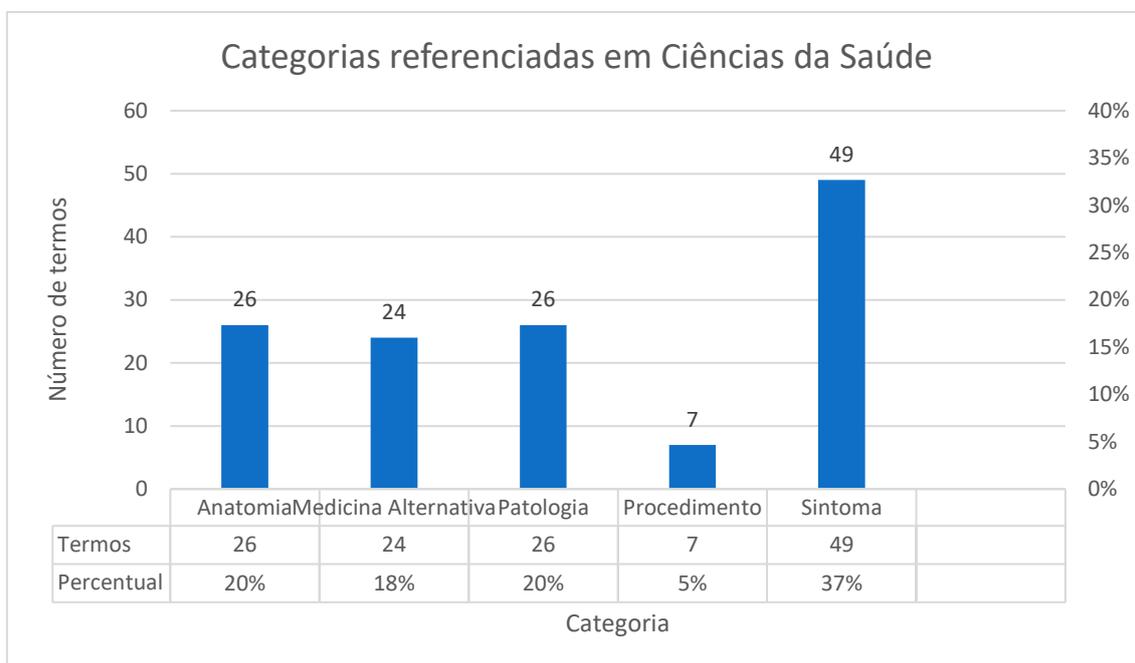
<b>Número de itens lexicais terminológicos por fonte</b>	
51	Dicionário do dialeto rural do Vale do Jequitinhonha
93	Descritores em Ciências da Saúde – DeCS
30	O Vocabulário rural de Passos/MG - Um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy
25	Café com quebra torto: um estudo léxico-cultural da Serra do Cipó – MG
18	Estudo Linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas
15	Nas cacimbas do rio Pardo: estudo léxico-cultural
9	Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas
3	Léxico e Cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis - MG
1	Dialeto rural no Vale do Jequitinhonha: glossário do léxico rural na região das Minas Novas

**Quadro 9:** Número de termos por fonte  
Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

Além dos termos relacionados às suas referências, consideramos importante detalhar o número de termos encontrados por categoria. Dessa forma, separamos os itens terminológicos em categorias referenciadas em Ciências da Saúde e demos o número total de termos analisados em dois gráficos nomeados como Categorias referenciadas em Ciências da Saúde.

No gráfico 2, vemos a relação dos itens terminológicos do domínio popular e as áreas das Ciências referenciadas por eles. Essas áreas compreendem a Saúde e a Medicina e trazem

relacionamentos terminológicos entre os elementos que compreendem a Anatomia, a Medicina Alternativa, a Doença, o Procedimento e o Sintoma.



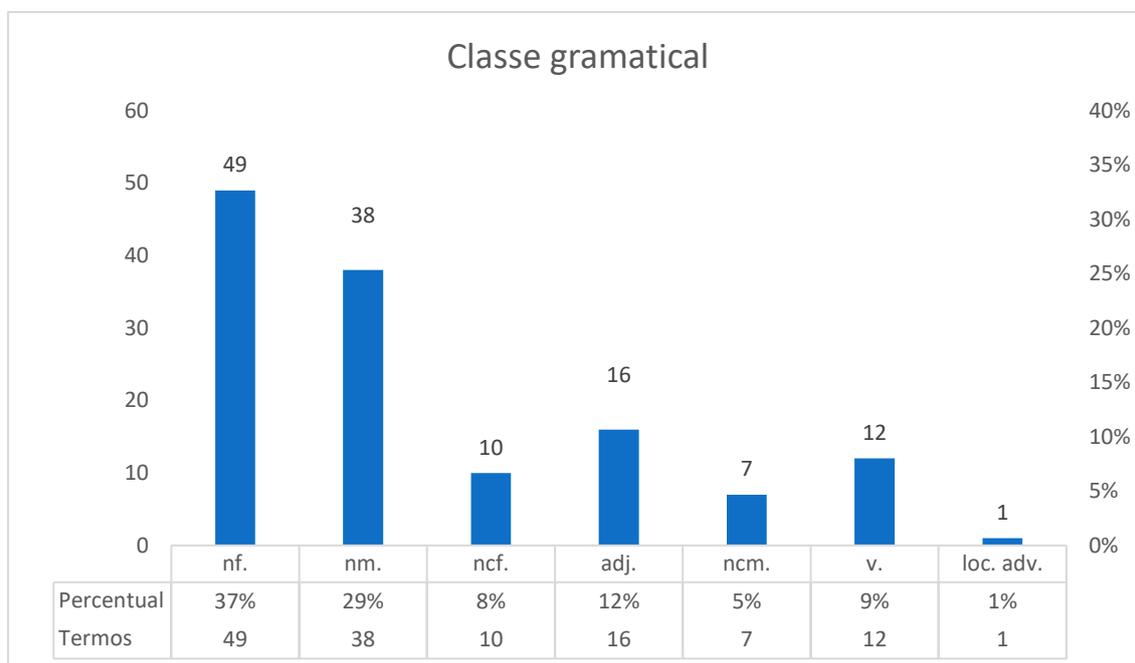
**Gráfico 2:** Categorias referenciadas em Ciências da Saúde  
Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

Quanto aos itens lexicais terminológicos e as categorias, conforme aponta o gráfico, 49% dos itens se relacionaram a Sintoma, 20% à Anatomia, 20% à Doença, 18% tratam da Medicina alternativa e 5% estão em Procedimento. Vimos, através do gráfico, que os termos relacionados a Sintoma tiveram maior realização se comparados aos de Anatomia, de Doença, de Medicina alternativa e de Procedimento.

É possível que a ordem que aparece no gráfico seja aquela de fatos de repercussão social, pois, de forma geral, podemos afirmar que o sintoma aparece em alguma parte do corpo, antes da constatação da doença em si. Por tratar de um público, em maior parte, residente em zonas rurais, a Medicina Alternativa, ou seja, o tratamento a partir de plantas medicinais e remédios fitoterápicos é mais representativo se comparado com Procedimento. Provavelmente, o procedimento decorre após o início do tratamento como medida paliativa.

Devido à natureza linguística deste estudo, julgamos necessário entender as classes gramaticais a que pertencem as lexias. Para o grupo de profissionais estrangeiros, principalmente os falantes de Espanhol, ainda que proficientes em Português, identificar a classe a que pertence o termo propicia maior segurança à sua pronúncia.

Em relação à classificação gramatical, fizemos a análise de todos os termos de partida, ou seja, dos 133 elementos. Organizamos os dados no gráfico 3, e, analisamos seus resultados.



**Gráfico 3:** Classe Gramatical  
Fonte: Dados desta pesquisa

O maior número das lexias selecionadas relaciona-se à categoria dos nomes. Para os femininos encontramos 49 ocorrências, para os masculinos 38. Obtivemos 10 nomes compostos femininos e sete compostos masculinos, equivalendo a 79% do *corpus*. A segunda classe de palavras que apresenta o maior número de unidades terminológicas refere-se à categoria do adjetivo, e dela conseguimos 16 vocábulos, o que equivale a 12% do *corpus*. Em seguida, aparecem 12 verbos, o que equivale, em números percentuais, a 9% das lexias escolhidas; em menor número aparece a locução adverbial, com um elemento cada, o que significa, respectivamente, 1% do total.

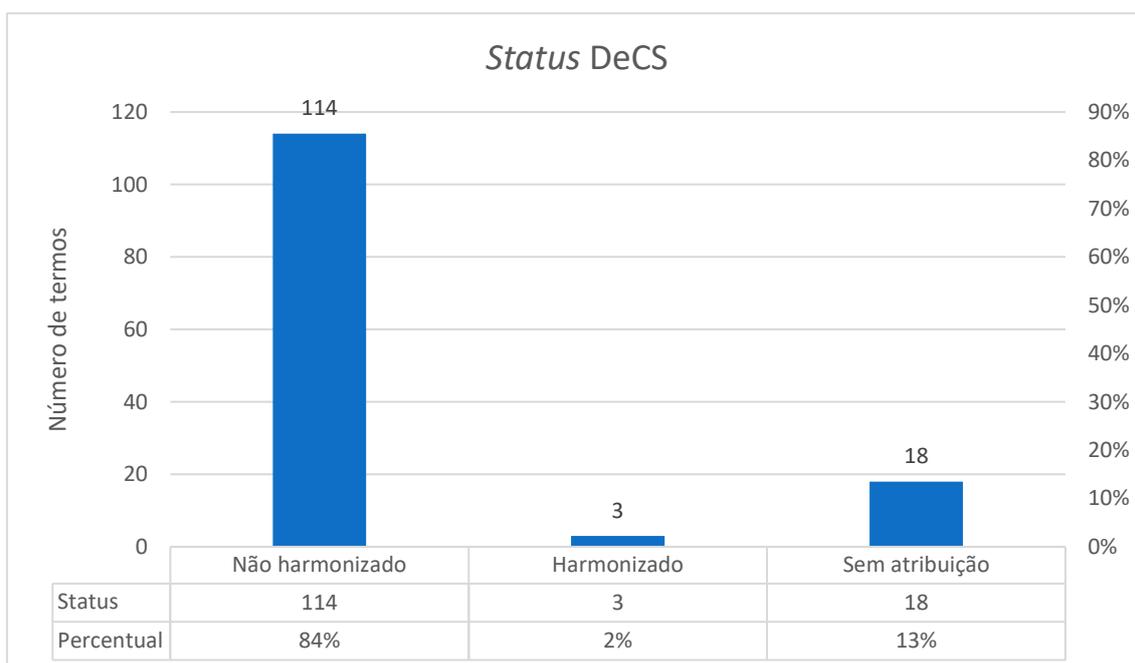
Até aqui, tratamos da identificação do termo, falamos da fonte de extração, da categorização recebida e da classificação gramatical. O item seguinte à classificação gramatical é a definição. Em relação a ela, afirmamos que, para cada termo de entrada, foi elaborada uma definição, resultante da leitura das fontes deste trabalho. Procuramos dar a cada definição o vigor terminológico, o que permitiu enunciar um conceito sucinto e objetivo. Não foi possível representar o exposto em gráfico ou tabela, considerando o enorme número de linhas a ser preenchido e por entender que há uma extensão limite para este trabalho.

Após o campo da definição, a ficha apresenta a variação denominativa, nosso foco. Destinamos as primeiras páginas deste capítulo para análise do tipo de variação encontrado. A respeito dela, ponderamos que, em contexto de variação, há muita produtividade na classe dos termos dos domínios analisados. Podemos conceber a variação: como indicadora de instabilidade terminológica, pois, em algum momento, um termo poderá deixar de existir em função de outro; como indicadora de flexibilização linguística, por ser um posicionamento menos rígido que preza o uso de variantes como alternativa enriquecedora para expressividade do conteúdo discursivo. Nos dois casos, instabilidade e flexibilidade, o dinamismo impõe-se à visão estática de linguagem única e dá lugar à terminologia descritiva. Entendemos a rigidez e a flexibilidade como possibilidades de adequações realizáveis, conforme o contexto de uso do termo e a situação comunicativa.

Após a variação denominativa, estudamos o campo *Status* e o *Organismo Harmonizador*, diretamente, ligados um ao outro. O *Status* é o parâmetro que diz respeito ao reconhecimento do termo por um organismo oficial. Elegemos, para isso, o DeCS e o tratamos como organismo de referência, por entendermos sua natureza política, que objetiva o uso de terminologia comum. Consideramos a harmonização como princípio para o reconhecimento terminológico e a entendemos como parte de um processo que poderá resultar na recomendação e/ou na normalização de um termo.

Em relação à classificação para *Status* DeCS, percebe-se o nível de abrangência social relativa a um organismo oficial de controle terminológico. A respeito da consulta ao Vocabulário DeCs, procedemos da seguinte forma: para o termo padrão preocupamo-nos em informar, nos primeiros campos da ficha, a respeito da harmonização. Na tabela a seguir, fizemos a consulta a DeCS incluindo o termo não padrão. Consideramos harmonizados os termos que estão presentes em DeCS, não harmonizados os ausentes e sem atribuição os termos de nossa base de dados que não estão em DeCS, mas possuem relacionamento com a rede semântica disponibilizada pelo vocabulário estruturado.

Em nossa base de dados, o elemento terminológico de entrada não é, necessariamente, o termo preferencial, cabendo, portanto, a adequação terminológica conforme a situação contextual. Analisamos a quantificação de termo em não harmonizado, do harmonizado e sem atribuição, no gráfico 4.



**Gráfico 4:** Classificação *Status DeCS*  
 Fonte: Dados desta pesquisa, 2017.

Dos termos não padrão, 114 não foram considerados harmonizados, ou seja, 71% não apareceram em DeCS. Classificamos como harmonizados os termos inseridos em DeCS, o que equivale a três termos, ou seja, apenas 13% dos termos entre oficiais e não oficiais estão em DeCS. Agrupamos, para o *Status* sem atribuição, 18 termos, que dizem respeito a um percentual de 13% de termos que poderiam integrar-se ao vocabulário estruturado. O *status* sem atribuição indica que há termos em nossa base de dados e termos afins em DeCS. Citamos, por exemplo, o termo sem atribuição *Sezão*. Em DeCS, a rede semântica para malária não apresenta o termo listado por nós, *Sezão*. Sugerimos, pois, sua inserção, já que o consideramos termo afim e a inserção dos outros 17 pelo mesmo motivo.

Listamos, a seguir, na tabela 3, todos os termos, conforme a classificação: Harmonizado, não harmonizado e sem atribuição.

<b>Status DeCS</b>	
<b>Termos não harmonizados (114)</b>	
Água Inglesa	Ideia
Água Venença	Imbigo
Amarelão	Incanjicada
Azangar	Infrueza
Barriga d'água	Intisicado

Bassurinha	Intuxicar
Beicho	Iscalavrado
Belarmina	Iscornado
Bergonha	Ismuricido
Bertueja	Ispinhela Caída
Bichera	Istrupiado
Bila Derramada	Junta do osso
Bofe	Junta isconjuntada
Borboinha	Lança
Bunitinha	Mandruscada
Cacunda	Manquitolá
Carnegão	Matutagem
Catita	Mentraço
Cavaquinho de Peroba	Mezinha
Chiata	Míndia
Chico-ramo	Mocorongo
Chumbalhada	Mordidura
Colerina	Obrá
Correçãozada	Obradera
De coque	Ofendida
Descadeirado	Ofensa
Desvanecer	Óleo de capáúva
Difruço	Opilado
Disandar	Osso ringido
Dismilinguido	Pacho
Disquilibrar	Pança
Distino	Pandu
Doraiada	Pano
Dordói	Passagem
Embulia	Peitorá
Empachada	Pereba
Emprasto	Perrengue
Enfermagem	Perrenguce
Enguentada	Piripaque
Enquente	Pitimhado
Entojo	Pixéu
Entrevado	Pó
Erva Santa-Maria	Purgante
Esbagaçado	Relepar
Estambo	Remela
Estoporar	Rescaldo
Febre Calatina	Sacudido
Fiofó	Sinapismo
Frescão	Surdá
Fuça	Taio
Fumentação	Tiché
Furunco	Tiriça
Garrafada	Toba

Geratação	Trocisco
Gimidura	Vento igauzado
Guela	Vento Virado
Hormônio da cabeça	Zaroia
<b>Termos Harmonizados (3)</b>	
Medicina Tradicional	Fedegoso
	Parteira
<b>Sem atribuição - Termos que poderiam ser atribuídos no DeCS por afinidade (18)</b>	
Bicha	Medicina
Boga	Nascida
Bucho	Picão
Cristel	Piriquita
Escadera	Quartão
Inelação	Quarto
Ligá	Sezão
Macela	Tapo
Medicina	Veia Rota

**Quadro 10:** Classificação *Status* DeCS  
Fonte: Dados desta pesquisa, 2017

No decorrer deste estudo, mostramos a importância da terminologia popular e trabalhamos seu relacionamento a elementos terminológicos da área da Ciências da Saúde. Devido ao aspecto hermético e à alta densidade terminológica que a caracteriza, percebemos que os interlocutores não especializados fizeram uso de outros modos de representação da linguagem, visto que a terminologia padrão dessa área não lhes é familiar. Suprem a não familiaridade com denominações resultantes de associações com os elementos que integram seu meio e com o comportamento linguístico adquirido na comunidade.

O ambiente a que vinculamos o termo popular, ou não oficial, aqui difundido, localiza-se em regiões marcadas por uma cartografia montanhosa. Habitam esses locais falantes de idiomas e culturas diversas. Poderíamos vincular o comportamento linguístico observado à presença de reduções na classificação morfológica e a formas similares no léxico, mormente à interferência do Espanhol no Português.

Com referência à localização geográfica, incorporamos a cada item terminológico popular um mapa que ilustra a região de recolha e indicamos a localização mencionada na fonte de referência. A localização geográfica ilustrada na cartografia apresentada na Ficha Terminográfica atesta o uso das lexias analisadas e, com isso, podemos afirmar, a respeito da variação terminológica, que eles estão em uso em Minas Gerais, e 98% apresentam variação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

---

A investigação sobre a linguagem especializada, com base nas ideias da Terminologia variacionista, incluem-se nos interesses da Linguística Teórica e Descritiva. Os estudos realizados ao longo desta pesquisa demonstram a importância da Sociolinguística e da Terminologia como disciplinas capazes de cumprir seu papel teórico, fornecendo bases para o desenvolvimento de métodos que contribuem para a comunicação entre setores.

Após a observação de documentos disponíveis em sites do MS, observaram-se certas carências, entre as quais salientamos carência de diagnóstico de variação que afeta os elementos proferidos entre especialistas e leigos, ausência de divulgação desses elementos, sobretudo os recorrentes na linguagem de leigos e inexistência de banco de dados suficiente construído a partir de fichas que envolvam as denominações populares para a área da saúde e a inexistência da informação de cunho popular e a de natureza variacionista, mais precisamente, a denominativa, em locais destinados aos cidadãos. Esses parâmetros constituem ajuda considerável ao profissional da saúde e ao usuário do SUS e, por esse motivo, teve origem, indubitavelmente, a necessidade de criação de um recurso que incluísse tais parâmetros, nesse caso, uma base de dados ampliando, assim, fontes para um melhor conhecimento da área das Ciências da Saúde.

Tínhamos como objetivo sistematizar a nomenclatura estigmatizada regional correspondente à da área oficial da saúde e descrever sua variante denominativa. Acreditávamos que essa sistematização seria útil na resolução de dúvidas sobre forma e conceito dos itens lexicais estigmatizados e colaboraria para uma comunicação mais eficaz no processo de interação entre profissionais de saúde e usuários do SUS. Sabíamos que era possível mapear, ainda que minimamente por meio de tratamento terminográfico, *corpus* popular para essa área. Para efetivar o processo, era necessário realizar cursos na área de Terminologia, re-ver teorias sociolinguísticas, apreender a metodologia de trabalho sociolinguístico quanto terminológico, elaborar um plano de trabalho, reunir informações fiáveis, contactar profissionais das Ciências da Saúde, das Ciências do Léxico, das Ciências Humanas e Exatas e, especificamente, um geógrafo e um desenvolvedor de sistemas, dispostos a dar suas contribuições.

Iniciado o processo, levantamos os dados, organizamos uma base de dados, que consideramos terminológica, a partir de outra base de natureza lexicográfica, existente na UFMG. Disponibilizamos uma sistematização acessível, de fácil manuseio e propusemos uma organização a partir de fichas para descrição dos dados, retirados de fatos linguísticos reais, legítimos representantes da variante mineira no domínio pesquisado.

A metodologia adotada para a realização da pesquisa satisfaz às nossas expectativas de forma adequada. Essas fichas, modeladas e desenvolvidas por nós, e o glossário das denominações populares para a Equipe Saúde da Família, sugerido neste estudo, poderão cumprir duas tarefas distintas, não excludentes: estreitar a interação entre profissionais e usuários do SUS e possibilitar a inserção de variantes de termos relacionados à saúde no rol de plataformas do Ministério da Saúde. A base de dados, a ficha terminográfica e o glossário foram gerados a partir de fundamentos epistemológicos e procedimentos metodológicos Sociolinguística, da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e da vertente teórica Terminografia.

Essa base, personalizada e bidirecional, permite a extração de termo técnico e popular. Constitui sua organização 133 itens lexicais populares e o relacionamento deles com 338 variantes, distribuídos em fichas e verbetes. As informações do campo conceitual se distribuem entre os aspectos: termo, informação gramatical, definição, variante, nota, contexto de uso, localização geográfica e fonte. Além desses elementos, integra esta tese o índice remissivo e o siglário.

A ficha elaborada registrou elementos que validaram o item lexical em uso, mostrando as correspondências entre: termo e conceito / termo, conceito e nota / termo, conceito, nota e contexto e, por fim, contexto e localização geográfica. A sistematização dos resultados incluiu análise do tipo de variação e revisão do conteúdo dos campos da ficha em questão. Primeiramente, tratamos a identificação da lexia candidata a termo para ser inserida na ficha, remetendo-a à fonte em que foi extraída. Depois, procedemos com a validação e sua inserção na ficha. Avaliamos as categorias de relacionamento entre o item terminológico do domínio popular e das Ciências da Saúde. A partir da comprovação desse relacionamento sociolinguístico, viabilizamos a possibilidade de, na sequência, trabalhar a variação a partir da classificação formal proposta por Freixa e refletir sobre a variação denominativa das formas padronizadas e não padronizadas. Mencionamos a variação conceitual nos itens *Amarelão e Fuça*, e nas siglas CTI, PSF, ESF. Conforme as nossas referências apresentamos cinco itens

que não sofreram variação, são eles: *Água inglesa*, *Água Venença*, *Cavaquinho de peroba*, *Chico-ramo e Trocisco*.

Para este estudo, a variação indica o nível de especialização da comunicação, ou seja, a densidade terminológica de um texto e a expressividade para referir-se a um mesmo conceito está condicionada à variação. Segundo Cabré (1998, p.74), um texto altamente especializado costuma ser preciso, conciso e sistemático, a terminologia que utiliza tende a monossêmia e a univocidade. À medida que diminui o grau de especialização, o discurso vai adquirindo característica que o aproximam ao discurso não especializado. A classificação formal aplicada para a variação proposta por Freixa (2002) indica um discurso próximo ao não especializado. A variação poderá ser observada em todos os domínios de conhecimento, o que demonstra o quanto é difícil construir formas, torná-las padrão e mensurar sua difusão em um país com a dimensão linguística e geográfica como o Brasil.

O SUS tem tido muitas mudanças em sua estrutura física e humana. Essa fase de transição afeta a linguagem, ainda em desenvolvimento e, nessa mesma condição, está a terminologia, em processo de implantação, apta a inserções e adaptações que venham a facilitar o processo de comunicação. A comunicação entre o profissional de saúde e o cidadão residente no interior de Minas Gerais ocorreria de forma plena se o regionalismo linguístico não fosse alvo de entraves no processo de interação. Isso ocorre devido a três fatores do domínio da linguagem. O primeiro deles é o mais notável para o não entendimento imediato do falante leigo, reside no fato de não existir um sistema que inclua o repertório de variantes que um item lexical terminológico, não padrão, possa ter, em âmbito nacional ou regional; o segundo é a indisponibilidade percebida dos meios de divulgação em propalar esse repertório e o terceiro, que não é possível controlar, vincula-se à natureza da língua e a seu dinamismo, indissociável, que impede a biunivocidade restritiva dos significados e significantes, de termos e conceitos.

Cientes da complexidade que afeta, no âmbito da saúde, a variante popular no Brasil, damos os passos iniciais para seu reconhecimento, entendendo que isso representa um pequeno percentual de sua dimensão terminológica. Por mais que tentemos descrever a variação de um item lexical terminológico popular em meio acadêmico o efetivo reconhecimento de sua forma e conceito se dará através da divulgação na área da saúde em que há alcance dos profissionais envolvidos.

O contexto de produção no qual se insere nossa investigação revela que o êxito na comunicação é, também, o êxito na saúde. A melhoria no relacionamento entre profissionais da

saúde, usuários e seus familiares exige esforço mútuo e contínuo da Equipe de Saúde da Família em trabalhar, constantemente, as habilidades na comunicação, visando a seu aprimoramento e à sua qualificação para o enfrentamento das inúmeras situações linguísticas com que se deparam em suas atividades rotineiras. Embora este estudo tenha uma amostra relativamente singela em relação às variantes denominativas, seus resultados mostraram que os problemas em Ciências da Saúde demandam mais que atenção médica técnica e especializada. O acolhimento e procedimento médico adequado, se ministrado, com seriedade, em linguagem simplificada e contextualizada de que são merecedores todos os indivíduos, é crucial para o bem-estar e/ou cura do paciente.

Finalmente, esta pesquisa aponta para a variação terminológica como fenômeno linguístico natural e frequente nos discursos de especialistas e leigos na área da saúde. Tanto no texto técnico, com sua alta densidade terminológica e a correspondente profundidade conceitual, quanto no texto não padronizado, com suas marcas sociais e culturais, as variantes denominativas se comportam de forma produtiva. Essa produtividade reforça a intrínseca relação entre língua, cultura e sociedade que se manifesta conforme o contexto de uso e, sua explicitação contribui para maior eficácia na comunicação entre os envolvidos.

Acreditamos que as melhores perspectivas para uma comunicação se constroem a partir do reconhecimento da variação como um fenômeno natural da língua, do entendimento de que não há língua em desvantagem e da percepção de que existem formas estigmatizadas que correspondem às padronizadas e, se entendidas, podem colaborar para uma melhor interação no / do jogo interlocutório.

Enfim, mais do que simplesmente preconizar o reconhecimento da variação e ampliar o vocabulário da saúde, esperamos que o resultado desta pesquisa seja um estímulo para se discutir, na esfera acadêmica, os relacionamentos produzidos pela variedade regional oral.

## REFERÊNCIAS

---

As referências estão divididas em: Fonte especializada, Fonte lexicográfica e Fonte terminológica.

### Fonte especializada

ALMEIDA, G. M. B.; SOUZA, D. S.; L. PINO, D. H. P. A definição nos dicionários especializados: proposta metodológica. *Debate Terminológico*, RITerm. Rio Grande do Sul, n.3, p.3-20, jan. 2007. ISSN: 1813-1867. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/23812/13814>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

ALMEIDA, G. M. B. A teoria comunicativa da Terminologia e a sua prática. *Alfa*, São Paulo, Vol.50, n.2, p.85-101, 2006. ISSN: 1981-5794. Disponível em: <<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1413/1114>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT. *História da Normalização Brasileira*. Rio de Janeiro: ABNT, 2011. ISBN: 978-85-02528-3. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/images/pdf/historia-abnt.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

AUGER, P. La syntagmatique terminologique, typologie des syntagmes et limite des modèles em structure complexe. *Table ronde sur les problèmes de découpage du terme*. Montréal: AILA-Office de la langue française, 1979.

AUGER, P. La problématique de l'aménagement terminologique au Québec. *Terminogramme*, Québec, n. 13, p. 1-3, 1982.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press. Banques de données terminologiques. 1962. Disponível em: <[http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:2271128:3/component/escidoc:2271430/austin\\_1962\\_how-to-do-things-with-words.pdf](http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:2271128:3/component/escidoc:2271430/austin_1962_how-to-do-things-with-words.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2015.

BALBACH, A. *As plantas curam*. São Paulo: EDEL – Edições Edificação do Lar, 1965.

BARROS, L. A. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. (ISBN: 85-314-0810-5).

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: EDUSP, 1976. v.1.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. 294p.

BERLINCK, R. A. BARBOSA, J. B. MARINE, T.C. Reflexões Teórico-Metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. In: *Revista da ABRALIN: Associação Brasileira de Linguística*. ISSN 1678-1805, vol. 7, no. 2, jul./dez. de 2008. p. 169-175.

BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Vol. 1. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

\_\_\_\_\_. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande, Vol. I, p. 129-142. 1998.

BOULANGER, J-C. *Non-term and term: Commentaire de Jean-Claude Boulanger*. Les langues de spécialité. Rondeau, G. *Le Français dans le monde*, n.145, pag.75-78. 1979.

\_\_\_\_\_. Néologie et terminologie. *Neologia en marche*. Quebec: Éditeur officiel du Quebec, 1979.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. *Assistência Farmacêutica no SUS / Conselho Nacional de Secretários de Saúde*. Brasília: CONASS, 2007. 186 p. (Coleção Progestores – Para entender a gestão do SUS, vol. 7). Disponível em: <[bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes)>. Acesso em: 11 mar. 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Caderno de atenção domiciliar / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Volume 2. Disponível em: <[bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno\\_atencao\\_domiciliar\\_melhor\\_casa.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_atencao_domiciliar_melhor_casa.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Estratégias para o cuidado da pessoa com doença crônica*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. (Cadernos de Atenção Básica, n. 35). Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategias\\_cuidado\\_pessoa\\_doenca\\_cronica\\_cab\\_35.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estrategias_cuidado_pessoa_doenca_cronica_cab_35.pdf)>. Acesso em: 2 mar. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política Nacional de Atenção Básica*. 4. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 68 p. (Série E. Legislação de Saúde), (Série Pactos pela Saúde 2006; v. 4). Disponível em: <[http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/pactos/pactos\\_vol4.pdf](http://dab.saude.gov.br/docs/publicacoes/pactos/pactos_vol4.pdf)>. Acesso em: 4 fev. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com acidente vascular cerebral*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <[bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_acidente\\_vascular\\_cerebral.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_acidente_vascular_cerebral.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Diretrizes de Atenção à Saúde Ocular na Infância: detecção e intervenção precoce para prevenção de deficiências visuais*. Brasília: Ministério da Saúde 2013. Disponível em: <[bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_saude\\_ocular\\_infancia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_saude_ocular_infancia.pdf)>. Acesso em: 5 abr. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Dermatologia na Atenção Básica / Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de*

Saúde. 1ª edição. - Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 142p.:il. - (Série Cadernos de Atenção Básica; n. 09) - (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n. 174), ISBN 85-334-0510-3.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso*. 8. ed. ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 444p. (Série B. Textos básicos de saúde). Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_bolso\\_4ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_bolso_4ed.pdf)>, <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas\\_infecciosas\\_parasitaria\\_gui\\_bolso.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/doencas_infecciosas_parasitaria_gui_bolso.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_brasil\\_2013\\_analise\\_situacao\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2013_analise_situacao_saude.pdf)>. Acesso em: 4 abr. 2015.

CABRÉ, M. T. *Elementos para una teoría de la terminología: hacia un paradigma alternativo*. Lenguaraz, Buenos Aires, v. 1, n. 1, p. 59-78, ab. 1998.

\_\_\_\_\_. Investigar en terminología: posibilidades y líneas de trabajo. *Panorama actual de la investigación en traducción e interpretación*. Granada, vol. 1. p. 495-512, Editorial Atrio, S.L, 2003. (ISBN: 84-96101-10-X. CL).

\_\_\_\_\_. La terminologia hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *Ciência da Informação*. Brasília, vol. 24, n. 3, p. 1-15, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/567/568>. Acesso em: 8 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. *La terminología: Teoría, metodología, aplicaciones*. Traducción castellana de Carles Tebé. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries. 1993. 529 p.

\_\_\_\_\_. *La Terminología: representación y comunicación – elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada - IULA / Universitat Pompeu Fabra, 2005. 369 p. (ISBN: 84-934349-7-3).

\_\_\_\_\_. *Terminology: Theory, methods and applications*. Edited by Juan C. Sager. Translated by Janet Ann DeCesaris. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999. 248p.

\_\_\_\_\_. *Variació per tema. El discurs especialitzat o la variació funcional determinada per la temàtica: noves perspectives*. Dins *Caplletra 25*. València: Institut de Filologia Valenciana, 1998. p. 173-194. (ISSN 0214-8188)

CADETE, D. S. N. *A Linguagem das Ciências Médicas: traduzir para caracterizar*. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <[http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26014/1/ulfl223236\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26014/1/ulfl223236_tm.pdf)>. Acesso em: 8 jan. 2017.

CIAPUSCIO, G. Epistemic modality and academic orality: Pilot study for COTECA (Corpus Textual del Español Científico de la Argentina). *Working with Spanish Corpora*. Londres, Continuum, 90-105, 2007.

\_\_\_\_\_. Formulation and Reformulation Procedures in Verbal Interactions between Experts and (Semi-) Laypersons. *Discourse Studies*. Califórnia, vol. 5, n. 2, p. 207-234, 2003b.

\_\_\_\_\_. La terminología desde el punto de vista textual: Selección, tratamiento y variación. *Organon*. Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 43-65, 1998.

\_\_\_\_\_. La variación conceptual. *Textos especializados y terminología*. Barcelona, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, p. 45-69, 2003a.

\_\_\_\_\_. Los científicos explican: la reformulación del léxico experto en la consulta oral. *Cadernos do Instituto de Letras*. Porto Alegre, n. 18, p. 37-47, 1997.

\_\_\_\_\_. Procesos y recursos de producción textual en la divulgación de ciencia. *La historia de los lenguajes iberorrománicos de especialidad*. La divulgación de la ciencia. Barcelona / Madrid, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, Vervuert-Iberoamericana, p. 17-42, 2001.

CONSENSUS – Revista do Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Ano IV, n. 13, outubro, novembro e dezembro de 2014. Disponível em: [www.conass.org.br/consensus](http://www.conass.org.br/consensus). Acesso em: 6 mai. 2016.

CONTENTE, M. MAGALHÃES, J. Sinonimologia e tipologia contrastiva da sinonímia terminológica em Medicina. *Debate Terminológico*. Porto Alegre, n.1, março, 2005. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/21289/12269>. Acesso em: 6 abr. 2016.

CONTENTE, M. MARQUES, M. D. *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlingüística em Medicina*. Lisboa: Colibri, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/21295/12281>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CURVO, P. A. SILVA, M. A. I. (Orgs.). *Fundamentos etimológicos da linguagem médica*. Texto adaptado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - EERP/USP. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=20872>. Acesso em: 11 mai. 2016

DESMET, I. Terminologie, culture et société. Eléments pour une théorie variationniste de la terminologie et des langues de spécialité”. *Cahiers du Rifal*. Paris, vol 26, n.1, p. 3-13. Disponível em: <http://termisti.ulb.ac.be/rifal/PDF/rifal26/crf-26-00.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2016.

DIAS, J. L. *História da normalização brasileira* / Associação Brasileira de Normas Técnicas. – Rio de Janeiro. ABNT, p.112, 2011. (ISBN 978-85-07-02528-3). Disponível em: <http://www.abnt.org.br/images/pdf/historia-abnt.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

DI DIO, L. J. A. Lançamento oficial da *Terminologia Anatômica* em São Paulo: um marco histórico para a medicina brasileira. *Revista da Associação Médica Brasileira*. (ISSN: 18069282). Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-42302000000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302000000300001). Acesso em: 11 jul. 2016.

DRODZ, L. Non-term and term. Rondeau, G. Les langues de spécialité. *Le français dan le monde*. n. 145, 1979.

\_\_\_\_\_. Les banques de terminologie bilingues et multilingues: état de la question. *META*, vol. 4, n° 2, Montréal, Presses de l'Université de Montréal. (ISSN: 00260452).

DUARTE, C. Os tecnolectos: definición e características. *Revista de Administração Galega*, 2, 1985.

DUBUC, R. Découpage de l'unité terminologique. In: Rondeau, G. Les langues de spécialité. *Le français dan le monde*. n. 145. 1979.

\_\_\_\_\_. *Manuel pratique de terminologie*. Montreal: Linguatex, 1985.

FARIA, R. S. R. *Acesso no contexto da ESF em um município do Vale do Jequitinhonha – MG*. 2014. 128f. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ANDO-9KZGWV/roberta\\_souto\\_rocha\\_faria.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ANDO-9KZGWV/roberta_souto_rocha_faria.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 12 out. 2015.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 58, n. 2, p.27-31, junho, 2006. (ISSN 0009-6725). Disponível em: <[cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200012](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012)>. Acesso em: 04 mai. 2015.

FAULSTICH, E. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. *Panorama Actual de la Terminología*. Granada, p. 107-115, 2002.

FINATTO, M. J. B. O papel da definição de Termos Técnico-Científicos. *Revista da Abralin*. Belo Horizonte, v.1. n.1, Ed. UFMG, 2005-2007. Disponível em: <[http://www.abralin.org/revista/RV1N1/artigo3/RV1N1\\_art3.pdf](http://www.abralin.org/revista/RV1N1/artigo3/RV1N1_art3.pdf)>. Acesso em: 21 abr. 2015.

FINATTO, M. J. B. Orientações para a Terminografia: das teorias às práticas em busca de amplitude da informação terminológica. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande – MS, Vol. VII, p. 439-457, Ed. UFMS, 2014.

FERNÁNDEZ-SILVA, S. FREIXA, J. *Variación terminológica y cognición: factores cognitivos en la denominación del concepto especializado*, 2010. 369 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Facultat de Linguística. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2010.

FERNÁNDEZ-SILVA, S. FREIXA, J.; CABRÉ, M. T. A proposed method for analysing the dynamics of cognition through term variation. *The dynamics of terms in specialized communication: An interdisciplinare perspective. Special issue of Terminology* vol. 17, n.1, p. 49-74, 2011. Disponível em: <<https://benjamims.com/#catalog/persons/11043429>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

FRANÇA, J. L. VASCONCELLOS, A. C. *Manual para Normalização de publicações técnico-científicas*. 9 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FREIXA, J. *La variació terminològica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient*. Tese (Doutorado em Variação na

linguagem) – Instituto Universitari de Linguística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2002. Disponível em: <http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/41609/1/TesiJF.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2015

\_\_\_\_\_. *Causes of denominative variation in terminology: a tipology proposal. Terminology*, v. 12, n. 1, p. 51-77, 2006.

\_\_\_\_\_. La variación denominativa en terminología: tipos y causas. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS, Vol. VII, p. 311-329, 2014.

\_\_\_\_\_. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Debate Terminológico*. Paris: RITERM (Red Iberoamericana de Terminología), n. 9, p. 38-46, 2013.

\_\_\_\_\_. Reflexiones acerca de las causas de la variación denominativa em terminología. *Panorama Actual de la Terminología*. Granada, p. 107-115, 2002.

\_\_\_\_\_. Variación terminológica: ¿Por qué y para qué? *Meta. Journal des Traducteurs*. Montréal, v. 50. n. 4, 2005. (Les Presses de l' Université de Montréal). Disponível em: <<https://www.erudit.org/revue/meta/2005/v50/n4/019917ar.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. "Dels graus de sinonímia al contínuum de variació terminològica". *Estudis de lingüística i de lingüística aplicada en honor de M. Teresa Cabré Castellví*. Barcelona, Vol. 2: *De deixebles*, p. 295-308, Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 2007. Documenta Universitaria. (ISBN 978-84-96742-08-6).

FREIXA, J; MONTANÉ, A. Variación denominativa e biunivocidad en el lenguaje de las matemáticas. *Revista Española de Lingüística (RSEL)*. Vol. 36, p. 189-215, 2006. (ISSN 2010-1874). Disponível em: <[https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/6171/297-freixa\\_revesplng.pdf;sequence=1](https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/6171/297-freixa_revesplng.pdf;sequence=1)>. Acesso em: jan. 2016.

FROMM, G. Ficha Terminológica Informatizada: etapas e descrição de um banco de dados bilíngue. *Ileel*. Uberlândia, s/d. Disponível em: <[http://www.ileel.ufu.br/guifromm/?page\\_id=395](http://www.ileel.ufu.br/guifromm/?page_id=395)>. Acesso em mar. 2016.

FURTADO, J. F. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, XLI, p. 88-105, 2005. Disponível em: <[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/Barbeiros\\_cirurgioes\\_e\\_medicos\\_nas\\_Minis\\_colonial.PDF](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Barbeiros_cirurgioes_e_medicos_nas_Minis_colonial.PDF)>. Acesso em: 11 mar. 2014.

GALINSKI, C. Standardization in Terminology: overview. In: Infoterm. *Terminologies for the eighties*. Paris, Munic, Nova York, Londres: K.G. Saur (Infoterm Series 7), 1982.

GALISSON, R. *Recherches de lexicologie descriptive*. La banalisation lexicale. Paris: Nathan, 1978.

GAVENSKI, M. M. Microsis: uma experiência no gerenciamento de dados terminológicos. *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo, Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, p. 349-356, 2001.

GUIMARÃES, M. R. C. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, vol.12, n.2, p. 501-514, mai-ago, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/16.pdf>>. Acesso em: nov. 2016.

GOFFIN, R. La recherche terminologique: des réalités du métier à son apprentissage. *Terminologies*. AFTERM, La Maison du Dictionnaire. Paris, Vol. 76, 1977.

\_\_\_\_\_. Le découpage du terme à des fins lexicographiques: critères formels, sémantiques, quantitatifs et taxinomiques. Les banques de terminologie bilingues et multilingues: état de la question. *Meta*. Montréal, vol. 4, n. 2, Presses de l'Université de Montréal, 1979.

\_\_\_\_\_. La Science terminologique. *Terminologie et traduction*. Paris, vol. 2, p. 11-29, 1985.

GOUADEC, D. LE MEUR, A. Les microbanques de terminologie instruments d'une pratique, outils d'apprentissages: le système TERM. X. *Meta*. Montréal, vol. 29, n. 4, 1984.

GUILBERT, L. Lexicographie et terminologie. *Terminologies*. AFTERM, La Maison du Dictionnaire. Paris, vol. 76, 1977.

\_\_\_\_\_. La dérivation syntagmatique dans les vocabulaires scientifiques et techniques. *Les langues de spécialité*. Estrasburg: Consell d'Europa, 1979.

\_\_\_\_\_. Terminologie et linguistique. *Textes choisis de terminologie: Fondements théoriques de la terminologie*. Quebec, vol. 1, Université Laval, 1981.

HAENSCH, G *et al.* *La Lexicografía*. Madrid: Gredos, 1982.

HAENSCH, G. Les llengües d'especialitat o tecnolèctes. *LLengua i Dret*. Catalunya, vol. 1. 1983.

HOHNHOLD, I. The Team Terminology data bank system, Language Services Department, Siemens AG, Republico of Germany. *TermNet News*. Viena, vol. 8, 1984.

ISO 704-2009 Principes et méthodes de la terminologie. Disponível em: <<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:704:ed-3:v1>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

ISO 1087-1:2001 Vocabulaire de la terminologie. Disponível em: <<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:1087:-1:ed-1:v1:en>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

ISQUERDO, A. N.; CORNO, G. O. M. Dal. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. VII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

KRIEGER, M. G. Terminologia técnico-científica: seu papel no Mercosul. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. Brasília, n. 24, fev. 2001. Disponível em: <[www.unb.br/abralin/index.php?id=8&boletim=24&tema=02](http://www.unb.br/abralin/index.php?id=8&boletim=24&tema=02)>. Acesso em: 10 ago. 2015.

KRIEGER, M. G. BEVILACQUA, C. R. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. *Debate Terminológico*. Porto Alegre, n.1, p. 2-11, 2005 (INSS 1813-1867). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/riterm/article/view/21287/12266>. Acesso em: 03 jan. 2015.

KRIEGER, M.G; FINATTO, M.J.B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.

KRIEGER, M. G; MACIEL, A. M. B. (Orgs.). *Temas de Terminologia*. Porto Alegre / São Paulo: UFRGS / Humanitas / USP, 2001. 454p.

KRIEGER, M. G; SANTIAGO, M. Terminologia da área da saúde e variação. *ALFAL - XVII Congresso Internacional Asociación de Linguística y Filología de América Latina*. João Pessoa, p. 5-10, 2014. Disponível em: <<http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1134-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

MACIEL, A. M. B. Termisul e Terminótica. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, UFRGS, p. 133-139, jul. 1993.

LABOV, W. *Language in the inner city: studies in the black English vernacular*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania, 1972.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (Eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982.

LIRA, H. G *et al.* Comunicação médico-paciente em ambulatórios de pediatria de um hospital universitário. *Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e do Hospital das Clínicas da FMRP*. Ribeirão Preto, vol. 48, n.5, p. 425-430, out. 2015. (ISSN 2176-7262). Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/112588>>. Acesso em: 11 nov. 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v48i5p425-430>.

LOTTE, D. S. Principes d'établissement d'une terminologie scientifique et technique. *Textes choisis de terminologie: Fondements théoriques de la terminologie*. Quebec, vol.1, Université Laval, 1981.

MOTTA-ROTH, D. HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MENDES, E. V. *O cuidado das condições crônicas na atenção primária à saúde: o imperativo da consolidação da estratégia da saúde da família*. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado\\_condicoes\\_atencao\\_primaria\\_saude.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_condicoes_atencao_primaria_saude.pdf)>. Acesso em: 11 abr. 2015.

MENDES, T. M. *O Léxico Toponímico de Diamantina: língua, cultura e memória*. 2010. 227f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MENDONÇA, J. M. G *A prática dos médicos e enfermeiros na equipe de Saúde da Família no município de Bocaiuva – MG*. 2002. 168f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

MURAKAWA, C.A.A. (Org.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

ORTEGA, N. R. SCHNELL, B. La terminologia: história y evolución de una disciplina. *Acta. Manual Informativo*, n.36, p. 83-90, 2005. (ISSN: 1888-6051). Disponível em: <[http://www.acta.es/medios/articulos/comunicacion\\_e\\_informacion/036081.pdf](http://www.acta.es/medios/articulos/comunicacion_e_informacion/036081.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2015.

PLASENCIA, E. T; IVANOVA, V. La variación topolectal em Terminología. *Panorama actual del estudio y la enseñanza de discursos especializados*. Bern, Suíça: Peter Lang, p. 67-96, 2009. (ISBN: 978-3-0343-0354-5).

PICHT, H. Breve história y situación actual de la teoría, la investigación y las prácticas terminológicas. *Actas del Seminario Nacional de Terminología*, 1984.

PONTES, L. Terminologia científica: o que é e como se faz. *Revista de Letras*. Fortaleza, vol. 19, n. 1 e 2, p. 44-51, UFC, jan-dez, 1997. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl19Art05.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2015

QUEMADA, B. Technique et langage. *Histoire des techniques*. Paris: Gallimard, 1978.

QUIST, C. Characteristics of special subject languages in the technical language group. *ALSED-LSP Newsletter*, vol. 7, n. 1, 1984. Disponível em: <<http://rauli.cbs.dk/index.php/UANL/article/view/2392/2380>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

RAMOS JR, A. N. et al. *Guia para vigilância, prevenção, controle e manejo clínico da doença de Chagas aguda transmitida por alimentos*. Rio de Janeiro: PANAFTOSA – VP/OPAS/OMS, 2009. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2014/maio/12/Guia-Doenca-Chagas-2009.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

RENAUD, A. Term et non-terme. (1984) *Report on terminological activities in the Iberoamerican countries focusing on the member institutions of RIT* (1990). Informe preparado por RITERM, Infoterm, TermNet y Union Latina.

REZENDE, J. M. de. *Linguagem Médica*. 3ed. Goiânia: AB Editora e distribuidora, 2004. Disponível parcialmente em: <[http://www.hs-menezes.com.br/linguagem\\_5.html](http://www.hs-menezes.com.br/linguagem_5.html), <http://www.jmrezende.com.br/terminologia.htm>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

REY, A. *La terminologie: noms et notions*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

\_\_\_\_\_. Dictionnaire et néologie. *Actes du colloque Terminologie et Technologies nouvelles*. Quebec, p. 89-279, 1988a.

\_\_\_\_\_. *Essays on Terminology*. Translated and edited by Juan C. Sager. Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. Les fonctions de la terminologie: du social au théorique. *Actes du sixième colloque OLF-STQ de Terminologie*. L'ère nouvelle de la Terminologie, Quebec, p. 87-108, 1988b.

\_\_\_\_\_. Terminologie et Lexicographie. *Parallèles*, 10, p. 27-35, 1988c.

- RONDEAU, G. Les langues de specialité. *Le Français dans le monde*, n. 145, 1979.
- \_\_\_\_\_. Terminologie et documentation. *Meta*, vol. 25, n. 1, 1980.
- \_\_\_\_\_. Introduction à la terminologie. Paris: Gaetan Morin Editeur, 1984.
- RONDEAU, G. FELBER, H. (red.) Textes choisis de terminologie. I. Fondements théoriques de la terminologie. Quebec: Université Laval. 1981.
- RONDEAU, G. SAGER, J.C. (ed.). *Termia 84: Terminologie et coopération internationale*. Quebec: GIRSTERM, 1986.
- SAGER, J.C. Chairmans Introduction to dictionary or database? *Term Bank for tomorrow's World*. SNELL, B. London, 1983.
- \_\_\_\_\_. The status of terminology as na independente discipline. *Parallèles*, vol. 10, p. 21-23, 1988.
- SANTIAGO, M. S. Redes de palavras-chave para artigos de divulgação científica da medicina: uma proposta à luz da Terminologia. 2007. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo / RS. 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/2563/redes%20de%20palavras.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 jul. 2015.
- SEGHEZZI, Natalia. Variación terminológica: de la escritura a la oralidad. *Debate Terminológico*. Porto Alegre, n. 9, p. 62-80, fev. 2013.
- \_\_\_\_\_. El papel de la oralidade em Terminología. *Interlingüística*. Barcelona, n. 18, p. 2-18, 2007. Disponível em: <[http://www.iula.upf.edu/agenda/age019\\_09.pdf](http://www.iula.upf.edu/agenda/age019_09.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- SILVA, L. B. *Comunicação nas práticas de coordenação de grupos socioeducativos na Estratégia de Saúde da Família*. 2010. 198f. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SILVA, R. C. *Medicamentos excepcionais no âmbito da Assistência Farmacêutica no Brasil*. 2000. 213f. Dissertação. (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2000. Epígrafe de Oduvaldo Vianna Filho, Armando Costa e Paulo Pontes. Apresentação: Nara Leão, Zé Kéti e João do Vale, Show *Opinião*, em 23/08/65.
- SOAR FILHO, E.G. A interação médico-cliente. *Revista da Associação Médica Brasileira*. Florianópolis, vol. 44, n. 1, p. 35-42, Instituto de Cardiologia, 1998. (ISSN: 1806-9282). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v44n1/2006.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2016.
- VIEGAS, S. M. F. *A integralidade no cotidiano da Estratégia Saúde da Família em municípios do Vale do Jequitinhonha – Minas Gerais*. 2010. 282 f. Tese. (Doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

XAVIER, J. Médicos que fizeram história: Hipócrates de Kós, 460 a.C a 360 a.C. *Vida Médica Informativo*. Rio de Janeiro, matéria n. 68, ago-set-out, s/a. Disponível em: <<http://www.vidamedica.com.br/mat68.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

WÜSTER, Eugen. Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1998. 227 p. (ISBN: 84-477-0650-8)

\_\_\_\_\_. Les classifications de notions et de thèmes. Différences essentielles et applications. *Infoterm*. Viena, Nachrichten für Dokumentation, vol. 22, n. 3, p. 98-104 et n. 4, p. 143-150, 1971 (Traduit par Infoterm, Bibliothèque d'Infoterm).

\_\_\_\_\_. L'Étude scientifique générale de la terminologie, zona frontalière entre la linguistique, la logique, l'ontologie, l'informatique et les sciences des choses. *Textes choisis de terminologie. Fondements théoriques de la terminologie*. Quebec, p.55-114, 1981.

**Fonte lexicográfica** (dicionários de língua geral e de língua em uso)

ANTUNES, C. *Dicionário do dialeto rural no Vale do Jequitinhonha – MG*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CORDEIRO, M. J. SEABRA, C. T. C. Dialeto rural no Vale do Jequitinhonha: glossário do léxico rural na região das Minas Novas. *Caderno do CNLF*. Rio de Janeiro, vol. XIV, n. 04, Tomo 2. Anais do XIV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, agosto, 2010. (ISSN 15198782). Disponível em: <[filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_2/completo\\_tomo\\_2.pdf](http://filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/completo_tomo_2.pdf)>. Acesso em: 10 mai. 2016.

CORDEIRO, M. J. *Estudo linguístico no Vale do Jequitinhonha: o léxico de Minas Novas*. 2013. 291f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-98BJJX>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004. 2120 p.

FREITAS, C. J. *Café com Quebra Torto: um estudo-cultural da Serra do Cipó / MG*. 2012. 302f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <[www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8ZDNDV5](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8ZDNDV5)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa Eletrônico*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. (FHS 24553592).

MIRANDA, V. M. R. *Léxico e Cultura: estudo linguístico na área rural de Sabinópolis – MG*, 2013. 263p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:

<[www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9EAKY6](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9EAKY6)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos – MG: um estudo linguístico nos sertões do Jacuhy*. 2010. 256 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8TBNKY>>. Acesso em: 9 jun. 2014.

SOUZA, V. L. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. 248 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AIRR-7DHP7P>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. *Nas cacimbas do Rio Pardo: um estudo léxico-cultural*. 2014. 622 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-9PEP75>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

### **Fonte terminológica**

DeCS – *Descritores em Ciência da Saúde*. Vocabulário estruturado e trilingue *on line* da Bireme. Brasília: Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <[decs.bvs.br](http://decs.bvs.br)>. Acesso em: 12 fev. 2015.

Heymans Insitute of Pharmacology. *Glossário de Termos Médicos Técnicos e Populares* – em Português de Portugal. 146f. Ghent University: Bélgica, s/d. Disponível em: <[cdn.energiaemequilibrio.com/pdf/Glossario\\_de\\_Termos\\_Medicos\\_Tecnicos\\_e\\_Populares.pdf](http://cdn.energiaemequilibrio.com/pdf/Glossario_de_Termos_Medicos_Tecnicos_e_Populares.pdf)>. Acesso em: 12 de abril de 2016.

PAVEL, S; NOLET, D. *Manual de Terminologia*. Trad. Enilde Faulstich. Direção de Terminologia e normalização do departamento de tradução do governo canadense. Canadá: Ministro de obras públicas e serviços governamentais do Canadá, 2002. Disponível em: <<https://linguisticadocumentaria.files.wordpress.com/2011/03/pavel-terminologia.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

POZZOBON, A. *Etimologia e abreviatura de termos médicos: um guia para estudantes, professores, autores e editores em Medicina e ciências relacionadas*. Colaboração de Gabriela Augusta Mateus Pereira. Lajeado: Editora UNIVATES, 2011.

REY, L. *Dicionário de termos técnicos de Medicina e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1999.

## ANEXOS

---

---

### LEGISLAÇÕES E NORMATIZAÇÕES DO SUS

**Constituição Federal, de 1988:** Título VIII – DA ORDEM SOCIAL, Capítulo II - Seção II Da Saúde – Artigos 196; 197; 198 (Parágrafo único – EC 29); 200.

**Emenda Constitucional nº 29:** Altera os artigos 34, 35, 156, 160, 167 e 198 da Constituição Federal e acrescenta artigo ao Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para assegurar os recursos mínimos para o financiamento das ações e serviços públicos de saúde.

**Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992:** Dispõe sobre as sanções aplicáveis aos agentes públicos nos casos de enriquecimento ilícito no exercício de mandato, cargo, emprego ou função na administração pública direta, indireta ou fundacional e dá outras providências.

**Lei nº 8.689, de 27 de julho de 1993:** Dispõe sobre a extinção do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social - INAMPS e dá outras providências.

**Lei nº 9.782, de 26 de janeiro de 1999:** Define o Sistema Nacional de Vigilância Sanitária, cria a Agência Nacional de Vigilância Sanitária e dá outras providências.

**Lei nº 9.787, de 10 de fevereiro de 1999:** Altera a Lei nº 6.360, de 23 de setembro de 1976, que dispõe sobre a vigilância sanitária, estabelece o medicamento genérico, dispõe sobre a utilização de nomes genéricos em produtos farmacêuticos e dá outras providências.

**Lei nº 9.836, de 23 de setembro de 1999:** Acrescenta dispositivos à Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, que “dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências”, instituindo o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena.

**Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001:** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

**Lei nº 10.424, de 15 de abril de 2002:** Acrescenta capítulo e artigo à Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento de serviços correspondentes e dá outras providências, regulamentando a assistência domiciliar no Sistema Único de Saúde.

**Lei nº 10.507, de 10 de junho de 2002:** Cria a profissão de Agente Comunitário de Saúde e dá outras providências.

**Lei nº 10.708, de 31 de julho de 2003:** Institui o auxílio-reabilitação psicossocial para pacientes acometidos de transtornos mentais, egressos de internações.

**Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003:** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências.

**Decreto nº 1.651, de 28 de setembro de 1995:** Regulamenta o Sistema Nacional de Auditoria no âmbito do Sistema Único de Saúde.

**Decreto nº 2.268 de 30 de junho de 1997:** Regulamenta a Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fim de transplante e tratamento, e dá outras providências.

**Decreto nº 3.156, de 27 de agosto de 1999:** Dispõe sobre as condições para a prestação de assistência à saúde dos povos indígenas, no âmbito do Sistema Único de Saúde, pelo Ministério da Saúde, altera dispositivos dos Decretos nºs 564, de 8 de junho de 1992, e 1.141, de 19 de maio de 1994, e dá outras providências.

**Portaria nº 1.882, de 18 de dezembro de 1997:** Estabelece o Piso da Atenção Básica (PAB) e sua composição.

**Portaria nº 1.886, de 18 de dezembro de 1997:** Aprova as Normas e Diretrizes do Programa de Agentes Comunitários de Saúde e do Programa de Saúde da Família.

**Portaria nº 3.120, de 1º de julho de 1998:** Artigo 1º - Aprova a Instrução Normativa de Vigilância em Saúde do Trabalhador no SUS, na forma do Anexo a esta Portaria, com a finalidade de definir procedimentos básicos para o desenvolvimento das ações correspondentes.

**Portaria nº 3.432 de 12 de agosto de 1998:** Estabelece critérios de classificação para as unidades de tratamento intensivo – UTI.

**Portaria nº 3.908, de 30 de outubro de 1998:** Estabelece procedimentos para orientar e instrumentalizar as ações e serviços de saúde do trabalhador no Sistema Único de Saúde (SUS).

**Portaria nº 3.916, de 30 de outubro de 1998:** Aprova a Política Nacional de Medicamentos, cuja íntegra consta do anexo desta Portaria.

**Portaria nº 176, de 8 de março de 1999:** Estabelece critérios e requisitos para a qualificação dos municípios e estados ao incentivo à Assistência Farmacêutica Básica e define valores a serem transferidos.

**Portaria nº 1.077, de 24 de agosto de 1999:** Implanta o Programa para a Aquisição dos Medicamentos Essenciais para a área de Saúde Mental, financiado pelos gestores federais e estaduais do SUS, definindo que a transferência dos recursos federais estará condicionada à contrapartida dos estados e do Distrito Federal.

**Portaria nº 1.348, de 18 de novembro de 1999:** Define critérios para a regulamentação do incentivo a municípios que tenham projetos similares ao Programa de Saúde da Família.

**Portaria nº 1.395, de 10 de dezembro de 1999:** Artigo 1º - Aprova a Política Nacional de Saúde do Idoso, cuja íntegra consta do anexo desta Portaria e dela é parte integrante.

**Portaria nº 1.220, de 7 de novembro de 2000:** Cria o Serviço Residencial Terapêutico em Saúde Mental, a atividade profissional Cuidador em Saúde, o grupo de procedimentos Acompanhamento de Pacientes, o subgrupo Acompanhamento de Pacientes Psiquiátricos e o procedimento Residência Terapêutica em Saúde Mental, dentre outros.

**Portaria nº 16, de 14 de dezembro de 2000:** Estabelece o elenco mínimo e obrigatório de medicamentos para pactuação na Atenção Básica, referente ao Incentivo à Assistência Farmacêutica Básica, de que tratam as Portarias GM nº 176/99 e 956/00.

**Portaria nº 17, de 4 de janeiro de 2001:** Institui o Cadastro Nacional de Usuários do Sistema Único de Saúde e regulamenta sua implantação.

**Portaria nº 132, de 31 de janeiro de 2001:** Institui o Fundo de Ações Estratégicas e Compensação – FAEC

**Portaria nº 145, de 31 de janeiro de 2001:** Regulamenta as transferências fundo a fundo para o financiamento das ações de média e alta complexidade executadas pelos estados, municípios e distrito federal, na área de vigilância sanitária.

**Portaria nº 267, de 6 de março de 2001:** Artigo 1º- Aprova as normas e diretrizes de inclusão da saúde bucal na estratégia do Programa de Saúde da Família (PSF).

**Portaria nº 343, de 21 de março de 2001:** Cria o Incentivo à Assistência Farmacêutica Básica, vinculado ao Programa Saúde da Família, destinado aos municípios participantes.

**Portaria nº 393, de 29 de março de 2001:** Artigo 1º Aprova, nos termos do Anexo I, a Agenda Nacional de Saúde para o ano de 2001.

**Portaria nº 548, de 12 de abril de 2001:** Aprova o documento de Orientações Gerais para a Elaboração e Aplicação da Agenda de Saúde, do Plano de Saúde, dos Quadros de Metas, e do Relatório de Gestão como Instrumentos de Gestão do SUS, parte integrante desta portaria.

**Portaria nº185, de 5 de junho de 2001:** Artigo 1º - Altera a descrição dos serviços de códigos 18 e 05 constantes da Tabela de Serviço do Sistema de Informações Ambulatoriais do Sistema Único de Saúde - SIA/SUS.

**Portaria nº818, de 5 de junho de 2001:** Artigo 1º - Cria, na forma do disposto nesta Portaria, mecanismos para a organização e implantação de Redes Estaduais de Assistência à Pessoa Portadora de Deficiência Física.

**Portaria nº 1.969, de 25 de outubro de 2001:** Dispõe sobre o preenchimento de Autorização de Internação Hospitalar - AIH, em casos de quadro compatível com causas externas e com doenças e acidentes relacionados ao trabalho.

**Portaria nº 2.167, de 21 de novembro de 2001:** Define os critérios para suspensão da transferência dos recursos financeiros ao PSF e à saúde bucal.

**Portaria nº 251, de 31 de janeiro de 2002:** Estabelece diretrizes e normas para a assistência hospitalar em psiquiatria, reclassifica os hospitais psiquiátricos, define e estrutura a porta de entrada para as internações psiquiátricas na rede do SUS e dá outras providências.

**Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002:** Estabelece CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPS I e CAPS ad II.

**Portaria nº 189, de 20 de março de 2002:** Incluir na Tabela de Procedimentos do SIH-SUS os procedimentos de acolhimento a pacientes de Centro de Atenção Psicossocial.

**Portaria nº 373, de 27 de fevereiro de 2002:** Artigo 1º - Aprova, na forma do Anexo desta Portaria, a Norma Operacional da Assistência à Saúde – NOAS-SUS 01/2002 que amplia as responsabilidades dos municípios na Atenção Básica; estabelece o processo de regionalização como estratégia de hierarquização dos serviços de saúde e de busca de maior equidade; cria mecanismos para o fortalecimento da capacidade de gestão do Sistema Único de Saúde e procede à atualização dos critérios de habilitação de estados e municípios.

**Portaria nº 1.020, de 31 de maio de 2002:** Artigo 1º - Define a Programação Pactuada e Integrada (PPI) 2002.

**Portaria nº 1.060, de 5 de junho de 2002:** Artigo 1º - Aprova, na forma do Anexo desta Portaria, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência.

**Portaria nº 1.350, de 24 de julho de 2002:** Institui o incentivo financeiro adicional vinculado ao PSF e ao PACS e dá outras providências.

**Portaria nº 1.679, de 19 de setembro de 2002:** Dispõe sobre a estruturação da rede nacional de atenção integral à saúde do trabalhador no SUS e dá outras providências.

**Portaria nº 396 de 4 de abril de 2003:** Reajusta os valores dos incentivos financeiros aos Programas de Saúde da Família, de Agentes Comunitários de Saúde e às Ações de Saúde Bucal no âmbito do Programa de Saúde da Família e dá outras providências.

**Portaria nº 1.777, de 9 de setembro de 2003:** Artigo 1º - Aprova o Plano Nacional de Saúde no Sistema Penitenciário, constante do Anexo I desta Portaria, destinado a prover a atenção integral à saúde da população prisional confinada em unidades masculinas e femininas, bem como nas psiquiátricas.

**Portaria nº 1.863, de 29 de setembro de 2003:** Institui a Política Nacional de Atenção às Urgências, a ser implantada em todas as unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão.

**Portaria nº 1.864, de 29 de setembro de 2003:** Institui o componente pré-hospitalar móvel da política nacional de atenção às urgências, por intermédio da implantação de serviços de atendimento móvel de urgência em municípios e regiões de todo o território brasileiro: SAMU-192.

**Ato Portaria nº 53, de 20 de janeiro de 2004:** Cria novos procedimentos no âmbito do Plano Anual de Reestruturação da Assistência Psiquiátrica Hospitalar no SUS – 2004 e dá outras providências.

**Portaria nº 198, de 13 de fevereiro de 2004:** Institui a Política Nacional de Educação Permanente em Saúde como estratégia do Sistema Único de Saúde para a formação e o desenvolvimento de trabalhadores para o setor e dá outras providências.

**Portaria nº 626, de 8 de abril de 2004:** Cria Comissão Especial para elaborar as diretrizes do Plano de Carreira, Cargos e Salários do âmbito do SUS.

**Portaria nº719, de 16 de abril de 2004:** Cria o Grupo da Terra com a finalidade de acompanhar a implantação da Política de Saúde para a População do Campo e detalhar as ações a serem implementadas; monitorar os acordos das pautas de reivindicações negociadas com os movimentos sociais organizados no campo; encaminhar demandas junto às respectivas secretarias e órgãos e, participar das iniciativas intersetoriais relacionadas à saúde da população do campo.

**Portaria nº1.044, de 1º de junho de 2004:** Artigo 1º - Institui a Política Nacional para os Hospitais de Pequeno Porte, utilizando um modelo de organização e financiamento que estimule a inserção desses Hospitais de Pequeno Porte na rede hierarquizada de atenção à saúde, agregando resolutividade e qualidade às ações definidas para o seu nível de complexidade.

**Portaria nº 340, de 14 de julho de 2004:** Artigo 1º - Aprova, na forma dos Anexos I, II, III e IV desta Portaria, as normas para a implantação e implementação da Atenção à Saúde dos Adolescentes em Conflito com a Lei, em regime de internação e internação provisória, em unidades masculinas e femininas, a padronização física do estabelecimento de Saúde nas unidades de internação e internação provisória, o plano operativo estadual de Atenção Integral à Saúde dos Adolescentes em Conflito com a Lei, em regime de internação e internação provisória e o Termo de Adesão.

**Portaria interministerial nº 1.426, de 14 de julho de 2004:** Aprova as diretrizes para a implantação e implementação da atenção à saúde dos adolescentes em conflito com a lei, em regime de internação e internação provisória e dá outras providências.

**Portaria nº 1.570, de 29 de julho de 2004:** Estabelece critérios, normas e requisitos para a implantação e credenciamento de Centros de Especialidades Odontológicas e Laboratórios Regionais de Próteses Dentárias.

**Portaria nº 1.571, de 29 de julho de 2004:** Estabelece o financiamento dos Centros de Especialidades Odontológicas – CEO.

**Portaria nº 1.572, de 29 de julho de 2004:** Estabelece o pagamento de próteses dentárias totais em Laboratórios Regionais de Próteses Dentárias – LRPD.

**Portaria nº 1.608, de 3 de agosto de 2004:** Constitui Fórum Nacional sobre Saúde Mental de Crianças e Adolescentes.

**Portaria nº 1.702, de 17 de agosto de 2004:** Cria o Programa de Reestruturação dos Hospitais de Ensino no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS, e dá outras providências.

**Portaria nº 1.703, de 17 de agosto de 2004:** Destina recurso de incentivo à contratualização de hospitais de ensino públicos e privados, e dá outras providências.

**Portaria nº 2.023, de 23 de setembro de 2004:** Define que os municípios e o Distrito Federal sejam responsáveis pela gestão do sistema municipal de saúde, na organização e na execução das ações de atenção básica e dá outras providências.

**Portaria nº 2.587, de 6 de dezembro de 2004:** Institui o incentivo financeiro aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios, destinado ao financiamento das ações voltadas à implantação e manutenção do Programa Farmácia Popular do Brasil.

**Portaria n. 963, de 27 de maio de 2013:** Redefine a Atenção Domiciliar no âmbito do Sistema Único de Saúde. Considera a Atenção Domiciliar caracterizada por um conjunto de ações de promoção à saúde, prevenção e tratamento de doenças e reabilitação prestadas em domicílio com garantia de continuidade de cuidados e integrada às redes de atenção à saúde. Considera o Serviço de Atendimento Domiciliar (SAD) como serviço substituto ou complementar à internação hospitalar ou ao atendimento ambulatorial, responsável pelo gerenciamento e operacionalização das Equipes Multiprofissionais de Atenção Domiciliar (EMAD) e Equipes Multiprofissionais de Apoio (EMAP). A Atenção Domiciliar tem como objetivo a reorganização do processo de trabalho das equipes que prestam cuidado domiciliar na atenção básica, ambulatorial, nos serviços de urgência e emergência e hospitalar, com vistas à redução da demanda por atendimento hospitalar e/ou redução do período de permanência de usuários internados, a humanização da atenção, a desinstitucionalização e a ampliação da autonomia dos usuários.